

A primeira viagem dos filhos para uma colônia de férias
se transforma em pesadelo para quatro casais.



DOUG MAGEE

NUNCA DIGA ADEUS





O Arqueiro

Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

DOUG MAGEE

NUNCA DIGA ADEUS



Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob
quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Celso Nogueira
preparo de originais: Cristiane Pacanowski
revisão: Gypsi Canetti e Rachel Agavino
diagramação: Abreu's System
capa: Bloemendaal & Dijkers, Amsterdam
imagem de capa: Michael Prince / Corbis / Corbis (DC) / Latinstock
adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão
epub: Simplissimo Livros

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M171n

Magee, Doug, 1947-
Nunca diga adeus [recurso eletrônico] / Doug Magee [tradução de Celso Nogueira] – São Paulo: Arqueiro, 2012.
recurso digital

Tradução de: Never wave goodbye
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-084-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana 2. Livros eletrônicos. I. Nogueira, Celso. II. Título.

12-4539

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil,
por Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Mary

Eu te amo

Esperança, coisa emplumada
Que empoleira na alma
Para cantarolar calada,
E nunca mais para.

Emily Dickinson

A verdade não é o resultado de um esforço, o final do caminho.
É o aqui e agora, em seu próprio anseio e busca.
Você não a vê, pois olha para longe demais de si mesmo,
para fora de seu eu mais profundo.

Nisargadatta Maharaj

AQUELE NÃO ERA UM EVENTO rotineiro. Essa desculpa ela nunca poderia dar. Não para um acontecimento desses, único na vida. Porém, imaginara e ensaiara tanto aqueles momentos, listando possíveis problemas e soluções, que parecia já ter passado por tudo aquilo inúmeras vezes quando finalmente chegou a hora de levar Sarah até a van do acampamento e deixar que sua única filha, de apenas 9 anos, viajasse sem os pais pela primeira vez na vida.

Quando suas fantasias se concretizaram, sem que nada de errado acontecesse, a correspondência entre imaginação e realidade tornou ainda mais autênticos aqueles poucos minutos de despedida. Ela não foi enganada por um indivíduo esperto, e sim por suas próprias expectativas. As pessoas veem o que querem ver. Mágicos e vigaristas sabem muito bem disso. Somos ao mesmo tempo cegos e confiantes. Acreditamos em nossa interpretação do que vemos, pois agir de outra forma nos paralisaria. Somos todos cegos. Esse foi seu mantra nos tempos sombrios, as palavras que impediam que a culpa torturante daquela época a consumisse. Todos os indícios de que tudo o que via era real estavam bem ali. Nem pensou em questionar os fatos.

Se David estivesse com ela, talvez um dos dois houvesse estranhado, dado um passo atrás e questionado. Mas não foi assim que aconteceu. Lena havia ficado sozinha para organizar as coisas, controlar o medo, pôr Sarah na van e se despedir da filha. Uma hora antes, sem aviso prévio, David saíra do quarto dizendo que tinha recebido um chamado pelo celular e precisava ir até o trabalho.

– Surgiu um problema, precisam de mim – dissera ele.

Lena duvidou que fosse verdade. Essas ligações do serviço, pelo que se lembrava, eram sempre feitas para o telefone fixo. Além disso, era sábado e ele estaria de férias pelas duas semanas seguintes. David nem ocupava um cargo tão importante assim a ponto de precisar se ausentar para resolver problemas no trabalho justamente no dia em que a filha iria pela primeira vez para um acampamento. Lena já cogitava questionar o telefonema e a necessidade de ele sair quando percebeu que o marido não a encarava. Talvez a situação fosse difícil demais para ele. Talvez ele não gostasse de despedidas e, quem sabe, temesse o tempo que ia passar sozinho com a mulher, após a partida de Sarah. Por isso Lena resolveu não falar nada e deixou passar a mentira.

David entrou no quarto da filha e avisou que precisava sair. Notou, contente, que isso não a incomodou. Antes mesmo que ele pedisse, a menina lhe deu um abraço.

– A gente pode se falar por e-mail, né? – perguntou ele, enquanto estavam abraçados.

– Acho que sim, papai, mas só uma vez por semana. Linda disse que os computadores são uma droga. Pelo menos no ano passado eram um lixo.

– Então, escreva um diário. Assim poderá nos contar tudo quando voltar.

David beijou a menina na testa e sorriu. Uma súbita onda de carência, de coisas deixadas por dizer ou por fazer, o invadiu. Em uma hora, aquele pequeno milagre, que de repente deixara de ser um bebezinho e se transformara numa menina esperta, partiria em sua primeira viagem sozinha no mundo. Ele não deveria alertá-la a respeito de algumas coisas? Não deveria dizer “Eu te amo” com todas as letras – em vez de como fazia todo dia, cantarolando, sem dar muita importância –, de um jeito especial do qual Sarah poderia se lembrar quando sentisse saudades dele durante as duas semanas de acampamento? Sempre planejara transmitir à filha ao menos uma parte de sua sabedoria, das lições que aprendera ao longo da vida. Já não deveria ter feito isso, àquela altura? Mas a expressão no rosto de Sarah – a de garota independente, como ele e a mulher a consideravam – o impediu. Ele se deu conta de que se falasse algo como “Cuidado com as cobras”, a menina daria uma resposta do tipo “Dã!”. Então não disse mais nada.

David recuou, se despediu e a filha acenou. Ele deu meia-volta e sua figura alta cruzou o limiar da porta. Na sala, Lena checava a lista dos itens que Sarah levaria para o acampamento. Como decidira não interpelar o marido a respeito do suposto telefonema do trabalho, preparara-se para uma despedida fria, num rápido distanciamento mútuo. Ultimamente, vinha sendo assim. E David não a desapontou. Só falou com ela quando se aproximava da porta da rua. Mostrou o celular e disse:

– Se houver algum problema, ligue para o celular. Talvez eu não fique direto na minha mesa.

– Tudo bem – respondeu ela, apesar da vontade de dizer “Claro que você não vai ficar na mesa”. Em vez disso apenas deu o sorriso desanimado de sempre, como se fosse uma senha para ele abrir a porta e sair.

Lena olhou para o relógio antigo da sala e se deu conta de que estava atrasada. A van passaria às nove. O pessoal do acampamento avisou que buscaria Sarah primeiro, por isso Lena queria estar pronta às dez para as nove, no máximo. Às 8h25 deixou a lista de lado e foi até o quarto da filha.

Sarah assistia a um vídeo no computador. Lena viu que a menina havia colocado alguns livros e roupas na cama. Sem dizer nada, pegou tudo e foi para o quarto do casal terminar de fazer a mala da filha. Como David, se perguntou se deveria dizer palavras sábias na partida, mas não havia espaço para discursos pomposos no relacionamento entre elas, por isso resolveu fazer a despedida mais tranquila possível.

Sarah apareceu na porta do quarto. Parecia meio perdida, assustada até.

– O que foi, meu bem? – perguntou Lena enquanto continuava a arrumar a mala, tentando não demonstrar sua preocupação.

– Acabei de me lembrar de que uma das primeiras coisas que fazem lá no acampamento é a prova de natação. Linda disse que a gente passa muito frio e que tem de boiar no final.

– Ah, mas você nada bem.

– Não, mamãe, não nado. E não sei boiar. Só gente gorda consegue boiar.

Lena riu e se aproximou da filha.

– Eu consigo boiar. Está me chamando de gorda?

– Não, você não.

– Pois é, tem a ver com densidade óssea. Se os ossos são densos, é mais difícil boiar. Suponho que você tenha uma densidade óssea semelhante à minha e de seu pai, portanto tudo indica que boiará direitinho.

– Está bem. Acredito em você. Obrigada pela explicação.

– De nada. Está tudo pronto? O que vai calçar?

– Isso – disse Sarah, apontando para os tênis novos em seus pés. – E já sei o que você vai dizer: “São novos. Vão sujar logo.” Acertei?

– Acertou. E tenho razão, filha.

– Mas só vou usar no ônibus. Quando chegar lá, vou calçar as chuteiras. Lena decidiu não voltar ao assunto das chuteiras. Sarah, que jogava futebol melhor do que a maioria das meninas, ficara em dúvida entre um acampamento de futebol recomendado pelo técnico do seu time e o versátil Acampamento Arno nas montanhas Catskills, que sua amiga Linda conhecera no ano anterior, embora ele não oferecesse atividades relacionadas a seu esporte favorito. Depois de decidir ir para Arno, Sarah passou um bom tempo arrependida de sua escolha e jurou usar chuteiras o tempo inteiro no acampamento. A mãe tentara argumentar que as caminhadas, em particular, seriam complicadas, talvez até perigosas com aquele calçado. Mas a menina insistira, e Lena desistira de a convencer.

Sarah se virou e saiu. Lena passou um minuto observando-a percorrer o corredor. Como a filha sempre tinha se movimentado de maneira graciosa, Lena torcera para que as aulas de dança a conquistassem, em vez do futebol. Mesmo com muito esforço, as outras meninas pareciam duras, ao contrário de Sarah, que dava a impressão de flutuar enquanto executava os passos básicos. Lena, que não se considerava nada graciosa, lamentou a oportunidade perdida quando Sarah declarou, com o apoio do pai, que não queria mais ir à estúpida escola de dança da Srta. Threadgill. Como teria sido legal, pensou Lena, mandar Sarah para um acampamento com a turma do balé. Mas ela não era o tipo de mãe que impunha suas ambições e seus desejos frustrados à filha. Sarah tinha opinião própria e Lena pretendia apoiá-la independentemente de que rumo tomasse na vida.

– Mamãe, eles chegaram! – gritou Sarah da sala.

Lena não entendeu direito o que a filha quis dizer, mas logo se deu conta de que deveriam ter chegado para buscá-la. Foi até a janela do quarto e viu a van amarela

com o logotipo do Acampamento Arno na lateral, então gritou para Sarah:

– Diga a eles... – começou, mas parou quando a menina entrou no quarto.

– Não, mãe, você vai lá e fala com eles.

– Pelo jeito, boa parte da confiança de Sarah se esvaíra nos últimos minutos. Com carinho, Lena colocou uma das mãos no ombro da filha ao sair do quarto.

– Feche o zíper da mala e... espere um pouco.

Ela foi até a porta da frente, que abriu para passar à pequena varanda. Um rapaz de cabelos encaracolados, provavelmente universitário, tinha aberto a porta do lado do motorista para descer.

– Oi! Já vamos sair! – gritou Lena, acenando para ele.

Ele acenou de volta e a mulher entrou em casa. Sarah arrastava a mala pela sala de estar, o que era um bom sinal, pensou Lena. Ao olhar o relógio antigo, viu que ainda faltavam vinte para as nove. Pelo menos eles eram pontuais, pensou Lena enquanto pegava a lista em cima da mesa da sala de jantar.

Os minutos seguintes foram dedicados a conferir os itens: travesseiro, toalhas, saco de dormir, nécessaire, chapéu, protetor solar, repelente de insetos, lanterna, bola de futebol, cartões-postais com os destinatários já preenchidos e livros para ler no verão, tudo dentro da nova sacola de viagem. Lena olhava pela janela a todo momento e viu que o rapaz encostado na frente da van não parecia se incomodar com a demora.

Quando estava tudo pronto para a partida, Lena pegou a mala, que era mais pesada, e ia pedir a Sarah que carregasse a sacola, mas viu que os olhos da filha estavam cheios de lágrimas e que seu queixo tremia. Lena a abraçou.

– Vai dar tudo certo, meu amor. Linda estará lá também. E daqui a duas semanas você vai voltar para casa.

– Mas eu queria mesmo era ir para o acampamento de futebol – Sarah conseguiu dizer, limpando as lágrimas. Mesmo assim apanhou a sacola de viagem e, fiel à sua natureza independente, saiu na frente de Lena.

O universitário abriu um largo sorriso para a menina, estendeu uma das mãos para ela e se apresentou como J.D. Usava camisa polo com o logotipo do acampamento, um pouco justa demais para seu corpo atlético, pensou Lena. Ele pegou a bagagem e seguiu para a traseira da van. Lena o acompanhou e ficou contente ao verificar que o interior do veículo era imaculado. Assim que o rapaz guardou a mala e a sacola e fechou a porta, Lena estendeu a mão para ele.

– Olá, sou Lena, mãe da Sarah.

– Oi. Sou J.D. Prazer em conhecê-la. Preciso que assine a documentação.

Eles se dirigiram para a frente do veículo e Sarah foi atrás da mãe. J.D. pegou uma prancheta no banco e a entregou a Lena, com uma caneta.

– Você precisa assinar no final da primeira página, da página três e da última.

Lena folheou os documentos, eram as autorizações de praxe.

– Não sabia que precisaria de um advogado hoje – comentou ela, brincando.

J.D. riu e notou que Sarah recuava. Ele se aproximou da menina.

– Aquilo dentro da sua sacola era uma bola de futebol?

– Era.

– Quer dizer que você joga futebol?

– Jogo.

– Então vamos bater muita bola em Arno.

– Como assim? Lá não tem campo de futebol. – Sarah, confusa e ansiosa, arregalou os olhos. J.D. hesitou um pouco, depois riu como se revelasse um segredo.

– Sabe, o folheto não informava nada a respeito, mas fizeram um campo de futebol na beira do lago no outono passado.

Sarah olhou para Lena, que ouvia enquanto lia e assinava os papéis.

– Mamãe, você ouviu isso?

– Que bom! – respondeu ela, devolvendo a prancheta a J.D. Quando percebeu a alegria de Sarah com a novidade, quis agradecer ao rapaz. Assim, a despedida seria bem mais fácil.

E foi mesmo. J.D. abriu a porta lateral, Sarah entrou e Lena a ajudou a pôr o cinto de segurança. Aproveitou a oportunidade para dar um último abraço na filha e encostar os lábios no ouvido dela para falar:

– Amo você, querida. Nos vemos daqui a duas semanas.

– Também amo você, mamãe.

Lena pensou ter visto mais lágrimas nos olhos da filha, mas se afastou e J.D. deslizou rapidamente a porta até fechá-la. Esticou a mão e, ao olhar para Lena, seu rosto parecia querer dizer “Ela vai ficar bem”.

– Prazer em conhecê-la, Sra. Trainor.

– Obrigada. Divirtam-se nestas duas semanas. Quer que eu ligue para os Rostenkowski e avise que vocês estão adiantados?

J.D. consultou o relógio e balançou a cabeça.

– Não precisa, vamos chegar lá em cima da hora. E esperaremos, se for preciso.

Ele sorriu de novo antes de entrar na van. Desta vez Lena notou uma mancha nos dentes da frente que parecia ter sido causada por cigarro. Incomodava-se ao ver jovens fumantes. Mas aquele parecia apenas um pequeno defeito de J.D. “Sarah está em boas mãos”, diria ao marido quando ele perguntasse sobre a partida da menina.

Enquanto a van manobrava para a rua, os reflexos na janela impediram Lena de ver Sarah com clareza. Por um instante, sentiu um impulso de correr atrás do veículo. Por quê? Falta de controle? Não saberia dizer. Ela se preparara bem, resolvera todos os probleminhas que surgiram, a despedida tinha sido tranquila. Quando perdeu Sarah de vista, porém, teve a sensação de que a filha viajara para outro planeta. Os olhos embaçados de Lena observaram a calma impecável de sua rua em Westchester e a van que sumia ao longe. Limpou as lágrimas e se censurou por ser tão sentimental. “Veja tudo com clareza”, pensou. “Orgulhe-se de sua filha. Ela entrou na van de um estranho e partiu sem criar caso. Sarah, como J.D. prometera, ia ficar bem.”

Enquanto tomava café, Lena se perguntou se ela e David também iam ficar bem. A saída dele no último minuto não ajudaria em nada a recuperar a confiança. Não falavam em se separar fazia algum tempo. Na verdade, não conversavam sobre nada. Havia sido amorosos e carinhosos um com o outro nos anos em que tinham tentado dar um irmão a Sarah. Mas depois que resolveram “não apelar para a tecnologia”, ou seja, não tentar a fertilização *in vitro*, algo mudou no relacionamento, embora não fosse nada que o mundo exterior pudesse perceber. Ainda assim, ocorreria uma mudança profunda no coração dos dois.

Ela não pretendia fazer uma lista das coisas que precisava conversar com David, mas dedicaria aquelas duas semanas a lidar com o problema do mesmo modo que conduzia o tratamento dos pacientes com câncer em sua clínica: o casamento era uma espécie de câncer, havia algo de errado no relacionamento, então eles precisavam descrever os sintomas e descobrir as causas para recuperar a saúde. Ela nunca usava essa metáfora diretamente, mas era assim que pensava. Sintomas: faziam sexo esporadicamente e as relações eram insatisfatórias, evitavam passar qualquer tempo juntos, só compartilhavam as coisas que tinham a ver com Sarah, praticamente. Causas: insatisfação de David com o trabalho...

Parou na primeira causa. Quando se conheceram, ele trabalhava num banco de investimentos no centro e odiava o emprego. Depois que se mudaram para Pelham, passou a odiá-lo ainda mais por causa da distância, então arranjou um emprego bem remunerado no departamento de marketing da sede regional da Dell. Aprendeu as tarefas básicas em uma semana, ganhou duas promoções no primeiro ano e começou a sonhar com voos mais altos. Lena o incentivou a procurar outro trabalho, mas ele parecia preso ao emprego, que lhe proporcionava tempo para ficar com Sarah. Além disso, alegava que não conseguiria ganhar mais, não queria percorrer grandes distâncias diariamente e os benefícios eram generosos. Lena pensou que as duas semanas que teriam agora seriam uma boa oportunidade para discutirem melhor essa

questão, ele tomar a decisão de mudar de emprego e arranjar algo mais gratificante, talvez até criativo.

Não precisavam realmente do dinheiro. Lena trabalhava no Mount Sinai havia cinco anos. Ela e os colegas haviam firmado um acordo vantajoso com o hospital, que dava certo fôlego financeiro ao casal. Se ele tirasse um ano ou dois para investir em si mesmo, não iriam à falência nem esgotariam a poupança. Ela queria que David fosse feliz. E isso seria como uma quimioterapia para o câncer.

Estava perdida em seus pensamentos quando tocaram a campainha. Não sabia quem poderia ser. Pensou nas possibilidades – entrega do correio, um cortador de grama procurando serviço – e torceu para que não fosse Janet Rostenkowski, mãe de Linda. Janet era uma mulher comum, limitada, que Lena se vira forçada a aceitar como amiga em função do vínculo entre as meninas. Ela e o marido lecionavam na Pelham High School e tinham pouco assunto, exceto a respeito dos filhos e dos acontecimentos na escola. Ou sobre suas dificuldades financeiras. Lena temia o momento em que Janet deixava Linda na porta de sua casa e parava para um café. Torcia para que não fosse ela, embora soubesse que, na visão da mulher, era o momento ideal para bater papo, pois as filhas tinham partido juntas para o acampamento.

Mas não era Janet. Ao abrir a porta, Lena deparou com uma moça esguia, atlética, de pele bronzeada e lisa, olhos brilhantes e um cabelo lindo, com mechas loiras. Ela estava sorridente e parecia animada.

– Olá. Sarah já está pronta?

Lena olhou para a jovem parada no acesso à casa. Viu uma van diferente da que viera do Acampamento Arno. Essa era verde, em vez de amarela, e era de outra marca. Mas também tinha o logotipo do acampamento na lateral. Lena ficou confusa por um instante, porém se recuperou.

– Oi! A Sarah já foi.

A moça não esperava essa resposta. Lena notou que ela vestia uma camisa do mesmo tipo usado por J.D. e segurava um rádio na mão direita. Tentou sorrir, mesmo confusa.

– Hã... já foi? Com quem?

– Com J.D., o outro monitor. Bom, acho que ele era monitor. Estava numa van que nem a sua.

A moça foi incapaz de disfarçar sua surpresa. Então levou o rádio à boca, olhou para a van e falou com o motorista. Lena podia vê-lo agora, através do para-brisa.

– Alguma outra pessoa ficou de pegar Sarah Trainor?

– Não – foi a resposta fanhosa que veio do aparelho.

– Conhece algum J.D. no acampamento? – perguntou a moça.

– Não. Por quê?

– A mãe de Sarah disse que um tal de J.D. passou aqui numa van do acampamento para buscar a menina.

O motorista não respondeu mais nada pelo rádio. Abriu a porta da van e desceu. Era um senhor de meia-idade e cabelos grisalhos, com o tom de pele de quem passa boa parte do tempo ao ar livre. Ele se aproximou da casa com passos decididos.

Lena jamais se esqueceria daqueles segundos em que observou o homem caminhar em sua direção, do modo como as sobrancelhas juntas o tornaram um ponto de interrogação ambulante, de se perguntar o que sua saída da van e o andar firme em direção a elas significava. De repente, tudo parou de fazer sentido. Coisas que deviam estar ancoradas flutuavam. O mundo ordenado e científico de Lena desapareceu. Qual era a questão? Onde estava o problema? O sujeito continuava vindo ao encontro dela. O coração de Lena disparou. “Você não passa de um pesadelo”, pensou. “J.D. era real. Por favor, suma daqui.”

De repente, nada no mundo parecia digno de confiança. Estaria realmente parada na porta de casa com aquela gente? Teria de fato despachado Sarah em outra van, meia hora antes? David saíra mesmo ou estava ali dentro? Quem era ela?

O homem se aproximou, esforçando-se para esconder sua confusão, tentando compreender a situação. Fez várias perguntas, mantendo a voz calma, e Lena respondeu a elas da melhor maneira possível. No entanto, dentro dela, uma voz horrível gritava tão alto que chegava a embaralhar as palavras que os dois pronunciavam. A voz berrava sem parar. Era impossível impedir. O homem falava. Ela falava. Os olhos da moça loira se arregalaram de apreensão. Não havia âncoras. Nada era real.

E onde estava Sarah, afinal de contas?

Dois

SE J.D. NÃO EXISTISSE, SE fosse uma ilusão, então Sarah se perdera num mundo irreal. Não era possível. Lena se agarrou enquanto pôde à ideia de que “tudo não passava de um terrível engano”. Porém, pouco a pouco, com dois estranhos dentro de casa incapazes de esclarecer o mistério, acabou desistindo. J.D. não era funcionário do acampamento. Ele a enganara. Levara Sarah embora, mas não iam para as montanhas Catskills.

David não atendeu o celular. Lena estava pronta para soltar os cachorros quando ele atendesse, mas, como caiu na caixa postal, não soube o que dizer. A situação continuava confusa em sua casa, vozes falavam com ela, distantes, difíceis de compreender. Só captava o básico.

– David. Temos um problema com Sarah no acampamento. Me liga.

Pensou em ligar para o trabalho dele, mas tinha certeza de que ele não estava lá. Por que não atendia o celular, então? Teria ido ao centro e pegara o metrô? Não conseguia pensar em outro local fora da área de cobertura. Teria ficado sem bateria? Levaria horas para entrar em contato? Precisava falar com o marido imediatamente.

Lena ligava do celular dela, no quarto. O homem de cabelos grisalhos e a moça usavam o telefone fixo para “esclarecer o caso”. Ela voltou à cozinha para saber o que haviam descoberto, mas não alimentava esperanças de que resolveriam depressa um caso tão misterioso. As expressões nos rostos dos dois confirmaram a suspeita: eles pareciam perdidos. Ao telefone, o homem esperava em silêncio que alguém do outro lado se manifestasse. Em seguida, escutou, resmungou e desligou.

– Estão todos no portão de entrada, providenciando os registros. Há um monitor júnior no escritório, mas ele não sabe de nada.

– Não dá para entrar em contato com o pessoal da entrada? Ninguém tem celular? – perguntou Lena enquanto seguia para a cozinha.

– Celulares não pegam lá.

– Então mandem o monitor chamar alguém.

– Ele já foi fazer isso. Informamos o número deste telefone.

Lena sentiu que a tensão dentro dela aumentava, como reação ao conformismo que percebia naqueles dois. Participara de juntas médicas em que certos profissionais, quando confrontados com uma série de resultados e evidências, recolhiam a cabeça como tartarugas, assim acabava sobrando para ela mobilizar a equipe até chegarem a um diagnóstico.

– Precisamos chamar a polícia. Me desculpe, qual é mesmo seu nome?

– Sou o Winston, e ela é a Kerry – respondeu ele. – Vamos esperar mais alguns minutos antes de acionar a polícia. Talvez tudo não passe de um mal-entendido.

– Que tipo de mal-entendido? Vocês disseram que não conhecem nenhum J.D. e que não há outra van.

– Não que eu saiba. Mas o acampamento é enorme. Você disse que parecia uma van nova. Talvez tenham comprado agora, sei lá, e não nos disseram nada. Talvez tenham misturado as listas. Estive a maior parte da semana passada numa excursão. Pode ser que eu tenha informações erradas. Não gostaria de acionar a polícia e depois descobrir que tudo não passou de alarme falso.

– Foi um sequestro. E se ela foi sequestrada? – Era a primeira vez que Lena pronunciava a palavra em voz alta, embora ela estivesse na ponta de sua língua desde que Winston caminhara em direção à casa.

– Não posso acreditar... – ele começou a falar, mas foi interrompido pelo telefone que tocava. Lena fez um gesto com a cabeça e ele atendeu.

– Alô... sou eu, Rich. Recebeu meu recado? Não, ela disse que tem o logotipo do acampamento na lateral e que a papelada que o sujeito mostrou também tinha o logo. As autorizações eram parecidas com as nossas... entendi. Ela está aqui do lado. – Ele se virou para Lena e estendeu o fone na direção dela. – Ele quer falar com você.

– Alô? Aqui é Lena Trainor. Quem fala?

– Rich Carlone, Sra. Trainor. Lamento o ocorrido. Poderia descrever o homem que... bem, que levou Sarah?

– Aparentava ser um estudante universitário. Tinha cerca de 1,70m e cabelos encaracolados. Estava um pouco acima do peso e usava uma camisa igual à das pessoas que estão aqui comigo agora. E... ele tinha manchas de cigarro num dos dentes da frente.

– Não contratamos fumantes.

– E como é que eu ia saber! – retrucou Lena, sentindo que perdia o controle. A imagem da van se afastando ia e vinha em sua cabeça, e a conversa a impedia de correr atrás da filha.

– Não tinha como, claro. – Carlone soava confuso.

– Alguma chance de que o sujeito faça parte da equipe do acampamento? – insistiu Lena. – Que tenha havido alguma confusão?

Seguiu-se um momento de silêncio do outro lado da linha, como se Carlone ponderasse a pergunta.

– Não.

– Então precisamos chamar a polícia.

– Sim. Mas...

– Mas, o quê?

– Poderia liberar o motorista e a monitora? Eles precisam pegar outras crianças. A polícia pode telefonar para mim, se precisar de informações.

– Se precisar? A quem mais poderiam pedir informações?

– Certo. Entendo. Eu lamento. Mas eles dois não sabem de nada.

– Tudo bem.

Lena ouviu as desculpas de Carlone, entregou o fone a Winston, que recebeu instruções e trocou um olhar com Kerry. Quando o homem desligou, a mulher perguntou:

– Eu não poderia ficar com a Sra. Trainor?

Winston concordou, mas Lena pensou que, numa crise, era melhor ficar sozinha do que na companhia daquela mocinha.

– Obrigada, mas meu marido chegará a qualquer momento. Pode ir com... – mais uma vez, esquecera o nome do senhor grisalho.

– Winston – completou ele. – Tem certeza?

– Sim. Ele já vem.

– Quer que a gente espere até chamar a polícia?

Lena refletia se aquela era uma boa ideia quando o telefone tocou. Winston instintivamente estendeu a mão para pegar o fone e o entregou a Lena. Com dificuldade, ela disse um alô desanimado.

Era Janet Rostenkowski, que, como sempre, desatou a falar.

– Oi, Lena. Sarah pediu que eu ligasse para você. Ela esqueceu o casaco de lã em casa, por isso emprestamos um da Linda. Ela não queria que você visse o agasalho aí e pensasse que ela ia passar frio. Como você...

– Ela passou aí? A van passou aí? – Lena despejou as palavras, sem saber qual pergunta formular primeiro.

– Passou, sim. E já foi. Eram duas meninas alegres rumo ao acampamento. Eu só queria saber...

– Uma van amarela? O motorista se chamava J.D.?

– Não perguntei o nome. Phil falou com ele primeiro. Me pareceu um bom sujeito. Por quê?

– Ele não trabalha no acampamento. O motorista e a monitora de verdade estão aqui comigo.

Janet passou um longo tempo em silêncio. A linha zumbia como se ela estivesse andando com um telefone celular.

- Não entendi. O que quer dizer?
- O homem que pegou Linda e Sarah não trabalha no acampamento. Não sabem nada a respeito dele no Arno.
- A van era do acampamento. Vi o logotipo na lateral.
- Sei disso. Ele mesmo deve ter pintado. E os formulários? Você assinou a papelada?

Janet não respondeu. Lena a ouviu conversar com Phil e contar o que Lena acabara de lhe dizer. Phil pegou o telefone.

- Lena. É o Phil. O que houve?
- Acho que nossas filhas foram sequestradas.
- Sequestradas? Por quem?
- Pelo rapaz que veio buscá-las. Ele disse que se chamava J.D., certo?
- Sim, mas, hã, eu o conheço. Do ano passado. – Phil hesitou ao dizer isso.
- Você o conhece?
- Pensando bem, ele disse que se lembrava de mim, do ano passado. Era monitor júnior na época. Mas não consegui me lembrar dele.
- Os verdadeiros funcionários do acampamento estão aqui comigo.
- Puta que pariu! – O palavra saiu forçado, fora do esperado para um sujeito reservado como Phil. – Assinei... os formulários eram iguais aos do ano passado.
- A que horas eles saíram?
- Não sei. Fui para o quintal... Janet, a que horas eles saíram?

Lena ouviu a voz da mulher ao fundo, entrecortada pelas lágrimas. Phil pegou o fone outra vez.

- Ela acha que faz de meia hora a 45 minutos.
- Vou chamar a polícia.
- Chame. A equipe verdadeira está aí?
- Está.
- Precisa pegar outras crianças?

– Acredito que sim – disse Lena, dando conta subitamente de que precisavam alertar os outros pais. Ela se virou para Winston. – Vocês iam pegar outras crianças, depois?

- Sim. Tenho a lista lá na van.
- Quantas?
- Mais três, acho.
- Então vá. Pegue a lista! – gritou Lena, furiosa por não ter pensado nos outros pais antes. J.D. não dissera que precisava pegar mais crianças? Kerry saiu da cozinha correndo. Lena voltou ao telefone.

- Phil, vou desligar e chamar a polícia. Depois falaremos com os outros pais. Ou farei isso primeiro.
- David está aí?
- Não. Foi trabalhar.
- Tudo bem. Vamos até aí lhe fazer companhia.
- Não é necessário...

– Nada disso, estamos a caminho. – E desligou. Lena recolocou o fone no gancho, esquecendo que Winston ainda estava na cozinha. Quando se virou e o viu ali parado, com cara de cão vira-lata, sem poder ajudar em nada, primeiro ficou assustada, depois, frustrada. Não conseguia lembrar o nome do desgraçado.

Três

DUAS OUTRAS FAMÍLIAS FORAM ATINGIDAS pelo mesmo raio que caiu sobre os Trainor e os Rostenkowski. Uma, chamada Walker, vivia num bairro chique de Larchmont, perto do mar. A esposa já tinha ido trabalhar, depois de despachar o filho, Franklin, na van com J.D. Enquanto Lena entrava em contato com a polícia, Winston ligou para a mãe na Primeira Igreja Presbiteriana, onde ela era a pastora. A quarta família, chamada Williams, morava em White Plains. O filho, Tommy, foi o último a entrar no veículo. Quando o pai dele, Mike, empreiteiro cujos caminhões circulavam pelo condado de Westchester diariamente, soube do ocorrido, mandou seus funcionários procurarem a van em minutos.

Lena estava no banheiro, ligando para a polícia. Teve de relatar o ocorrido a vários níveis de comando da delegacia até chegar a um capitão que conseguiu compreender o que ela tentava contar.

– Então o sujeito pegou a menina e a jogou na van?
– Não – explicou Lena e repetiu a história pela terceira vez. – Ele fingiu que era do acampamento. Minha filha estava esperando a van. O sujeito se passou por monitor. Assinei a papelada e ele foi embora.

– Quer dizer que ele não era do acampamento?
– Exato. Cerca de meia hora depois, o motorista de verdade chegou, com a monitora. Eles estão aqui, agora.

Winston, atento, surgiu na soleira da porta do quarto, atraiu a atenção de Lena e ergueu dois dedos.

– Eles não sabem nada a respeito do outro motorista?
– Não. E não foi só a minha filha. Pelo que sei, o cara pegou também a filha de uma amiga e mais duas crianças.

Winston confirmou com um movimento de cabeça. O capitão pigarreou.

– São todos aqui de Pelham?
– Não sei. Fale com o motorista.

Lena passou o fone a Winston e o ouviu informar os detalhes sobre as famílias ao capitão. Em seguida, o motorista ficou quieto, escutando atentamente, balançando a cabeça, até desligar. Lena não queria desistir do capitão.

– Como foi? O que ele disse?
– Precisamos telefonar para a delegacia de Westchester. O capitão explicou que o caso pertence à jurisdição deles, pois as outras famílias são de localidades diferentes.

– Meu Deus, ele mesmo não podia fazer isso?

Winston a encarou impassível e Lena concluiu que seria perda de tempo tentar entender por que a polícia não podia ligar para o delegado do condado. Pegou a lista telefônica e procurou os números de emergência divulgados pela prefeitura, encontrou o da delegacia de Westchester e repetiu a história para a cadeia de comando de lá.

A primeira viatura da delegacia parou na frente da casa cerca de 10 minutos depois e o policial que bateu em sua porta tinha uma boa noção do que acontecera. Era quarentão, tinha a barriga saliente e o nariz grande. O nome na farda era Norman. Quando Lena começou a fornecer os detalhes, notou uma ponta de ceticismo no policial, como se ele achasse que a história não fosse bem aquela. Ao falar, ela percebeu que a história inteira soava maluca. Não a sua atitude no caso, e sim o sequestro, o esforço que o planejamento exigira. Deu graças a Deus por não ter sido a única enganada pelo esquema. O empreiteiro mais importante da região também tinha deixado o filho ser levado pelo falso motorista.

Norman interrogava Winston quando ouviu um chamado pelo rádio, então fez uma pausa para atender. Lena, que tinha ido até a cozinha, não conseguiu decifrar o que diziam, mas como devia ser alguma novidade, voltou para a sala. O policial disse “câmbio e desligo” ao operador e se virou para Lena.

– Encontraram a van.
– Com as crianças?
– Não. Vazia, a não ser por alguns objetos. Estão checando o registro neste momento.
– Onde?

– Num beco sem saída em White Plains. Devem ter planejado uma troca. O veículo chamava a atenção. – Pelo jeito o ceticismo de Norman diminuirá. Ele passou a fazer perguntas sobre suspeitos, pessoas que poderiam conhecer a rotina do acampamento. Lena não sabia de nada e Winston disse que precisava checar com o pessoal da sede. Norman disse que um membro da equipe do delegado estava a caminho de lá.

Bateram na porta e os Rostenkowski entraram sem esperar que Lena atendesse. Janet estava com um aspecto horrível. Já era uma mulher sem atrativos, que compensava a aparência ruim com maquiagem discreta, mas no momento, sem cosméticos e depois de chorar muito, seu rosto era uma máscara assustadora de pavor. Isso surpreendeu Lena, pois Janet sempre fora muito controlada.

Atrás dela, Phil suave e dava a impressão de que ia socar algo com força, não importava o que fosse. Era alto e magro, com olhos sempre arregalados e um pomo de Adão que ficava protuberante quando falava. Lena raramente o via sem o paletó esportivo simples que usava até nos fins de semana. Agora, porém, vestia apenas uma camisa azul de manga curta.

Janet se aproximou de Lena, ignorando as outras pessoas presentes na sala.
– Foi nossa culpa. Nós as forçamos a ir para o acampamento. Lamento muito. A culpa é nossa.

Todos perceberam que a mulher estava fazendo cena. Linda se divertira muito no Acampamento Arno no ano anterior, e Lena e David ficaram impressionados com as mudanças na menina depois que ela voltou de lá. Sarah decidira sozinha ir para lá este ano, em vez de para o acampamento de futebol. Pela primeira vez na vida, Lena deu um abraço sincero na mulher.

– Não é culpa de ninguém... Você sabe que mais duas famílias também foram vítimas, não é?
– Como assim?! – gritou Phil, enquanto seus olhos iam de Lena e Norman a Winston.

Eles contaram aos Rostenkowski as notícias mais recentes sobre as famílias e a van. Enquanto isso, Lena se lembrou subitamente de que David não estava em casa. Durante os telefonemas e o interrogatório policial, não sentira sua falta, mas agora, vendo o outro casal junto, sentiu a ausência do marido. Onde estaria?

Foi nesse instante que um pensamento devastador a obrigou a se sentar. Quantas vezes ouvira falar que a polícia quase sempre suspeitava primeiro dos pais quando aconteciam coisas horríveis com crianças? Num plantão, na faculdade de medicina, cuidara do caso de um menino que tinha vários ferimentos provocados por faca. Descobriram que ele era vítima dos ataques de fúria do pai. O que a polícia pensaria dela e de David? Desconfiaria dos dois? Lena sabia que isso era ridículo. Ninguém sequestra a própria filha. Mas onde estava David? E por que saíra, dando uma desculpa tão esfarrapada? Por que não retornara sua ligação? Não que suspeitasse do marido, mas entenderia se uma pessoa que não o conhecesse e não soubesse do amor dele por Sarah ficasse com um pé atrás naquelas circunstâncias.

Uma pergunta de Norman trouxe Lena de volta para a conversa, como se adivinhasse a preocupação em sua mente.

– Onde está seu marido, Sra. Trainor?
– Como? – perguntou, considerando as respostas possíveis.
– Seu marido? Não é casada? Ele mora aqui?
– Sim, claro. Bem... ele está trabalhando.
– Ele estava aqui quando a van chegou? A primeira?

– Ah, não. Ligaram para ele de manhã bem cedo. – Lena sentiu que Janet cravava os olhos nela, mas não a encarou.

– E já o chamou? Ele está sabendo do que aconteceu?

– Já.

Ela achou melhor esclarecer tudo, mesmo omitindo parte da verdade. David poderia estar aprontando alguma, mas isso não tinha nada a ver com o sequestro e só desviaria a polícia da investigação. Olhou para Janet e para Phil. Não os convencera. Os dois viram o desespero por trás da aparente segurança de Lena. Talvez Norman também tivesse notado. Nos filmes e nos livros, ela sempre se irritava com os personagens que não diziam a verdade para proteger alguém e estava fazendo a mesma coisa, de certa forma. Mas não precisava desses pensamentos melodramáticos. Avisara a David que havia um problema, deixando recado na caixa postal do celular. Portanto, dissera a verdade.

Norman trocou novos grasnidos pelo rádio e disse:

– Os detetives chegaram.

Ela apontou para o acesso e todos viram um carro de polícia sem identificação estacionar. Dele desceram um homem corpulento e uma mulher pequena e baixa, de uns 30 anos. Caminharam até a porta.

– É Auggie Martin. Vocês estão em boas mãos.

Martin e a mulher mal tinham chegado à porta quando o telefone tocou. Lena ia para a cozinha, mas Norman a impediu, erguendo uma das mãos.

– Auggie, quer que ela atenda? – perguntou a Martin.

Martin se aproximou dele, cumprimentou Lena com um movimento de cabeça e se dirigiu a ela.

– Você está bem? Caso sejam eles, você consegue falar e manter a calma?

Lena achava que não, mas tentou disfarçar.

– Sim, claro, mas o que... devo dizer algo em especial?

– Ouça, não prometa nada, tente mantê-los na linha o maior tempo possível, instalamos um rastreador de chamadas. Não grite com eles. Entendeu?

Lena fez que sim e atendeu o telefone no quarto toque, pouco antes de a secretária eletrônica entrar em ação. Era David.

– Oi. O que foi? Desculpe, não pude ligar antes. Deixei o telefone na mesa.

– Esperem um instante – disse Lena aos outros. – É David. – Eles se afastaram um pouco e ela voltou a falar com o marido em voz baixa, torcendo para que ninguém a ouvisse. – Onde você está?

– Já falei. No trabalho. O que foi?

– Precisa voltar para casa. Sarah foi sequestrada.

– O quê?

– O motorista que veio buscá-la era... um sequestrador. Levou Linda e mais duas crianças, também. – Ao dizer isso, se virou para conferir se as pessoas a escutavam. Norman a ouvia com toda a atenção.

– Do que você está falando?

– Volte para casa. Explicarei tudo aqui... A polícia já chegou. E a imprensa está a caminho.

– Sequestrada? Como...

– Isso mesmo, David.

Ele não disse nada, nem desligou. Lena não estranhou a reação do marido. Aquele era um silêncio proveniente do choque e da incapacidade de dar sentido a uma informação. Para ela, era como se tivesse dito “metástase”, explicado a palavra e concedido ao paciente algum tempo para assimilar a notícia. Esperava, enquanto David permanecia mudo do outro lado da linha. Ele que falasse primeiro.

– Estou indo para casa.

Desligaram e Lena voltou à sala de estar. Todos estavam de pé. Janet e Phil conversavam com Martin e a detetive. Martin notou quando Lena voltou e foi na direção dela. Por cima do ombro dele, Lena olhou pela janela e viu a van de uma emissora de televisão passar na frente da casa. Ainda olhava para ele quando o homem estendeu a mão.

– Dra. Trainor, sou o detetive Martin.

Lena apertou a mão do homem e se perguntou como ele sabia que ela era médica. Ele sorriu, segurando sua mão por um pouco mais de tempo do que o necessário. De longe, quando ele chegou à casa, parecia gorducho e previsível, um típico policial grisalho, de cara avermelhada. De perto, porém, com o rosto banhado pela luz amarelada da lâmpada incandescente da cozinha, os olhos azul-claros dele se sobressaíam e Lena sentiu que o conhecia havia muito tempo, como se já fossem amigos de longa data.

– Gostaria de apresentar minha colega, detetive Salerno. – A moça se aproximou e, parada do lado de Martin, estendeu uma das mãos. Parecia jovem, nervosa, embora o sorriso de solidariedade que mostrou a Lena fosse genuíno.

– Denise. Podem me chamar de Denise, por favor. Lamento que isso tenha acontecido.

– Obrigada. – Lena sabia que a frase não passava de mera formalidade, mas a voz suave a reconfortou. Não havia feito nada, a não ser cuidar da ida da filha para o acampamento. Em segurança. Tudo saíra como ela imaginara. Lena examinara a van. Ajudara Sarah a pôr o cinto de segurança. Diante dos detetives, tentava afastar o sentimento de culpa como se fossem pernilongos incômodos. E as palavras de Denise ajudaram.

Martin se dirigiu aos Rostenkowski, bem como à dona da casa.

– Por que não sentamos e começamos? – Em seguida perguntou a Lena: – Seu marido vai demorar?

– Ele está a caminho.

– Vamos esperar por ele?

– Sim. Seria bom. Ele está no trabalho. Não vai levar mais que 10 minutos. – Assim que terminou de dizer a frase, Lena se deu conta de que não sabia onde David estava, nem quanto tempo levaria para chegar em casa.

– Então vamos esperar – disse Martin. – Eu adoraria morar a 10 minutos do serviço. – Ele fez esse comentário e se sentou. Lena não sabia se precisava dizer algo e ele continuou: – Eu bem que tomaria um café.

– Mas é claro, me desculpe. Fizemos um pouco, era cedo. Vou preparar mais.

– Não precisa se preocupar. Podemos pedir pelo telefone.

– Não tem nenhum problema.

Lena seguiu para a cozinha e Janet foi atrás dela, dizendo que ia ajudá-la. Pelo jeito, a mulher havia recuperado um pouco da compostura. Seu rosto estava menos retesado. Mas ainda estava tensa. Quando chegaram à cozinha, Janet falou em voz baixa:

– E quanto à imprensa?

Lena sabia que as pessoas tinham pensamentos estranhos quando submetidas a situações de grande estresse, faziam coisas malucas, tentando afastar a causa central da tensão. Ela presumiu que Janet estivesse fazendo isso. Quem estava preocupado com a imprensa ali? O que eles podiam fazer?

– Não sei. A polícia cuidará disso.

– Mas eles vão querer entrevistar os pais. Eu não consigo falar nada na frente das câmeras.

– Não será preciso – disse Lena, começando a ficar nervosa.

– Mas eu sou a mãe dela.

Lena sempre achara Janet uma pessoa autocentrada. Acha que é a única que tem problemas e que os outros têm de escutá-los longamente. Cinco anos antes, sofrera um grave acidente de carro, que não fora causado por ela. Com várias fraturas, passou quase um ano no hospital. Lena não a conhecera antes disso, por isso ignorava o efeito do desastre em sua aparência, mas na época em que a conheceu Janet se referia ao acidente com frequência, e nas inúmeras menções às dificuldades econômicas da família a mulher atribuía a culpa àquele episódio, pois as despesas médicas ainda não tinham sido quitadas.

Lena se ocupou preparando o café, sem responder a Janet. Mas pensou no outro filho dos Rostenkowski, estudante do ensino médio.

– Onde está Paul?

– Em casa. Deve ir para Montana amanhã. Os avós de um amigo moram lá, numa fazenda. Pensamos que seria bom para ele conhecer o Oeste. E para nós dois seria bom tirar duas semanas de folga.

Lena não aguentava mais aquela falação. Só queria duas coisas naquele momento: que David voltasse para casa e ouvir o que o detetive tinha a dizer. Pediu a Janet que levasse as xícaras para a sala de estar e ficou observando o café pingar da cafeteira enquanto torcia para escutar a voz do marido.

Terminaram de tomar o café e David ainda não havia chegado. Phil e Janet levantaram questões que não podiam mais ser adiadas, sobre a imprensa e as outras famílias. Martin respondeu da melhor maneira possível, tomando café, e calmamente assumiu o controle da situação.

– Vamos começar? – perguntou Lena, finalmente. – David deve ter ficado retido na Hutchinson River Parkway.

– Evito a Hutch a esta hora do dia. É preciso ter muita paciência – disse Martin, pondo a xícara sobre a mesa e se levantando.

– Pessoal, obviamente não temos nenhuma experiência neste tipo de crime. Para dizer a verdade, nunca atuei num sequestro. Em 24 anos de profissão, nunca vi um. Entrei em contato com quem entende do assunto, mas antes gostaria de esclarecer que me falta experiência.

A declaração impressionou Lena. A coragem de admitir isso a convenceu da competência do detetive.

Martin abriu o bloco e consultou as anotações.

– A van. Vocês sabem que eles a encontraram. Digo “eles” porque não fomos nós, da polícia. Já devem saber que uma das vítimas é Mike Williams. Com certeza já viram os caminhões da firma do pai dele por aí. Vermelhos, com letras brancas? Assim que ele soube do ocorrido, mandou todos para a rua e uma das equipes avistou a van. Foi muito inteligente da parte dele. Duvido que fosse encontrada tão depressa de outro jeito.

– Não foi depressa o suficiente. – Todos olharam para Phil, que manteve os olhos fixos à frente, sem querer acusar ninguém com sua declaração.

– Sem dúvida. As crianças levavam sacolas de viagem e malas. Suponho que seja a regra do acampamento, certo? – Os três fizeram que sim com a cabeça. – Bem, as malas estavam na van, abertas. Pelo jeito, elas tiraram parte das roupas. Vocês precisam dizer quais foram. E só havia duas sacolas. Acreditamos que tenham posto roupas básicas de todos nas outras duas.

Janet fungou ao ouvir os detalhes. Lena se perguntou que tipo de força J.D. havia usado para obrigar Sarah a fazer algo assim, tirar as roupas de sua mala e colocá-las junto com as das outras crianças, numa sacola comum. Pelo que imaginava, a filha se rebelaria contra uma ordem dessas. Teria J.D. segurado a menina pelo braço para obrigá-la?

– Imaginamos que o sujeito que levou seus filhos tenha um cúmplice, que o aguardava em White Plains. Não temos como saber qual era o outro carro, nem se havia mesmo um. Nosso pessoal está procurando testemunhas, mas acho que vai ser difícil.

– Onde encontraram a van? – perguntou Lena antes de saber por que isso importava para ela.

– Próximo da rua 287. Há um estacionamento à esquerda, perto da primeira saída para White Plains. Estava atrás dele, numa estradinha de terra, onde começarão a obra no ano que vem. Longe da vista de quem passava e dos prédios que davam para o parque.

Lena mal escutou a resposta. Fizera a pergunta apenas para obrigar Martin a falar, pois tornava-se mais dependente de sua voz a cada momento. Sentia que ele sabia das coisas. Resolveria tudo.

– Muito bem... – A porta da frente se abriu e o interrompeu.

David, que passara pelas viaturas policiais na frente da casa e pelos veículos das emissoras de TV, chegando a trocar algumas palavras com um policial no gramado, ainda estava chocado quando entrou e viu a sala cheia de gente. Lena se levantou e foi até ele, com pressa. Queria ficar perto do marido. Precisava tocá-lo.

– Lamento, peguei muito trânsito na Hutch – disse ele, passando um dos braços pelo ombro de Lena. Martin se aproximou.

– Sua esposa deduziu que isso acontecera, Sr. Trainor. Sou o detetive Martin.

– David tirou o braço do ombro de Lena para apertar a mão do policial. – E esta é a detetive... – Ele olhou em torno, procurando Salerno. Mas a mulher estava na cozinha, falando ao telefone. – Bem, minha colega é a detetive Salerno. Se não se importam, eu gostaria de continuar. Depois forneceremos os detalhes para você.

– Espere um pouco. Não posso acreditar no que aconteceu. Quer dizer que um sujeito para na frente da casa e vocês deixam as crianças irem embora com ele? – falou David, olhando para os Rostenkowski, mas Lena sabia que ela era o verdadeiro alvo da acusação. Um silêncio mortal tomou conta da sala. Ela precisou se controlar ao máximo para não gritar com o marido, perguntar onde tinha ido, por que não estava ali para ajudá-la a ver que J.D. era um impostor. A voz abençoada de Martin quebrou o constrangimento.

– Não podemos culpar ninguém nesta sala, Sr. Trainor. Ao que parece, vocês foram vítimas de um sujeito muito esperto. Não fizeram nada de errado. Então vamos nos concentrar na tarefa de localizar seus filhos, está bem?

Lena esperava que David tivesse ouvido aquilo. Será que ele fazia ideia do que ela estava passando? Não tirava os olhos do marido, queria fazer contato com ele. “Por favor, David”, pensou Lena, “as expectativas me cegaram. Confundiram todos nós. Deixei Sarah partir como um balão de gás que me esqueci de amarrar ao pulso. A culpa está me corroendo. Nossa filhinha está perdida por aí. Por favor, me ajude!”

Mas David olhava inexpressivo para Martin, evitando deliberadamente encarar a esposa. Lena percebeu que ele devia estar numa situação ainda mais difícil do que a dela. Pelo menos ela estava em casa para encarar J.D., para ser enganada. Ao menos se despedira de Sarah. David talvez tivesse de viver com as consequências de sua ausência pelo resto da vida.

Quatro

J.D. NÃO DISSE QUASE NADA a caminho da casa de Linda, depois de buscar Sarah. Fez uma ligação pelo celular enquanto dirigia e a menina sabia que isso era proibido. Mas foi um telefonema rápido, no qual ele só resmungou sim e não antes de desligar. De onde estava sentada, Sarah via apenas um monte de cabelo encaracolado acima do encosto de cabeça do banco do motorista e, ocasionalmente, o rosto dele no retrovisor.

– Está confortável aí? – perguntou ele quando se aproximaram da casa de Linda. Sarah fez que sim com a cabeça.

Ela ficou contente por ver a amiga quando chegaram à casa dela, embora a menina estivesse furiosa por algum motivo. Sarah permaneceu na van enquanto J.D. descia e ajudava o Sr. Rostenkowski com a mala e a sacola de viagem. Janet saiu de casa levando um agasalho de lã para Linda, que se virou para gritar algo para a mãe.

O rapaz abriu a porta lateral e Linda entrou. Ela não espichara tanto quanto Sarah. Era miúda, de cabelos escuros e costumava ficar nervosa por coisas à toa. No entanto, ela e Sarah se entendiam nas questões principais, entre as quais a lição de casa (não ligavam para os deveres), os meninos (não precisavam bancar as idiotas na frente deles) e o futebol (como a amiga, ela também jogava bem). Linda, que costumava se desentender com a mãe, era a fúria em pessoa. Antes que Sarah pudesse dizer qualquer coisa, a Sra. Rostenkowski apareceu na porta da van, segurando o agasalho.

– Leve o casaco, Linda. Tome.

– Não preciso dele! Já estou levando um moletom e um pulôver, não faz muito frio lá.

– Nunca se sabe. É melhor levar.

O Sr. Rostenkowski surgiu à porta. Ele pegou o agasalho.

– Vou guardar na mala para você – disse a Linda antes de seguir para a traseira da van.

A Sra. Rostenkowski olhou para Sarah, como quem pedisse ajuda.

– Aposto que você está levando moletom e também um casaco de lã, não é, Sarah?

A menina se lembrou do agasalho dela em cima do cesto de cobertores, no quarto. Na pressa, Lena se esquecera dele.

– Não, esqueci de trazer.

– Está vendo? – disse Linda, sentando ao lado de Sarah.

– Não estou vendo nada – rebateu Janet. – Vou pegar um casaco seu para ela. A mulher voltou para dentro de casa e Phil a acompanhou, parando na metade do caminho, incerto a respeito do que deveria fazer ou falar. Ao lado de Sarah, Linda explodia de raiva.

– Ela sempre faz isso. Diga que não quer levar o agasalho.

– Não vou mentir, Linda. Mandaram levar um casaco, e eu esqueci.

De repente o rosto de J.D. surgiu a 30 centímetros, e ele sussurrou, cúmplice, enfiando a cara dentro da van:

– Olá, Linda, sou J.D. Não precisa se preocupar, tá? Não precisa usar o agasalho, se não quiser.

– Oi. Mas isso é pura estupidez.

– Na semana passada entrou uma frente fria. E choveu um pouco. Se você deixar o moletom molhar, como vai fazer?

Linda suspirou, contrariada, e disse a J.D.:

– Você deve ser novo lá.

– É meu primeiro ano. Para você é o segundo, não é?

– É.

– Bem, então poderá me ensinar tudo quando a gente chegar lá. – Ele falou com ar muito sério e Linda o encarou emburrada até o rapaz abrir um sorriso. Depois a Sra. Rostenkowski chegou com outro agasalho e o entregou ao marido. Os dois se aproximaram da van. J.D. se afastou da porta lateral e apanhou a prancheta no banco da frente.

– Nós pusemos os cartões-postais na mala?

– Sim. Eu coloquei.

– Ótimo. Mande pelo menos um este ano, tá? – Linda balançou a cabeça. Percebeu pela voz da mãe que ela ia chorar e não queria passar vergonha na frente de Sarah.

– Vou ficar bem, mamãe.

– Eu sei. – A Sra. Rostenkowski entrou na van, apertou a bochecha de Linda e recuou com os olhos marejados, mas não chorou. O pai dela finalmente terminou de assinar a papelada e J.D. deu a volta para fechar a porta lateral.

– Tudo certo, aqui? Prontas para partir?

A Sra. Rostenkowski não olhou para ele nem disse nada. Linda respondeu:

– Estamos.

O rapaz fechou a porta. Linda, meio constrangida pela atitude da mãe, não falou nada por um tempo. Sarah olhou pela janela e viu o Sr. Rostenkowski parado no meio do gramado. São as mães que acenam nas despedidas, pensou Sarah. Os pais ficam trabalhando ou apenas olhando. Ela não entendia por que as coisas tinham de ser assim.

Cinco

PARA UM DETETIVE QUE INVESTIGAVA o primeiro sequestro, Martin se mostrava bem seguro e informado, pensou Lena enquanto ouvia instruções sobre a maneira de lidar com o sequestrador ao telefone.

– Como eu disse antes à Sra. Trainor, não prometam nada. Digam sempre que vão pensar na proposta. Quem estiver falando com vocês dirá que precisam assumir um compromisso imediatamente, talvez ameace maltratar as crianças ou algo assim. Não se esqueçam de que as crianças, vivas e saudáveis, são o único trunfo do sequestrador. Ele não fará nada a elas até conseguir o dinheiro.

Lena gostou do fato de ele falar de um aspecto específico do caso. A imagem da van partindo para um destino ignorado a atormentava. Ela ansiava por um contato dos sequestradores.

A detetive Salerno desligou o telefone da cozinha e voltou para a sala de estar. Martin percebeu que ela tinha novidades.

– O que foi?

– A van foi furtada de uma loja de automóveis em Clifton, Nova Jersey, há dois dias. A polícia de lá contou que foi um serviço benfeito: arrombaram o escritório, pegaram a chave e partiram. Como esperávamos, limparam o veículo. Não localizamos impressões digitais, apenas alguns fios de cabelo.

Martin balançou a cabeça e se dirigiu aos pais:

– Vamos manter isso em sigilo, está bem? Quanto menos os bandidos souberem, melhor para nós.

– Acha que é um tipo de quadrilha? – perguntou Phil.

– Duvido. Em geral são dois malandros que tentam ganhar dinheiro fácil raptando uma criança. Eles conseguem realizar o sequestro, o que é a parte mais simples, mas depois não têm a menor ideia do que fazer. Por isso o telefonema se torna tão importante. Vão tentar dar a impressão de que planejaram tudo, mas provavelmente estarão apenas blefando.

David olhou para Lena, que sentiu os olhos do marido fixos nela e o encarou. Ele parecia diferente, como se o choque houvesse passado, a informação tivesse sido absorvida e a culpa, sufocada. Agora ele tratava dos detalhes, como os demais.

Martin olhou para fora, notando que havia cada vez mais repórteres.

– Pelo jeito a tropa está chegando. Westchester é o lugar para onde as pessoas se mudam a fim de garantir que os filhos cresçam em segurança, algo impossível numa metrópole. Até parece... Esperem só para ver os políticos usarem o caso para se promover na frente das câmeras. – Ele se voltou para os Rostenkowski. – Por que vocês não vêm comigo? Vou ajudá-los a passar por eles sem impedimentos. Vocês precisam ir para casa, esperar o telefonema.

Lena sentiu o estômago contrair. Martin servira de tábua de salvação, mas agora ia embora. Ao se levantar para sair, Janet falou:

– Lamento muito, Lena.

– Pelo menos as meninas estão juntas – respondeu ela, sem saber direito o que isso significava. O que poderia haver de bom nessa história?

Todos saíram com os Rostenkowski e os detetives, exceto David e Lena. O policial Norman estendeu a mão para ela, que o cumprimentou na saída.

– Lamento que isso tenha acontecido com a senhora – disse em voz baixa e calma. Mas seus olhos diziam outras coisas, como se a lembrassem de que ele sabia que Lena não fora inteiramente sincera com ele. Ela agradeceu e guardou a imagem de seu rosto. De agora em diante, pretendia dizer apenas a verdade.

Depois que a porta se fechou, David e Lena ficaram novamente sozinhos.

– Eles vão encontrar pistas, não acha? – disparou David, como se não visse a hora de fazer a pergunta.

– Pistas?

– Coisas que você, nós, Janet, Phil possam ter notado.

– Não.

– Não?

– Não, David. Tenha dó, foi tudo exatamente como esperávamos.

– Não estou acusando você.

– Está, sim. Você não estava aqui quando isso tudo aconteceu. Então não critique agora.

– Mas aposto que havia alguns sinais, se pensar bem.

– Vi manchas de tabaco nos dentes da frente dele.

– Bem...

– Puxa vida, David. Ele foi gentil e atencioso. Notou a bola de futebol de Sarah, perguntou se ela praticava o esporte...

– Como assim?

– Disse que ela ia adorar as atividades relacionadas ao futebol.

– Não tem isso no Acampamento Arno.

– Foi o que eu falei. Sarah também. Mas ele explicou que passaria a ter este ano.

Pela lentidão da esposa ao pronunciar a frase, David soube que tinha razão neste ponto, que Lena admitia que, no mínimo, poderiam encontrar alguma pista sobre o disfarce naquela evidente falta de conhecimento sobre o acampamento. Mas não queria pressionar a esposa.

– Vamos examinar o material promocional do acampamento. Talvez tenhamos deixado passar algo sobre um novo...

– Não! – retrucou Lena, áspera. – Que diferença isso faz? Acha que eu ia dizer, “Ah! Você não sabe que lá não tem futebol? Então não passa de um impostor! Veio para sequestrar minha filha, aposto. Polícia! Polícia!”?

As lágrimas molharam seus cílios, mas ela sufocou o choro. Era hora de impor limites. Ela queria dizer a David que se recusava a sentir culpa, a se considerar responsável. Martin tinha razão. Não era culpa de ninguém. Se David encontrasse motivos para acusar alguém, teria de lidar com isso sozinho. Lena se virou para a janela.

Ver uma quantidade cada vez maior de carros de reportagem na rua, onde reinava uma tremenda confusão, revelou uma verdade a Lena: o sequestro de Sarah não poderia ser reduzido a poucos elementos básicos. Quando imaginara ficar sozinha com David, depois da partida da filha, pensava em resolver questões específicas, tratar de problemas do casamento. Mas agora algo imenso e aterrorizante acontecera e invadira sua vida, algo com que ela não era capaz de lidar, até pela falta de dados. Esse era, sem dúvida, um problema que David não podia ajudá-la a resolver. Sua experiência profissional a levava a reduzir e eliminar variáveis, até chegar à causa primordial de uma doença. Nesse caso, porém, não existiam sintomas e resultados de exames. Sua busca por respostas precisava ser abrangente e isso a amedrontava.

David disse algo que ela não entendeu e, quando ia perguntar ao marido o que era, o telefone tocou. Eles gelaram.

– Chame Martin – disse Lena, presumindo que fosse atender, sem pensar no assunto.

– Você vai chamá-lo. Eu vou atender.

Mas Lena já estava a meio caminho do telefone. Não pensava em quem devia atender e quem devia ir lá fora – sua única preocupação era Sarah. Em sua mente não era o sequestrador que estava ligando, mesmo que estivesse esperando o chamado dele, e sim Sarah. O toque do telefone a chamava para obter respostas, para conversar com alguém que estava com sua filha naquele momento. Pegou o fone enquanto David, percebendo que não adiantava discutir, abriu a porta e saiu.

– Alô?

Do outro lado da linha, em vez de uma voz desconhecida, Lena ouviu uma das vozes mais familiares de sua vida – sonora, viril, amorosa.

– Oi, querida. Perdi a noção do tempo. Queria falar rapidinho com Sarahbell, antes da viagem. Ela já foi?

Pega de surpresa, Lena começou a chorar. Seu pai, acostumado às interrupções nas chamadas internacionais, pensou ter ouvido um som parecido com choro, mas achou que fosse apenas ruído na linha.

– Papai...

– O que foi, meu bem? – perguntou ele, constatando que a filha estava realmente chorando.

– Pai, a Sarah foi sequestrada.

O pranto de Lena aumentou assim que ela pronunciou a frase. Nem escutou o pai falar:

– O que você disse?!

A porta se abriu e Martin entrou com David. Pensando que Lena falava com o sequestrador, o detetive fez cara feia ao vê-la chorando. Aproximou-se calmamente e perguntou com voz abafada:

– São eles?

Lena não conseguiu responder. Passou o telefone para David, gesticulando. Ele atendeu, olhando para ela e para Martin. Finalmente, a mulher conseguiu dizer:

– É o meu pai.

David respirou fundo, aliviado de início, depois tenso com a perspectiva de conversar com o sogro.

– Richard, é David.

– David, o que está acontecendo?

– Não sei o que Lena contou, mas...

– Ela falou em sequestro.

David engoliu em seco, umedeceu os lábios e se preparou para contar, temendo ter que dizer que não estava em casa quando a filha foi...

– Sarah e mais três crianças. Um cara se passou por monitor do Acampamento Arno. Lembra-se de que ela ia...

– Sim, por isso liguei, queria falar com ela... Se passou por monitor? Como assim?

– Não sabemos quase nada. Tudo parecia normal. O rapaz aparentava ser monitor, a van tinha o logotipo da empresa, ele apresentou a documentação. Mas não era do acampamento.

– Apresentou a identidade?

– Sim. – David não queria soar hesitante, não queria acabar revelando que não estava lá na hora que a filha partiu.

– Quero falar com Lena.

– Claro. Vou passar para ela.

Ela se recuperou o bastante para falar. Martin se afastou quando entendeu quem estava na linha.

– Papai.

– Querida. Meu Deus! Não consigo nem imaginar o que vocês estão passando. Chamaram a polícia?

– Sim, já vieram.

– Conhece as outras crianças?

– Só a Linda. Você deve ter ouvido Sarah falar dela.

– Claro.

– Não conhecemos os outros dois meninos.

– Mas que merda! O que eles querem?

– Não sabemos. Pensei que fosse um deles quando você telefonou.

– Droga! – A linha ficou silenciosa por alguns instantes. – Não dá para acreditar que isso esteja acontecendo!

– Eu sei.

– Meu Deus! Querida, vou até aí.

Lena esperou para responder. Percebia que o pai estava sendo sincero ao dizer isso, mas também se deu conta de que não seria prudente e ele seria preso quando o avião pousasse.

– Não há nada que você possa fazer.

– Meu Deus. – Seguiu-se uma longa pausa. Lena imaginou lágrimas escorrendo pelo rosto firme, formoso e moreno do pai. Mas, quando ele falou, a voz saiu vigorosa, desafiadora. – Eles não sabem com quem se meteram. Sarah vai dar um trabalho.

Lena voltou a chorar quando ouviu aquilo. O pai tinha razão. Ela pensava na vulnerabilidade da filha, no perigo que ela corria, e deixou de levar em conta o que as pessoas diziam de Sarah, como ela era decidida, independente e confiante. Sempre acreditou que a menina herdara as qualidades do avô, um sujeito corajoso.

Agora precisava da coragem dele. A cada minuto a situação ficava mais complexa e arriscada. Martin estava de saída. Ninguém telefonara. David não tinha resposta para nada. Mesmo que seu pai pudesse vir, de que adiantaria? O horror de saber que Sarah estava perdida – uma menininha solta num mundo imenso e desconhecido – fez Lena gelar. Não tinha onde se segurar. Afundava. Falava com o pai, olhava para o marido, mas se sentia completamente perdida.

Seis

SARAH E LINDA BATIAM PAPO quando a van estacionou no acesso comprido e elegante que levava a uma mansão branca revestida de madeira cujo quintal gramado descia até a baía. Quando ergueram os olhos, as duas meninas soltaram exclamações de espanto por conta do tamanho e esplendor do local e logo riram de sua própria surpresa.

J.D. seguiu a mesma rotina que adotara ao buscar Sarah e Linda. Cumprimentou a mãe, uma senhora afro-americana de uns 40 anos que usava colarinho eclesástico com o *tailleur* típico das pastoras protestantes. Depois pegou a mala e a sacola e as levou para a van, guardou-as na parte de trás e apanhou a prancheta.

Quando Linda avistou o menino moreno e magro que saía da casa, acompanhando a mãe, sussurrou a Sarah que já o vira no ano anterior.

– Ele se chama Franklin. Eu o conheci na aula de teatro. Não gosta que o chamem de Frank e passa o tempo inteiro lendo.

De fato, ele carregava um livro debaixo do braço. Parou e esperou que a mãe terminasse de assinar a papelada. Sarah notou que mais uma vez o pai não se encontrava por perto. Pela janela, ouviu a mulher conversar com J.D.

– ... avião que vem de Berlim...

Ela se virou para o filho e os dois baixaram a cabeça juntos. A mulher falou de olhos fechados, depois os abriu e abraçou Franklin de um jeito meio indiferente. J.D. abriu a porta lateral e o garoto entrou. Não disse nada às meninas e sentou no banco atrás delas. Quando recuavam pelo acesso, Sarah virou e viu que ele já enfiara a cara no livro.

A última casa em que pararam também era grande e ficava num terreno bem cuidado. Sarah notou que havia uma série de equipamentos esportivos nos fundos, além de quadras de basquete e de tênis e uma piscina. Ela se perguntou por que alguém se dava o trabalho de ir a um acampamento, quando tinha tudo aquilo no próprio quintal.

Tanto a mãe quanto o pai saíram com o filho, acompanhados pelos outros dois filhos, uma menina de 4 anos e um rapaz adolescente. Linda resmungava por discordar de alguma coisa, mas Sarah nem lhe dava ouvidos. A cena feliz que transcorria à sua frente a comoveu. O menino, cujo nome mais tarde saberiam ser Tommy, abraçava a família. Quando chegou a vez da mãe, de olhos escuros e vivos e traços hispânicos ou indianos, ela o apertou num longo abraço, acariciou seu cabelo e o beijou no alto da cabeça, antes de limpar as lágrimas do rosto do garoto. O pai de Tommy, um sujeito corpulento, de rosto redondo, um pouco mais velho que a esposa, girou o filho no ar e o colocou no chão com cuidado. O menino praticamente correu para a van e, quando entrou, sorriu para as meninas, dizendo “Oi” antes de se sentar do lado de Franklin.

Quando se afastavam da casa, Tommy acenou vigorosamente para a família, e seu irmão mais velho bateu na janela lateral para que a irmãzinha em seus braços pudesse dar tchau também. A mãe sorria, apesar das lágrimas. O menino só parou de acenar quando dobraram a esquina e a casa sumiu de vista. Então se apresentou a Franklin:

– Oi, sou o Tommy.

Franklin ergueu os olhos do livro e disse:

– Oi.

Sarah queria virar e se apresentar, mas Linda não parava de falar. Finalmente, os olhos dela se cruzaram com os de Tommy. Ele sorriu.

– Meu nome é Sarah e esta é Linda.

– Oi – disse ele, mais contido, com um tom receoso na voz. Herdara os olhos da mãe, mas não a cor da pele. Era um menino impressionante. – Você já conhece o acampamento? – perguntou a Sarah, que ia responder quando Franklin falou, pensando que a pergunta era para ele.

– Sim, será meu terceiro ano. É satisfatório.

Franklin voltou ao livro. Tommy e Sarah trocaram olhares e ela quase riu alto quando ele fez uma careta para questionar o uso da palavra “satisfatório”.

A van seguiu pela via 287, engarrafada e barulhenta, o que manteve as crianças quietas por algum tempo. J.D. as observava pelo retrovisor e finalmente falou:

– O que me diz, Linda? É para virar aqui?

A garota riu, nervosa.

– Sei lá.

– Vamos tentar – disse J.D., sorridente. Passou para a pista da direita e desceu com a van pela saída da via expressa.

A voz de Franklin, aguda e objetiva, surpreendeu os companheiros de viagem:

– Com certeza o caminho não é esse. Precisamos seguir pela 287 até Tappan Zee e depois rumo ao norte.

Pelo retrovisor, J.D. olhou para ele e sorriu, tentando esconder sua preocupação.

– Tem razão, Franklin. Mas não vamos direto para o acampamento. Preparamos algo especial para vocês hoje, uma excursão surpresa.

– Que tipo de excursão? – Franklin sentou-se na beirada do banco e fechou o livro.

– Já vai ver. É uma pequena surpresa. Vocês levarão apenas o indispensável e depois iremos para o acampamento.

– Nossos pais sabem disso?

– Claro que sim. Inventamos o passeio ontem à noite, na reunião dos monitores, e avisamos a todos por e-mail hoje de manhã.

Franklin parou de falar, mas os outros, percebendo as dúvidas implícitas nas perguntas que o garoto fez, pareceram céticos. Linda olhou para Sarah antes de dizer:

– Não fizemos isso no ano passado.

– Não. É novidade. Mas saíram em excursões no ano passado, certo?

– Sim, saímos.

– Fizeram caminhadas e outros passeios, não foi?

– Isso mesmo.

– Bem, pensamos que seria melhor organizar a primeira excursão antes de chegar ao acampamento, em vez de viajar até lá, dar meia-volta e regressar amanhã. Assim é bem mais eficiente.

Tommy pareceu satisfeito e perguntou:

– Para onde vamos?

– Isso é segredo. O Sr. Everett me fez prometer que eu não contaria nada.

– Quem é o Sr. Everett? – perguntou Sarah, notando algo que a desagradava na maneira como J.D. deu a notícia.

– Um dos monitores. Ele é especialista em sobrevivência na selva.

– O que é isso?

Franklin respondeu antes de J.D. conseguir falar.

– Treinamento de sobrevivência. A gente aprende a procurar comida, construir abrigos provisórios, coisas desse tipo. – Em seguida, perguntou a J.D.: – Mas essa atividade não é só para adolescentes?

– Era, mas o projeto foi modificado para incluir todos.

Depois de dizer isso, J.D. saiu da rodovia, que não passava de uma estrada vicinal atrás de um conjunto de edifícios, e entrou num caminho de terra esburacado. Em meio à poeira, Sarah notou que começava a esquentar dentro da van. A estradinha virava para a esquerda e quando fizeram a curva as crianças viram uma picape prateada estacionada num beco, a uns 100 metros de distância. Quando se aproximaram, um homem com cerca de 60 anos, usando camisa polo do Acampamento Arno, desceu do automóvel. Tinha cabelo comprido, em parte grisalho, e exibia uma barriga considerável. Quando a van parou e ele se aproximou da janela lateral, do lado do

motorista, abriu um sorriso agradável, de uma orelha à outra, e estendeu a mão para cumprimentar J.D.

- Como vai? Está tudo bem?
- Ótimo. A turminha aqui está louca por uma aventura.

O homem olhou para os bancos traseiros.

- Estou vendo. Oi, pessoal. Sou o Sr. Everett. Prontos para uma tremenda farra? Ressabiadas, as crianças responderam que sim. J.D. falou, descendo da van:
- Muito bem. Vocês precisam pegar as roupas mais quentes que trouxeram, escova de dentes e sabonete, se tiverem, e guardar tudo em duas sacolas. As meninas vão dividir uma sacola, e os meninos, a outra. Vamos. Andem depressa. Queremos avançar o máximo possível ainda de dia.

As crianças, surpresas demais, não reclamaram de nada. Desceram da van uma atrás da outra quando o Sr. Everett abriu a porta lateral e seguiram suas instruções. Ele as ajudou, aprendeu o nome de todos, disse a Franklin que ele não poderia levar livros, pois era para ser um acampamento “selvagem”, e conduziu as crianças para o outro veículo, carregando as sacolas.

- E a nossa bagagem? – indagou Linda.
- J.D. vai levá-la para Arno, onde esperará a chegada de vocês.

Depois que todos entraram na picape e afivelaram os cintos, J.D. falou com eles pela janela lateral. Sua voz perdera o tom jovial.

- O Sr. Everett comandará esse passeio especial. É muito importante prestar atenção ao que ele diz e obedecer suas instruções. Nós nos divertimos muito no mato. Mas corremos riscos e pode ser perigoso para quem não conhece. O Sr. Everett é especialista em viver no mato, por isso façam o que ele disser e vão se divertir a valer.

Sarah sentiu certo constrangimento. O cinto de segurança a apertava. Sempre odiara esses discursos que os adultos faziam. Seu avô costumava lhe dizer, às vezes de brincadeira, para “questionar a autoridade”. No entanto, J.D. dava a impressão de que não era o momento de questionar nada. Era hora de obedecer. Ficou quieta, mas não gostou daquela história.

O Sr. Everett ligou o motor. J.D. resmungou uma pergunta.

- Não quer mesmo me contar qual é o local?

O homem balançou a cabeça.

- Disciplina, rapaz. Não vamos desviar do planejado, o.k.? – J.D. fez que sim. – Coisas pequenas, como não fumar aqui perto e não deixar pistas que possam ser achadas. Não deixe passar nada, ou vai dar tudo errado. – Ele acrescentou um sorriso à frase, sem o menor calor humano. J.D. olhou para trás, para ver se as crianças haviam entendido o diálogo. Convenceu-se de que não tinham e abriu de novo o sorriso vazio, enquanto o Sr. Everett dava marcha a ré para manobrar e sair dali.

J.D. continuou parado no meio ao calor e à poeira, até a picape sumir de vista. Depois tirou a camiseta do Acampamento Arno, vestiu uma em que se lia “Nascar Rocks!”, que trouxera na mochila e usou a anterior para limpar todas as superfícies da van. Pegou o celular, digitou um número e disse apenas:

- Missão cumprida.

Em seguida, desligou e seguiu para um bosque de pinheiros que se estendia para além do beco.

O DETETIVE MARTIN VOLTOU MEIA HORA depois e disse que achava melhor permanecer ali, para o caso de os sequestradores ligarem. David ficou com a impressão de que estavam sendo vigiados por aquele policial simpático até demais. Quando o viu à porta, Lena praticamente o abraçou. Em seguida, Martin pediu a ela e ao marido que contassem um pouco sua história.

– Fui criada na Suécia – começou Lena, acreditando que qualquer conversa a ajudaria. – Estudei na Penn, cursei medicina na Johns Hopkins e fiz residência em Nova York.

– Ah, então você é suíça?

– Você quer dizer sueca.

– Isso mesmo. Sempre misturo essas coisas.

– Não. Quero dizer, tenho dupla nacionalidade. Meus pais são americanos. Meu pai servia no Exército e ia ser mandado para o Vietnã. Para não ir, alegou objeção consciente. Não aceitaram, então fugiu para o Canadá e depois obteve asilo na Suécia. Não conseguiu se enquadrar no programa de anistia do governo Carter. Não pode voltar para cá. Minha mãe, que começou a namorá-lo no colegial, foi morar lá com ele um ano antes do meu nascimento.

Martin franziu a testa e Lena imaginou que ele talvez fosse veterano de guerra. Parecia um pouco mais novo que seu pai.

– Sei, a guerra – disse ele, sem se estender. – Ele chegou a conhecer a neta?

– Claro, Sarah e ele são muito próximos. Vamos visitá-lo duas vezes por ano.

– Que sorte. Meu filho mora na Califórnia. Tem 32 anos. Casou com o windsurfe. Como é que vou ter um neto desse jeito?

Lena não teve chance de responder. O celular de Martin tocou, ele atendeu e se levantou.

– Os Rostenkowski receberam um e-mail. Vamos ver se chegou para vocês também.

Os três foram para o quarto e Lena consultou a conta de e-mail do hospital e a de sua clínica particular, sem encontrar nada. Na do Yahoo, porém, encontrou um remetente com endereço esquisito, em polonês ou algum outro idioma do Leste Europeu. O campo de assunto estava em branco. A mensagem, em corpo 20 e letras vermelhas, dizia apenas: “FIQUEM ISPERTOS. ELES ESTÃO BEM.”

Enquanto observavam a tela, Lena se lembrou de ter usado a conta do hospital para inscrever Sarah no acampamento. Aquela conta do Yahoo ela usava apenas para compras on-line e atividades similares. Contou isso a Martin, que deu de ombros.

– A verdadeira privacidade se tornou algo raro – disse ele. Seu celular tocou de novo, ele atendeu e informou Salerno sobre as mensagens. Descobriu que todas as famílias receberam e-mails iguais. – Precisamos chamar o pessoal do FBI agora – disse tanto ao telefone quanto para Lena e David.

Martin saiu do quarto para fazer algumas ligações. David sentou-se na frente do computador e conferiu suas duas contas de e-mail. Não notou nada de anormal nelas. Apesar do erro de ortografia, Lena considerou a mensagem um sinal positivo. Eles iam usar computador. Agora ela podia encontrar Sarah ali. Seus pensamentos voaram.

– Quanto conseguiríamos levantar se hipotecássemos a casa?

A pergunta pegou David de surpresa.

– Menos do que há seis meses. Uns 150, 200 mil dólares.

– Acha que Bill nos daria um empréstimo?

– Num caso desses, com certeza.

Bill era o irmão mais velho de David. Em vez de sair da cidade para cursar uma faculdade, ele ficou em Oklahoma e trabalhou com um empreendedor ousado, ganhou uma fortuna quando o petróleo e se aposentou aos 41 anos.

Lena não disse mais nada e saiu do quarto. Depois que ela se retirou, David voltou ao computador e checkou uma terceira conta de e-mail. Encontrou uma mensagem lá, mas não era do sequestrador.



A natureza particular do sequestro os tornou sucesso instantâneo na internet. Se Lena tivesse checado sua conta no Yahoo cinco minutos mais tarde, veria a notícia em destaque na página inicial do portal. Muitos relatos começavam com algo no estilo: “O pior pesadelo dos pais, multiplicado por quatro, acontece neste momento no condado de Westchester, ao norte da cidade de Nova York.” Blogueiros e leitores manifestavam compaixão, preocupação, revolta e muita confusão. As descrições das crianças e até fotos delas na escola (que não foram fornecidas por Lena e David) se espalharam pelos sites.

Na sala, Martin conversava com alguém que, supunha Lena, devia ser do FBI. Surpreendeu-se ao olhar para o relógio antigo da sala e ver que eram apenas 14h20. Parecia que havia passado muito mais tempo. Ela foi ao banheiro, sentou-se no vaso sem levantar a tampa e fechou os olhos. Queria recuperar o equilíbrio, voltar a agir de modo racional, como médica, e usar a pista vaga do e-mail para lidar com o problema, mas não conseguia concatenar as ideias. A palavra *onde* se repetia e se amplificava no banheiro, dando a impressão de ecoar, mesmo sem que ela a tenha pronunciado. Sarah poderia estar em qualquer lugar, pensou Lena. E a incerteza quase a fez vomitar.

David bateu na porta e perguntou se estava tudo bem. Ela disse que sim.

– Os outros pais vão aparecer na televisão a qualquer momento – disse ele.

Ela se levantou, olhou-se no espelho, viu que estava razoavelmente composta e foi para a sala. De pé ao lado de Martin, David assistia a um noticiário local. O repórter, na frente de uma mansão, com as águas da baía ao fundo, falava com o âncora do estúdio, confirmando que teriam uma entrevista ao vivo em seguida.

– Sabemos que o senhor John Walker fará um pronunciamento. Ele é vice-presidente executivo da divisão internacional do Citibank. Sabemos que ele não estava em casa hoje de manhã, quando seu filho foi apanhado pela van do acampamento, ou melhor, sequestrado. O senhor Walker pegou um avião em Berlim e cruzava o Atlântico quando... acho que ele vai sair agora.

A câmera se moveu do repórter para a tribuna instalada perto do acesso à casa. A família descia pelo caminho. Lena viu um senhor alto, negro, impecavelmente vestido, acompanhado de uma senhora num vestido conservador e discreto. Uma mulher branca desceu com eles, agitada e gesticulando para a imprensa. Parecia uma espécie de assessora. O homem se aproximou do microfone e, experiente, esperou até que fizessem silêncio.

– Farei uma breve declaração, mas não responderei a perguntas. Meu nome é John Walker. Nosso filho Franklin foi raptado esta manhã, junto com outras três crianças que também iam para o Acampamento Arno, depois de sermos enganados por um dos sequestradores que se passou por monitor. Trata-se de um ato de covardia indefensável, praticado por um ou mais indivíduos. Exigimos que os responsáveis por esse crime libertem nossos filhos imediatamente. Recebemos uma mensagem curta dos sequestradores, por e-mail. Solicitamos aos cidadãos deste país que passem à polícia qualquer informação que possam ter a respeito do paradeiro de nossas crianças. Obrigado.

Os repórteres fizeram várias perguntas a ele, que deu meia-volta e seguiu apressado pelo acesso, retornando para dentro da casa. Atento, David não tirava os olhos da televisão.

Martin, que falava ao telefone durante o pronunciamento, resmungou algo na linha e se afastou de Lena e David.

– Não me importa de quem ela é amiga, tire a relações-públicas do Citibank da casa e diga que não volte sem minha autorização. – Depois de ouvir a resposta, desligou e olhou para Lena, com um sorriso desapontado.

– Lamento, houve uma quebra de sigilo. Mais tarde conversarei com Walker a respeito disso. Vamos para lá daqui a uma hora. Todos os pais.

– Para quê? – O tom de voz de David era agudo, quase desafiador.

– Queremos reunir todos na mesma sala. Estão juntos nisso.

– Não estamos, nada. O tal do Walker nem nos consultou antes de fazer o pronunciamento.

– Isso foi um erro.

– Erro da parte de quem? – insistiu David. – Dele? Sua? Quer nos reunir numa sala para um interrogatório em grupo, certo?

– Ninguém está insinuando...

– Ah, não vem com essa! Em caso de sequestro vocês sempre suspeitam dos pais primeiro, depois dos parentes e amigos.

– Trata-se de um ponto de partida, mas...

– Então diga: o que você sabe?

– David! – Lena se assustou com a atitude do marido. Por que ele agredia o homem de olhos azuis meigos, o salvador?

– Faz apenas algumas horas. Não sabemos muita coisa.

– Ligue o computador. A divisão de Walker no Citibank está encrencada. Ele está sendo investigado por uma dessas agências reguladoras. Vai ver precisava desviar a atenção desses assuntos, queria algo que fizesse as pessoas terem empatia por ele.

– Vamos investigar isso, certamente...

– Ou Mike Williams, o megaempreiteiro. Como achou a van tão depressa? Muita gente tem feito essa pergunta.

– Ele tem muitos funcionários.

– E um mercado imobiliário em queda livre.

Martin fez um sinal indicando que David já falara o suficiente.

– Voltarei para apanhar vocês em cerca de meia hora. Nada de conversar com a imprensa. E, francamente, Sr. Trainor, em seu lugar eu desligaria o computador. –

Ele saiu antes que David pudesse responder. Lena fechou a porta e encarou o marido com frieza.

– De que adianta saber quem foi?

– Como assim?

– Eu quero saber onde Sarah está! Quero minha filha de volta.

– Eu também.

– Então concentre-se nisso. Esqueça os blogs que andou lendo e todo o resto.

– Como acha que vou conseguir fazer isso, me concentrar em Sarah? Meditando?

– Pode ser. Qualquer coisa, menos brincar de detetive.

Lena não aguentava mais. Saiu depressa da sala e foi para o quarto, onde viu o computador sobre a mesa piscar como se a chamasse. Irritada, desligou-o.



Mais tarde, quando saíram de casa com Martin, o calor sufocante do dia dera vez a um fim de tarde úmido, de cheiros agradáveis. O tipo de noite de verão que Lena apreciava, especialmente na rua em que moravam. Seguiram para a casa de Walker mais ou menos no mesmo horário que Lena costumava voltar do trabalho. Com frequência, ao descer do carro, ela dedicava alguns minutos para absorver a calma frondosa do bairro.

Agora, porém, o caos reinava. Apesar de ser mantido a distância pelas faixas amarelas de isolamento, o pessoal da imprensa apontava as lentes e gritava perguntas, o que fez Lena se sentir mais ainda como um alvo. Eles entraram no carro de Martin, que foi na frente com o motorista, e o automóvel abriu caminho, metro a metro, passando pela massa de repórteres. Alguns chegaram a perseguir o carro a pé.

Ao ver a vizinhança, o mundo exterior, Lena voltou a sentir um desespero profundo, como se o problema fosse grande demais para ela e não houvesse meio de enfrentá-lo. Sarah passara pela mesma rua com J.D. e mais uma vez Lena sentiu que a filha sumira no espaço sideral. Ela lutou contra o pânico que acompanhava pensamentos assim.

Quando o carro avançou um pouco mais, David apontou para algo lá fora e Lena olhou. Identificou um vizinho, alguém que sempre viam por ali, mas cujo nome ela desconhecia, de máquina fotográfica em punho, tirando retratos do carro. Mais do que os profissionais diante de sua casa, aquele amador a fez sentir a náusea de ser uma vítima célebre, a passageira de um desfile condenado. Com esforço, evitou olhar pela janela.

CHASE COLLINS CHEGOU AO HOSPITAL por volta do meio-dia e fez questão de ser notado nas horas que antecederam o fim de seu turno. Queria garantir que o horário registrado no relógio de ponto fosse confirmado pelos colegas e precisava que se lembrassem de sua presença naquela tarde. Quando as notícias do estranho sequestro de quatro crianças chegaram à lavanderia, ele tinha muito a dizer a respeito. Forneceu a sua superior imediata uma descrição bem detalhada do que faria aos sequestradores se topasse com eles um dia, com imagens que ela certamente recordaria caso fosse interrogada a respeito da presença dele no hospital naquele dia.

Mas Chase não se preocupava muito com a possibilidade de alguém ligá-lo ao sequestro. Estava apenas sendo cauteloso. Arrancou a peruca ao se afastar da van abandonada e seu cabelo quase na altura dos ombros evitaria que fosse reconhecido por aqueles a quem se apresentara como J.D. Chegou a imaginar que se dirigia a uma das vítimas, o empreiteiro importante, e conversava com ele, dava conselhos, chamava-o de Mike e ia embora sem ser reconhecido.

Quanto à sua ausência durante as quatro horas em que pegou as crianças e abandonou a van, não acreditava na possibilidade de alguém notá-la. Trabalhava na lavanderia do hospital e nunca havia muito serviço pela manhã. De fato, quando retornou, não encontrou nada para fazer até 13h30. O pior já tinha passado.

Assim que seu turno terminou, Chase subiu ao quarto andar do anexo, com um pacote vazio debaixo do braço para o caso de alguém vê-lo por ali. Seguiu até a ala vazia do andar e entrou na salinha no fim do corredor, usando a cópia da chave que fizera. Como sempre, o pequeno escritório estava impecável. Sem janelas, tinha um monitor de tela plana e um teclado em cima do balcão de fôrmica – seu posto de comando. Sentou-se, ansioso por ver se a mensagem programada havia sido transmitida. Na última hora, acrescentara o erro ortográfico em “ispertos”. Seu pai considerava isso desnecessário. Ele verificou, contente, que seu esforço para apagar os rastros digitais havia sido eficaz. Os relatórios dos servidores mostravam que foram realizadas diversas tentativas de localizar a origem da mensagem, sem sucesso.

Programou a segunda mensagem e as dúvidas sobre a sensatez daquela parte do esquema voltaram a atormentá-lo. Não entendia por que o pai insistira em incluir aquilo no plano, poderiam ter ido direto ao resgate. Chase pensou que tinha algo a ver com as informações fornecidas a eles pelo cliente, mas desconhecia o teor delas.

Antes de desligar o computador, limpou todos os traços de sua passagem por ali, como os intermediários instruíram, formatou o disco rígido, abriu uma nova conta de usuário com a identidade de outra pessoa que também trabalhava no hospital e desligou o sistema inteiro. Agora poderia enviar a mensagem final do computador de sua casa.

Quando deixou o anexo e foi para o estacionamento pegar o carro, o sol começava a baixar, sumindo por entre as árvores, e fazia muito calor para um fim de tarde daqueles. Imaginou que seu pai e as crianças já deviam ter alcançado seu destino, fosse qual fosse. Extasiado, seria capaz de socar alguma coisa, dar cambalhotas e gritar de alegria. Mas não queria chamar a atenção de ninguém. Em silêncio, repassou seu desempenho teatral daquela manhã. A operação inteira dependia de sua transformação, da capacidade de representar o personagem J.D., um rapaz gentil, sincero, um perfeito monitor de acampamento. Inspirou a criação num professor de educação física legal que tivera no ensino médio. A peruca, com cachos descontraindo, lembrava o corte de cabelo desse professor. Chase viu seu personagem entrar e sair da van, acalmar as ansiedades dos pais, mostrar como tratava bem as crianças.

Entrou no carro e foi para casa. Dirigindo na noite de Nova Jersey, teve uma visão de aonde tudo aquilo o levaria. Ele tinha talento. O sucesso na missão da manhã comprovara isso. Sempre achou que poderia ser ator, mas agora havia confirmado que era capaz de representar. Imaginou uma câmera cinematográfica bem ali, no banco da frente, a seu lado, com o diretor e a equipe acompanhando tudo, para registrar sua performance.

– Não se preocupe, meu caro, está tudo planejado – disse em voz alta, num fragmento de cena que considerou adequado ao momento. – Não se preocupe. – E permaneceu na pele do personagem ao longo de todo o trajeto para casa. Só o deixou de lado quando abriu a porta dos fundos e Jennifer, sua filha, de 2 anos e meio, correu para abraçá-lo.

Foi preciso atravessar mais um corredor de repórteres para que eles conseguissem chegar à casa de Walker. Outros carros estacionados na frente do pórtico mostraram a Martin que eles haviam chegado por último. Quando subiram os degraus de acesso, um policial de Larchmont que vigiava a porta os deixou entrar. Para Lena, até parecia que ingressariam num recanto sagrado, como membros de um clube exclusivo. A porta dava para um vestibulo, depois uma escada larga em espiral separava o hall da sala de estar à direita e do salão de banquetes à esquerda. Os casais, sentados em sofás e poltronas na sala de estar, foram recebidos pela Sra. Walker, que ainda vestia seus trajes clericais. Ela se apresentou como Sheila, simplesmente, e disse que lamentava conhecê-los naquelas circunstâncias. O marido John ficou atrás dela. Era mais alto do que aparentava na televisão. Tinha pele clara, cor de caramelo, e olhos cautelosos, que revelavam reserva e discernimento, o tipo de pessoa que David sempre achou antipática. Walker dava a impressão de ter ensaiado tudo, principalmente quando apertou a mão de Lena e de David ao convidá-los para sentar na sala.

John fez as apresentações como se comandasse uma reunião de executivos.

– Já conhecem os Rostenkowski, presumo. E esses são o Sr. e a Sra. Williams. Foram os funcionários dele que localizaram a van.

Mike Williams se aproximou deles com olhar altivo, parando um instante na frente de Lena para apertar a mão dela e depois cumprimentando David.

– Meu nome é Mike. Uma pena estarmos envolvidos nisso. – Ele recuou e a esposa deu um passo à frente. – Esta é Porfira. – Ela dava a impressão de ser tímida, mas a voz era afável e simpática com um sotaque leve.

– Podem me chamar de Po. Todo mundo me chama assim.

Lena tentou lembrar o que David dissera sobre Mike. Para ela, o empreiteiro transmitia calor e confiança. Olhou para o marido, com seu ar inexpressivo e reservado. Ele não conseguia ocultar o fato de que suspeitava de que um ou mais dos pais presentes haviam planejado o sequestro. Lena examinou o grupo e concluiu que, no mínimo, o marido estava exagerando.

Em seguida, eles escolheram os lugares, sentaram-se e o café foi oferecido aos Trainor por uma senhora com um sotaque diferente, que era a cozinheira ou a governanta. Martin conduziu a reunião sentado numa cadeira ao lado do sofá em que Mike se acomodou, tendo Lena na diagonal deles. Quando o investigador começou a falar, os olhos de Lena se detiveram em Mike. Imaginou que ele tivesse a sua idade. Mesmo assim, o cabelo dele já estava ficando meio grisalho. Usava calça jeans e camisa polo com o logotipo da empresa no peito. Enquanto ouvia, ela o observava, pensando que se pode saber muita coisa a respeito de alguém pelo modo como a pessoa absorve palavras e ideias. Mike parecia ponderado e respeitoso, aberto, disposto a avaliar tudo o que Martin dizia.

O empreiteiro ergueu os olhos de repente fixando-os nos de Lena, como se soubesse que ela o observava. Por algum motivo ela não se incomodou de ser surpreendida. Não desviou o olhar. Mike balançou a cabeça, sorridente, e a encarou também. “Vai dar tudo certo” parecia dizer com o olhar e só quando Lena captou a mensagem ele voltou a atenção a Martin.

– Mandamos uma equipe ao acampamento para descobrir o que eles sabem, mas não esperamos obter boas pistas por lá. Supomos que os responsáveis por usar o acampamento como pretexto para o sequestro devem ter apagado os rastros. Mas nunca se sabe. Sempre me surpreendo com a negligência dos criminosos.

John Walker, que mostrava impaciência com o desenrolar da reunião, resmungava e se mexia no assento, inquieto.

– Bem, até o momento não vi nenhuma negligência, e sim uma operação muito precisa. Se minha cronologia estiver correta, eles pegaram o filho dos Williams na hora exata, talvez só um pouquinho depois da chegada dos monitores de verdade à casa dos Trainor. Se a Sra. Trainor e os motoristas tivessem percebido o golpe minutos antes, o pessoal de Williams poderia ter surpreendido os sequestradores, em vez de encontrar uma van vazia.

– Eu não acho... – começou David, mas Lena o interrompeu.

– Está querendo dizer que fui lenta ou negligente?

– Desculpe, não quis dizer isso. Só que eles calcularam muito bem o momento de agir.

Martin se levantou para voltar a falar.

– Certo. Já falei isto para os Trainor e para os Rostenkowski, mas gostaria de enfatizar um aspecto. O esquema funcionou porque nenhum de vocês tinha motivos para duvidar de que o motorista que chegou a suas casas não fosse do acampamento. Parecia um funcionário e agia feito um, portanto vocês só podiam presumir que fosse mesmo da equipe do acampamento.

– Eu devia ter levantado uma questão – disse Mike, olhando para o tapete. – Estranhei que um acampamento no estado de Nova York usasse van com placa de Nova Jersey, e ainda por cima placa de revendedor. No entanto, deduzi que provavelmente tivessem acabado de adquirir o veículo, ainda precisavam registrá-lo em Nova York e a loja de automóveis deixou que usassem a van para apanhar as crianças, mesmo sendo irregular. Puxa vida, eu devia ter perguntado. Talvez o merdinha caísse em contradição.

Uma sombra tomou conta do rosto franco e luminoso de Mike. Po levou a mão à perna dele e a acariciou, como se já tivesse ouvido aquilo antes e insistisse em mostrar que a reação dele fora compreensível. Phil rompeu o silêncio.

– Duvido que ele fosse cair em contradição. Ele era jovem, admito, mas já vi vários mentirosos de pouca idade. Ele não vacilou conosco, nem com as crianças. Na verdade, foi muito legal com elas, não foi, Janet?

A mulher fez que sim. David não conseguiu se conter.

– Você diz que ele foi legal e que mentia bem, mas tenho certeza de que os sujeitos por trás desse esquema sabiam uma porrada de coisas sobre nós e as crianças.

– Concordo – disse John Walker. – Aonde quer chegar?

– Só isso, sei lá, como uma coisa dessas pôde acontecer?

Nas entrelinhas da fala de David havia uma acusação, mas ninguém quis se referir a ela. Martin ia continuar quando a voz de Sheila Walker o impediu.

– Desculpem, mas não me sinto à vontade com linguagem vulgar. Sei que ouvimos palavrões aos montes na televisão e tudo mais. No entanto, peço que evitem falar assim aqui. Palavras como as que os senhores usaram me incomodam e, nas atuais circunstâncias, soam ainda pior. Espero que compreendam.

Mike pediu desculpas. David balançou a cabeça, endossando as palavras do outro. Martin torceu para não se esquecer disso e conseguir manter o nível em suas intervenções.

– Bem, que tal nos contarem tudo o que possa ser relevante em relação ao acampamento? Será que alguém, por exemplo, insistiu em buscar as crianças, em vez de deixar que vocês as levassem até lá?

Pelo jeito, ninguém tinha resposta para isso.

– Então, quer dizer que ninguém foi forçado a permitir que o filho fosse buscado? Não podemos dizer que fulano de tal, do acampamento, telefonou e disse que seria melhor mandar as crianças de van para lá, com os monitores?

– Acho que o folheto dizia algo a respeito de ser mais fácil para as crianças que participavam pela primeira vez se despedirem dos pais em casa e irem de van – disse Lena, hesitando um pouco antes de continuar –, em vez de serem levados pelos pais até o local.

– Não – disse Janet. – Não estava no panfleto. Fui eu quem disse isso. Passamos por momentos difíceis com Linda, na primeira vez em que a levamos até o acampamento. Por isso lhe sugeri que Sarah fosse de van. – Lena se surpreendeu ao ouvir as palavras de Janet, assumindo a responsabilidade, pois ela sempre colocava a culpa nos outros.

– Franklin tomou a decisão sozinho – disse John. – Ele mesmo tomou todas as providências. Só perguntou se estávamos dispostos a gastar 50 dólares a mais para o transporte.

Os outros pais ponderaram a respeito e compararam o comportamento de seus filhos ao de Franklin. Lena sentiu a reação de David sem precisar fitá-lo. A antipatia por John Walker provavelmente aumentara, pensou ela.

– Vamos ver o roteiro da van – sugeriu Martin, sentando-se de novo para consultar seu bloco de notas. – A ordem sofreu alguma alteração, depois de ter sido elaborada? – A questão deixou todos sem palavras. Janet olhou para Lena.

– Eles só informaram o horário a cada família. Quando eu soube que apanhariam Sarah antes de Linda, perguntei se você queria trocar, não foi, Lena? Ou será que só pensei em falar e não disse nada? Imaginei que seria mais fácil para Sarah se Linda já estivesse na van quando ela embarcasse.

– Não me lembro de você ter dito algo a respeito. – De fato, Lena pensara em sugerir a troca poucos dias antes da data marcada para a viagem, mas concluiu que estava muito em cima para mudar o combinado.

As ideias de Lena sofreram um apagão súbito e uma sensação difusa, inegável e ameaçadora tomou conta de sua mente. O rosto de sua avó surgiu e sumiu, provocando um choque. O que significava aquilo? O que acontecera? Lena respirou fundo, depois tirou da cabeça a visão, ou o que quer que fosse. Olhou em torno. Apenas Mike Williams parecia ter captado sua mudança repentina. O que havia ocorrido com ela?

Diversas pessoas entraram na casa durante a reunião, a maioria policiais fardados. A senhora obesa e o senhor latino que chegaram enquanto Martin terminava de falar não usavam uniforme e se comportavam como se fossem autoridades irrefutáveis. Martin se virou para conversar com eles em voz baixa, depois os apresentou ao grupo como “nossos amigos do FBI”. Lena, distraída, não entendeu seus nomes. Os dois acenaram rapidamente e foram examinar o computador de Walker.

Martin retomou a conversa sobre o acampamento, perguntando sobre procedimentos, regras, motivo para escolha pelos pais, indícios de problemas financeiros, monitores do ano anterior dos quais se lembravam e que poderiam ter tido acesso a informações confidenciais para usá-las em seu plano abominável. David achou que Martin estava sendo contraditório, pois começara dizendo que não suspeitavam do acampamento e logo passou a fazer todos os tipos de perguntas sobre o local. Deduziu que devia ser algum truque de investigador.

Lena olhava bastante para Mike e Po. Não falavam muito um com o outro, não se tocavam com frequência, mas ela percebeu que enfrentavam a crise juntos. À direita de Lena, David se sentara numa poltrona mais alta e, para ela, era como se ele estivesse a quilômetros de distância. Exceto pela atitude em relação aos Walker, não sabia o que ele estava pensando. Fazia muito tempo que ela deixara de saber o que se passava na cabeça do marido, que por sua vez pouco se importava com o que ela pensava. Lena olhou para o relógio sobre a mesa. Eram quase quatro horas. Se Sarah não tivesse sido sequestrada, será que ela e David teriam iniciado o esforço para vencer a distância que os separava? Ela sofria com a possibilidade perdida.

Martin encerrou a série de perguntas e quis saber se alguma questão ficara sem resposta. Phil perguntou sobre o resgate. Lena pensou que aquilo combinava com ele, pois os Rostenkowski viviam preocupados com finanças, promoções, aumento de preços.

– Vamos pagar o que pedirem, recusar, ou o quê?
– Melhor deixar isso de lado por enquanto. Não sei o que vai acontecer, o que os sequestradores pretendem exigir e o que os agentes federais planejam fazer. Se o procurarem, porém, não fale com a imprensa. Essa é a regra número um.

Todos entenderam que John Walker era o alvo daquele comentário. Ele ajeitou o corpo na poltrona e disse:
– Lamento, mas tenho obrigações perante os acionistas do banco. Também pertenço ao conselho de diversas organizações conhecidas. Pelo menos da minha parte, tenho que lidar com a imprensa nesta crise. Minha empresa está mais do que disposta a compartilhar recursos com vocês. De todo modo, espero que compreendam minha posição.

– E espero que compreendam, ou melhor, que sua companhia compreenda, que o assunto está nas mãos do delegado do condado de Westchester e do FBI. Qualquer iniciativa de sua equipe de relações públicas precisa primeiro de nossa aprovação. – Martin enfatizou a frase com uma batida leve no joelho.

– Com certeza farão isso.
– Certo, mas não foi o que aconteceu há pouco, quando deu sua declaração.
– Peço desculpas. Não acontecerá novamente.

Lena não acreditou na sinceridade das desculpas de John. Como trabalhava com pacientes de câncer de todos os setores e camadas da sociedade, aprendera a reconhecer quais seguiriam a dieta adequada ao tratamento e quais diziam que seguiriam, mas em geral não faziam isso. Incluiria John na segunda categoria, como executivo que não estava acostumado a receber ordens. David trocou um olhar com ela, como se soubesse o que pensava. “Olha só”, ele parecia dizer, “o sujeito pode ter armado tudo isso”.

Lena baixou os olhos. Pelo menos agora tinha uma ideia do que se passava na cabeça de David.
Encerraram a reunião marcando um encontro para a manhã seguinte, mas Sheila lembrou que era domingo e tinha obrigações com sua congregação. Transferiram a reunião para a parte da tarde e Martin disse “esperar que não fosse necessário”.

Enquanto aguardavam no vestibulo a chegada das viaturas policiais que abririam caminho, conversaram sobre amenidades. Os Rostenkowski estavam na porta, despedindo-se dos Walker, quando o agente hispânico veio da sala de jantar e sussurrou algo a Martin, que anunciou em voz alta:

– Esperem. Voltem. Parece que chegou outro e-mail. Por aqui.
Eles o seguiram até um escritório com três computadores em mesas diferentes. Os agentes do FBI se debruçavam sobre um deles. Os pais se reuniram em volta do segundo e começaram a ler. Pouco tempo depois, Mike rompeu o silêncio:
– Que merda é essa? – indagou e logo pediu desculpas a Sheila.
– Precisamos verificar a autenticidade da mensagem – disse Martin, olhando por baixo dos óculos de leitura.
O agente hispânico falou a todos:
– Não creio que haja dúvidas sobre a autenticidade. Todas as contas foram rastreadas.
– Rastreadas ou não, isso só pode ser uma piada! Não pode ser verdade – retrucou John, voltando-se para Sheila, que encarava a tela e ofegava.
Lena não entendeu a mensagem de primeira e leu mais uma vez.

PRIMEIRO PASSO. AMANHÃ DE MANHÃ, NO SERVIÇO DAS ONZE HORAS DA PRIMEIRA IGREJA PRESBITERIANA DE LARCHMONT, VOCÊS REALIZARÃO UMA COLETA PARA O FUNDO DE CONSTRUÇÃO DO TEMPLO. ARRECADEM PELO MENOS 25 MIL DÓLARES E PROVEM QUE CONSEGUIRAM, PARA QUE POSSAM AVANÇAR PARA O SEGUNDO PASSO. FALO SÉRIO.

Nenhum dos presentes acreditou que a mensagem fosse verdadeira. Devia ser apenas um trote cruel que passou pelos filtros, por melhores que fossem. Mas a mensagem era muito eficaz. Em vez de pedir algo para si, o autor exigia contribuição para uma instituição de caridade. Ao escolher a igreja de Sheila, tentou lançar suspeitas sobre uma das vítimas. Além disso, a ordem alfinetara mais um membro do grupo reunido em volta do notebook. A construtora de Mike Williams construiria a nova ala do templo, assim que a campanha de arrecadação de fundos terminasse.

– Esta vai para o livro dos recordes – comentou Martin, olhando para Sheila em seguida. – Suponho que vocês tenham um fundo de construção.
A mulher, profundamente incomodada, foi incisiva.
– Não vejo graça nenhuma nisso. Nem acredito que seja verdade. Mas, sim, temos um fundo de construção.
– E 25 mil dólares viriam a calhar, não é mesmo?
– O que quer dizer? – indagou Sheila, sem tentar esconder sua contrariedade.
– Quero dizer que estamos obviamente lidando com um sujeito doente, metido a engraçadinho, mas ele pode estar com nossos filhos. Isso não é um resgate. Que mal

pode haver em fazer a coleta?

- Jamais conseguiremos 25 mil dólares assim.
- Vamos conseguir, sim. – John falou num tom de voz que encerrava a discussão. Sheila o conhecia bem o bastante para saber que não deveria insistir. Os outros seguiram o exemplo dela.

Em silêncio, o grupo se dirigiu para a porta da frente. “Que tipo de gente sequestra nossos filhos, acaba com qualquer expectativa, faz gato e sapato da gente, estimula a incerteza e aumenta a angústia com relação ao destino das crianças?” era o que se perguntavam ao sair da casa. Lena desceu pelo caminho ao lado de Mike, em direção aos carros de polícia. Pararam quando a viatura estacionou e ela percebeu que gostaria de ouvir algo da parte dele, como se tivessem acabado de ver um filme ou uma peça difícil e precisasse da interpretação dele. Mike se voltou para ela, talvez por intuir sua necessidade, ou quem sabe por causa de sua própria desorientação, e notou seu olhar.

- Se pelo menos eu tivesse a porra do projeto. Odeio isso!

Lena entendeu. O sequestro fizera com que outra pessoa também não soubesse mais como agir com as questões do dia a dia. Alguém mais teria de descobrir um modo novo de aprender, resolver e perseverar sem os dados, as plantas e os treinamentos nos quais sempre confiara. Ela balançou a cabeça, mostrando-se solidária, contente por ele se sentir à vontade para usar linguagem vulgar em sua presença.



O detetive Martin se juntou a Lena e David quando eles já estavam dentro do carro, prontos para ir embora. Depois de percorrer umas duas quadras, ele se virou, mas só conseguiu ver Lena direito.

- O FBI quer examinar os computadores de vocês, caso não se importem.

Lena fez que sim, mas David resolveu contestar:

- Por quê? O monitoramento está sendo feito a partir dos servidores, não é?
- Não sei. Não entendo nada disso – disse Martin, incapaz de ver o rosto de David.
- Mas eu entendo. Trabalho com tecnologia e não gosto da ideia de o governo fuçar meu computador. Não é preciso um mandado de busca?

Martin esperou que ele se acalmasse, mas o silêncio tornou a atitude de David ainda mais suspeita. Lena o encarou, mas o marido prosseguiu:

- Acha que Walker e aquele banco desgraçado vão deixar alguém mexer nos computadores deles? Duvido muito.
- Acho que eles já... – Martin começou a dizer, mas David o interrompeu, reclamando e lamentando ao mesmo tempo:
- Aquela família – resmungou, olhando pela janela enquanto falava. – Por que diabos precisavam mandar o filhinho mimado para o acampamento? Se o moleque for mesmo do jeito que o pai o descreveu, Sarah vai ter um troço. E a dona pastora, por que não podemos dizer “merda” na frente dela? Assim que ela reclamou, senti vontade de gritar uns palavrões bem cabeludos. Nossos filhos foram sequestrados, cacete. E ninguém pode dizer *merda* nem *porra*?

Ele suspirou, sem encarar Lena. Martin o fitou para reforçar o que pretendia dizer com o olhar.

- Eles não levarão os computadores. Você pode acompanhar o serviço, se quiser.

Mais uma vez, Lena balançou a cabeça, autorizando a busca. David se calou.

Já estavam chegando em casa quando ela viu de relance a piscina num outro quintal, reluzente no crepúsculo, sem ninguém dentro. Observou a cena até a casa bloquear sua vista. Pela primeira vez desde o sequestro, recuperou uma imagem de Sarah que nada tinha a ver com a van, J.D. ou a partida da filha. Era uma lembrança do começo do verão, de quando foram a uma festa à beira da piscina organizada por um dos colegas de Lena que ia morar em outra cidade. Sarah conheceu algumas crianças e foi com elas mergulhar e saltar do pequeno trampolim, na parte mais funda. Lena, sentada ao lado da dona da casa, viu a filha saltar feito uma rã e agarrar o trampolim. Ia dizer que tomasse cuidado com as outras pessoas, mas, ao pensar nisso, Sarah olhou para ela e a brindou com o mais feliz dos sorrisos que Lena já vira no rosto da filha. A vitalidade da menina era impressionante, os bíceps emoldurando o corpo impecável. Lena notou que a filha conseguiria subir no trampolim, seria capaz de se lançar ao alto, atingir o espaço, as nuvens, o céu azul sobre suas cabeças. Quando os segundos do sorriso passaram, Lena e Sarah eram uma só, mãe e filha, inseparáveis, uma a extensão da outra.

A lembrança vívida esmaeceu rapidamente quando se aproximaram da casa e o carro percorreu o acesso com lentidão, abrindo caminho por entre o pessoal da imprensa. Lena sentiu ainda mais a ausência da filha. Ao descer do carro e percorrer o acesso até a porta ao lado de David e Martin, a perspectiva de entrar na casa e não encontrar a menina lá a atordoou. Sarah tinha de estar em casa. A cada passo Lena se convencia de que a filha *estava* lá, de que fora encontrada em segurança e agora esperava a chegada deles. Quase disse isso a David ao passar correndo por Martin. Seu cérebro transmitia a mensagem de que isso era impossível, mas seu coração disparado impedia qualquer raciocínio. Com certeza Sarah estava em casa. Então abriu a porta da rua e avançou pela escuridão da sala.

O Sr. EVERETT PERMANECERAM EM SILÊNCIO enquanto percorriam a via expressa, seguindo para o norte do estado de Nova York. No início, fizera uma brincadeira com as crianças: cada um escolhia um número e, quando ele dizia o número em voz alta, o indicado devia se abaixar no banco. Sarah perguntou por que precisavam fazer aquilo e o Sr. Everett respondeu que era divertido. Depois disse o número dela. Porém, quando o trânsito diminuiu, perto de Albany, o Sr. Everett desistiu do jogo e passou a dirigir sem falar nada.

Depois de Albany, na Northway, a picape enfrentou uma tempestade violenta, que dificultava a visão da pista. Relâmpagos em série iluminavam a estrada e os limpadores não conseguiam remover toda a água do para-brisa. O Sr. Everett reduziu a velocidade e inclinou o corpo para a frente, tentando não sair da pista. As crianças sentiram a tensão no ar. Tommy deu um pulo, assustado, quando um caminhão passou por eles e as rodas lançaram água na janela do carro. O menino respirou fundo e virou o rosto, então viu os olhos assustados de Linda fixos nos dele. Nenhum dos dois disse nada. Nem precisava.

A chuva parou de repente, como começara, e poucos quilômetros adiante o sol já brilhava outra vez. O Sr. Everett recostou no banco e desligou o limpador de para-brisa. Cinco minutos depois algo o assustou e ele gritou:

– Um, três, quatro! – Franklin, Tommy e Linda demoraram um segundo para entender o que ele queria, depois se abaixaram no banco.

Sarah observou os olhos do Sr. Everett no retrovisor, concentrados no carro que os ultrapassara. A menina identificou um tipo de viatura policial, talvez da polícia estadual.

Ao dizer que as crianças já podiam sentar de novo, o Sr. Everett percebeu o olhar de Sarah pelo retrovisor.

– Algum problema, Sarah? Você parece preocupada.

– Por que não vamos logo para o acampamento?

– Nós vamos, mas não agora. Planejamos uma viagem especial. Vocês deram sorte.

Franklin gaguejou:

– Duvido que meus pais tenham autorizado.

– Claro que não. Nenhum dos pais sabe. É surpresa! Acho que, a esta altura, alguém já entrou em contato com eles para informá-los. – Ele abriu um enorme sorriso e riu sozinho, espiando as crianças pelo espelho.

– Preciso ir ao banheiro – disse Tommy. O Sr. Everett não reagiu. Pelo jeito, não o escutara. Sarah interferiu.

– Tommy precisa ir ao banheiro.

– Você precisa ir ao banheiro? – perguntando o Sr. Everett, fechando a cara para o menino.

– Preciso.

– Tudo bem. Falta só meia hora. Dá para aguentar?

– Não sei.

– Ah, claro que dá. – Mais do que uma afirmação, a frase era uma ordem.

As crianças trocaram olhares furtivos. Conheciam aquele tom de voz, típico dos professores mais bravos. Mas não estavam na sala de aula e o sinal não ia tocar. Não sabiam como agir. Sarah olhou para os carros que passavam no sentido oposto. Queria estar num deles, não seguindo para o norte com o Sr. Everett.

Pegaram uma saída da Northway e seguiram por uma estrada de mão única mata adentro. O sol ainda alto fazia o local parecer quente e abafado fora da picape. O ar condicionado esfriava demais o interior do veículo. Sarah pensou em pedir ao Sr. Everett que aumentasse um pouco a temperatura, mas, por causa da má vontade em relação ao pedido de Tommy, preferiu não se arriscar a levar uma bronca semelhante.

Depois de seguir por alguns quilômetros, entraram numa estrada de cascalho que subia pela encosta íngreme. Seguiram por vários quilômetros, deixando a poeira para trás. As poucas casas que havia ali eram quadradas, afastadas da via, antiquadas sedes de fazenda. Pareciam desabitadas. Quando a via finalmente chegou a uma parte mais plana, as crianças viram ao longe, por um momento, os picos altos das montanhas Adirondack. A estrada mergulhou na mata densa e por um longo trecho prosseguiram na sombra das árvores frondosas. O Sr. Everett pisou fundo no freio quando deixou de virar numa curva, então deu marcha a ré e levou o veículo até um trecho de grama que não parecia ser uma estrada. Avançou uns 100 metros e parou. As crianças acompanharam seus movimentos quando ele desceu do carro e seguiu pela estradinha, esfregando os pés na grama para apagar as marcas dos pneus.

Quando ele entrou de novo no carro, Tommy surpreendeu as outras crianças ao dizer:

– Preciso muito ir ao banheiro.

– Tudo bem. Faltam só alguns minutos.

Não havia estrada adiante, apenas um caminho coberto de grama, ladeado por arbustos e vegetação rasteira. O Sr. Everett seguiu nele por um quilômetro e meio, virou à direita e estacionou o automóvel sob a densa copa dos pinheiros.

– Todo mundo para fora.

As crianças obedeceram, devagar. Linda ia murmurar algo para Sarah, mas o Sr. Everett abriu a porta lateral antes que ela pudesse falar.

– Desçam. Precisam passar repelente.

Quando estavam todos do lado de fora, o Sr. Everett mandou que tapassem os olhos e espalhou repelente dos pés à cabeça de cada um. Tommy insistiu que precisava ir ao banheiro e o Sr. Everett sugeriu que fosse no mato. Para o garoto, aquilo era novidade, mas, como não tinha alternativa, andou até uma moita e urinou atrás dela. As meninas ouviram o ruído e sentiram certo constrangimento, percebido pelo Sr. Everett.

– Calma, meninas. Estamos no meio do mato, agora. – Mas elas ficaram pensando no que fariam quando precisassem ir ao banheiro.

O Sr. Everett pediu que pegassem as duas sacolas de viagem e o seguissem. Levou uma mochila grande às costas e avançou por uma trilha quase invisível, pelo bosque dos pinheiros. Sarah apanhou uma das sacolas. Tommy, a outra.

O homem percorreu alguns metros e olhou para trás, vendo que Tommy, Sarah e Linda o seguiam, mas Franklin permanecia ao lado do automóvel.

– Ei, Franklin, vamos logo.

O garoto não saiu do lugar e balançou a cabeça negativamente. O Sr. Everett voltou até ele.

– Qual é o problema?

– Acho que não deveríamos fazer isso. Preciso da permissão de meus pais.

– Temos permissão. O acampamento não promoveria um passeio assim sem que eles tivessem concordado, não é?

– Mas eles não falaram nada sobre isso.

Dava para notar a impaciência do Sr. Everett.

– Já expliquei isso. Está tudo acertado. – Ele pegou o telefone celular na mochila, enquanto falava. – Quando chegarmos no chalé o sinal voltará e vocês poderão ligar para seus pais. Que tal?

Franklin olhou para o Sr. Everett e para as outras crianças. Pelo jeito, todos pretendiam obedecer. Franklin não queria ser deixado para trás, com certeza. Para dar ênfase, o homem ergueu o celular. O menino cedeu.

– Muito bem – disse o Sr. Everett, batendo de leve nas costas do menino e aproximando-o dos outros. – Bons meninos e meninas. Vamos lá. Caminhar um pouco para

chegar até o chalé.

- O que tem lá? – perguntou Sarah quando começaram a andar de novo.
- Natureza. Vida silvestre. Guardamos comida lá, também. O que gostariam de comer?

Ninguém respondeu por algum tempo, até Tommy se manifestar:

- Torrada com geleia.
- Isso não tem. E precisa de torradeira.
- Não precisa – retrucou Tommy. – Eu gosto de comer as torradas frias.

O Sr. Everett parou, contrariado com a ameaça de revolta das crianças.

– Torradas não fazem bem à saúde, por isso não trazemos. Vamos deixar esse assunto pra lá, está bem? – Ele virou e seguiu em frente. O peito de Tommy subia e descia, enquanto os outros olhavam para ele, solidários.

A trilha subia pela encosta rochosa e todos se concentraram na escalada, em silêncio. O caminho levou a um trecho mais plano, então eles chegaram a uma área aberta, de onde era possível ver as montanhas mais próximas. O Sr. Everett parou e baixou a mochila. Respirou fundo, com certo exagero, e virou a cabeça para trás.

– Sentem o aroma, meus jovens? Estão vendo como é lindo aqui? – Cansadas pela subida, as crianças nada disseram. – Eu falei que era lindo aqui em cima, não foi? – Todos balançaram a cabeça em concordância.

O homem tirou um pedaço de corda e quatro máscaras de dormir da mochila e deu uma a cada criança.

- Sabem, a localização do chalé é segredo, por isso vocês precisam usar vendas na parte final da trilha. Vamos lá, cada um coloca a sua.
- E como vamos andar com a vista tapada? – perguntou Sarah.
- Estão vendo esta corda? Segurem nela e eu guiarei vocês. Vai ser divertido.

Lentamente, as crianças obedeceram. Tommy e Linda encontraram dificuldade para segurar a corda, pois já carregavam as sacolas. Mesmo assim, conseguiram acompanhar o grupo. O Sr. Everett liderava e todos o seguiam segurando a corda com uma das mãos. Sarah se lembrou dos passeios curtos que dava na pré-escola, quando todos iam presos à corda puxada pela professora. Mas aquilo era diferente. Não vendavam crianças no jardim da infância.

Algumas centenas de metros adiante, o Sr. Everett fez com que andassem em círculos, seguissem pela esquerda, depois pela direita e retornassem, com o claro propósito de desorientá-los. Quando voltaram a andar em linha reta, Tommy, no fim da corda, pensava nas histórias sobre meninos perdidos na floresta. Passou a sacola para a mão que segurava a corda e abriu o zíper para pegar alguma coisa, tirou uma meia e a largou no chão. A voz do Sr. Everett o assustou.

- Puxa vida. Vocês são mesmo garotos de sorte.

As crianças tropeçavam muito, mas conseguiram percorrer o restante do trajeto sem cair. O Sr. Everett os elogiou. Sarah ouviu grilos no mato e sentiu o sol forte. Ela não via mais a sombra das árvores. O homem fez com que dessem mais voltas e depois mandou que parassem.

- Muito bem, tropa, chegamos. Hora de tirar as máscaras.

Ao tirá-las, viram-se numa pequena clareira rodeada de pinheiros e vegetação rasteira fechada. Um chalé precário, na verdade uma cabana construída com tábuas fustigadas pelas intempéries, se erguia na extremidade da clareira. Atrás da cabana ficava a casinha que servia de banheiro e mais parecia de brinquedo.

Linda começou a chorar e o tom de voz do Sr. Everett se tornou mais duro.

- O que foi? Qual é o problema?
- Não gosto daqui. Quero voltar.
- Voltar? Ah, não me venha com essa!

Ele puxou Linda pelo braço em direção ao chalé. A porta sem tranca se abriu e ele empurrou a garota para dentro, ordenando com um sinal que os outros o seguissem.

- Entrem. Aqui dentro é mais acolhedor.

Sarah acompanhou Tommy para dentro da cabana e sentiu o odor forte da madeira embotada. Demorou até seus olhos se ajustarem à escuridão e ela poder enxergar melhor. Na penumbra, percebeu que o espaço estava dividido em dois cômodos, com uma pia no canto do primeiro quarto, ao lado de um balcão pequeno e um isopor grande. Pela abertura da porta do outro quarto, ela viu colchões de solteiro no chão. Linda continuava chorando. Sarah a amparou, passando o braço em volta de seu ombro.

- Não gosto daqui – reclamou Linda, fungando, as lágrimas escorrendo pelo rosto.

O Sr. Everett ia dizer algo a Linda quando Franklin se manifestou:

- Você falou que poderíamos ligar para nossos pais quando chegássemos.
- Falei? Eu disse que talvez. Mas não adianta tentar, só no lagunho. Lá tem sinal. Querem conhecê-lo?

Linda parou de chorar. Imaginou uma lagoa rodeada de casas, como a de sua avó em Connecticut. O Sr. Everett pegou o celular na mochila e gesticulou para que o acompanhassem. Sorria enquanto a fila de crianças o acompanhava até o lagunho. Pronto, conseguira afastar as crianças de olhares inquisidores. Ninguém se revoltara. Lá em Westchester o plano provavelmente se desenrolava a contento. Podia relaxar um pouco. Mas se lembrou de algo e mandou o grupo parar.

- Esperem um pouco. Já volto.

Ele regressou ao chalé. As crianças trocaram olhares desconfiados. Tommy falou primeiro:

- Aham que ele trabalha mesmo no acampamento?
- Não. – Franklin, furioso, foi enfático.

Sarah e Linda trocaram um olhar. Não queriam acreditar naquilo. Se ele não era do acampamento, de onde era? A voz do homem fez todos se virarem.

- Atenção, sorriam.

Ele fazia um vídeo com a câmera digital. Sob o sol forte, não conseguia ver muita coisa na tela de LCD. Mas percebia que ninguém sorria. Tanto faz, pensou, melhor que pareçam sofrer quando os pais e o mundo virem as imagens. Ajustou o ângulo para obter um fundo bem neutro. Só vegetação genérica. Acionou a gravação do vídeo e registrou as presenças com uma panorâmica. Terminou e avaliou o resultado. Perfeito. Todos pareciam bem cuidados, mas nervosos e emburrados. Nenhum indício capaz de identificar o local. As crianças poderiam estar em qualquer lugar.

ERA QUASE UMA DA MANHÃ quando os agentes do FBI deixaram a casa. Passaram horas investigando os computadores e David acompanhou o trabalho de perto. Notou que não realizavam uma busca minuciosa, pelo jeito não sabiam muita coisa sobre pesquisa do disco rígido e recuperação de arquivos deletados. Intrigado, não sabia se eles queriam examinar os computadores ou se isso era apenas desculpa para avaliar o ambiente doméstico, sentir o clima, ver se ele ou Lena dariam algum sinal de serem culpados. Em certos momentos resolveu ajudá-los, mostrar alguns truques, só para evitar que pensassem que tinha algo a esconder. Não localizaram sua terceira conta de e-mail, porém, e David jamais a mostraria.

Durante as buscas, Lena esperou na sala e na cozinha, depois acompanhou os agentes até a porta, para se despedir. Ainda não sabia seus nomes e preferia o detetive Martin àqueles dois. Quando saíram e sumiram noite adentro, torceu para que David, que abria uma garrafa de vinho e a bebera praticamente sozinho, não quisesse conversar, apenas dormir. As vans das emissoras partiram, a rua ficou deserta, exceto pelo carro do delegado, estacionado com a luz interna acesa e dois policiais no banco da frente. Eles trocaram algumas palavras com os agentes do FBI, entraram na viatura e partiram.

Cigarras nos arbustos à direita da casa entoavam seu canto chiado. Lena fitou o acesso. A despedida matinal alvoroçada, embora tão normal e perfeita na aparência, ressurgiu em sua mente. Nas horas que passara sozinha, enquanto os agentes examinavam os computadores, evitara recordar as imagens da despedida e os impulsos ansiosos, tentando se convencer de que não estava sozinha, que Mike, um homem robusto e franco, também deixara que seu filho fosse levado. Ela repassou seus pensamentos, elevou-os a um plano superior, examinando como a mente pré-programada pode cometer enganos e entender errado. Mas teorizar sobre a situação equivalia a atravessar um rio traiçoeiro pulando pedras escorregadias. No meio do gramado, de frente para a cena do crime, ela não conseguia afastar os detalhes do sequestro: Sarah de olhos arregalados quando J.D. contou que havia atividades relacionadas ao futebol, o cheiro da van nova, o barulho seco da porta ao se fechar.

Então aconteceu de novo. Como se fosse uma presença física, o rosto da avó de Lena surgiu nas trevas. Ela recuou um passo. O espectro falou. Estava na cozinha em que Lena passara a infância. A avó assava biscoitos e conversava com ela. Era mãe de sua mãe – os netos a chamavam de Noonie –, e tinha um espírito forte e independente e os visitava todos os anos na Suécia. Lena devia ter a idade de Sarah, cerca de 9 anos, e sorvia ávida cada palavra dita pela avó querida.

– Preste atenção no que a Noonie fala: nunca use margarina, sempre prefira manteiga, entendeu? – Ou algo parecido. Vivia dando conselhos, criando regras. Sorria ao pegar a massa com as mãos enérgicas e moldá-la. – Este ano, se for ao aeroporto, não quero que me dê adeus como no ano passado. – Lena deve ter perguntado a razão, ou sua expressão se encarregou disso. – Porque eles não ensinam as coisas direito neste país. De onde eu venho a gente não acena para alguém que deseja ver novamente, alguém que vai voltar, como se estivesse espantando mosquito. De jeito nenhum. Preste atenção, Lena. Nunca dê adeus para uma pessoa querida. Entendeu?

Na escuridão do pórtico, Lena mal conseguia respirar. Teria dado adeus para Sarah? Em todos os detalhes da partida que martelavam sua cabeça, não havia registro disso. Mas Lena se lembrava do aeroporto de Estocolmo, quando Noonie seguia para o portão de embarque e a mãe, Sally, disse:

– Dê adeus para a vovó, Lena.

Mas ela se recusou e contou o que ouvira de Noonie, provocando risos na mãe, que não deu importância. Lena, porém, levou a ordem a sério e não conseguiu se lembrar do que havia feito nas horas anteriores. Olhou para o acesso, escuro e vazio, sem nenhuma pista. De repente a noite aconchegante se tornou fria e ela voltou para dentro de casa.

Encontrou David na cozinha, bebendo o que sobrara do vinho. Ele ofereceu, ela recusou. O marido explicou o que os agentes encontraram. Alegando cansaço, disse que ia dormir. Lena entendeu aquilo como um convite para acompanhá-lo, mas sabia que não poderia. Enquanto Sarah não voltasse, dormir parecia inimaginável. David, magoado, aproximou-se de taça na mão e com a expressão desolada.

– Vamos superar isso – disse ele, num tom quase sussurrado, embriagado pelo vinho, que Lena não suportava. Ela balançou a cabeça e lhe deu as costas. David esperou um pouco. Ela o imaginou meio sem equilíbrio, de olhos baixos. Depois ele saiu da cozinha.

Lá fora, a noite estava escura, de uma imobilidade cadavérica. Da rua, de repente, veio o som de uma risada masculina. Ela supôs que fossem policiais dentro da viatura – para eles tudo não passava de um turno como outro qualquer. Por instinto, consultou o relógio do micro-ondas e se deu conta de que já eram oito horas na Suécia. Podia ligar.

Sally, mãe de Lena, atendeu o telefone e demonstrou preocupação, pensando que teria alguma notícia. Lena disse que não havia novidades e Sally fez uma série de perguntas sobre como ela estava lidando com o caso. Lena respondeu, incomodada com a preocupação da mãe. Sally sempre fora um exemplo de desprendimento. Ao terminar a faculdade, correria para encontrar o namorado na Suécia, quando Richard tomou a difícil decisão de não servir ao exército. No período que passou lá e durante toda a vida de Lena, Sally cuidara de todo tipo de gente problemática, como outros desertores refugiados na Suécia, doentes mentais na assistência social, filhas em anos difíceis e, mais recentemente, a imensa comunidade de imigrantes árabes instalada no subúrbio de Estocolmo, onde residia. A dedicação de sua mãe aos outros levou Lena à medicina, mas também fez com que ela se sentisse inadequada em certos momentos. O altruísmo de Sally era incomparável.

– Recebemos duas mensagens... dos sequestradores – disse Lena, preferindo falar de fatos do que de seus sentimentos.

– Seu pai os chama de “filhos da puta desgraçados”. Já sabemos disso.

– Do quê?

– Das mensagens.

– Ainda não foram liberadas para a imprensa, mamãe.

– Vimos espalhadas pela internet, meu bem. Você não sabia?

– Não. Eu não consegui... O que saiu?

– Um monte de coisa. O caso despertou enorme interesse na Europa. Tem um vídeo de você e David entrando numa mansão em Larchmont.

– Eles nos pressionaram para manter segredo a respeito de tudo, aqui.

Sally passou a falar sueco, sempre fazia isso quando queria conversar em particular com as filhas. Richard apanhava do idioma, nunca se tornou realmente fluente, dependia do inglês e às vezes do francês para se virar.

– Quero que diga a seu pai, sem rodeios, que ele não pode ir até aí ficar com você. Ele está deixando Sylvie e eu malucas. Pretendemos pegar um avião amanhã, se o caso não for resolvido, e ele disse que também vai.

Lena respondeu em inglês.

– E de que adiantaria? Ele será preso assim que colocar os pés no país.

– Ele pretende ir ao Canadá e atravessar a fronteira ilegalmente.

– Quero falar com ele.

– Um momento, vou chamá-lo. Mas você quer que Sylvie e eu vamos, não é?

Na verdade, Lena não sabia como responder. Sim, queria que a mãe e a irmã estivessem presentes, mas, se viessem, isso significaria que Sarah continuava desaparecida. Pensar nessa possibilidade a arrepiou.

– Claro que sim. Mas eles logo encontrarão Sarah.

Sally voltou a falar inglês.

– Alguma pista?

– Não, mas ninguém consegue esconder quatro crianças por muito tempo.

O silêncio de Sally mostrou que Lena não fora convincente.

– Reservaremos as passagens e telefonaremos para confirmar se vamos ou não. Como David está reagindo?

– Está desolado. Nenhum de nós sabe o que fazer.

– Imagino. Fale com seu pai. Amo você, querida. Sylvie está mandando lembranças. Isso tudo é horrível, mas você sabe que pode contar com a gente.

Ela estava na cozinha, andando de um lado para outro com o telefone sem fio, quando teve necessidade de sentar na sala. De repente, sentiu-se esgotada. A voz do pai, forte e animada, parecia lhe transmitir energia.

– Oi, Lena. Alguma novidade?

– Não, pelo jeito vocês aí sabem mais do que nós aqui.

– Que história absurda é essa de fundo para construção?

– Não sabemos. Uma das mães é...

– Ministra da igreja. Sei. Mas o que os filhos da puta estão pretendendo? Além de injúria querem cometer insulto também? Meu Deus!

– Muito estranho, pai.

– E quanto à peruca?

– Que peruca?

– Um faxineiro que trabalha num dos prédios comerciais perto de onde a van foi abandonada achou uma peruca de cabelo cacheado. Não ouviu nada a respeito?

– Não.

– Acreditam que possa ter sido usada... pelo... desgraçado. Toda vez que penso nele, me dá vontade de arrebentar alguma coisa.

– Pai?

– O que foi, minha querida?

– Você não pode vir para cá.

Richard não falou nada por alguns segundos. Lena ouviu sua respiração do outro lado da linha e lembrou que ele sofrera um ataque de angina no ano anterior.

– Se não a encontrarem logo, será difícil para mim continuar aqui.

– Seu nome está na lista negra. Se tentar entrar no país, irá para a cadeia na mesma hora.

– Querida, para tudo tem um jeito. Deixa comigo.

– Mas papai...

– Como são os outros pais?

Richard tentava mudar de assunto e Lena respondeu à pergunta com uma descrição resumida dos outros casais. Quando chegou a Mike e Po Williams, disse que o homem a fazia se lembrar dele.

– Ele é um filho da mãe teimoso e encrenqueiro?

– Isso mesmo. Como um cão vira-lata. – Era uma brincadeira entre eles. Richard, embora tranquilo, considerava seu estilo paternal um tanto grosseiro, se comparado ao modo gentil com que a esposa tratava as filhas. A resposta de Lena, como sempre, dava a entender que ele falava bobagem.

– Puxa, eu gostaria de estar aí para abraçar você, minha querida.

– Eu também, papai. Preciso desligar, senão começarei a chorar. Pode me mandar por e-mail as notícias que receber aí? Como a nota a respeito da peruca?

– Claro, vou mandar agora mesmo. – Ele não queria desligar. – Temos um dinheirinho guardado aqui, sabe? E Sylvie o colocou numa boa aplicação. Se precisar, é só me avisar, está bem?

– Obrigado, papai. – Lena não queria pensar em detalhes como esse. Sabia que pediriam resgate, mas ela só queria saber se Sarah estava bem e quando voltaria para casa. Depois poderia entregar até o último centavo que tinha ou viria a ter.

Finalmente desligaram e Lena se deitou no sofá. O telefonema lhe trouxera de volta à realidade, como esperava, fazendo com que se lembrasse do mundo real e sólido no qual fora criada. O dia que acabava agora parecia tolerável e o futuro incerto, menos horripilante. Conseguiria dormir. Não seria uma fuga de seus deveres, e sim uma coisa boa. Não pensaria se havia acenado ou não. Outras pessoas, espalhadas pelo mundo, mantinham a vigília. O terror da palavra *onde* arrefeceu. Ela percebeu que podia deixar que os membros pesados e o cérebro confuso a levassem ao reino onde ninguém desaparecera, onde estavam todos juntos, unidos.

O ESTRONDO DE UM TROVÃO AVISOU que um temporal desabaria no condado de Westchester. A tempestade que passara pelo vale do Hudson, seguindo para noroeste, prometia ser rápida e devastadora, capaz de derrubar árvores e linhas elétricas. Entre as vítimas do sequestro, ela cairia primeiro na casa dos Williams. Mike, de pé desde as três da manhã, regressava de uma volta pelo condado. No fundo, não procurava as crianças. Precisava apenas sair um pouco de casa, se ocupar de alguma maneira. Quando entrava no acesso da residência com a van da empresa, viu o filho mais velho, Jack, empurrando a moto para dentro da garagem, a fim de protegê-la da chuva iminente.

Por um instante, Mike ficou observando aquele ato simples. Jack era atleta, disputava campeonatos regionais de futebol e basquete, além de jogar num time estadual. Po odiava a ideia de o filho ter uma moto, mas, como ele economizou para comprá-la, Mike convenceu a esposa a aceitar, argumentando que ele pilotava bem, tinha ótima coordenação motora e saberia lidar com qualquer situação. Agora, com o desaparecimento de Tommy, não sabia se queria ver Jack montado naquela moto novamente. Mike sabia que o filho voltaria para casa em breve, mas sabia também que seu desaparecimento o transformara. Seu filho, alto e musculoso, guardou a moto e virou a cabeça para ver por que o pai não saía do carro. Mike olhou pelo para-brisa e Jack, paralisado por seu olhar, teve a impressão assustadora de que o pai estava distante, muito distante. O que se passava na cabeça dele?

♦ ♦ ♦

Os primeiros pingos de chuva bateram nas janelas do escritório de Sheila Walker pouco depois. Ela havia dormido ali, no sofá, deitando e se levantando a noite inteira. No início da noite anterior conversara longamente com Tom Adams, ministro-assistente da igreja presbiteriana, garantindo a ele que teria condições de proferir o sermão planejado. No entanto, ela não tinha mais tanta certeza disso, depois de passar horas tentando pôr as palavras no papel. Tom disse que se prepararia e esperaria na lateral da nave, “caso não fosse possível”. Mas Sheila não aceitava abandonar o púlpito. Pensou em Abraão, quando Deus pôs as palavras em sua boca, pois ele não conseguia falar. Sentiu vontade de tentar algo que nunca fizera antes: proferir o sermão sem que houvesse um texto completo diante dela. No curso de teologia, como exercício na disciplina de homilética, ela fizera um sermão sem ter anotado nada antes, mas fora um desastre, e por isso ela sempre preparava o texto. Agora, pensou, este talvez seja o único meio de levar a palavra de Deus à congregação, naquela manhã chuvosa e cinza como ardósia: abrir a boca e não perder a esperança. Sua cabeça se abaixou durante a oração.

♦ ♦ ♦

Embora os trovões fizessem a casa tremer e os relâmpagos entrassem pela janela, Phil Rostenkowski teve dificuldade para acordar Janet. A mulher havia tomado um remédio para dormir na noite anterior, pois o coração batia com tanta força que ela achou que pularia para fora do peito. Ela estava presa num mundo entorpecido e Phil precisou sacudi-la, dizer que recebera um telefonema do detetive Martin, que passaria por ali em breve, para mostrar uma peruca que fora encontrada. Janet despertou subitamente do sono, apavorada, desorientada. Um trovão a fez gritar e Phil a abraçou, sentado na cama. Era a primeira vez que ele a abraçava assim em muito tempo. Era uma Janet diferente. Agora havia mais do que palavras, preocupações financeiras, listas de tarefas. Ela voltara a ser sua esposa.

♦ ♦ ♦

Lena sentiu o cheiro de café recém-preparado na cozinha antes de ouvir o barulho da chuva lá fora. Sabia que algo sombrio e ruim acontecera a ela recentemente, mas nos segundos que antecederam seu despertar pleno não conseguiu lembrar o que era. O delicioso aroma do café passado na hora significava que David já levantara e nada lhe acontecera. Parecia que ela estava machucada, talvez aleijada, como se tivesse perdido uma das pernas. Perda, isso mesmo. Aquela era a sensação de perda.

Então o mistério se resolveu num único golpe brutal, instantâneo, e o horror do sequestro tomou conta dela de novo. Uma rajada de chuva impulsionada pelo vento tamborilou na janela da sacada, fazendo Lena imaginar Sarah lá fora, ensopada pela tempestade, ou precariamente abrigada num prédio velho. O cheiro do café agora parecia horrível e o calor seco da casa era revoltante, uma proteção luxuosa com a qual sua filha não contava.

Ela se levantou, odiando-se por ter dormido durante a noite, baixado a guarda, esquecido por um instante. De pé, deu alguns passos sem direção. Parou, examinou o pedaço da cozinha onde se encontrava. O ombro desnudo de David aparecia perto da janela sobre a pia. Ele mexia o café. O ribombar de um trovão o assustou e o fez dar um pulo. Mas Lena absorveu o barulho como se o esperasse. No momento, seus pensamentos se voltavam para Sarah e nada poderia afastá-la da filha.

♦ ♦ ♦

O tal lagunho não era nada parecido com o que Linda imaginara. Era muito menor do que o lago em cuja margem a avó morava e ali não havia casas. A margem era barrenta e cheia de mato, o pequeno pier que avançava sobre a água parecia precário e oscilante. A própria água era escura, impenetrável.

– Não é o máximo? – gritou o Sr. Everett, abrindo os braços, embora soubesse que as crianças atrás dele, assustadas, não estavam nem um pouco animadas. Voltou-se para elas. – Eu nadava aqui quando era menino. Alguém se anima a dar um mergulho?

Ninguém respondeu. Sarah, que já se preocupara só de ver a água e ainda se agarrava à esperança de que o Sr. Everett trabalhasse no acampamento, arrepiou-se ao pensar que talvez seu teste de natação fosse realizado ali.

Antes que alguém pudesse dizer qualquer coisa, o Sr. Everett pegou Tommy e o colocou debaixo do braço como se fosse uma baguete, seguindo em direção ao pier. O garoto se debateu, mas o homem o segurou com firmeza.

– Quer dar um mergulho, Tommy?

– Não! Não!

O Sr. Everett andou até o fim do pier e balançou o menino, que continuava a se debater, fingindo que ia jogá-lo na água. No entanto, o homem perdeu o controle e o jogou de qualquer jeito no pier. Tommy se levantou.

– Minha nossa! Não faça isso – brigou o Sr. Everett.

O garoto voltou para perto dos outros, deixando o homem de cara amarrada. Franklin recuperou a voz antes dos demais.

– Podemos falar com nossos pais agora? – perguntou, incapaz de disfarçar o medo.

O Sr. Everett olhou para a água, como se não o tivesse escutado, e virou de repente, num efeito teatral.

– Prestem atenção, crianças, pois vai ser assim: o acampamento preparou esta pequena aventura para vocês, mas ninguém me avisou quanto tempo passaremos aqui. Pode ser apenas esta noite ou alguns dias. De qualquer maneira... eles só decidirão isso quando receberem notícias ou algo assim de seus pais. Depois que eles fizerem contato, vocês poderão ligar. Entenderam?

As crianças trocaram olhares. O Sr. Everett tirou o celular do bolso da calça, abriu, olhou para o aparelho intensamente e o virou um pouco para ver a tela. Na troca de olhares entre as crianças ocorreu a decisão tácita de deixar que Franklin falasse por eles novamente.

– Não. Eu não entendi. Por que não posso ligar para meus pais?

– Porque eu disse que não – retrucou o Sr. Everett, cansado da discussão. – Agora voltem para o chalé e fiquem quietos. Já vou subir.

Ele digitou um número enquanto percorria o pier oscilante, parou quando conseguiu completar a ligação e começou a falar em voz baixa. As crianças não ouviam o que ele dizia, por mais que se esforçassem para entender as palavras. O Sr. Everett desligou pouco depois e terminou de percorrer o pier com um enorme sorriso no rosto,

obviamente satisfeito com alguma coisa. Quando chegou perto das crianças, sua voz perdeu a rispidez.

– Certo, então. Vamos voltar, comer alguma coisa e arrumar as camas?

Sem esperar pela resposta, foi para o chalé caminhando pela grama alta. As crianças o seguiram, devagar. Ele parou e se virou para elas mais uma vez.

– Primeira lição de aventura na selva. Viram cobras por aqui? Não são venenosas. Não quero ver ninguém gritando e pulando se aparecer uma cobra. Gritar e pular no mato pode ser perigoso. Podem torcer o pé ou coisa pior. Ou atrair um urso. – Ele esperou até que a última frase fizesse efeito e então prosseguiu. – Porém, os ursos não são o pior problema. Só ursos pardos costumam viver por aqui e, a não ser que se esqueça comida à vista, eles não se metem com a gente. Mas, se começarem a gritar e pular, e eles tiverem filhotes, talvez se irrite e ataquem. Entenderam direitinho?

As crianças haviam entendido tudo direitinho, até o sorriso amplo que o Sr. Everett deu ao encerrar a última frase. Havia algo de muito errado, concluiu Sarah. O efeito do aviso, no caso dela, foi exatamente o que o Sr. Everett esperava: sentia medo, vontade de fugir, mas sabia que cairia numa armadilha, pois perdê-lo de vista era muito mais perigoso do que ficar com ele, que, graças à sua esperteza, praticamente obrigara as crianças a aceitá-lo como protetor. Os outros tiraram conclusões semelhantes. Quando o Sr. Everett se virou e caminhou em direção à cabana, todos o seguiram sem hesitar.

Quando a noite caiu na clareira, silenciosa, a escuridão da mata que os cercava parecia subir até o céu púrpura, que logo se tornou um domo negro pontilhado de estrelas. O Sr. Everett preparou cachorros-quentes e feijão enlatado, aquecendo tudo no fogareiro a gás do chalé. Mandou as crianças comerem do lado de fora, sentadas nas pedras espalhadas pela clareira. Falou sobre os iroqueses que viviam nas montanhas Adirondack e apontou algumas constelações que conhecia. Tommy foi o único a comer o feijão em lata que vazava pelos pratos de papel. O cachorro-quente tinha um gosto horrível. Um pio longo, feito um lamento, fez Linda se levantar aflita, mas o Sr. Everett gostou do som da ave, disse que lembrava sua infância. Um coro de cigarras logo encheu o espaço em volta do casebre.

Todos entraram depois que o Sr. Everett usou a lanterna para conferir se ninguém deixara restos de comida. Disse que qualquer migalha atrairia os ursos. Ao chegar no chalé, ele abriu um baú e tirou cobertores velhos, manchados. Disse que precisariam de cobertas, pois mais tarde faria muito frio. Mandou que todos lavassem as mãos e o rosto na pia, explicando que a água daquela torneira era a mais natural do mundo, água pura da fonte.

Ordenou que as crianças deitassem nos colchões espalhados pelo segundo quarto. Quando focalizou a lanterna em seus rostinhos, viu as expressões apavoradas emolduradas pelo facho ofuscante, como se realizasse a contagem dos detentos numa penitenciária.

– Não se preocupem, amanhã vamos nos divertir muito. Faremos uma caminhada. Que tal? – Ninguém respondeu. O Sr. Everett mirou o facho nos rostos assustados, um a um. – E então? Não acham legal fazer um passeio? – Eles resmungaram que sim, uma caminhada era uma boa ideia.

O homem deixou a porta aberta, mas as crianças só conseguiam ver uns cinco metros adiante de onde estavam. Queriam trocar impressões umas com as outras, mas não tinham coragem. O Sr. Everett, andando no outro quarto, acendeu um lampião de querosene. A fraca chama amarela bruxuleou, lançando sombras aracnídeas na parede do quarto.

A luz logo causou um efeito hipnótico e Tommy e Linda pegaram no sono. Sarah, ao ver os olhos de Linda bem fechados, rolou o corpo e deparou com Franklin, que a encarava. Não falou nada, nem tentou mover os lábios, mas seu olhar era bem expressivo. “Estamos numa encrenca enorme”, parecia dizer. “Um de nós precisa ficar acordado.” Revezando-se em turnos, os dois conseguiram montar guarda a noite inteira.

Durante um de seus momentos de vigília, Sarah viu o brilho de uma luz estranha vindo do canto do outro quarto. Engatinhou para fora da cama, debruçou-se sobre Linda e esticou o pescoço para ver além do batente da porta. A luz vinha de um notebook. O Sr. Everett estava debruçado sobre a pequena mesa onde pusera o computador e uma câmera digital, e a luz da tela iluminava seu rosto por baixo. Quando sentiu que alguém o espiava, virou lentamente a cabeça e encarou Sarah. A garota não desviou a vista. O olhar distante, indiferente do sujeito fez seus cabelos da nuca ficarem arrepiados, mas ela não sabia se ele olhava diretamente para ela, se podia perceber sua presença na penumbra, ou se fitava um futuro incerto, imprevisível, para tentar decifrar sua mensagem criptografada.

O FBI ASSUMIU O CONTROLE TOTAL da investigação, mas Martin continuou em cena, ajudando no que podia. Chegou à casa de Lena e David de manhã cedo, para mostrar a peruca encontrada na noite anterior. Levou também fotos de um policial parecido com a descrição de J.D. com a peruca. O policial ficava tão ridículo com os cachos abundantes que Lena não soube dizer com certeza se a peruca fora usada pelo sequestrador, se é que ele realmente havia usado uma. Em todas as imagens dele que guardara na memória, nenhuma sugeria o uso de peruca. Martin disse que havia fios de cabelo comprido presos ao forro, que ela podia ter sido usada por uma mulher e que a pericia estava fazendo vários testes.

Quando Martin perguntou se pretendiam ir à igreja, Lena respondeu que não sabia. David balançou a cabeça. Ela perguntou se os outros pais iriam e se acreditavam mesmo que conseguiriam arrecadar o valor necessário. Martin suspirou.

– Os Rostenkowski não vão. Não sei se falou com Janet esta manhã. Ela passou uma noite terrível. Phil teme que a mulher não aguentar, disse que ela chegou ao limite. Uma hora atrás ele mandou uma mensagem dizendo que não pretendem ir. Os Williams confirmaram presença, mas não levarão a filha pequena. E o Sr. Walker também vai. Ele pretende doar os 25 mil para o fundo de construção do templo. A quantia não deve ser muito alta para ele.

David e Lena trocaram olhares, antes de baixar a vista para o chão.

– Não posso ir – disse David finalmente, balançando a cabeça. – Vai ser uma palhaçada.

– Não permitiremos a presença da imprensa nas imediações da igreja. Os pais entrarão pelos fundos, pela rua Culpepper.

– Mesmo assim, aquilo vai virar um circo. Você sabe que os e-mails foram parar na internet. O pai de Lena ficou sabendo da peruca antes de nós. Isso é foda.

– Eu vou – disse Lena, olhando para Martin mesmo depois de David a encarar. – Não sou religiosa, mas... gostaria de ir. – Tomou uma decisão impulsiva, por não querer passar horas em casa sozinha com o marido.

– Eu não consigo, Lena – implorou David, como se aquela fosse uma decisão conjunta.

– Compreendo. Mas não me importo em ir sozinha.

Se Martin não estivesse ali, David a teria pressionado, perguntado o que as pessoas pensariam do fato de ela ir sem o marido. Na presença do policial, porém, ele teve de ficar e manter sua decisão. Sentia-se encurralado, como se a mulher o levasse a revelar seus pensamentos para depois puni-lo por eles. Neste aspecto ele chegou perto da verdade.

Martin levava três pastas de fotos e Lena passou meia hora examinando-as. Não viu nenhum rosto parecido com o de J.D., admitindo que após a metade da segunda pasta ela não conseguia mais se lembrar de como era o sequestrador. O investigador comentou que isso era normal. Fechou as pastas e disse que viriam buscá-la às 10h30. Uma brecha nas nuvens, sobre a casa, inundou subitamente a sala com a luz do sol ofuscante. Eles olharam pela janela e só então perceberam que as vans das emissoras de TV, com suas antenas, voltavam a cercá-los. Martin pegou o celular, digitou um número e perguntou se havia algum motivo especial para “aqueles repórteres desgraçados” estarem ali novamente. Recebeu a resposta, desligou o aparelho e dirigiu-se a David e Lena, que aguardavam ansiosos as novidades.

– Não tem mais nada de interessante acontecendo – explicou.



Depois que Martin saiu, David tentou conversar com Lena sobre sua decisão, mas ela disse que não estava com cabeça para discutir. Temia que uma conversa com o marido a levasse a perguntar por que ele não estivera em casa quando Sarah partiu, mas ainda não se sentia pronta para isso. Tomou uma ducha e a água a acalmou. Fez uma maquiagem leve, como a que usava para ir trabalhar, pois não queria dar a impressão de que estava exagerando de maneira imprópria. Escolheu um conjunto de calça e blazer para ir à igreja. Olhou seu reflexo no espelho grande do quarto. Nada diferia da aparência costumeira e isso a incomodou. Sabia que mudara completamente nas últimas 24 horas e mesmo assim sua imagem pouco se alterara. Como era possível?

Entrando na cozinha, começou a preparar ovos para o café da manhã, mas ao ver a gema endurecer na frigideira perdeu todo o apetite. Sentiu até náuseas e foi ao banheiro, mas o enjoo passou. Precisaria se obrigar a comer algo, e logo.

Ligou para os Rostenkowski e Paul atendeu. Ele chamou o pai e Lena perguntou a Phil sobre Janet.

– Não está nada bem – disse ele. – Passou uma noite terrível. – Não parecia disposto a entrar em detalhes.

– Posso ajudar em algo?

– Não, eu não... – E parou, não disse mais nada, apenas passou o fone para Janet. A voz dela, fraca, era quase inaudível.

– Lena?

– Oi, Janet. Teve uma noite daquelas, não foi?

– Não aguento mais. Não sei o que vou fazer. Tomei um remédio para dormir ontem, mas acordei mais ansiosa ainda.

– Quer um sedativo ou um ansiolítico? Posso telefonar para a farmácia.

– Talvez. – Lena ia dizer que poderia fornecer a receita, quando Janet começou a falar descontroladamente: – Deveriam ser dois. Eu conferi. Na noite passada. Nos e-mails do acampamento dizia claramente que haveria um motorista e um monitor na van. Por que não percebemos que havia algo suspeito, quando apenas um monitor apareceu?

– Duvido que fosse adiantar alguma coisa.

– Como não? Ele teria sido desmascarado e preso.

– Aposto que teria uma resposta pronta. Era um sujeito muito esperto. Planejou tudo com perfeição. Além disso, sabia que não pensaríamos em nada do gênero. Não sei quanto a você, mas eu me preocupei mais com o que acontecia a Sarah do que com o motorista. Janet, você não deve se culpar. Nenhum de nós cometeu erros.

– Isso tudo está me deixando louca. Não consigo parar de me recriminar. Sinto uma culpa enorme. Acho que vou morrer. É como daquela vez que fiquei internada no hospital e sofria de dores constantes. Não vai passar e não há nada que eu possa fazer para detê-la. – Lena notou que ela chorava ao dizer isso.

– Posso pedir um medicamento, vai ajudar. Qual farmácia costuma usar?

Janet respondeu e Lena já ia desligar quando a mãe de Linda acrescentou um comentário inesperado.

– Não confio naquele empreiteiro. Não posso provar nada, mas não gosto do jeito dele. Nem da mulher. Parece que ela está escondendo alguma coisa. Sabe o que eu quero dizer.

Lena não concordou nem discordou, disse que precisava sair e desligou. Pensou na conversa mais tarde, enquanto a levavam de carro para o culto religioso. Janet falara apenas de sua própria dor e culpa. Nem uma palavra sobre Linda. Depois, tentou lançar suspeitas sobre os Williams. As pessoas não mudam só por terem sido vítimas de um sequestro, pensou Lena.

O templo era um dos mais antigos de Larchmont, uma construção despojada com teto abobadado, vigas de madeira envernizada, voltada para o culto. Tinha 10 vitrais com cenas da vida de Jesus e um altar simples, baixo, no centro. O púlpito ficava na lateral. Lena entrou e se deu conta de que ignorava completamente os procedimentos. David, por outro lado, tinha alguma experiência com os rituais religiosos. Crescera numa família batista que o forçava a frequentar o culto dominical, além do serviço às quartas-feiras, até terminar o colegial. Lena participara de um grupo de adolescentes na igreja luterana sueca, mas os encontros eram basicamente sociais. Ali, todos pertenciam à congregação e conversavam animados. Um homem de cabelo branco e porte aristocrático aproximou-se para cumprimentá-la. Entregou-lhe um folheto e seguiu na direção dos Williams, que acabavam de chegar. Também não passou muito tempo com eles e manteve certo distanciamento. Mike viu Lena e se aproximou dela.

- Somos católicos. Você sabe como é o ritual daqui?
- Não faço ideia. Vejo que há pessoas para conduzi-lo até um lugar.
- Não quer ficar conosco? Juntos vamos descobrir como nos comportar.

Lena fez que sim com a cabeça e agradeceu com um sorriso. Po e Jack chegaram, Mike apresentou o filho a Lena. Disse que ela era médica, em seguida voltou-se para ela e falou que Jack pensava em fazer medicina. Lena resmungou um comentário do tipo “que bom”, notando que o rapaz estava constrangido. Como herdara a vivacidade do pai, saiu-se bem, dizendo que primeiro precisava cuidar de sua carreira no beisebol. A mãe lhe deu um soco de brincadeira. Lena pensou que o gesto havia sido um dos mais bonitos que já testemunhara entre mãe e filho. Aonde Janet pretendia chegar? Aquela família era perfeita.

Eles estavam sentados na parte da frente. Dois terços dos lugares do templo estavam ocupados. Quando Lena se acomodou no banco, uma voz feminina soou atrás dela, num sussurro:

- Todos nós lamentamos o ocorrido. Ficamos contentes por vocês terem vindo.

Lena virou o rosto e agradeceu com um movimento de cabeça. Evitou contato visual com os outros, enfiando a cara no folheto. Não havia menção da arrecadação nele, pois devia ter sido impresso antes do rapto, antes do e-mail enviado pelos sequestradores. Prova adicional disso era o tema do sermão do dia, pela reverenda Walker: “Dias Alegres de Verão”. Lena tinha certeza de que não seria aquela a homilia.

John Walker percorreu a nave parando praticamente em todos os bancos para cumprimentar os fiéis, receber mensagens solidárias e ser abraçado. Quando chegou ao banco de Mike, que se sentara na ponta, deu um show de camaradagem, que Mike retribuiu com elegância. Walker sentou na primeira fila, ao lado da nave, seu lugar de costume. Baixou a cabeça e assim permaneceu por longos minutos. Ergueu-a quando o órgão tocou a introdução do hino de abertura, levantando-se com o restante da congregação.

Longe de se sentir deslocada durante o serviço, Lena sentiu-se atraída pelo ritual, pela atuação do coro no fundo da igreja, que entrou cantando e se dividiu ao chegar ao altar, movendo-se para as laterais, onde os membros ocuparam bancos especiais, pelo movimento dos orientadores e diáconos que desempenhavam várias funções um tanto obscuras para ela.

A movimentação habitual, no entanto, não escondia a tensão que tomava conta do santuário no momento em que Sheila entrou e se sentou no altar com o ministro assistente. Lena, como todos os outros presentes, preocupava-se com a condição da mulher e se perguntava se ela conseguiria conduzir a cerimônia. Não trocara mais do que algumas palavras com Sheila, a quem considerara distante e desagradável no encontro do dia anterior, o que não a impediu de se solidarizar com a pastora pela difícil posição em que se encontrava, tendo de trabalhar com o público, desempenhar uma atividade que, obviamente, não podia deixar de realizar. Lena pensou no dia em que teria de voltar ao Mount Sinai se Sarah continuasse ausente. Mas seu trabalho era atender os pacientes um a um, não tinha nada a ver com se apresentar perante a congregação, como no caso de Sheila.

Tom Adams, o ministro assistente, conduziu as orações, a leitura do Antigo Testamento, o anúncio dos hinos e a prece da confissão. Depois da doxologia, na qual os Williams e Lena permaneceram calados enquanto todos em volta recitavam as preces, Adams disse que a congregação podia se sentar. Um gesto dirigido aos fundos da igreja fez com que os diáconos fossem até o altar e se distribuíssem na frente do ministro assistente. Ele apanhou os pratos de coleta numa plataforma e os distribuiu. Em seguida, dirigiu-se à congregação.

– Teremos hoje uma oferta especial para o fundo de construção do templo. Como sabem, chegamos quase à metade de nossa meta de 2 milhões de dólares. Pedimos que contribuam com generosidade. Como se trata de uma coleta para o fundo de construção, divulgaremos o total obtido assim que for somado.

Lena sentiu o rosto enrubescer. Não estava preparada para aquela situação, embora a coleta fosse a única razão para sua presença ali. Viu John Walker pôr um cheque no prato e se deu conta de que não havia levado seu talão nem tinha muito dinheiro. Revirou a bolsa, encontrando duas notas de 20 e três de 1 dólar. Pegou as de 20. Mike pegou o prato do diácono e o passou a Po, que o entregou a Lena. Ao colocar as notas de 20, viu uma variedade de cheques coloridos e muitos zeros no campo do valor. Sentiu-se horrível. Baixou a cabeça de tanto constrangimento.

Quando os diáconos voltaram e a congregação cantou, o diácono-chefe aproximou-se de Tom Adams e lhe entregou um pedaço de papel. Adams pegou os pratos e baixou a cabeça. Fez uma oração de agradecimento e, depois do “amém”, olhou para a congregação, ávida por notícias, pois a maioria dos presentes sabia o que estava em jogo.

- Agradeço a todos pela generosidade. Hoje conseguimos 48 mil dólares para a glória de Deus.

Lena pulou quando a congregação aplaudiu com entusiasmo. As lágrimas escorriam pelas faces enquanto as palmas prosseguiam, como uma muralha de desafio sonoro dirigida aos sequestradores e a seu e-mail detestável. Sentiu a mão de alguém tocar em seu ombro, por trás. Apreciava o calor do lugar e das pessoas. Uma frase de seu distante contato com os luteranos voltou a sua mente. Ela fora elevada.

Quando as palmas cessaram e as conversas no interior do templo foram se acabando, todos os olhos se voltaram para Sheila. Ela parecia menor, a cadeira de espaldar alto a engolindo. Olhava direto para John, sem se mexer no início, como se tivesse raízes ou lhe faltassem forças. Em seguida respirou fundo, levantou, seguiu até o púlpito sem textos ou anotações nas mãos. Pediu à congregação que baixasse a cabeça e orasse, entoando a prece ritual: “Que as palavras proferidas por minha boca e as meditações de meu coração sejam agradáveis a Ti, Senhor.” A congregação respondeu amém. Sheila precisou de uns 15 segundos para se recompor e começar a falar:

– Sinto falta de meu filho, Franklin, mais do que posso explicar. Há 24 horas, eu o coloquei numa van, certa de que estava seguro e que o veria outra vez daqui a duas semanas. Agora não sei onde ele está. Não sei quem toma conta dele, se é que há alguém. Não suporto imaginar o que pode estar acontecendo com ele, Tommy, Linda e Sarah. Desde o primeiro minuto em que soubemos do ocorrido, do modo como fomos iludidos, tenho orado para que tudo não passasse de um sonho ruim. Mas aqui estou eu e tudo é bem real. Hoje, por extrema ironia, eu pretendia falar sobre as alegrias do verão e do modo como a lembrança dessas alegrias pode trazer esperança a nossas vidas. Ainda sinto que devo dizer algo a respeito da esperança, mas não o que planejava originalmente.

Ela parou, imóvel, como se aguardasse algo, sem se mexer, sem se preocupar com o silêncio prolongado.

Lena sentiu a presença de David a seu lado, embora nada houvesse mudado no banco. Sentia sua inquietude em momentos assim. Melhor que não estivesse ali. Sheila finalmente recuperou a voz e retomou o sermão:

– Jamais voltarei a usar a palavra *esperança* sem a consciência de que ela se opõe a minha fé. Durante a vida inteira usei essa palavra inúmeras vezes e muitos foram reconfortados imensamente quando a empreguei. Mas agora sei algo que não sabia antes. Esperança e medo não passam de dois lados da mesma moeda. De uma moeda que não tem nenhuma relação com a verdadeira fé. Nas primeiras horas do sequestro de Franklin repeti muitas vezes, a mim, a John, a vários de vocês: “Minha esperança é que meu filho volte para casa em breve.” E, lá no fundo da alma, eu temia que algo horrível pudesse acontecer a ele. E a morte não era a pior possibilidade que eu imaginava. Orei, claro. E foi em resposta a essas preces que minha vida mudou irremediavelmente. A esperança, fui levada a entender, significava ansiedade em relação ao futuro, como o medo. Percebi que, ao ansiar por um desfecho, duvidava de Deus e de sua perfeição. Abraão, me dei conta, não levou Isaac para o alto da montanha esperando que Deus fosse mandar outra mensagem, alterando as ordens. Sua fé em Deus não permitia uma ansiedade tão superficial. Sua fé era tão profunda e sincera que ele confiava em seu Deus para deter sua mão, se fosse essa a Sua vontade, ou deixar que prosseguisse em sua terrível tarefa, caso Deus assim o exigisse. Não foi a esperança que livrou Isaac da faca na garganta. Foi a fé mais profunda que se pode imaginar.

Sheila fez uma pausa e depois prosseguiu:

– Não conto mais com a esperança para o retorno de Franklin em segurança. Coloquei toda a minha fé nas mãos de Deus, a quem servi a vida inteira. Se Franklin não voltar para nós, se algo acontecer, sofrerei até o fim dos meus dias. Sentirei falta de meu filho, um menino estudioso e muito sério, a cada vez que respirar. Mas estamos agora, e estaremos para sempre, unidos na fé, e o único modo de eu perder meu filho maravilhoso é permitir que essa fé seja trocada pela esperança e pelo medo. Fui conduzida pela mão e trazida a este lugar. Com a outra mão alcançarei todos vocês, e John, e o delicado corpo de Franklin, para pedir que me acompanhem, que encontrem a fé mais profunda em seus corações e que confiem nela por toda a eternidade.

Sheila virou e seguiu para a porta pela qual entrara. De repente o ritual do serviço se dissolveu. Tom Adams parecia perdido, mas após longos segundos de hesitação

ele pulou o hino final, ergueu as mãos, fechou os olhos e entoou:

– Que o Senhor esteja convosco. Que Ele lance sobre todos a luz de seu semblante e nos dê a paz. Amém.

A congregação, que normalmente conversava enquanto saía da igreja, ficou atordoadas, sem dizer nada.

Quatorze

QUANDO SAÍAM DO TEMPLO, MIKE se aproximou para falar com Lena.

– Deve ser coisa de protestante. Não captei. Ela quis dizer que devo abandonar a esperança?

Lena concordou com a cabeça, mas não desmereceu o sermão de Sheila. Ela invejou, isso sim, sua solução para o problema horrível que compartilhavam. Por um instante, Lena pensou que seria capaz de entender a abordagem nada científica da ministra. Mas, ao sair pelas portas escancaradas e sentir o sol forte, a ligação débil com a fé de Sheila se esvaiu.

A presença do detetive Martin a surpreendeu, ele subia os degraus para cumprimentar os Williams e puxá-los de lado.

– Chegou outro e-mail. Um vídeo das crianças. Todos parecem estar em segurança. – Martin olhou para Mike. – Suponho que prefiram ver as imagens em casa.

O empreiteiro se mostrou desconfiado:

– Por que veio até aqui?

– Para buscar Lena. E avisar...

– Espere. O que quer dizer isso? O vídeo. Por que não nos conta?

– Calma, Mike. Não é nada, confie em mim. É apenas um vídeo, nada mais. Não tire conclusões precipitadas.

– Tiro a conclusão que quiser e ponto final. O que o FBI falou a vocês, hein? Se receberam um vídeo, quer dizer que aconteceu alguma coisa com as crianças? O que estão escondendo, porra?

Martin não teve tempo de responder, pois John Walker se aproximou deles, desligando o celular.

– Soube que enviaram um vídeo. O que aparece nele?

– Como soube disso? – perguntou Martin. John, pelo jeito, não pretendia responder. – Bem, acabou de chegar. O FBI já começou a analisá-lo, com todos os recursos disponíveis. Vão para casa. Manteremos contato. Lena, vou levá-la.

Antes de seguir o investigador, Lena achou que ainda tinha algo a dizer a Mike. Ele havia levantado uma dúvida em relação a sua opinião imaculada sobre Martin. Ela sentia vontade de defender o detetive. Olhou para Mike com firmeza e disse:

– Não acredito que estejam querendo nos enganar.

– Espero que não – respondeu ele, enfatizando o “espero”. Mas Lena viu que estava descrente.

♦ ♦ ♦

Quando David e Martin acompanharam Lena até o quarto, o marido tentou explicar e definir para a mulher o que ela ia ver. Ela o interrompeu.

– Quero ver primeiro, David.

Lena tinha certeza de que veria a filha deitada em algum lugar, de olhos fechados. Entrou no modo à prova de choque, sangue gelado circulando nas veias, como aprendera a fazer na faculdade de medicina, quando era obrigada a ver cadáveres mutilados.

David clicou com o mouse e, em vez de crianças mortas, ela viu quatro pessoinhas muito vivas, franzindo a testa por causa do sol, emolduradas pelo verde de uma mata qualquer. Quando seus olhos se ajustaram à precariedade da imagem, ela viu Sarah, um pouco à frente dos outros, do lado esquerdo, calada.

– Sarah!

Lena sentiu a presença da filha e a chamou.

Tommy pronunciou palavras incompreensíveis. Sarah virou-se para ele e o vídeo acabou abruptamente. Lena queria mais. Nos poucos segundos de vídeo, fora sugada para dentro da tela e agora era arrancada de lá, da companhia da filha.

– O FBI disse que o pessoal do laboratório de imagens digitais de Washington vai examinar o vídeo detalhadamente. Já chamaram especialistas em botânica, disseram que a vegetação pode ser de qualquer lugar, desde um quintal até as Montanhas Rochosas do Canadá, ou até mais longe. Ou seja, não nos forneceu nenhuma pista. – Martin se mostrava mais contido e sensível do que antes. Lena registrou a mudança de comportamento, o tratamento mais gentil, e isso fez aumentar sua ansiedade. Quis assistir ao vídeo novamente.

Vendo o vídeo feito pelos sequestradores repetidas vezes, Lena encontrou alguma esperança nos movimentos da filha na clareira, com a mesma graça natural de que se lembrava nos vídeos caseiros. Porém, sua angústia aumentava a cada vez que via aquela cena. Imaginava a pessoa atrás da câmera, a quem as crianças, por alguns segundos, pareciam reagir. Os quatro estavam em pé, agrupados artificialmente, perto demais uns dos outros. Talvez para se protegerem, pensou Lena. Não manifestavam seu medo abertamente, mas aquele não era o posicionamento relaxado que crianças de 9 ou 10 anos costumavam adotar.

Só quando Martin, de pé atrás dela, mencionou a hora e a data, Lena se deu conta dos números no canto superior direito.

– Estamos tentando relacionar padrões climáticos da área, como a luz do sol, com o momento do vídeo, ângulo solar e outros dados. Um tiro no escuro, mas, como já se passaram mais de 24 horas, temos de fazer o máximo.

– O que as 24 horas têm a ver com o caso? – perguntou David.

– Nada, é só um modo de dizer.

Martin dera um fora e relutava em explicar que as chances de encontrar vítimas de sequestro diminuía muito depois do primeiro dia, caso os sequestradores não as libertassem. Mas não podia dizer isso. Lena e David entenderam e compartilharam a compreensão com um olhar.

Lena voltou a fitar o monitor do computador. A tela plana a encarava como um idiota que nada tinha a oferecer, exceto um sorriso estúpido. Não a aproximava de Sarah. Não era a solução que buscava desesperadamente. Estava a ponto de arrebentar o monitor, mas com esforço levantou e saiu.

♦ ♦ ♦

O vídeo em si não fora liberado para a imprensa, nem os sequestradores o divulgaram, mas à uma da tarde já circulava na internet. Surgiram comentaristas que disseminavam suas fantasias de vingança, especialistas oportunistas ostensivamente a favor das famílias ofereciam auxílio, mas queriam apenas aparecer. Políticos onipresentes na mídia davam suas opiniões e faziam orações e apelos grandiloquentes de ação.

Surpresa, Lena viu que nenhum dos pais, nem mesmo John Walker, dera declarações públicas sobre o vídeo até as quatro horas da tarde. Janet telefonara por volta das 15h30, para agradecer a Lena pela receita, dizendo que o ansiolítico ajudara muito e que não achava que as crianças no vídeo estivessem muito “assustadas”. A ideia simplesmente não ocorrera a Lena. Presumira que elas estavam “assustadas” e que qualquer indicação em contrário se devia à imagem bidimensional enganosa ou à capacidade de ocultarem seus medos.

Durante a tarde, Lena sentiu sonolência e o corpo pesado, como se fosse ficar doente. Tomou vitamina C, mas não acreditava que uma doença qualquer pudesse ser detida pelo remédio. Deitou-se numa espreguiçadeira no quintal, espantando o sono, embora cochilasse de vez em quando. Uma foto sua, tirada de longe por um desconhecido para o *Post*, saiu no jornal e foi parar na internet no dia seguinte. Lena parecia tranquila e mais de um comentarista considerou chocante que a mãe de uma criança sequestrada tomasse banho de sol no quintal enquanto a filha estava desaparecida. A imagem, claro, transmitia uma impressão mentirosa. Lena estava quase em pânico quando se deitou lá, tentando mais uma vez lembrar se acenara para a filha e se Sarah também dera adeus para ela.

Lena escutou David falando ao telefone várias vezes durante a tarde. Não sabia para quem ele ligava, nem quis saber. Ele não agiu às escondidas. Conversou com o irmão de Oklahoma e com um parceiro de golfe, mas fora isso ela não identificou quem era, nem se importava. Percebeu que as palavras dele eram sempre similares. Estava “atônito” e não tinha “a menor pista” de quem poderia ser responsável pelo sequestro. Seu único conforto era o fato de Sarah ser “uma garota durona”. Segundo ele, pelo vídeo dava para ver que ela estava aguentando o tranco. Mencionou a alguns que estavam querendo formar uma espécie de grupo de busca, mas tudo soava vago e vazio. Falava, percebeu Lena, para não ter de pensar, talvez para negar seus sentimentos.



Martin saiu e passou um bom tempo na rua. Voltou com os dois agentes do FBI. Lena os recebeu na porta e logo notou uma atitude diferente no detetive. Ele não a encarava. Apresentou os agentes outra vez e Lena, sabendo que poderia precisar deles, gravou os nomes: o hispânico se chamava Domingo, e a mulher obesa, Newmark.

O detetive quis conversar com David a sós. David, que viera da sala com o fone na orelha, ouviu a solicitação e quis saber o motivo. Martin disse que havia algumas perguntas que preferia fazer a ele sem que Lena estivesse presente. Ela não gostou daquela história, mas David disse à pessoa do outro lado da linha que precisava desligar e foi para o quarto com Martin e Domingo. Newmark ficou fazendo companhia a Lena. Ela tentou descobrir o que acontecia, mas a agente fingiu que não sabia e deu de ombros.

Depois de se sentarem, o agente hispânico assumiu o comando. Pediu a David que lhe contasse o que já dissera a Martin: onde estava quando Sarah foi sequestrada. O pai da menina repetiu que estava trabalhando. Domingo suspirou, cofiou o bigode farto e usou a pausa rápida para informar a David que não acreditava nele.

– Não se trata de um depoimento nem nada assim, Sr. Trainor. Mas é melhor que seja preciso nas informações que nos der.

– Mas foi isso, ligaram do trabalho e fui para lá.

– Para a Dell?

– Sim.

– Sr. Trainor, sabemos que foi demitido da Dell há 13 dias.

David respirou fundo, olhando para Martin e Domingo.

– Certo, mas... eu precisava terminar umas coisas, um projeto incompleto, e eles me chamaram para tratar disso.

– A companhia não tem nenhum registro do fato e ninguém de sua antiga divisão sabe nada sobre essa ligação nem sobre sua presença lá ontem. O senhor precisa ser sincero conosco.

David suspirou, olhou de novo para os policiais e concluiu que não dava mais para ocultar a verdade, balançando a cabeça.

– Eu não queria que minha esposa soubesse da demissão. Ainda não contei a ela. Me candidatei a outros empregos e ontem recebi a ligação de uma das empresas.

Queriam marcar uma entrevista no café da manhã. Disseram que precisavam contratar alguém imediatamente e que eu tinha que comparecer, ou perderia a vaga. Não podia contar a Lena aonde eu ia.

– Com quem era a entrevista? – perguntou Martin. Domingo surpreendeu-se com a interferência do detetive.

– Tricia Sands. Ela trabalha na sede da Kraft Foods, em Rye.

– Tem o número?

– Sim, claro. Não sei onde foi parar. Peguei o cartão de visitas.

– Ela telefonou da sede da empresa?

– Da sede? Sei lá. Marcou a entrevista e eu fui.

– Onde?

– Numa cafeteria de Tuckahoe. Esqueci o nome.

Domingo pigarreou, sinal para Martin não interferir, e fez a pergunta seguinte:

– Depois que a Srta. Sands telefonou, você ligou para ela?

– Não, creio que não. Eu ia encontrá-la, mas...

– Sr. Trainor, examinamos seu computador e permitiu o acesso aos registros de seu celular, lembra-se disso?

– Sim. – Os ombros de David caíram, mas sua fisionomia permanecia impassível.

– Confirmamos que recebeu um telefonema da Srta. Sands ontem. Da casa dela. Não foi a primeira vez que ela ligou para o senhor.

– Não. Certo. Ela e eu trocamos algumas palavras sobre o emprego.

– Há registros anteriores à sua... demissão. Dúzias de ligações para o número fixo e o celular dela.

– Será? Acho que eu estava procurando saber...

– Chega de enrolar, Sr. Trainor. Podemos interrogar a Srta. Sands a respeito, mas seria bem melhor se o senhor mesmo esclarecesse tudo.

David refletiu um pouco, olhou para o tapete, com as mãos escondendo o rosto. Ergueu os olhos quando sentiu que estava calmo e pronto para revelar tudo.

– Não acreditam que isso tenha algo a ver com Sarah e seu desaparecimento, não é?

– Não sabemos – respondeu Domingo. – Não sabemos o que é “isso”.

– Pelo jeito, já adivinharam. Tenho um caso com Tricia há uns quatro meses. Foi uma das razões para minha demissão. Meu chefe descobriu tudo. É um moralista filho da puta. Alegou que não queria gente de moral duvidosa trabalhando com ele. Disse que não contaria nada à minha mulher, mas me demitiu. Tricia e eu nos encontramos por acaso, num bar em Dallas. Estávamos na cidade para participar de convenções diferentes. Depois que fui demitido, ela começou a exigir muitas coisas. Em relação ao casamento. Sabia que Sarah ia para o acampamento e queria me ver. Prometi a Lena que passaríamos as duas semanas juntos. Ela... Tricia telefonou ontem de manhã e ameaçou contar a Lena sobre nosso caso. Eu precisava encontrá-la. Estava com Tricia quando recebi a ligação.

– Quando o recado foi deixado em sua caixa postal.

– Certo. Estávamos no meio de uma discussão, não ouvi o celular tocar.

– Onde foi esta discussão? – perguntou Domingo.

– Onde? Bem, pensei que vocês... no Holiday Inn de Yonkers. Ela fez a reserva.

– Ela parecia diferente, nervosa? Notou algo fora do comum?

– Não sei. Como disse, ficou exigente. Mas por quê...?

– Ela tirou o senhor daqui num momento crucial. Talvez tenha algo a ver com o sequestro.

David balançou a cabeça negativamente, mas Domingo já plantara a semente da dúvida.

– Teremos que interrogar a Srta. Sands – disse Domingos.

– E Lena? Vão contar a ela?

– Veremos.

David virou-se para pedir a Martin.

– Sei que pisei na bola. Mas será necessário contar a Lena sobre meu caso? Puxa vida! Já viram como tudo isso está sendo horrível para ela, para nós dois. Estamos distantes há algum tempo. Provavelmente foi por isso que eu... Bem, dá para segurar essa história por enquanto?

– Sr. Trainor, pelo que sei isso é problema seu – disse Martin, sem esperar a resposta de Domingo. – Se isso causar algum impacto na investigação do sequestro de

sua filha, então precisaremos falar com Lena e os outros a respeito. Pelo que sabemos até agora, porém, trata-se de uma questão particular entre o senhor e sua esposa.

– Certo.

– Bem, ela vai querer saber por que me interrogaram separadamente.

– Mais uma vez, é problema seu – retrucou Martin com voz firme e tom gelado. – Se tivesse nos contado a verdade desde o início, não precisaríamos interrogá-lo assim.

– Sei, mas...

– Vamos fazer o possível para sermos discretos. Mas os computadores conseguem passar coisas adiante e não podemos controlá-los.

David agradeceu aos policiais com um olhar. Domingo revelou a suspeita sobre Trícia, desconfiado de que ela poderia querer atingir David, sequestrando sua filha.

– Duvido muito que ela tenha feito uma coisa dessas – disse David, tentando se lembrar do comportamento da amante no dia anterior.

– E Lena? – perguntou Domingo. – Algo a respeito do comportamento recente de sua mulher poderia indicar que ela planejava este sequestro?

David olhou para Domingo e em seguida para Martin, viu que a pergunta era séria e disparou.

– Meu Deus, não! Que merda é essa? Entendo que suspeitem de mim, pois menti para vocês. Mas, minha nossa, Lena é uma santa. Não viram o efeito disso tudo nela?

– Francamente, Sr. Trainor – rebateu Domingo, preparado. – Notamos que ela mantém a compostura. Normalmente...

– Ela é médica! Lida com crises todos os dias. Está arrasada, podem acreditar. Só porque ela não se acaba de chorar nem fica jogada na cama não quer dizer que não esteja sofrendo.

Em vez de desculpas dos policiais, David recebeu olhares que indicavam suspeita, talvez pensassem que seu protesto fosse exagerado. Não se importava. Parte de suas dúvidas quanto ao casamento se dissolveram quando Domingo o interrogou sobre Lena. Amava sua energia contida e não permitiria que um investigador qualquer a atacasse por conta disso.

Lena e Newmark estavam na cozinha. Os 20 e poucos minutos que David passou no quarto sendo interrogado foram um tormento para sua mulher. Enquanto jogava conversa fora com a agente, tentava imaginar sobre o que os dois policiais falavam com David. Perguntou a Newmark pela segunda vez por que havia necessidade de interrogar o marido em separado, e a agente disse que não sabia, enquanto mascava chiclete. No início Lena pensou que havia alguma novidade no caso, uma notícia ruim com a qual não conseguiria lidar, por isso a pouparam. Mas ela ainda não demonstrara descontrole, pensou, e eles não pareciam preocupados com sua reação.

Os três policiais recusaram café e foram embora, deixando David e Lena a sós. Ela o encarou como quem diz “Conte tudo” e David soube que não lhe restava escolha senão contar sua história.

– Menti a respeito de ter ido trabalhar ontem...

– Eu já imaginava. Aonde você foi?

– Espere até eu terminar. Menti sobre o serviço porque não havia serviço nenhum. Fui despedido há duas semanas.

Lena foi pega de surpresa, tanto que o fez repetir tudo. Virou-se de costas para absorver as consequências da revelação.

– Queria arranjar outro emprego antes de lhe contar. Fiquei envergonhado. Recebi um convite para ir a uma entrevista ontem, no horário do café da manhã. Sabe, queriam que eu fosse e achei que precisava ir, mesmo perdendo a despedida de Sarah. Lamento, querida. Não deveria ter ido. Deveria ter contado a verdade. Principalmente à polícia.

– Mas.... – Lena tentava assimilar a notícia. Jamais imaginara aquela possibilidade. – Mas por que você... como... estão cortando pessoal? O que houve?

– Nada. Foi o Crocker. Nunca nos demos muito bem. O departamento cometeu alguns erros e ele os usou como desculpa para me demitir.

– Você não pode entrar com uma ação?

– Provavelmente, sim. Mas de que adiantaria?

– Sei lá. Por que não me contou?

– Já disse. Fiquei com vergonha.

– Vergonha! – gritou Lena, surpresa com a veemência inusitada e imediata. – Você deixou Sarah e eu para ir a uma entrevista de emprego e não teve sequer a decência de nos contar a verdade! – A raiva incontida era consequência das 24 horas que passara se controlando. Mas ela não pretendia parar.

– Eu pensei que estava sendo...

– Conseguiu o emprego?

– Como é?

– *Conseguiu o emprego?*

– Eu... ainda não sei. Acredito que não. Foi... – Ele parou de falar quando Lena se afastou, tomando fôlego para continuar a discussão. – Lamento – disse David debilmente, com vontade de se aproximar da mulher e abraçá-la, unir-se a ela pela primeira vez desde o sequestro. Quando ela virou para encará-lo outra vez, com os olhos brilhando, ele intuiu uma oportunidade. Chegou mais perto. Ela não saiu do lugar. – Assim que conseguir um emprego, contarei a você.

– Minha nossa, David. Não quero que você arranje um emprego. Pretendia dizer isso quando conversássemos, mais tarde. Puxa vida.

David viu lágrimas rolares pelo rosto dela. Aproximou-se da esposa instintivamente, e ela deixou que ele a abraçasse. Para ambos foi um choque, por um momento. “Aí está o meu marido”, pensou Lena. O David que desaparecera por meses, anos, o David que a fazia rir, que mostrava a ela que existia vida além do trabalho, que a apoiara num parto difícil, um homem carinhoso, vulnerável, que ela amara desde que tinham sido apresentados. Lena não conseguiu mais sufocar as lágrimas e afundou a cabeça no peito dele.

David sentiu que as mentiras esfarrapadas e a ansiedade paralisante dos últimos meses derretiam ao contato com o rosto e o corpo de Lena. Ele queria terminar a confissão, revelar o caso com Trícia e se livrar também daquele fardo. Mas percebeu que não adiantaria nada fazer isso agora, com as vans das emissoras do lado de fora, a filha em perigo, sabe-se Deus onde. Contar sobre seu caso amoroso só aumentaria a tensão. Queria tomar a decisão correta, não fazer besteiras, como vinha acontecendo nos últimos meses.

Lena recuou, enxugou os olhos e o encarou. Não disse nada, mas David reconheceu em sua expressão um impulso tácito de reconciliação. Beijou-a na testa e lembrou-se, com o coração subitamente apertado, de que beijara Sarah do mesmo jeito, quando se despediu. Sentia muita falta da filha, estava arrasado com a sensação de perda, mas não tinha culpa ou raiva.

– Eu queria tanto que ela voltasse – murmurou ele, para si mesmo e para Lena. A esposa suspirou e se afastou para evitar um acesso incontrolável de choro.

Eles se afastaram um pouco para absorver a intensidade do momento. David, imóvel, olhava fixamente para os veios da madeira da mesa da cozinha, quando a imagem de Trícia Sands invadiu sua mente. Ele a deixara na cama do quarto do motel, depois de contar que Sarah havia sido sequestrada. A ligação de Lena para dar a notícia o confundira completamente, por isso se esquecera da reação de Trícia. Mas agora, após os olhares e as perguntas de Domingo e Martin, lembrou-se de fragmentos do momento em que saíra correndo porta afora. Trícia o questionara quando disse que Sarah fora raptada, e a incredulidade que ela demonstrou não transparecia o choque esperado numa circunstância daquelas. Enquanto ele se vestia, ela ficou de joelhos na cama, sem se cobrir: as curvas dos quadris, os seios expostos, os pelos pubianos convidando-o a fazer amor de novo. “Ela não deveria ter ficado chocada?”, pensou David. “Estaria preparada para a notícia?” Claro, dissera a verdade ao declarar à polícia que Trícia seria incapaz de armar um plano intrincado como o que fora realizado por J.D. Entretanto, ela sem dúvida tinha motivos e o momento, reforçado pelas ameaças, fora perfeito. Talvez tivesse amigos que conheciam pessoas que poderiam raptar Sarah, dando assim uma lição em David por demorar em pedir o divórcio.

Em seguida veio o silêncio de Trícia, nenhum e-mail de solidariedade ou preocupação, nenhum recado. No início, ele sentira alívio, mas agora se perguntava se a falta de contato não seria uma pista. Ninguém sabia onde procurar Sarah. O que ele deveria fazer? Deveria primeiro confessar tudo a Lena? Fitou novamente seus olhos

castanho-claros calorosos, vendo-a de um jeito novo, como a mulher que lhe ensinara o que era o amor. Se Tricia estivesse por trás do sequestro, então David era responsável pela dor terrível que Lena sentia. A ideia o paralisou, embora tenha se esforçado para disfarçar isso com um sorriso desolado.

Lena, registrando apenas o sorriso, desfrutando a sensação de ter repousado a cabeça no ombro de David, acariciou o braço do marido e o beijou. Ainda não era a cura, pensou, mas a ferida fora medicada.

Quinze

SARAH ACORDOU COM O CROCTIAR distante de um corvo. A luz matinal chegava à cabana através da neblina que embaçara as janelas sujas. O pio, agudo e alarmado, dava a impressão de que o pássaro havia sido perturbado por alguém e fugira. Sarah imaginou que a mãe e o pai tinham assustado o corvo ao percorrer a trilha à procura da filha. Então, quando viu pelo canto do olho um rosto surgir na janela teve certeza de que era um de seus pais.

Ela se virou e deparou com o Sr. Everett, que vigiava o interior da cabana, protegendo os olhos com a mão para ver através do vidro. Ele não disse nada ao se afastar da janela. A realidade da situação se impôs a Sarah novamente quando ela olhou em torno e viu os três colegas dormindo nos colchões. Franklin, acordado, ainda repousava a cabeça sobre um cobertor dobrado, imóvel. Assumira o último turno de vigilância e se mantinha firme. Linda, enrolada no cobertor, a mão próxima ao rosto e o polegar numa posição que parecia que ela ia chupar o dedo. Tommy, de bruços, pernas abertas e braços estendidos, assemelhava-se a um anjinho virado para baixo, sobre o colchão manchado.

Sarah ouviu quando o Sr. Everett entrou no casebre para preparar o café da manhã. Pensou no último desjejum em casa, com o pai à mesa, a mãe entrando e saindo da cozinha, preparando tudo para o acampamento.

– Por que você não se sente um pouco? – dissera David a Lena quando ela voltou para a cozinha, mas não obteve resposta. Ele sorria para Sarah, que percebeu sua ansiedade, embora não soubesse a razão. Notava que o pai andava ansioso ultimamente, com o tom de voz baixo e sem fazer suas brincadeiras bobas.

– Pegou pilhas extras para a lanterna? – perguntou Lena. David olhou para ela, que havia percebido seu esquecimento.

– Não, mas posso dar uma corrida até...

– Não dá tempo.

– Claro que dá. Não demoro nem...

Sarah interrompeu os dois.

– Se a pilha acabar, posso comprar na cantina do acampamento.

Sarah lembrou que a mãe a olhara de modo estranho. Por quê? Irritara-se por a filha ter resolvido o problema de David? Ou havia algo mais? Difícil dizer atualmente, em relação aos pais. Quando estava sozinha com um deles, era tudo como antes. Mas conviver com os dois gerava momentos confusos como aquele.

O Sr. Everett atravessou a porta entre os dois quartos do chalé, interrompendo as recordações de Sarah, para ordenar que se levantassem. Tommy, assustado com a voz dele, virou-se rapidamente, piscando depressa e esfregando os olhos. Linda não se mexeu. Franklin sentou-se na cama. Enquanto o homem falava, Sarah sacudiu a amiga para que ela acordasse.

– Temos uma programação, pessoal – disse o homem, mantendo certa distância da porta enquanto as crianças levantavam. – Podem enrolar os cobertores. Duvido que sejam necessários esta noite.

– Como assim? – perguntou Tommy.

– Bem, acho que não vamos dormir aqui.

Ele não deixou brecha para outras perguntas e voltou para o fogareiro, onde uma frigideira chiava.

As crianças trocaram olhares, mas nada disseram. Sarah ouviu o corvo novamente, só que mais perto. Dessa vez não considerou isso um sinal de que seus pais estavam vindo salvá-la.

A neblina se dissipara quando as crianças terminaram de comer os ovos com bacon do café da manhã, preparados pelo Sr. Everett. Ele falou praticamente sem parar durante toda a refeição, outra vez feita com as crianças sentadas nas pedras.

– Vivemos num grande país, pessoal. Mas um homem com boas ideias não tem vez. Se o sujeito nasce com grana, não precisa pensar em nada pelo resto da vida. Basta aproveitar. No entanto, uma pessoa como eu, um crânio, alguém que sabe como as coisas funcionam e consegue resolver problemas, que apresenta soluções inventivas e inovadoras, fica a ver navios. Eu...

– A gente vai poder ir embora daqui logo? – interrompeu Franklin. O Sr. Everett fechou a cara, mas respondeu sem se alterar:

– Acho que sim. Logo que eu receber o sinal.

Antes de irem para a cama, na noite anterior, o Sr. Everett os levava para conhecer o banheiro. Linda olhou para o assento rústico de madeira e para o rolo de papel higiênico pequeno, que pelo jeito passara várias estações ali, pendurado num prego torto, e afirmou que jamais entraria naquele lugar. No entanto, depois do café da manhã, quando a vontade se tornou insuportável, ela pediu a Sarah que a acompanhasse até o banheiro, para ficar de guarda para ela.

A iniciativa abriu a porteira, por assim dizer, e todos acabaram indo na instalação precária. Quando o Sr. Everett perguntou, zombeteiro, se ela não era muito melhor do que “um toalete presunçoso”, Tommy respondeu que sim, pois “a gente não precisa dar descarga”. Os outros não mostraram o mesmo bom humor. De todo modo, a brincadeira os animou um pouco. O homem falou em partir, dando às crianças a esperança de que o desvio inesperado e desagradável estivesse para terminar. Logo seguiriam para o acampamento ou para casa, onde estariam em segurança.

O Sr. Everett, entusiasmado, preparou um lanche e os levou para passear. Desceram um barranco íngreme, atravessaram um riacho, subiram pela margem oposta e pegaram uma trilha que os conduziu até um pico com vista maravilhosa das montanhas Adirondack. Lá no alto batia um vento frio. O sol esquentava as pedras achatadas e, depois daquela caminhada, os sanduíches de mortadela com batatinha chips e Gatorade que receberam para o almoço pareceram deliciosos.

Ele abriu o celular, mas não havia nenhum sinal, o que abalou seu bom humor. As crianças notaram a mudança. No entanto, o Sr. Everett deu uma aula sobre a precariedade da cobertura da rede de celular, ressaltando que, de qualquer maneira, com certeza teriam sinal no laguinho. Começavam a descida quando Linda tropeçou numa raiz exposta e caiu, cortando a coxa acima do joelho e batendo o cotovelo com força. Ainda sentada onde caíra, ela chorou enquanto examinava o corte comprido na perna e a mancha roxa no braço. Sarah tentou acalmá-la. Os meninos recuaram, sem poder ajudar em nada. O Sr. Everett, que seguia um pouco adiante, voltou e avaliou os machucados.

– Levante-se. Vamos ver se você consegue andar.

Ainda chorosa, Linda se levantou com a ajuda de Sarah e do Sr. Everett. Um filete de sangue escorria do corte, cobrindo o joelho da menina. Ele a enxugou com um guardanapo, sem esconder sua contrariedade.

– Por que não olha por onde anda? Está no meio do mato, mocinha. Avisei que precisavam tomar muito cuidado.

Apesar da dor e das lágrimas, Linda o desafiou:

– Avisou coisa nenhuma! Não falou nada que era pra gente tomar cuidado!

O Sr. Everett lhe deu uma bofetada na cara, um gesto convincente que calou Linda e fez os outros recuarem. Sarah se recuperou primeiro.

– Não faça isso!

– Faço o que bem entender e vocês vão me obedecer. Agora, sigam em frente. Vamos, depressa!

Ele os empurrou para a trilha, tratando Linda rispidamente quando ela começou a mancear. Passou o tempo todo de mau humor, reclamando das crianças malcriadas de hoje, imitadas pelos pais, e como ficaria “contente pra caramba quando vocês fossem embora”. Os meninos, antes ressabiados, agora tremiam de medo. Caminhavam um atrás do outro e só podiam trocar olhares virando a cabeça. Depois que o Sr. Everett flagrou Tommy virando para falar com Franklin e deu uma bronca neles, porém, todos prosseguiram olhando para a frente.

Quando cruzaram o riacho, o Sr. Everett parou e fingiu não saber o caminho para a cabana.

– Alguém sabe por onde temos que ir a partir daqui? – As crianças olharam para o mato e para as árvores à frente, mas ninguém falou. Ele resmungou e seguiu pela esquerda. – Muito bem. Agora vocês sabem que não conseguem ir embora daqui sem a minha ajuda, certo? – Sem esperar pela resposta, seguiu adiante, pisando duro.

Quando chegaram ao chalé, no meio da tarde, o sol batia forte na clareira. A cabana, ainda fresca, recebeu as crianças cansadas, que deitaram nos colchões.

– Muito bem – disse o Sr. Everett. – Tirem uma soneca. Eu... – ele parou, pois avistou algo através da janela. Virou-se para as crianças e ordenou, com olhar severo: – Fiquem deitados nos colchões até eu voltar. Entenderam?

Elas fizeram que sim. Ele saiu, mas ninguém ousou se levantar do colchão.

Ao sair do chalé, o Sr. Everett se dirigiu a passos largos até a caminhante solitária que entrava na clareira. Vinte e poucos anos, de boné, baixa mas em ótima forma, carregando uma mochila grande. Ele a abordou com charme.

– Oi, tudo bem?

Seu sorriso era lindo.

– Tudo ótimo. Dia incrível, né?

– Com certeza. Veio dar um passeio?

– Isso, passar uns dias na floresta para desanuviar a cabeça. Mas acho que me perdi.

– Acha?

– Quero dizer, não estou perdida. Nasci na região. Cresci nestas matas. Mas este é um trecho difícil e pensei... Bem, nunca tinha visto esta cabana antes. É sua?

– Não. Tomo conta dela para um sujeito de Nova York. Está sozinha?

– Estou. – Ela sorriu de novo. – Já sei. O que uma mulher faz sozinha no meio do mato? Não se preocupe. Sei tomar conta de mim. Servi duas temporadas no Iraque. Não tem nada aqui capaz de me assustar.

O Sr. Everett ficou preocupado. Será que ela podia ver as crianças no chalé? Haveria sinais da presença deles por ali?

– Faz tempo que veio para cá?

– Vim ontem de manhã. Acampe em Potter’s Ridge na noite passada. De tarde, fiquei ensopada. Mas foi bom. Adoro a chuva, passei dois anos enterrada naquela areia desgraçada.

– E onde pretende passar a noite? – disparou o Sr. Everett, sem se importar nem um pouco com a empolgação da mulher com a chuva.

– Não sei. Importa-se se eu montar a barraca por aqui? Não vou incomodar.

– Não dá. O sujeito de Nova York não quer que ninguém entre aqui.

– Mas ele não precisa ficar sabendo.

– Ele costuma aparecer inesperadamente. Se a vir aqui, vai dar um escândalo e me demitir. Nem pensar.

A moça se surpreendeu com a resposta dele e seu olhar demonstrava isso.

– Você poderia me indicar algum lugar?

– Não faltam bons locais. Siga por ali, passe as bétulas que formam uma espécie de pórtico, desça um pouco e encontrará ótimos pontos para acampar, ao lado de um riacho.

– Certo – disse ela. – Mas não quero ir naquela direção. Não me levará de volta à estrada. Mas gostei da ideia do riacho. E prometi a mim mesma que seguiria meu instinto aqui.

– Certo. Aqui no mato tem que fazer isso mesmo. – Ele deu a entender a ela que era hora de partir, e a moça compreendeu o recado.

– Tudo bem. Obrigada. – Após uma olhada rápida para onde ficava a cabana, ela seguiu na direção que ele indicou.

O Sr. Everett esperou até que ela se afastasse, depois voltou ao chalé, repassando mentalmente o encontro. Ficou com uma impressão ruim. A idiota parecia toda cheia de si. Teria bisbilhotado antes, observado a cabana, visto as crianças? Resolveu segui-la. Acompanhou-a enquanto descia o declive. O que fazia ali? Tentava atrapalhar seus planos? Perdida, uma ova. Estava só disfarçando.

Avançou, escorregando nas folhas úmidas. Quando chegou a uns 50 metros, sem que ela ouvisse seus passos, pegou no chão uma pedra que cabia na mão e a escondeu atrás das costas. Então a chamou.

– Ei, moça, espere um pouco. – Ela se virou quando o Sr. Everett se aproximou. Abriu de novo o sorriso simpático e idiota. Precisava tirar aquele sorriso da cara dela.

– Acho que podemos dar um jeito.

Estavam a poucos metros um do outro, agora.

– Não, tudo bem. Eu entendo. Só...

Ele a surpreendeu de guarda baixa, bateu a pedra com força em sua face esquerda. Sentiu os ossos e os dentes dela se quebrarem e viu o sangue escorrer pela boca da mulher. No entanto, ela não caiu. Não fugiu. Furiosa, avançou inesperadamente para cima dele. Seu peso, aumentado pela mochila, fez o Sr. Everett cambalear alguns passos para trás. Ela chutou a canela dele com toda a força.

Ele a atacou de novo, mas ela apapou o golpe com o antebraço. Porém, precisou dar um passo à frente para se defender, e o Sr. Everett conseguiu agarrar a mochila, puxar a moça para perto de si e desferir uma pancada forte no alto da cabeça, com a pedra. Ela caiu de joelhos, como se implorasse, e não se ergueu mais.

Ofegante, o homem a empurrou para que tombasse, acertou-a mais três vezes e parou, exausto. Ela ficou caída, apoiada na mochila, inerte. Ele não conseguia raciocinar. Sua mão e a pedra estavam ensanguentadas. Havia sangue em sua camiseta, também. Precisava enterrar o corpo. Ou talvez fosse melhor deixá-la ali mesmo.

Pensou então nas crianças e se virou, como se estivessem no alto da encosta, observando. Não estavam. Sem olhar para trás, subiu o morro. Precisou parar no meio para recuperar o fôlego.

– Minha nossa – disse em voz alta para si mesmo. – Por que ela tinha de fazer isso? Eu estava quase terminando minha parte aqui. Por que não me deixou trabalhar em paz? – Examinou novamente a mão ensanguentada. Parecia pertencer a outra pessoa. Sua vista estava embaçada. – Ninguém passa por aqui. – Tentou recuperar o fôlego, diminuindo a marcha, falando sozinho. – A operação foi um sucesso. O pedido de resgate está a caminho. Vou levar as crianças de volta logo mais. Ligar para Chase e antecipar a descida. Sem problemas. O intermediário nunca precisa saber de nada. Está tudo certo.

Ele não ofegava mais quando chegou à cabana, mas sua visão continuava turva. Pegou o celular, chamou as crianças e ordenou que o seguissem. Não queria que encontrassem um cadáver.



Ninguém tinha visto nada. Quando Tommy criou coragem suficiente para espiar pela janela, encontrou a clareira deserta. Minutos depois o Sr. Everett voltou, entrou na cabana e mandou que o seguissem. Ele desceu pela trilha tão depressa que todos ficaram para trás.

O lago exalava um cheiro forte de água podre por causa do sol quente. O Sr. Everett andou pelo pier e se ajoelhou para lavar as mãos.

– Fiquem aí – ordenou, sentindo dificuldade para se levantar. – Depois que eu telefonar, vamos embora daqui. – As crianças franziam o nariz por causa do fedor, mas o homem sofria mais. Respirava com dificuldade enquanto caminhava pelo pier de tábuas irregulares e brancas feito ossos, de tão ressequidas.

Virou-se de costas para eles mais uma vez, enquanto telefonava. As crianças ouviram sua voz se elevar e depois baixar até se tornar inaudível. Gesticulava com a mão livre e parecia apertar o telefone com força contra o ouvido, pressionando o cotovelo nas costelas. Os meninos notaram algo estranho nele e continuaram a olhar, perplexos.

Ele ainda não havia terminado a ligação quando se virou com violência, quase caindo da doca, para gritar:

– Uma coisa que deu errado...

Sua mão livre subiu até o peito e puxou a camiseta. Depois levantou a mão que segurava o telefone e o aparelho voou sobre a água, caindo dentro do lago uns cinco metros adiante. O Sr. Everett dobrou o corpo para a frente como se estivesse jogando boliche, o tórax se aproximava do chão conforme as pernas arqueavam. Levou as duas mãos ao peito. Em seguida desabou sobre as tábuas podres do pier, batendo a testa com tanta força que uma delas rachou. Os braços se mantiveram na altura do peito, as pernas dobradas se debateram um pouco antes de pararem, abertas. Então não se mexeu mais.

Linda, a única a rir do espetáculo bizarro, assustou-se tanto quanto os outros quando ele caiu e permaneceu imóvel. As crianças esperaram um bom tempo, achando que o Sr. Everett ia levantar num salto, como os palhaços do circo que caíam, permaneciam um tempão deitados e depois ficavam de pé, sorridentes. Mas ele não se ergueu. As ondas fracas que formaram círculos concêntricos onde o celular caíra chegaram aos pilares do pier. Nada se movia no lago. Sarah finalmente rompeu o silêncio, gritando:

– Sr. Everett!

O eco de sua voz aumentou a estranheza do momento.

– Ele desmaiou – sussurrou Tommy, como se temesse acordá-lo caso falasse alto.

Os outros torceram para que o garoto tivesse razão. Ele precisava voltar a si para levá-los embora dali. Sarah gritou de novo.

– Sr. Everett! – E os outros a imitaram. Mas o corpo não se mexia, o galo na testa aos poucos ficava arroxeadado, os braços ainda dobrados sobre o peito.

– Ele teve um ataque cardíaco – atestou Franklin, finalmente.

Os outros refletiram sobre a frase. Tommy sabia que o avô sofrera um infarto na Costa Rica e sobrevivera. Linda sempre pensou que um ataque do coração era algo que o coração fazia com as outras pessoas. Sarah se recordava de ter estudado aquilo na aula de biologia, mas não recordava se causava um coágulo no cérebro ou entupimento das artérias. Assistira a um vídeo sobre primeiros socorros, mas ao ver o corpo estendido no sol não se lembrava de nada, exceto que devia socar o peito da vítima.

Os quatro desceram em silêncio na direção do pier, chamando o Sr. Everett pelo nome várias vezes.

– Precisamos fazer respiração boca a boca – disse Franklin com certa autoridade, embora nenhum deles se imaginasse fazendo isso.

Os meninos percorreram o pier com cautela. Sarah foi na frente e, quando pisou na tábua rachada pela cabeçada do Sr. Everett, ela terminou de quebrar, fazendo a menina recuar, com medo. O corpo do homem se mexeu um pouco quando a cabeça tombou para dentro do buraco. Ficaram um tempo sem saber o que fazer, apavorados com as tábuas podres sob os pés.

Sarah assumiu a liderança e os orientou. As crianças rodearam o corpo e se prepararam para rolar o Sr. Everett, para ele ficar de costas. Quando o ergueram, a cabeça já arroxeadada e arranhada virou de boca aberta para o lado de Linda. Ela gritou, largou o corpo e os outros a imitaram.

– Ele está morto! Ele morreu! – gritou Linda e saiu correndo do pier. Franklin o examinou de perto e confirmou a morte balançando a cabeça. Sarah recuou depressa e Franklin a acompanhou.

Tommy hesitou. Não tirava os olhos do cadáver. De onde estava, via apenas um pedacinho do rosto, a parte que ainda tinha cor de carne. Seu avô não morreria do coração. Talvez o Sr. Everett estivesse apenas inconsciente. Ele se lembrou da história: a avó trouxera o avô de volta à vida rezando para seu santo favorito. Mas Tommy não sabia o nome do santo nem a oração. Por isso ficou ali parado na frente do corpo e rezou para que sua avó o ajudasse.

Dezesseis

A LIGAÇÃO PARA CHASE COLLINS FOI abruptamente interrompida. Parecia que seu pai tentava dizer que havia algum problema com o sinal. Mas aquilo não tinha importância. Já haviam terminado. Chase recebera ordens para agir. Só precisava mandar a terceira mensagem agora e, a não ser que os pais fossem completos idiotas, o caso todo se encerraria em breve.

O pai de Chase o mataria se soubesse que ele atendeu o telefonema junto dos curiosos aglomerados do outro lado da rua, na frente da casa de David e Lena Trainor. Passara mais de uma hora ali, com a filha Jennifer a seu lado. Ele deveria ter levado a menina ao parque enquanto a esposa, Helene, acompanhava o outro filho, Hector, de 4 anos, a uma festinha de aniversário. Ao entrar no carro, contudo, pensou que a companhia da menina seria um ótimo disfarce e seguiu para a ponte George Washington sem hesitar.

A princípio, ficou empolgado por estar na cena de seu triunfo no dia anterior. Repassou mentalmente o diálogo com a mãe, a facilidade com que conquistara a confiança da menina, os olhares que as tranquilizaram, a partida calma. Uma pena que não tenha podido gravar tudo, teria um ótimo material para procurar trabalho como ator em Hollywood.

- Chase puxou conversa com um policial que se posicionara entre os curiosos e a imprensa.
- Com licença, seu guarda. Já sabem quem fez isso?
- Não sei. E se soubesse não diria a você.
- Sabe, ouvi dizer que um sujeito apareceu aqui, fingiu que era do acampamento, pegou a menina e caiu fora, né?
- É.
- Minha nossa. Como ninguém percebeu?
- O cara devia ser bom.

Chase pensou em ir embora depois de ouvir o elogio a seu desempenho. O que mais poderia almejar? Jennifer, que não tinha a menor ideia do que faziam ali, agarrou uma das pernas do pai e começou a cantarolar baixinho. Uma cinquentona parada ao lado de Chase apontou para a menina.

- Eu me lembro de Sarah quando ela tinha essa idade.
- Chase não reconheceu o nome imediatamente. Ele e o pai sempre se referiam às crianças como Alvo 1, Alvo 2, etc.
- A senhora é vizinha deles? – perguntou.

A mulher apontou para uma casa adiante, na mesma rua.

- Moramos aqui há 30 anos. Foi a pior coisa que aconteceu. A menina era tudo para eles. Pelo que sei, ela queria mais um filho, mas não conseguiu. Imagine, mesmo sendo médica ela não conseguiu engravidar. – Chase balançou a cabeça e a mulher prosseguiu: – Muito parecida com a sua, sabia? Uma linda menina. Uma graça.

Cinco minutos depois, o pai de Chase telefonou e o rapaz ficou contente. De repente, desejou que a história toda acabasse logo, que as crianças voltassem para casa. Depois do telefonema pegou Jennifer e seguiu rua abaixo, até onde estacionara o carro. Ela fez uma de suas brincadeiras, largando o corpo, com a cabeça em seu ombro, para fingir que dormia. Chase adorava carregá-la assim. Hector, seu filho, nunca fizera isso quando tinha a idade da irmã. O menino ia sempre ereto, alerta. Jennifer se entregava ao prazer do passeio e Chase se sentia mais próximo dela nesses momentos.

Ao voltar para casa, ele pensou em como teria sido passear no colo do pai, quando tinha a idade de Jennifer. Talvez ele não o carregasse nunca. Não sabia, nunca vira fotos suas no colo dele. Desde que se lembrava, o pai só pensava no trabalho, vivia mergulhado numa ideia, num plano ou esquema. O pai trabalhara num posto de gasolina durante anos, como frentista, mas não era nenhum puxa-saco. Perguntava aos clientes a quantidade, enchia o tanque, pegava o dinheiro ou passava o cartão de crédito e pronto.

- Eu vivia com a cabeça em outro lugar – dizia ele a Chase.

Seu pai acreditava que a vida conspirava contra ele, que sua carreira acadêmica – ele mal conseguiu terminar o curso médio – fora sabotada por professores cretinos que não perceberam sua genialidade, o que o forçou a se alistar no Exército. Suas sugestões para reestruturar o comando onde servia foram recebidas com zombarias por todos. Foi um dos raros soldados dispensados após cinco meses de serviço. Amargurado, ressentido, afastava as pessoas. Quando Chase tinha 13 anos, sua mãe foi embora, levando o filho mais velho. Mas Chase não arredou o pé. Queria continuar com o pai.

Acreditava obstinadamente nele e costumava acompanhá-lo em suas aventuras quixotescas, pressentindo que um dia encontrariam ouro, por assim dizer. Só porque seus inventos fracassavam – a bicicleta elétrica nunca funcionou, a bomba portátil para drenagem de charcos pesava demais e só três ou quatro homens conseguiriam transportá-la, etc. – não significava que Chase deixava de admirar um homem que o encantava com seus planos grandiosos. Mesmo depois de se casar e ter filhos, passava muito tempo com o pai, ouvindo suas histórias por horas a fio. Helene, sua esposa, não entendia tamanha atração, concluindo que era um vínculo excepcionalmente profundo entre pai e filho.

Chase não acreditou no pai quando ele disse que queria a ajuda dele para realizar um sequestro. Protestou, por conta da natureza criminoso do projeto, e disse que isso não se enquadrava no campo dos conhecimentos do pai, mas quando este começou a detalhar o que pretendia fazer, a ousadia e a genialidade do golpe atraíram Chase, do mesmo modo que outros esquemas, como trapacear na loteria estadual, o haviam atraído anteriormente. Desta vez, usariam as expectativas dos pais em relação à ida para o acampamento, levariam as crianças para um local distante, trabalhariam com redes de computadores protegidas por complexos sistemas de criptografia, deixariam que intermediários estrangeiros cuidassem do resgate, conduziriam toda a operação sem recorrer à violência. Nas palavras do pai, um golpe de mestre bastante viável. Chase pensou no caso durante um dia inteiro e resolveu aceitar a oferta para se responsabilizar pela parte inicial, a captura das crianças.

Quando chegou em casa com Jennifer, foi direto para o computador, que ficava na saleta de costura onde Helene trabalhava, e começou a enviar a terceira e última mensagem aos pais. Havia decidido que a enviaria de casa, para não correr o risco de ser visto usando o computador do hospital. Segundo seu pai, a codificação impediria a identificação do computador. Mesmo que o identificassem, o esquema fora tão bem bolado que pareceria que o computador de Chase fora invadido e operado remotamente, sem que ele soubesse.

Por ordem do pai, o protocolo dos códigos, com as normas para transferência dos dados, não ficaria registrado no computador, em vez disso seria anotado à mão numa caderneta. Chase guardou a caderneta com cuidado, no fundo falso de uma gaveta da cômoda. Sabia que era uma medida de segurança um tanto exagerada. Helene não era enxerida, não desconfiava de nada e nem em um milhão de anos revisitaria suas gavetas. Mesmo que a encontrasse, ele poderia driblar qualquer pergunta com facilidade. Ela nunca questionava o que Chase dizia, pensava ter um marido perfeito, sujeito brilhante e pai amoroso.

O protocolo exigia algum tempo. Como era processado em servidores diferentes, em diversos fusos horários, era bastante comum ter que esperar entre um passo e outro. Estava quase no último passo do protocolo, o que tornaria seu endereço de IP inescrutável, como os usados pela CIA. Quando essa parte do código fosse aplicada à cadeia de contatos entre servidor e cliente, não haveria praticamente nada que se pudesse fazer para identificar seu computador como parte da cadeia. No momento que ia executar o procedimento, Jennifer entrou no quarto.

- Annabelle tá dodói – disse a menina, erguendo a boneca de pano para mostrar ao pai o braço descosturado.
- Já vou ver, Jen.
- Agora, vê agora.

Ela se aproximou de Chase, que se preocupou com a possibilidade de a filha estragar a delicada operação que ele estava prestes a concluir. Levantou-se, pegou a menina no colo e a levou para a sala.

- Fique aqui, Jen, daqui a pouco venho ajudar você com a Annabelle.

– Não, papai, agora.

Chase virou e voltou para a salinha. Jennifer o seguiu com a boneca nos braços. Ele perdeu a calma.

– Saia, Jen. Agora!

A intensidade da ordem surpreendeu a menina, que começou a chorar. Ouviram a porta de um carro bater lá fora e Jennifer percebeu que a mãe voltara para casa. Saiu do quarto chorando, chamando por ela.

O coração de Chase disparou. Helene havia chegado mais cedo. Poderia simplesmente fechar a porta, ela nem perguntaria o que o marido estava fazendo lá, mas Jennifer chorava sem parar e ele precisaria explicar isso. Voltou ao computador. Encontrou as instruções na caderneta, tentou se concentrar nelas. Helene já estava dentro de casa. Ouviu sua voz enquanto ela falava com Jennifer. Hector também gritava. Chase olhou para a tela, certificou-se de que estava tudo em ordem para enviar e respirou fundo. Como fizera com todas as atividades relacionadas aos computadores naquele projeto, começou a contar até 10 antes de teclar enter. Ao chegar ao sete, ouviu os passos de Helene, aproximando-se da saleta. Apertou o enter.

– O que aconteceu com a Jen? – perguntou a mulher ao abrir a porta. Chase posicionou-se entre ela e o monitor.

– Nada. Eu estava aqui trabalhando e ela não queria esperar. Posso terminar isso aqui, só vai levar um minuto?

– Claro – disse Helene, saindo.

Chase voltou ao micro. O aviso de “mensagem enviada” piscava e ele sentiu-se realizado. Sua parte estava concluída. Ele se surpreendeu com o primeiro pensamento que lhe veio à mente, sobre o Alvo 1, Sarah, correndo pelo acesso até a casa dos pais. Só depois disso pensou no dinheiro que em breve “herdaria”.

Já ia fechar e guardar a caderneta quando um asterisco chamou sua atenção. Ficava no final de uma linha de código incompreensível que copiara no passo final da criptografia. Chase não se lembrava de ter digitado o asterisco. Repassou as etapas da codificação rapidamente, esperando que estivesse errado. Não estava. Deixara passar o asterisco.

Olhou para a tela outra vez. Poderia fazer alguma coisa? Daria tempo de cancelar o envio da mensagem? Examinou a tela, pesquisou o site e a lixeira. Consultou a caderneta. Caía sempre no aviso de “mensagem enviada”. Seu coração disparou. Papai. Precisava falar com ele. Pegou o celular e digitou. Concentrou-se nos toques. A voz do pai emitiu um conciso “deixe seu recado” na caixa postal e Chase sussurrou:

– Pintou um problema, pai. Ligue assim que receber o recado.

Sua mente vagava. Sabia que as mensagens circulavam depressa pelo mundo inteiro, mesmo as que eram enviadas com criptografia elaborada, como aquela. Os outros quatro tipos de codificação seriam suficientes? O pânico subiu do estômago à garganta. Se destruísse o computador, estaria protegido? O que Helene diria se ele jogasse o micro fora? Deveria compartilhar o que estava acontecendo com ela? Passou da certeza de que estava tudo dando certo para a noção angustiante de que o FBI já poderia estar atrás dele. Após alguns minutos, a incerteza se reduziu a uma única questão: deveria fugir?

LENA E DAVID USAVAM COMPUTADORES diferentes quando o e-mail chegou. Ela, no quarto de Sarah, matava o tempo examinando as mensagens, mas seus olhos mal se fixavam nas expressões “sentimos muito” e “não dá para imaginar o que vocês estão passando”. Quando viu o endereço já familiar surgir na tela, gritou e David veio correndo. O telefone tocou no mesmo instante.

– E-mail deles – disse Lena. – Atenda o telefone.

David deu uma espiada no e-mail antes de ir pegar o telefone.

– Um milhão...

Lena leu rapidamente: “FAÇAM A TRANSFERÊNCIA ELETRÔNICA DE UM MILHÃO DE DÓLARES PARA A CONTA ABAIXO E SEUS FILHOS SERÃO SOLTOS IMEDIATAMENTE.” Em seguida havia números de conta, de identificação e outros detalhes para depósito em um banco das ilhas Caymã.

David voltou ao quarto.

– É Martin. Queria saber se tínhamos recebido a mensagem.

– Pergunte se é um milhão de dólares por criança ou por todas juntas.

O marido obedeceu. Martin achava que era um milhão no total. David ouviu um pouco mais e desligou.

– Vão passar aqui para nos pegar dentro de uma hora. Marcaram uma reunião com o promotor federal no Hilton de Scarsdale.

Lena mal ouviu o que ele disse. As letras e os números do e-mail dançavam na frente dela, como num balé da boa notícia. Não trazia a violência de letras coladas numa folha de papel que se vê nos filmes ou se ouve falar em outros sequestros, com palavras recortadas de revistas. Aquela parecia uma transação simples, profissional. A solidez da solicitação a arrebatou. A essência da mensagem era informativa e concreta. Não deixava dúvidas a respeito do que fazer. Mande o dinheiro, receba Sarah de volta. Para Lena, agora a questão era física. A filha voltaria para casa. Já se sentia a abraçando novamente.

David, debruçado sobre a mulher para ler a mensagem, franziu a testa para a tela.

– Não entendo. Mesmo que seja num paraíso fiscal, não se pode proteger uma conta dessas. Se mandarmos o dinheiro, o FBI prenderá o titular da conta. Acha que isso é real? Poderia ser uma piada de mau gosto?

Lena nem considerara a possibilidade.

– Eles não marcariam uma reunião por causa de uma brincadeira.

– Certo... mas talvez seja melhor eu ligar para ele.

– Não, vamos saber durante a reunião. – Lena queria muito que fosse uma mensagem real. Não queria que seu entusiasmo arrefecesse por suspeita de trote. Talvez não aguentasse o impacto.

De repente, sentiu fome. Seu corpo pedia energia para o que estava por vir. Foi até a cozinha, mas a única coisa que encontrou foi granola. Comeu uma tigela. David tomou uma cerveja. Os dois passaram a hora seguinte inquietos. Repassaram os valores que dispunham em contas bancárias, extratos de investimentos e da hipoteca. Se Martin tivesse razão e um milhão fosse o valor que precisariam levantar juntos, cada família teria de providenciar um quarto do total. Após alguns minutos de cálculos, confirmaram que poderiam dispor dessa quantia, e até mais. Só não sabiam em quanto tempo.

♦ ♦ ♦

A imprensa compareceu em peso à frente do Hilton de Scarsdale. Policiais militares estaduais desviavam o trânsito, os carros com os pais passaram direto pela barreira, parando na entrada do hotel como se fossem uma caravana de participantes de uma reunião de cúpula internacional. David e Lena foram conduzidos ao saguão e subiram pelos elevadores dos fundos. Phil e Janet Rostenkowski já os esperavam. A mulher parecia ter envelhecido uma década nas últimas 24 horas. Phil, totalmente perdido, mantinha-se a seu lado e mal cumprimentou David e Lena com um movimento da cabeça. Lena aproximou-se de Janet para abraçá-la.

– Oi – disse Lena. – Como vai?

Janet balançou a cabeça, mas não falou nada. Lena perguntou a si mesma se oferecer a receita para o remédio fora uma boa ideia. Ela obviamente tomara algum medicamento. Seus olhos reumosos e fora de foco não deixavam dúvida.

Quando a porta do elevador se abriu, Mike e Po Williams foram ao encontro deles. Mike era o oposto de Janet – alerta, enérgico, disposto. Lena achou que reagira como ela ao pedido de resgate. Ninguém disse nada quando entraram no elevador, mas Lena sentiu a presença positiva de Mike e sorriu para ele, que retribuiu.

Chegaram ao último andar, a porta se abriu e um policial militar indicou com um gesto que deveriam seguir para a esquerda. A porta dupla no fim do corredor dava para um salão de banquetes com paredes envidraçadas. Pelas janelas era possível ver o topo das árvores e o pôr do sol sem nuvens no condado de Westchester. Subitamente, Lena se deu conta de que já tinha estado naquele lugar, no bar mitzvah do filho de uma de suas colegas. O evento tivera como tema uma história em quadrinhos e a festa havia acabado com uma guerra de confete e serpentina.

Uma senhora que devia ter 40 anos mas esforçava-se visivelmente para passar por 30 aproximou-se deles, saindo da multidão reunida em torno de uma mesa em forma de ferradura no centro do salão. Seu cabelo era laqueado, o rosto reluzia de maquiagem e ela usava uma blusa justa decotada que destacava seios impressionantes sob o tailleur.

– Olá, sou Lynn Witherspoon – disse, apertando as mãos, como se esperasse que todos a conhecessem apenas pelo nome. – Por favor, sentem-se. – Ela se voltou aos outros: – Podemos começar, agora? – Lena deduziu que a mulher devia ser a responsável pela organização do encontro.

Porém, quando sentaram à mesa, com as famílias alinhadas de um lado e Martin, Domingo, Newmark e alguns homens de terno do outro, Lynn se levantou e se dirigiu a todos.

– Em nome do promotor público federal do distrito sul de Nova York, eu lhe dou as boas-vindas. Lamento que tenhamos nos conhecido nestas circunstâncias, mas...

– Com licença. Quem é você? – perguntou Mike.

A mulher deixou transparecer certa mágoa pela pergunta.

– Sou a promotora federal assistente responsável pelo caso. Pensei... Bem, todos aqui já se conhecem? – Seguiu-se um momento de silêncio, ela deu a volta na mesa e disse o nome de cada um. O tom agudo e informal de sua voz incomodou os ouvidos de Lena.

– Para começo de conversa, os sequestradores devem ter cometido um erro ao enviar o último e-mail. Ainda não posso afirmar nada, mas o pessoal da informática disse que em breve teremos boas notícias.

– Conhecemos o pessoal da informática – comentou David, ferino.

– Nós também. Mas agora é para valer. – Ela não se abalou. – Bom, sobre o pedido de resgate. Em primeiro lugar, o FBI, agindo em conjunto com a Interpol, concluiu que ele tem a mesma origem dos outros dois. Portanto, se os primeiros eram autênticos, e nada indica o contrário, uma vez que o vídeo chegou pelo mesmo sistema de codificação, podemos presumir que a última mensagem também seja verdadeira. A conta bancária citada existe, já verificamos. Não sabemos a quem pertence, e a não ser que haja mudanças nos próximos anos, jamais saberemos. Trata-se do tipo de conta mais secreta do mundo. Nunca vimos um esquema assim usado em sequestros, mas, francamente, chega a ser surpreendente que não tenham pensado nisso antes. Quando o dinheiro entra na conta, é como se tivesse desaparecido da face da Terra...

– Não é verdade. – John não ergueu os olhos ao interrompê-la. – Existem maneiras de obter informações.

Lynn parecia já esperar por isso.

– Agimos pelos canais diplomáticos, Sr. Walker. Estou falando de vias normais. Não podemos nos envolver em transações ilegais. Se a segurança das crianças depender do nome do titular da conta, consideraremos usar métodos extremos e perigosos, como o senhor sugere. Mas pretendemos evitar isso. No âmbito desta reunião, estamos presumindo que o dinheiro será perdido, caso decidam pagar o resgate.

– Até vocês pegarem os bandidos – disse Mike.

– Pode ser, mesmo assim não há garantia de devolução do dinheiro. Não entraremos em detalhes, mas estamos lidando com gente muito perigosa.

Lena não dava a mínima para gente perigosa ou dinheiro perdido. Não via motivo para John retardar tudo falando no titular da conta. Ela só queria pagar logo e ter Sarah de volta. Por que alguém iria querer atrasar o processo?

Lynn Witherspoon ajeitou o terninho, dando ainda mais proeminência aos seios, como para enfatizar o que ia dizer.

– Vamos falar do resgate. A experiência nos diz que atender às exigências dos sequestradores não necessariamente aumenta a probabilidade de as vítimas voltarem para casa. Portanto, em casos assim, o FBI não incentiva o pagamento.

Os pais foram pegos de surpresa. Mike foi o primeiro a se recuperar do susto.

– Como assim, “não encoraja”?

– Quer dizer que o FBI não costuma participar do pagamento do resgate, exceto quando todas as outras possibilidades foram esgotadas.

A voz de David, forte e agressiva, fez Lena pular na cadeira.

– Que outras possibilidades?

– A captura dos sequestradores, Sr. Trainor. Vejam bem, sei como isso soa para vocês. Parece uma equação simples. Paga-se o resgate e as crianças voltam para casa. Mas os criminosos não jogam conforme as regras da lógica ou da justiça. Não se trata de uma transação comercial. O maior risco é a entrega do dinheiro e, assim que eles superarem esse risco, quando tiverem partido para só Deus sabe onde, restará pouco incentivo para que cumpram sua parte no acordo.

– Mas eles têm de fazer isso! – A voz angustiada de Janet cortou a cadência regular de Lynn.

– Não têm, não. Essa é a questão. Depois de realizado o pagamento, eles não têm mais obrigação de nada.

– Porra, então qual é a alternativa? – Mike sentia o rosto enrubescer e o pescoço esquentar sob a gola da camisa.

– Antes de responder à sua pergunta, gostaria que o agente Domingo informasse o andamento das investigações.

Domingo se levantou como se fosse ao quadro-negro, mas apenas esfregou as mãos e começou a falar.

– Vou resumir o que está acontecendo. Em seu comunicado desta tarde, os sequestradores deixaram uma porta aberta, por assim dizer, no computador que originou as mensagens. Ignoro os detalhes técnicos, mas nossos especialistas vão localizar o computador original em breve.

Ele encarou os pais, aflitos, e continuou:

– Assim que chegarmos a ele, poderemos cruzar os dados com outras informações. Como sabem, temos a peruca que o tal J.D. provavelmente usou. Acreditamos que ele a tenha adquirido numa loja a uns 40 quilômetros do local onde a van foi furtada. A tinta usada para pintar o logotipo do Acampamento Arno na lateral do veículo veio de um lote que foi vendido parcialmente em áreas situadas na mesma região de Nova Jersey. Portanto, esperamos que o cruzamento dessas informações eventualmente nos leve a uma conclusão, talvez até a um suspeito.

Lena se aborreceu com a hesitação implícita. Domingo se distanciava dos fatos concretos que ela considerava fundamentais para o caso.

– Como assim, “eventualmente”? Não dá para termos uma ideia? Um prazo? – perguntou, sem esconder sua contrariedade.

– Não, infelizmente não podemos. Mas posso adiantar que estamos falando de dias, e não de semanas.

– Dias? – disparou David como se tivesse bebido leite azedo. – E quanto às horas? O período de 24 horas já passou. Segundo o FBI, não é a partir de agora que as coisas começam a se complicar num sequestro? Não estamos...

– Francamente, esse negócio de 24 horas só existe na televisão. Usam o recurso para criar suspense nos programas. Sim, o primeiro dia é importante, mas já resolvemos casos semanas e até meses após o sequestro.

O coração de Lena batia com força no peito. Ela não conseguia imaginar outra noite sem saber onde Sarah estava. Esperava assinar alguns papéis naquela reunião, conseguir um empréstimo, organizar a questão financeira, mandar o dinheiro e fazer os planos para a volta da filha, quando ela fosse libertada. Agora o agente vinha dizendo que ela teria de esperar semanas, ou meses. Ela sabia que não ia conseguir fazer isso.

John Walker mal conseguia conter a raiva.

– Então vocês querem dizer que devemos esperar o FBI localizar o computador de onde as mensagens foram enviadas antes de pagarmos o resgate?

– Bem, em resumo, sim – disse Lynn, tamborilando na mesa com a ponta das unhas, como se precisasse comparecer a outra reunião.

– Bom, minha esposa e eu não aceitamos isso. – John olhou em volta, para os outros pais. – Hoje em dia, encontrar um computador não é a mesma coisa que localizar um suspeito. Eu mesmo poderia piratear uma máquina. E se encontrarem o micro e ele pertencer à vovozinha ou a um moleque de 10 anos que não sabem de nada a respeito do pedido de resgate, pois o sequestrador invadiu o computador deles, como fica? E, se encontrarem um suspeito, quem garante que acharão as crianças com ele?

– Mandar o dinheiro para as ilhas Caymã não irá aproximar vocês de seus filhos nem um pouco – rebateu Lynn, contrariada com a insubordinação. – Se não tivéssemos pistas sólidas, se não soubéssemos de nada a respeito dos criminosos, sua localização e seu endereço de IP, talvez permitíssemos que pagassem o resgate. Mas, nas atuais circunstâncias...

– Espere aí! – A nova voz, com sotaque, fez com que todos olhassem para Po Williams. Ela se inclinou para a frente e seus olhos escuros dardejavam quando ela formulou a pergunta. – Como assim, não permitirão? A mensagem veio para mim, para nós. Se decidirmos pagar o resgate, como pretendem nos impedir? – Ela não precisou bater na mesa para que todos sentissem a intensidade de sua raiva.

– Bem, temos meios de impor nossa política, mas espero que não seja necessário chegar a esse ponto. – Lynn Witherspoon não se abalou.

– Que meios? – Duas ou três pessoas fizeram a mesma pergunta.

– Existe extorsão e cumplicidade em extorsão.

John Walker bateu na mesa.

– Pretendem nos acusar de cumplicidade se pagarmos o resgate?

– Talvez. Mas, repito, esperamos não chegar a tal ponto. Entendam bem. Esta é a primeira vez que precisam lidar com sequestradores. Nós temos uma longa experiência com histórias desse tipo e muitos casos para embasar nosso posicionamento. Solicitamos que confiem nas pessoas que já passaram por isso antes.

– Quem de vocês já teve um filho raptado? – O rosto franco de Mike estava contraído, agressivo.

Lynn havia se preparado para essa pergunta.

– Esta é a questão, Sr. Williams. Nenhum de nós se inclui nesta categoria. Não temos nas nossas costas o terrível fardo emocional de vocês. E, em casos como este, o amor que sentem pelos filhos nem sempre resulta nas melhores decisões para eles. Por isso precisam confiar nos profissionais que vão fazer seus filhos voltarem para casa em segurança.

Lena não aguentava mais ficar ali com Lynn, Domingo e seu grupo.

– Podemos fazer uma pausa, para que os pais se reúnam e conversem? – perguntou.

– Claro. Na verdade, preparamos uma sala para vocês, onde podem fazer um lanche leve. – Lynn olhou para um assistente e ele fez que sim com a cabeça.

Lena teve a sensação de que estavam preparados para uma reação furiosa e que as forças da lei estavam um ou dois passos à frente dos pais. Quando levantaram, David olhou para a esposa como se perguntasse: “Estamos juntos nessa?” Lena respondeu passando a mão de leve nas costas dele.



– O Citibank está disposto a emprestar qualquer valor necessário a juro zero – começou John quando os pais se reuniram em torno do bufê da sala ao lado.

– Mesmo isso estaria fora do nosso alcance – disse Phil em voz baixa. – Somos professores. O que ganhamos mal dá para viver e ainda temos que quitar despesas médicas. Não vejo como pegar 250 mil dólares emprestados. Não sei o que vamos fazer.

– Entendam bem – prosseguiu John, obviamente pronto para a reação. – Confiem em mim. Teremos oportunidades de reaver o dinheiro. Lynn está sendo muito conservadora.

– Não sei, não – disse Janet. – É muito dinheiro.

Lena sentiu náuseas ao ouvir aquilo. Não podia acreditar que a mulher colocava o dinheiro acima de tudo.

Mike coçou a cabeça e passou os dedos pelo cabelo cacheado.

– Não boto a menor fé no FBI, mas quero ter certeza de que estamos agindo da melhor maneira. Quero Tommy de volta, mais do que qualquer coisa no mundo, mas desejar e raciocinar nem sempre andam de mãos dadas.

– Não pretendemos esperar semanas – disse David, sem olhar para Lena.

– Nem eu – retrucou Mike. – Mas as coisas acontecem rápido na era dos computadores. Quem sabe o que ocorrerá nas próximas horas?

– Pode demorar mais do que algumas horas para a compensação de uma transferência eletrônica – disse John. – Talvez os sequestradores não saibam disso. E fiquem nervosos.

A possibilidade de deixar os bandidos ansiosos fez todos se calarem. A última coisa que qualquer um ali queria era imaginar um sequestrador abalado, que pudesse colocar as crianças em perigo. Janet mexeu o café na xicara.

– Não dispomos do dinheiro, portanto não sei o que dizer. Mas queria muito que tudo isso acabasse logo de uma vez.

Lena se deu conta de que Janet sugeria que o grupo pagasse rapidamente, mas ela mesma não desembolsaria um tostão. O tipo de pensamento típico de Phil e Janet. Lena sentiu David olhando para ela e o fitou. Provavelmente pensava a mesma coisa, mas a discussão parecia deixá-lo impaciente. A voz de John fez com que todos se virassem.

– Creio que chegou a hora de tratarmos da logística. Primeiro o dinheiro, depois a transferência. Então, o que temos?

Po olhou para Mike, pedindo confirmação, e falou:

– Estamos dispostos a pagar nossa parte do resgate e também metade do valor dos Rostenkowski – Phil e Janet olharam para o chão, mas não protestaram. – Caso eles queiram, bem entendido – acrescentou Po.

– Obrigada – disse Janet, sussurrando. – Vamos precisar.

– Acho que podemos completar a outra metade, além da nossa parte – disse John.

O grupo esperou o posicionamento de Lena e David. Ele mordeu os lábios. Não sabia o que dizer. Mas ela sabia:

– Não gosto disso. Sei que há diferenças aqui. Sei que alguns têm mais dinheiro que outros. Mas, quando a questão são os nossos filhos, somos iguais. Não se trata de ter dinheiro ou de assumir dívidas. Temos que fazer o necessário para trazer nossos filhos de volta. Acho que todos devemos assumir as mesmas responsabilidades, mesmo que seja mais difícil para alguns.

Janet lançou um olhar surpreso para Lena, como se tivesse sido traída. Phil balançou a cabeça, quase imperceptivelmente. Os outros sentiram a tensão no ar. Lena não recuou. Não havia planejado nada daquilo. Falou por intuição. Sheila Walker, talvez mais acostumada a situações como essa, encontrou uma saída para o dilema. Olhou para o marido.

– Podemos garantir o retorno do dinheiro?

John refletiu por um segundo.

– Garantir? Só se conseguirmos a cooperação do FBI, do departamento de Justiça, do...

– Não estou falando disso. Você e eu podemos garantir o retorno? – Sheila mostrava muita determinação, quando necessário.

– Suponho que sim, havendo prazo suficiente.

– Certo. Então cada um de nós assumirá a mesma responsabilidade financeira. John fará o possível para conseguir o dinheiro de volta. E, em caso negativo, oferecemos uma apólice de seguro para todos. Concordam?

Ninguém respondeu diretamente à pergunta de Sheila, mas ficou evidente que todos concordavam. Janet e Phil, recebendo um empréstimo sem juros com garantia de pagamento por terceiros, não tiveram opção a não ser aceitar a transação. Mike avançou na discussão, perguntando a respeito da transferência. John explicou os detalhes e todos concordaram em marcar a remessa para o dia seguinte, ao meio-dia. John já havia tratado dos procedimentos com seu banco e passou as informações sobre os empréstimos para quem precisasse e disse que conta seria usada para a transferência.

– E quanto aos aspectos legais? – perguntou David, depois de consultar os papéis.

– Que se danem! – quase gritou Mike. – Se ela tentar indiciar vítimas de sequestro por cumplicidade em extorsão ou algo assim, vai arranjar uma tremenda dor de cabeça em termos de relações públicas. Vamos voltar lá e dizer a ela o que pretendemos fazer.

E foi o que fizeram, sem perceber que o plano de adiar o pagamento até as doze horas do dia seguinte era exatamente o que Lynn Witherspoon esperava. Ela manipulara o grupo com muita habilidade.

Lena só começou a se dar conta disso quando, uma hora depois, ela e os outros pais ficaram atrás de Lynn, na porta do hotel, enquanto a mulher enfrentava as câmeras e driblava as perguntas sobre a investigação e o eventual pagamento do resgate. Ao vê-la pôr a imprensa na linha, fazendo com que repórteres agitados aceitassem as parcas informações que fornecia, Lena lembrou que entrara na reunião decidida a enviar o dinheiro imediatamente e agora estava ali, endossando um plano para adiar o pagamento por, no mínimo, 16 horas.

O que aconteceria a Sarah durante essas 16 horas? Estaria em algum lugar onde podia distinguir o dia da noite, ou num buraco escuro? O que comeria? Passaria frio? Choraria? O que posso fazer por minha filha, pensava Lena? A confusão da entrevista coletiva, as palavras, os flashes das câmeras, os refletores, tudo sumiu, dando lugar a um pavor que fez sua garganta se fechar. Ela estendeu a mão para segurar o braço de David e pegou sua camisa. Ele se voltou para ela, mas não a encarou. Ela teria de superar a entrevista coletiva, a volta para casa e a longa noite. Sentia tontura, quase ânsia. Não queria ceder à ansiedade, mas isso estava quase acontecendo. Olhou para os outros pais, aglomerados atrás de Lynn Witherspoon. Po parecia calma e segurava o braço de Mike. A raiva que estava logo abaixo da superfície, na fisionomia daquele homem, desaparecera. Janet agarrava-se a cada palavra da promotora e dava a curiosa impressão de estar satisfeita com o rumo que as coisas estavam tomando. John deixara de lado seu comportamento arrogante e parecia notar as câmeras que o focalizavam. Além de Lena, ninguém aparentava estar contrariado com a demora e com o espetáculo para os meios de comunicação. Lena sentiu uma nova onda de náusea e lutou contra ela, apertando o braço do marido com força.

O puxão na camisa arrancou David de seus pensamentos. Ele tinha a impressão de que acabara de assinar um contrato que não entendia direito. John os envolvera numa complicada transferência bancária e garantiu que teriam o dinheiro de volta. David sabia muito bem, por causa do período em que trabalhou em bancos de investimento, que tais garantias costumavam ser bem tênues. Por que tanta pressão da parte de John? Como os sequestradores escolheram um método de pagamento de resgate que se encaixava tão bem no mundo profissional dele? Se fosse um jogo de detetive, ele já teria marcado o nome de John como suspeito.

David viu um câmera de TV registrando com uma panorâmica a imagem das famílias atrás da promotora. Ele se perguntou se um dia aquela tomada seria usada e, quando a câmera passasse por John, a imagem seria congelada e o locutor contaria a sórdida história de um banqueiro que, por algum motivo ignóbil, mandou sequestrar o próprio filho.

Dezoito

O CHOQUE DA MORTE DO Sr. Everett confundiu as crianças pelo resto da tarde. Encontraram sanduíches no isopor, mas quando saíram para comê-los sentados nas pedras perceberam que ninguém estava com muito apetite. Depois de dar apenas uma mordida, Linda embrulhou o dela de volta no saco plástico e o escondeu numa fenda, guardando-o para mais tarde. Mosquitos revoavam em torno das crianças enquanto elas mastigavam e tentavam conversar, afugentando-os para não serem picadas.

Depois de certo tempo, elas se convenceram de que talvez o Sr. Everett não estivesse morto. Franklin sugeriu que descessem até o lago para verificar e todos seguiram para lá com o otimismo renovado. Mas o corpo não se movera e Franklin foi escolhido para inspecioná-lo de perto. Quando chegou a dois metros da cabeça do Sr. Everett, já azulada, ele parou. Abaixou-se e protegeu os olhos do sol poente.

De repente um corvo, negro e reluzente, com as asas enormes abertas, decolou de uma árvore próxima e mergulhou em direção ao corpo. Franklin recuou assustado, escorregou e caiu do píer na água rasa e barrenta. Os outros gritaram e correram para socorrê-lo. Mas Franklin subiu de volta na doca e se afastou do Sr. Everett com as calças sujas de lodo e os tênis ensopados.

Voltaram rapidamente para o chalé. Lá dentro Franklin removeu a lama seca da calça, enquanto todos começavam a se dar conta de que estavam sozinhos. Sarah falou primeiro:

– Precisamos ir embora daqui. Precisamos de ajuda.

Como ainda temiam que o Sr. Everett pudesse voltar dos mortos, o grupo encarregou Tommy de ficar de vigia do lado de fora da cabana, para o caso de ele dar sinal de vida, enquanto Franklin pegava o notebook na mochila do homem e o ligava. A tela se iluminou e o sistema operacional funcionou, mas pediu uma senha. Eles tentaram nomes e letras relacionados ao proprietário, mas nenhuma opção funcionou. Enquanto discutiam o que fazer, Tommy os chamou. Sem entender o que ele dizia, Franklin fechou o notebook e o guardou na mochila. Depois saíram, o mais calmamente possível.

– Ali – disse Tommy, apontando. – Mais ali na frente. Vi as moitas mexendo.

Olharam para o mato e ouviram um baque seco, depois outro. Em seguida, avistaram o flanco de um cervo. Linda, sem saber o que era, soluçou. O ruído levou o animal, uma fêmea, a erguer a cabeça esguia, encarando-os. Ela permaneceu imóvel por um minuto, assim como as crianças, assustadas. Depois deu meia-volta e sumiu na floresta.

Passaram um tempo sentados nas pedras até Franklin se lembrar de que, na pressa, se esquecera de desligar o notebook. Ao voltar para fazer isso e guardar de volta o computador, encontrou uma caderneta de anotações num dos bolsos da mochila. O menino a levou para fora para que todos a examinassem.

Na maioria das páginas eles encontraram endereços e telefones, algumas informações sobre a picafe e uma espécie de diário, com anotações estranhas e frases do tipo “A hora é esta, mas o relógio está quebrado”. Depois havia diversas páginas que pareciam estar em código, repletas de palavras sem sentido num alfabeto esquisito. Sarah resmungou algo a respeito de um livro que tinha lido no qual as palavras vinham misturadas como aquelas e era preciso descobrir a que letras do alfabeto real equivaliam as letras impressas. Mas, após 15 minutos de tentativas, não conseguiram decifrar o código.

Quando a luz do sol se tornou um brilho suave rendado pelas folhas das árvores que rodeavam a clareira, o ar esfriou e as crianças passaram a discutir as opções. Sarah retomou seus comentários anteriores.

– Precisamos descobrir a saída, chegar ao local onde ele nos vendou. Dali em diante é só seguir a trilha.

– Existem várias trilhas – retrucou Franklin. – Vamos nos perder.

– Não quero me perder – disse Linda, chorosa. – Acho melhor ficarmos aqui até nos encontrarem.

– Quem vai nos encontrar? – perguntou Sarah e a clareza de seu raciocínio lançou todos numa atmosfera de ansiedade.

Tommy rompeu o silêncio:

– Eu deixei uma pista. Joguei uma meia onde paramos, para saber se estava na trilha certa, na volta.

– Só uma meia? – disse Sarah e, quando Tommy fez que sim, os outros se deram conta de que uma única meia não garantia um desfecho favorável.

Franklin pegou a caderneta e estudou as páginas codificadas. Uma nuvem de insetos revoava ali perto. A calma noturna tomava conta da clareira, mas não tranquilizou as crianças. Apavorada, Linda queria voltar para dentro da cabana. Sarah rapidamente fez com que ela se calasse.

– Não diga que está com medo, Linda. Mesmo se estiver. Não diga isso. Nenhum de nós pode falar isso. Só serviria para nos deixar mais apavorados.

– Mas não posso evitar. Estou com muito medo.

– Todos nós estamos. – Ela olhou para os meninos. Embora menos inclinados a admitir o medo, seus rostos diziam tudo. – Está vendo? Então, vamos dar um jeito de voltar.

– Bem, não podemos caminhar – disse Linda, tentando se controlar depois da bronca de Sarah. – Não sabemos por onde começar, nem qual trilha seguir. E tem ursos na floresta. Vocês ouviram o Sr. Everett dizer isso.

Nem Sarah nem os meninos tinham resposta para aquilo. Embora Sarah tenha concordado tacitamente com Linda, ela não se conformava com a falta de opções para que se salvassem. Seguiu até a beira da clareira, em parte para pensar, em parte para mostrar aos outros que não temia tanto a mata quanto Linda.

As cigarras ciciavam, como se uma muralha de zumbidos desafiasse a coragem de Sarah. Ela não voltou imediatamente e, para as outras crianças, parecia que ela tinha sido engolida pelo barulho. Mas um rugido grave e distante cortou o som dos insetos. A menina voltou para perto do grupo, olhou para cima e apontou. Viram um avião refletir a luz dourada do sol poente, como um minúsculo crucifixo a flutuar, deixando um rastro branco difícil de relacionar com o ruído que produzia. Observaram aquela ocorrência normal como se fosse algo único na história, até o desaparecimento da aeronave na névoa do horizonte. Todos queriam estar naquele avião, mas tiveram de voltar para a cabana como se fossem prisioneiros obrigados a retornar às celas. Trancaram a porta para se protegerem da escuridão assustadora que tomava conta da clareira. Linda sentiu-se mais segura lá dentro e nem pensou no resto de sanduíche que deixara em cima de uma pedra.

Dezenove

VÁRIAS HORAS TRANSCORRERAM DESDE QUE haviam voltado da reunião, período em que Lena perambulou pela casa, checkou e-mails obsessivamente, ligou e desligou a televisão, vendo as horas se passarem como se fosse um condenado à morte em seus últimos instantes.

Quando Richard, seu pai, ligou dizendo que precisava conversar senão enlouqueceria, ela entendeu. Ele disse que estava no quintal de casa, sem conseguir dormir nem fazer nada. Disse que a mãe e a irmã de Lena ainda não haviam decidido se viajariam para os Estados Unidos.

– E eu ainda não tomei uma decisão – disse ele.

Lena o alertou de que não havia nada que ele pudesse fazer, contou que o FBI estava quase localizando o computador de onde fora enviado o pedido de resgate e essa era a única pista no momento.

– Não consigo parar de pensar no dia em que sua mãe e eu perdemos Sarah em Estocolmo, por alguns minutos. Ela nem ligou, mas nós quase morremos.

Lena podia sentir o aroma da Suécia no verão, as longas noites claras de junho e julho. Via Sarah no quintal dos avós, pronta para ir se deitar, com pijama de verão, usando a máscara de dormir que ganhara de Sally. A menina ria ao tropeçar no quintal. Lena sempre odiara usar máscara de dormir e tinha dificuldade para achar graça no mundo invisível que Sarah descobrira naquela noite de verão.

Lena perguntou por Sylvie, que mandara um e-mail mas não telefonara. Sentiu-se grata por isso. A irmã faria com que Lena se sentisse terrivelmente culpada pelo sequestro, de um jeito ou de outro.

– Ela foi para Madri a trabalho esta noite. Pensa muito em você, Lena, do jeito dela.

Lena ficou ainda mais inquieta depois de desligar o telefone. David sugeriu que jogassem buraco, talvez a proposta mais absurda que ela já escutara na vida. O relógio quase não se mexia. Ele perguntou se a esposa estava com fome e Lena resolveu preparar algo, o que a manteria ocupada por um tempo e a distrairia.

Fez um omelete, comeu um pedaço e deixou o resto. David ofereceu vinho, e ela decidiu tomar uma taça, por mais que não estivesse com vontade. Era um tinto de que eles gostavam muito, mas que deixou um gosto de meia suja em sua boca. Bebeu mais um gole, porém, pois o álcool a aquecia e a acalmava um pouco.

– Vamos dormir – disse David, servindo mais uma taça.

Lena olhou rapidamente para ele, tentando descobrir se havia um convite na frase. Ele retribuiu seu olhar a fim de esclarecer que pretendia apenas dormir mesmo, mais nada. Lena ansiava pela maciez dos lençóis e pelo calor do corpo do marido a seu lado, mas a culpa por querer conforto quando Sarah estava desaparecida, correndo perigo, a impediu de aceitar. Tomou mais um gole de vinho.

Quinze minutos depois, o mundo reduziu a marcha o bastante para permitir que Lena trocasse de roupa e fosse para a cama. David foi fechar a casa. Ela ouvia ao longe a conversa dos plantonistas da imprensa que esperavam na rua. Fechou os olhos.

O movimento no quarto a surpreendeu e ela abriu os olhos de repente. David, perto do guarda-roupa, se despiu e estava só de cueca. Percebeu que assustara Lena.

– Sinto muito, pensei que você estivesse dormindo.

– Ainda não, só fechei os olhos.

David tirou a cueca e continuou conversando com ela, nu. Seu corpo magro e comprido ainda exibia boa forma. Quando ele virou para puxar as cobertas, a luz iluminou seu pênis. Pequeno em repouso, do jeito que Lena sempre considerou esteticamente agradável. Porém, a visão não a excitou naquele momento. Ele olhou para ela, coçando de leve os pelos pubianos, como costumava fazer. A tranquilidade de sua atitude atraiu Lena, mas ele se manteve distante ao deitar a seu lado, tocando o ombro da mulher de leve antes de beijar sua face. Era o suficiente, pensou ela.

Então Lena sentiu-se plena, como alguém que conquistou algo. Enorme foi o contraste com os dois últimos dias, nos quais a sensação de vazio apavorante, de gelar o sangue, a acometia quando realmente compreendia que a filha fora levada e talvez nunca mais voltasse. Deitada ali, estranhou a sensação de plenitude, mas não a refutou. Intuíra que Sarah fazia parte do que estava sentindo. Será que ela e a filha estavam se aproximando, se unindo como nunca acontecera, agora que Sarah se encontrava tão longe? Lena começava a pegar no sono, aquela estranha plenitude se chocava com os números, as horas e os dólares do dia seguinte. Ela viu o monitor caminhar da van até a entrada da casa e fechou os olhos para o horror.

♦ ♦ ♦

Mike e Po Williams fizeram amor como costumavam fazer quando o ato não provinha do desejo ou da paixão, e sim da proximidade. Mike permaneceu dentro de Po sem se mexer, acariciando seu pescoço com os lábios. A mulher falava espanhol, sabendo que Mike não compreenderia todas as palavras, mas captaria o sentimento quando usasse o termo *manito*. Ela chamava os filhos assim, de um jeito carinhoso. Ele beijou os seios miúdos de Po. Suas mãos percorreram o corpo dela, a reconfortaram até que a ereção cessou e ele rolou para o seu lado da cama. Po descansou a cabeça no ombro dele e não evitou as lágrimas. Mike afastou o cabelo que caía sobre a testa da esposa.

Minutos depois, lembrou que havia comprado entradas para o jogo dos Mets na sexta-feira seguinte à data prevista para Tommy voltar do acampamento. Iria só por causa do filho, pois a vida inteira torcera pelos Yankees. Mas os parentes de Po, fanáticos pelos Mets, fizeram a cabeça do menino desde pequeno e todo ano Mike o levava a um jogo do time. Deitado na cama, tentou afastar a imagem deles dois no estádio, Tommy com luva de beisebol, ansioso para pegar uma bola rebatida, olhos brilhantes de contentamento pelo lindo espetáculo. Perdeu a batalha, porém. Consultou o relógio do criado-mudo e pensou que era tarde, que as crianças já deveriam ter voltado.

♦ ♦ ♦

– Aonde você pensa que vai? – Janet surpreendeu Paul, seu filho, a caminho da porta, usando fones de ouvido. Ele virou para ela.

– Não posso sair?

– Claro que não. O que as pessoas vão pensar?

– Sei lá! Não vou a nenhuma festa. Só queria encontrar uns amigos, desanuviar um pouco.

– Isso é pior. – Ela lhe deu as costas e começou a se afastar.

– O que tem de ruim nisso? Vou sair.

Janet voltou-se para ele rapidamente, deu um passo ameaçador e disse:

– Não vai nada. Ficará dentro de casa até esta confusão acabar.

– Como é?

– Você ouviu bem. Demonstre algum respeito por nós.

– Por vocês? E quanto a mim? Eu não sequestreí Linda. Não sou nenhum bandido. Meu Deus!

– Não use o nome do Senhor em vão. Vai ficar em casa, entendeu?

– E se isso durar anos? E se nunca a encontrarem? Vou passar o resto da vida trancado aqui?

– Não seja ridículo.

– Então, posso sair?

Janet mordeu os lábios, afugentando as lágrimas.

– Vão encontrá-los. Logo. – Sem conseguir encarar o filho, saiu da sala pisando duro.

♦ ♦ ♦

John Walker desligou o telefone e levantou. Não se mexeu por um longo minuto, porém, e Sheila, sentada na frente do computador do escritório, olhou para ele.

– Quem era? – perguntou.

Ele parecia confuso.

– Marshall... hã... Rogovin. Chefe da segurança global de tecnologia da informação do Citibank.

– O que ele disse?

– Disse que está cuidando do caso. Eu autorizei sua intervenção. Os computadores do FBI não dão conta de certas tarefas que os nossos conseguem realizar.

Aspectos técnicos. Algo a respeito de identificar marcas em pontos nodais. Não sei bem...

– John – disse Sheila, virando-se para ele. – Está tudo bem?

– Está, sim. Mas acabo de me dar conta de uma coisa.

– O quê?

– Estou comprometido.

– Comprometido? Foi o que o sujeito acabou de dizer?

– Não, mas olhei por outro ângulo. Você bem sabe quanto os executivos são paranoicos em termos de segurança. Sabe como são os procedimentos na América do Sul, na Ásia, por toda a parte. Ninguém vai me dizer isso diretamente. Todos se mostrarão educados e solidários, mas eu sei o que estarão pensando.

– O quê?

– Que não fui capaz de proteger meu próprio filho.

Sheila se levantou e foi até ele. Percebeu que o marido não queria um abraço, e sim mergulhar em seus pensamentos. Mesmo assim ela segurou a mão dele, por companheirismo. Ele aceitou o gesto.

– Eu não pensei nisso – disse John.

– Não pensou nisso quando?

– Antes do sequestro.

– E como poderia? – Sheila ficou confusa. Olhou para John, mas ele fitava o vazio, voltado para pensamentos que não pretendia compartilhar.

♦ ♦ ♦

Lena sonhou com Janet Rostenkowski e Sarah. Quando acordou suando no meio da noite, foi só disso que se lembrou. David dormia profundamente. Ela viu um pedacinho do céu escuro no alto da janela. Pontilhado de estrelas, tinha algo de vertiginoso, como se ela estivesse sendo sugada pela vastidão do espaço. Sentou-se na cama. David resmungou, mas não acordou. Lena virou e pôs os pés no chão, mas não levantou.

De repente, não era mais segunda-feira de manhã, os dias tinham se passado, talvez os meses também, e Sarah continuava desaparecida. Lena sentiu o pânico como um soco no estômago, encharcada de suor. Com esforço, trouxe a mente de volta ao momento atual e repassou os fatos. Não poderia ter evitado que a iludissem, eles fizeram todo o possível desde o rapto de Sarah, receberam e-mails e um vídeo, pagariam o resgate dentro de seis horas e meia. A filha voltaria para casa.

No entanto, pensou numa paciente que tivera anos atrás, uma mulher cujo nome agora lhe escapava. Seu caso veio à mente como um resultado de busca no Google. A mulher sofria de câncer na garganta e informara que fumava desde menina. Um dia, porém, confessou a Lena que nunca havia fumado, mentira para não ter de enfrentar a verdadeira origem de seu câncer: sofrimento contínuo, crônico, inevitável. Aos 30 e poucos anos, mãe solteira de uma adolescente, sofrera a tragédia de ver a filha sair de casa para pegar o ônibus e ir trabalhar, depois da aula, e nunca mais voltar. Nunca encontraram o menor traço da filha. A mulher achava que a dor constante da perda se entranhara em seu corpo, dando origem ao câncer.

Na cama, Lena afastou da lembrança aquele horrível episódio. Não teve forças para se levantar. Recostou a cabeça no travesseiro úmido. Impossível imaginar que nunca mais veria Sarah. Mas a possibilidade estava ali, presente. Teria acenado, dado adeus? Noonie tinha razão? Não sabia para quem rezava, mas pediu que esses pensamentos sombrios sumissem de vez.

CHASE NÃO CONSEGUIU ESCONDER DE Helene seu pânico. Saíra do quarto após as tentativas iniciais de deter o envio do e-mail, pois faltara completar sua criptografia, e sua atitude nervosa e desorientada transformou a tarde plácida num turbilhão. A mulher, que tratava com Jennifer do ferimento da boneca Annabelle, aproximou-se dele.

– Qual é o problema?

Ele não podia responder, nem contar nada. Precisava pensar, mas esse tipo de raciocínio ele só havia feito com o pai. “Estou ferrado”, a expressão martelava sem parar em sua cabeça, impedindo qualquer outro pensamento ou frase. Finalmente, teve uma ideia.

– Uma paciente do hospital. Morreu uma mulher que eu conhecia.

– Sei. Coitada, que pena.

Helene tentou consolá-lo com um abraço, mas a expressão “Estou ferrado” voltou à sua mente e ninguém poderia consolá-lo.

– Vou sair – disse, afastando-se para pegar o celular.

Ele foi até a entrada da casa, pensando em pegar o carro e ir a algum lugar, mas de repente temeu partir para sempre, fugir, sabendo que não era a opção correta. Em vez disso, seguiu pela calçada.

A uma quadra de casa digitou o número do pai. Os dois telefones estavam codificados, portanto não precisava se preocupar com grampos. Não sabia que tipo de recado deixar se o pai não atendesse: “Estou ferrado.” “Pai, temos problemas.” “Preciso falar com você.” Não conseguia se decidir. Rezou para o pai atender. Mas não foi o que aconteceu, e como a ligação caiu imediatamente na caixa postal ele soube que o telefone do pai estava desligado ou fora da área de cobertura. Quando ouviu o toque, Chase falou de improviso.

– Pai, pintou um problema. Me liga.

Desligou e voltou para casa. Percebendo que ainda não estava pronto para enfrentar Helene, mudou de sentido e foi para o outro lado. Fugir com a família era uma opção, mas ele não podia fazer isso sem a aprovação do pai. Além do mais, só serviria para piorar tudo, faria dele um suspeito óbvio para o FBI, um fugitivo a ser caçado. Poderia avisar o intermediário, mas só se percebesse que sua prisão era iminente. Uma ligação em código para o intermediário, sua única iniciativa possível, detonaria o imediato cancelamento da operação, o adeus à recompensa e só Deus sabe que consequências teria para as crianças. Pelo menos por enquanto não usaria essa cartada extrema.

Aos poucos seu pensamento clareou. Ele se lembrou de quando estava com o pai na varanda, no estágio inicial do planejamento. Helene trouxera a sobremesa para eles, depois do jantar, numa noite quente de primavera. Ficou por ali um tempo, interrompendo a conversa. Assim que entrou, o pai sussurrou que a melhor proteção para Chase era sua vida normal, em família, e o fato de Helene ignorar tudo.

– O plano é perfeito – prosseguiu o pai, sussurrando. – Mas, se por alguma razão um gênio decifrar nossa criptografia, o que jamais acontecerá, e baterem à sua porta, mesmo assim você estará seguro. Helene, com seu olhar inocente, os filhos, tudo fará com que se sintam estúpidos por terem aparecido na sua casa. Quando quiserem examinar seu computador, permita: não acharão nada. Não entre em pânico, pois terão a impressão de que alguém invadiu sua máquina, você e sua adorável esposa foram vítimas, só isso. Entendeu bem?

Chase se lembrou da conversa no meio da quadra. Um irrigador entrou em funcionamento automático e ele considerou isso uma espécie de sinal, um ponto de exclamação para seu pensamento. Não precisava fugir nem fazer nada de anormal, bastava sentar e esperar com calma. Se batessem em sua porta, ele só precisaria se lembrar do pai, sentado com um prato de torta de morango no colo, ordenando que mantivesse a calma. Não iria se desesperar, mas ignorava a velocidade com que essas coisas aconteciam. Temeu que o FBI já estivesse em sua casa e que os agentes desconfiariam quando Helene dissesse: “Ah, ele estava com problemas e saiu para dar uma volta.” Então correu de volta para casa.



Naquela mesma noite, mais tarde, Chase assistia a um programa na televisão com o celular na mão, ansiando pela ligação do pai. Helene entrou na sala ao sair do banho e sentou a seu lado apenas com a toalha enrolada no corpo. Ele entendeu o recado, mas, naquele estado, não conseguia imaginar qualquer espécie de contato físico, muito menos o ato sexual. No entanto, raramente recusava as iniciativas da mulher e pensou que ela poderia estranhar sua atitude e desconfiar de algo quando o FBI chegasse.

Por isso recorreu a seus dotes teatrais e transou com ela. “Porra”, pensou, “sou mesmo bom nisso”. O que me impede de continuar a fingir? O FBI que venha. Passarei o braço pelo ombro de Helene, pegarei as crianças no colo, ficarei surpreso quando disserem que meu computador foi usado na operação. Os candidatos ao Oscar que se cuidem. Helene acariciaria seu peito. Ele desempenharia bem seu papel. Disso tinha certeza.

Vintee um

As CRIANÇAS HAVIAM CONSEGUIDO ACENDER o pequeno lampião de querosene, e conforme caía a noite as sombras fantasmagóricas lançadas na parede da cabana as levaram a temer tudo o que o Sr. Everett usara para assustá-las e muito mais. Mesmo morto no pír, a menos de um quilômetro dali, ele continuava vivo na imaginação delas, de um modo mais devastador do que sua própria presença física.

Franklin lidava com o horror examinando a caderneta do Sr. Everett sem parar. Tommy checava as janelas o tempo todo, apesar de Linda ter pedido a ele que parasse. Ela acreditava que o Sr. Everett, mesmo morto, poderia se levantar e vir até eles, deformado e ensanguentado. Sarah recorreu a jogos mentais, imaginando que tudo aquilo era uma festa de aniversário surpresa que seus pais fizeram para ela certa vez, que a ausência do pai quando saiu para o acampamento era, como acontecera na festa, um truque para ele sair e arrumar tudo. Não contou para ninguém, contudo, pois sabia que não fazia o menor sentido. Preferiu palavras otimistas encorajadoras.

– Tenho certeza de que a esta altura nossos pais já perceberam tudo e estão tomando providências – disse, quebrando um longo silêncio.

– Perceberam o quê? – perguntou Tommy, uma questão surgida de sua incapacidade de compreender a situação em que se encontravam.

O silêncio após a pergunta foi revelador. Mostrava que os outros também tinham dificuldade em entender a natureza exata da situação. O Sr. Everett afirmou que fariam uma excursão especial do Acampamento Arno. E a van pertencia ao acampamento. No entanto, todos concluíram que o Sr. Everett mentira. Além disso, ele dissera, pouco antes do acidente – foi assim que passaram a se referir ao acontecido, pois nenhum deles realmente sabia o que era um ataque do coração –, que logo iriam para casa e veriam seus pais.

Franklin, perto da lamparina, finalmente respondeu à pergunta de Tommy:

– Fomos sequestrados.

Os outros não queriam acreditar.

– Então ele não deveria ter nos amarrado ou algo assim? – perguntou Linda.

– Não precisava – disse Sarah, lembrando-se de repente de algo que a assustara muito. – Ouvi falar num menino que foi raptado e viveu anos com um homem. Não o prenderam. Ele podia até passear pelo bairro.

– Que menino? – desafiou Linda, pois não queria nem pensar na possibilidade de passar mais uma noite longe de casa.

– Não sei o nome dele. Vi na televisão. Ele foi crescendo, o homem pegou outro menino, e aí os dois fugiram.

Quando ela falou em fugir, todos se calaram, recolhidos em seus pensamentos. Como se fosse um sinal, o lampião de querosene apagou e o pávio queimou. Procuraram uma lanterna sob a luz fraca que entrava pela janela, mas não encontraram nada. Franklin disse que deviam ir para o outro quarto e tentar dormir. Falou como um adulto, e de fato imitava os pais dele, pois assim se sentia mais seguro. Os outros consideraram a ideia reconfortante e obedeceram sem discutir.

No entanto, ninguém dormiu. Nas trevas noturnas era como se as paredes do chalé tivessem se dissolvido. Não podiam protegê-los dos perigos reais e imaginários que os ameaçavam, mais além da clareira. De vez em quando uma das crianças virava ou emitia um som fraco. “Estou aqui”, os sons pareciam dizer. “Você está aí?”

Cerca de uma hora depois, uma luz leitosa começou a entrar pelas janelas. Tommy olhou para fora e viu que a luz nascia a leste. No começo do verão, ele e o irmão Jack ficaram em casa sozinhos numa noite de lua cheia e saíram para jogar bola no quintal só com a luz do luar. Fora um momento mágico para Tommy, em primeiro lugar por receber tanta atenção do irmão mais velho, e em segundo por ver a bola vir em sua direção como se fosse um fantasma giratório. Assim, pensou que poderiam sair, as coisas talvez melhorassem lá fora.

Ao se afastar da janela, viu com o canto do olho um movimento na clareira que atraiu sua atenção, então voltou. Não percebeu nenhum movimento enquanto tentava ajustar a vista à luz exterior. Parecia haver uma sombra, que permaneceu imóvel por longos minutos, e Tommy pediu a todos que esperassem. Quando a silhueta se levantou de novo, foi fácil identificá-la.

– Urso – disse Sarah, com um nó na garganta.

Linda soltou um gritinho de surpresa. Os outros, de olhos arregalados, gelaram.

O animal se virou algumas vezes, como se pretendesse deitar e dormir. Em vez disso, porém, olhou para a cabana, ou pelo menos deu essa impressão. Difícil saber, à luz da lua. Quando começou a andar na direção do chalé, porém, não restou dúvida sobre o que estava acontecendo. As crianças se abaixaram e se aninharam debaixo da janela.

Os minutos seguintes foram aterrorizantes. Linda não parava de tremer, mas todos permaneceram silenciosos, apurando os ouvidos para entender o que ocorria lá fora. Escutaram o ruído das patas arranhando uma pedra, que logo cessou. Não reconheceram direito os sons seguintes, que deviam ser grunhidos ou o urso mastigando. Em seguida ouviram um barulho que fez todos pularem, uma pancada seca na parede, seguida pelo arranhar, como se ele estivesse se jogando contra a cabana. O som se tornou mais próximo e as crianças voltaram para o quarto, apavoradas. O topo da cabeça do urso passou pela janela e Sarah soluçou alto.

O urso parou, suas costas arqueadas visíveis através do vidro sujo, a silhueta peluda contra o céu azul profundo. As crianças estavam petrificadas. O animal parecia farejar sua presença, preparando-se para um ataque. Ele se afastou da janela e não fez nenhum barulho por vários minutos. O silêncio assustava mais do que os ruídos. De repente, as paredes do chalé tremeram e a janela do outro quarto quebrou quando o urso golpeou sua frágil estrutura. Linda gritou, mas os outros fizeram com que ela se calasse. Esperaram o ataque seguinte, mas ele não aconteceu.

Quando o silêncio reinou novamente, tudo parecia calmo lá fora. Eles esperaram, quase sem coragem de respirar. Passados vários minutos de tensão, ficou claro que o urso tinha ido embora. Será mesmo? O nervosismo permaneceu no ar por mais um tempo, até Franklin recobrar a voz e dizer que achava que o animal tinha se afastado. Linda começou a chorar baixinho.

– Esqueci o sanduíche lá – disse ela, fungando. – Foi minha culpa.

Para as crianças, a hora seguinte trouxe apenas preocupação. Os horrores imaginados do lado de fora da cabana, na beira da clareira, tornaram-se assustadoramente reais. O tamanho do monstro que arranhara as paredes do chalé, rosnara e perambulava pela clareira fez cada um mergulhar em seu inferno particular. Quando falavam, gaguejando, formulavam pensamentos entrecortados, incoerentes, fragmentados. Alguém apareceria para resgatá-los, pensou Sarah, o cérebro anuviado pela fome, pelo medo e por um cansaço que tornava penoso cada movimento. Alguém precisava vir, pois eles não podiam sair dali. Estavam encurralados.

O puro cansaço fez com que pegassem no sono. Sarah acordou no meio da noite, mas pensou que sonhava. Ouviu o urso voltar, sua respiração pesada, as garras rascantes. Só podia ser um sonho, certo? Então deixou que o sono a embalasse de novo.

Franklin acordou primeiro, horas depois, ainda exausto. Como os outros dormiam, não precisava mais fingir que não sentia medo. Queria que a mãe entrasse no quarto como sempre acontecia de manhã, na hora de ir para a escola, sentasse na cama para acordá-lo com carinho, esfregando suas costas enquanto fazia uma oração por seu bem-estar durante o dia. Pensar nisso encheu seus olhos de lágrimas e o corpo foi sacudido pelo choro intenso que vinha tentando sufocar nos últimos dias. Sarah se mexeu e Franklin fungou, enxugou as lágrimas e se virou para o outro lado.

Sentia frio e pegou um cobertor. Depois de chorar, Franklin passou a pensar com mais clareza e se lembrou de ter lido a respeito de escrita espelhada. Ansiava pela luz para que pudesse procurar um espelho e testar sua hipótese. Tommy resmungou, dormindo. Franklin fechou os olhos e rezou, pedindo ao Senhor que o ajudasse a decifrar o código, obter a senha e mandar um pedido de socorro.

Vinte e dois

QUANDO ACORDOU, LENA SENTIU-SE EM queda livre, no vácuo. Impotente, atordoada. Achou que ia vomitar. Saiu da cama e chegou até a porta do quarto de Sarah. Não era náusea nem vertigem. Não corria o risco de desmaiar. Percebeu que o peso acumulado dos dias de incerteza, sem fatos nem orientação, a esvaziara a ponto de deixá-la vulnerável à profunda ansiedade do nada.

Enterrou o rosto no travesseiro da filha, consolando-se com sua maciez envolvente. Depois de um momento de abraço silencioso, o pânico cedeu e Lena conseguiu voltar a respirar normalmente. Ao colocar o travesseiro de volta no lugar, Sarah subitamente apareceu na cama, pronta para ir dormir. Lena recuou, afastando a imagem ilusória, e saiu do quarto.

Foi até a cozinha preparar um café. Aqueceu uma rosquinha no forminho elétrico, mais por hábito do que por apetite. Bebeu um gole de café. Parecia sopa aguada, era como papel molhado na boca. Tirou a manteiga da geladeira e um cheiro estranho nas prateleiras indicava que algo estragara, deixando-a enjoada. Passou manteiga na rosca quente e a levou para a mesa da cozinha. Lembrou-se de que 45 horas antes havia sentado àquela mesa, fazia uma refeição igual àquela quando ouviu a campainha tocar. Ainda ouvia aquele toque. Será que o escutaria pelo resto da vida?

Ao sentir a ânsia subir pelo estômago, percebeu que ia vomitar. Levantou e correu para o banheiro, mal conseguiu fechar a porta e levantar a tampa da privada quando o jato saiu com força de sua boca. Vomitou mais duas vezes até o estômago se acalmar e ela perceber que terminara. Limpou a borda do sanitário e o chão, perguntando-se se a náusea resultava da sensação de queda livre anterior. Mas a impressão passara completamente. Talvez, pensou, estivesse doente, ou houvesse comido algo estragado. Pensava em verificar a temperatura quando viu seu rosto no espelho do armário do banheiro. Olhou para seu reflexo, que parecia falar com ela, ordenando que procurasse bem no fundo do seu ser.

Ela percebeu de repente que não estava doente nem comera nada estragado. Abriu o armário de remédios e pegou o exame de gravidez. Não usava os testes havia mais de um ano. Tirou um da caixa sem pensar, sem ansiedade. Agia de maneira automática quando sentou na privada e urinou na fita. Nem precisou ler as explicações. Percebeu na hora. Os riscos que indicavam o resultado positivo não demoraram a surgir. Ela ficou olhando até ouvir David vindo do quarto. Sabia que ele vinha direto para o banheiro, como de costume. Jogou a fita na privada, levantou e deu descarga.

David bateu e empurrou a porta de leve.

– Posso entrar?

– Pode. – Eles costumavam compartilhar o banheiro. David nem notou a expressão no rosto de Lena, de tanta urgência para urinar. Ela saiu do banheiro quando o marido ergueu a tampa da privada.

Lena foi para a sala, tentando absorver o impacto do que acabara de descobrir. Tentou se lembrar de quando David e ela haviam feito amor pela última vez. Houvera uma tentativa atrapalhada algumas semanas antes, sob efeito de bebida, quando voltaram de uma festa e a distância que sentiram nos últimos meses desapareceu. Mas David não conseguiu manter a ereção e eles desistiram, frustrados. Depois ela se lembrou de certa manhã, uns 15 dias antes, quando acordou com David acariciando seu seio. Ainda sonolenta, sentiu que a mão morna e suave despertava seu desejo. Quando percebeu que ele estava excitado, puxou-o para cima de seu corpo e deixou que a penetrasse, firme e quente, quando ainda nem tinha aberto direito as pernas. Lembrava-se da vontade de ficar assim, sem se mexer, apenas em contato. Mas não disse nada e o desejo levou o corpo a se mover. Fazia muito tempo que não transavam, então gozou rápido e ele, logo em seguida. Nem deu tempo de saborear o momento, pois ouviram o barulho da porta do quarto de Sarah e David logo rolou para seu lado da cama.

Foi naquele dia, então? Só pode ter sido. Sua menstruação atrasou sem que percebesse? Ela tentou saber a época exata, os dias, mas não conseguiu se lembrar, não sabia quando deveria ter menstruado. Sou médica, pensou, e não consigo nem saber isso? Ouviu David sair do banheiro e voltar para o quarto. Quando contaria a ele?

Uma série de pensamentos horríveis a invadiu. Seria obrigada a enfrentar a gravidez sem saber do paradeiro de Sarah? Esta nova vida competiria com Sarah pelo amor de Lena? Como agiam as mães de dois filhos? Elas separam o feto dado a cada filho? A confusão dentro de Lena aumentou mais ainda, ela nem sabia se deveria dar continuidade ou não àquela gravidez, com um futuro tão incerto. David saiu do quarto. Conseguiria esconder isso dele pelo tempo necessário para pensar com mais clareza e decidir qual seria a melhor opção? E, finalmente, o que havia feito para merecer este destino, receber este pequeno milagre da natureza bem quando Sarah estava desaparecida?

David aproximou-se por trás dela, levou as mãos a seus ombros, beijou sua nuca. Não agia assim fazia muito tempo. Era como se ele soubesse de algo. O teste não sumiu quando ela deu descarga? Não, ele havia sumido. Virou-se para ele e os dois se fitaram sem desviar os olhos.

– Dormiu bem? – perguntou ele, obviamente preocupado com a expressão no rosto de Lena.

– Mal e pouco.

– Por que o cheiro estranho no banheiro?

– Senti náuseas.

– Vomitou?

– Sim.

– Por quê?

– Não sei. Acho que comi algo estragado. E estou nervosa. Queria que isso tudo acabasse logo.

– Eu sei. Fez café?

Lena se lembrou do café e da rosca na mesa da cozinha. Não conseguiria encará-los.

– Fiz. Está na cozinha. Tem uma rosca. Pode comer. Ainda estou enjoada. – Talvez, esperava, David lesse nas entrelinhas do que lhe dizia e compreendesse que a esposa estava grávida. Mas seria pedir demais, até ela quase deixou passar o alerta.

– Por que não volta para a cama? Já verificou o computador?

– Não. Acho que vou voltar.

Ela foi para o quarto, mas David a segurou pelos ombros e a encarou, quase a forçou a olhar para ele.

– Eu me senti muito mal por não ter contado a respeito do emprego.

– Tudo bem. Eu entendo.

David queria dizer mais, tirar o peso do peito. Mas se controlou.

– Durma mais um pouco. Se surgir alguma novidade, eu aviso.

Quando tirou a roupa e se deitou de novo, Lena achou que ia enjoar outra vez. Mas após alguns minutos as questões relativas à gravidez desapareceram e, como ocorrera com Sarah, ela percebeu que estava ligada para sempre àquela nova vida. Lágrimas de culpa rolaram por sua face. A incerteza medonha da hora em que acordou deu lugar a uma sensação de plenitude inacreditável. Ela enterrou a cabeça no travesseiro e chorou de alegria.



David viu que o número do celular era familiar, mas não o identificou de imediato. Preciso de um minuto para se dar conta de que fora Trícia quem ligara às 23h24 da noite anterior, sem deixar recado. Ele passou alguns minutos em dúvida se deveria retornar o telefonema ou não. Foi para o quarto, abriu um pouco a porta e viu que Lena dormia. Voltou para a cozinha. Naquela manhã, fazia cada vez mais calor. O telefone tocou oito vezes antes de Trícia atender.

– David?
– Sim. Você me ligou ontem à noite?
– Liguei?
– Tenho o registro de uma chamada às 23h24.
– Meu Deus.
– O que foi?
– Eu estava bêbada. Tomei uns drinques com Sherry, não jantei, voltei para casa e matei uma garrafa de vinho quase cheia. Apaguei, dormi no sofá. Acabei de acordar.

David esperou. Sentiu que a bola ainda estava no campo dela. Não sabia como formular a pergunta, exceto de modo direto: “Você teve alguma coisa a ver com o desaparecimento de Sarah?” Mas sabia que assim não conseguiria nada. Pensou ter ouvido um barulho na cozinha, foi até lá, mas continuava vazia.

– Está tudo bem? – a pergunta soou forçada, vinda de Trícia.
– Não. Sarah continua desaparecida. Não vou ficar bem até ela voltar.

David pensou ter ouvido um suspiro.

– Vi uma foto de sua mulher. Parece que está sendo muito difícil para ela.

– O que esperava?

– Você é um sujeito forte, David. Merece uma mulher forte.

Ele queria matá-la. Não era um sujeito forte. Caíra nas garras daquela criatura nociva que estava do outro lado da linha. Será que seu erro tinha levado ao sequestro de Sarah? Ao perceber a insensibilidade entediada daquela mulher, fez-se novamente a mesma pergunta.

– David? Está ouvindo? Sabe que tenho razão. Você vai ter sua filha de volta, mas isso não quer dizer que precisa de uma...

– Como sabe que terei minha filha de volta?

Trícia não respondeu.

– Como sabe?

– Sei e pronto. A polícia veio falar comigo. Eles disseram que as crianças voltariam logo. Basta pagar o resgate e tudo vai terminar bem, não é?

– O que sabe a respeito do resgate?

– Minha nossa, David. Não sei nada. Preciso desligar. Não me telefone de novo enquanto não estiver pronto para mudar de vida.

Ela desligou. A mão de David se ergueu, mas ele a controlou antes de jogar longe o aparelho. O arrependimento bateu pesado e questões vitais para a investigação surgiram. Trícia poderia ter armado tudo aquilo? Como? Ele repassou imagens dos momentos que tiveram juntos; seus gestos de desprezo, as exigências na cama, a avaliação fria dos colegas e até dos amigos. Ele resistiu à tentação de se recriminar, de pensar em como havia sido estúpido, e procurou imaginar aquela pessoa profundamente egoísta fazendo coisas medonhas para lhe dar uma lição a respeito do tipo de mulher que precisava ter a seu lado. Não conseguiu imaginar isso, nem tampouco descartar a possibilidade. Nunca mais ligaria para ela, mas por enquanto sabia que continuava encrencado.



Quando David acordou Lena, uma hora mais tarde, avisou que fariam uma teleconferência dentro de alguns minutos. Ela demorou a entender a que ele se referia. Dormira profundamente. Aos poucos se lembrou do sequestro de Sarah e do envolvimento de outras famílias.

John Walker tratou a teleconferência como se fosse uma de suas reuniões profissionais. Apresentou os pais ao funcionário do banco responsável pelas transferências. A única menção ao fato de que o contato se devia ao rapto ocorreu quando o funcionário começou a falar, lamentando o sequestro, antes de entrar nos detalhes da operação.

David usou o telefone da cozinha e Lena ficou na extensão do quarto, ainda debaixo das cobertas. Sua mente divagou enquanto ouvia as pessoas falando, torcendo para que o marido estivesse prestando atenção pelos dois. Pelo menos prometera isso ao chamá-la. Lembrou que Sarah havia passado a segunda noite sem a mãe, num lugar que Lena nem sequer imaginava. Distante dos outros pais na teleconferência, ela se perguntou se os sequestradores teriam separado as crianças para escondê-las melhor, evitando a localização do cativeiro. Pagariam o resgate como um grupo e receberiam os filhos de volta todos juntos? E se as crianças estivessem separadas e um dos sequestradores fosse mais competente – estranhou a palavra por um instante: como um monstro desses poderia ser competente? – do que os outros? Ou completamente despreparado? A possibilidade significava uma situação horrível para Lena, na qual esperava que Sarah recebesse o melhor tratamento e, portanto, que as outras crianças poderiam ser maltratadas. Se não mantivesse todos juntos em seus pensamentos, teria uma competição do pior tipo. Lena tentou prestar atenção na teleconferência.

– Lynn Witherspoon está pedindo mais prazo – disse John quando Lena voltou a prestar atenção na conversa. – Disse que chegaram muito perto do que chama de “provável suspeito”. Mas eu discordo, não devemos esperar mais. Vamos iniciar o processo ao meio-dia e quem estiver encarregado de monitorar a conta só receberá a confirmação definitiva do banco por volta das três da tarde. Se adiarmos mais, como os bancos nas ilhas Caymã fecham às cinco, teremos de esperar mais uma noite.

– Não – reagiu Lena.

– Quem disse isso? – perguntou John.

– Fui eu. Lena. Não quero esperar mais uma noite. Por favor. Vamos prosseguir com o pagamento.

– Aqui é Mike. Concordo com ela. Se o pagamento for feito no mesmo período em que eles pegarem o tal provável suspeito, qual seria o problema?

– Nenhum, exceto a perda do dinheiro – respondeu John. Houve um momento de silêncio na linha. – Então, podemos dar início ao processo ao meio-dia?

John fez essa mesma pergunta a cada um e recebeu respostas firmes de todos, apoiando o pagamento. Janet acrescentou um “eu gostaria que isso acabasse logo” a seu “sim”. Mike encerrou a teleconferência dizendo que ele e Po receberiam com prazer os pais que se sentissem melhor na companhia dos outros. Lena gostou muito do convite. Mas, quando David entrou, vindo da cozinha, disse que a última coisa que queria fazer no mundo era se juntar aos outros pais à espera de notícias.

– E o que mais poderíamos fazer? – perguntou ela, levantando-se para se vestir.

– Não sei.

Levantar provocou náuseas em Lena novamente e ela foi para o banheiro. Não restava muita coisa para vomitar. David a acompanhou, parando na porta.

– Acha que pegou uma gripe ou algo parecido? – perguntou, sem dar o menor sinal de que poderia imaginar que “enjoo matinal” fosse a resposta. Lena balançou a cabeça enquanto lavava a boca e começou a escovar os dentes. Olhou para seu rosto no espelho, para a mesma imagem que lhe revelara a gravidez pouco antes. Não houve nenhuma revelação. Era apenas uma mulher com a escova na boca, uma filha desaparecida, um marido ainda distante demais dela para receber a informação mais importante que um casal poderia compartilhar e uma nova vida crescendo em seu ventre. Sentiu que sua imagem no espelho era puxada em muitas direções, como um reflexo nos espelhos que deformam a gente nos parques de diversões, e que poderia se desfazer ao menor movimento. Mordeu as cerdas da escova com força, como se assim pudesse segurar as pontas.

Vinte e três

CHASE NÃO TINHA MUITO A fazer no serviço, uma hora depois de entrar. Saiu do hospital para tentar contato com o pai mais uma vez, porém, novamente, caiu na caixa postal. Chase repetiu para si o que vinha dizendo a manhã inteira, que estava pronto para desempenhar seu papel e enfrentar qualquer dificuldade que surgisse. Mesmo assim, gostaria de conversar com o pai.

Era imensa a paixão do pai pelo projeto em andamento. Não era só por causa do dinheiro, Chase sabia bem.

— A grana é só o final da história — dissera ele ao filho na época do planejamento. — O que me interessa mesmo é a execução. Quero estar bem no meio de tudo, ter as crianças a meus pés e os pais nas minhas mãos para jogá-los de um lado para outro. Quero ouvir o ronco do motor e me satisfazer sabendo que tudo aconteceu por minha causa. E sua também, claro.

Chase esperava que o pai estivesse aproveitando a aventura tanto quanto imaginara. E, em relação ao desempenho teatral do filho, era uma pena que ele não pudesse ver como o rapaz estava se saindo bem. Chase entrou no hospital revigorado pela simples lembrança do homem que sempre fora tão importante para ele.

Quarenta e cinco minutos depois a cortina se ergueu para Chase. De cara, pensou que os dois homens fossem vendedores. Usavam ternos escuros, um deles carregava uma pasta, e vinham do elevador do porão. Vendedores familiarizados com o hospital costumavam usar a garagem do subsolo e passar pela lavanderia para chegar aos elevadores principais. Por isso Chase os ignorou até que o abordaram e um deles mostrou o distintivo, abrindo a carteira.

— Sr. Collins, sou o agente Allen, e este é o agente Toomey. Somos do FBI. Queremos lhe fazer algumas perguntas.

Allen era mais velho, provavelmente cinquentão, meio calvo. Toomey, aos 30 e poucos anos, tinha pele clara, olhos azuis e cabelo preto grosso. Chase associou a dupla a ele e seu pai.

— FBI? Do que se trata?

— Seu supervisor nos autorizou a usar a sala dele. Venha conosco e explicaremos.

— Claro, mas... — Chase havia preparado a fala, caso a abordagem ocorresse no hospital — eu não sei de nada a respeito da administração do hospital. Só faço o meu serviço.

— Não tem nada a ver com o hospital, Sr. Collins.

Chase exibiu seu ar confuso mais caprichado e acompanhou os agentes até a sala de seu chefe. Sentou na cadeira do supervisor da lavanderia e os agentes se acomodaram do outro lado da mesa, de frente para ele. Chase gostou do arranjo. Dava a impressão de que ele controlava a cena, no papel de inquisidor. No entanto, sabia que não podia exagerar, se exibir, mostrar segurança excessiva. Precisava demonstrar certo receio.

— Tem algo a ver com impostos? Eu fiz a declaração deste ano e...

— Nada a ver com impostos — disse Toomey. — Quem trata disso é a Receita. Queremos saber a respeito de um computador registrado em seu nome.

— Ah. Mas eu não tenho computador. Não precisamos aqui e...

— Em casa. Estamos falando do seu computador pessoal. Tem mais de um?

— Não. Tenho telefone celular. E um gravador TiVo para os programas da televisão.

Chase viu que a cena se desenrolava conforme planejara. Bancava o inocente, tentava ajudar. Avaliava os sujeitos como avaliara os pais. O mais velho provavelmente ficaria contente com a falta de familiaridade de Chase com computadores, poderia se identificar com ele. Impressionaria o cabeludo como o bom pai de família que era.

— Só o computador interessa — disse Allen. — Você é o único operador?

— Operador?

— O único que usa o micro.

— Não, minha esposa também usa.

— E há outras pessoas com acesso a ele?

— Não.

— Então tudo que existe no computador, no disco rígido, pertence a você ou a sua mulher?

— Suponho que sim. Aparecem uns pop-ups, clico onde mandam e ganho... — Ele parou de falar e fez cara de preocupado com a maior competência. — Ai, Jesus. Eu entro em sites pornôs, às vezes. Mas não nos ruins, com crianças e outras maldades. Só normal. Foi por isso...?

Toomey sempre assumia a atitude de que um suspeito era culpado até prova em contrário. Assim era mais difícil deixar um culpado escapar. Se o sujeito o encurralasse com sua enorme inocência, se ela fosse óbvia, Toomey desistiria, relutante. Contudo, se houvesse um sinal de inocência aqui, outro ali, ele continuaria a achar que era culpado. O tal Collins dava as respostas certas, mas na cabeça de Toomey nada soava genuíno. Decidiu que chegara a hora de interferir.

— Descobrimos atividade potencialmente criminoso relacionada a seu computador. Nós...

— Atividade criminoso?

— Não posso especificar. Outros agentes estão realizando buscas em sua casa enquanto conversamos. — Toomey esperou a reação de Chase, mas ele não falou nada.

O policial não soube como interpretar o fato.

— Minha esposa...

— O que tem ela?

— Ela não sabe dos sites pornôs. Juro que é tudo... bem, normal.

— Seu computador será confiscado e examinado em outro local. Desde que não haja atividade criminoso, respeitaremos sua privacidade.

Chase olhou para baixo, receoso, pensou, mas sem parecer um criminoso apavorado. Orgulhou-se de seu bom desempenho. Torcia para que suspeitassem um pouquinho dele, pois planejara uma bela resposta para quando lhe dissessem que seu micro havia sido invadido por sequestradores.

Allen falou em seguida:

— Gostaríamos que nos acompanhasse até nosso escritório. Temos outras perguntas. Pode chamar um advogado e pedir a ele que nos encontre lá.

— Um advogado? Acha que eu preciso?

— Depende do senhor. São perguntas de rotina.

— Bem, não conheço nenhum advogado. Podem fazer uma para mim? Assim talvez eu saiba se preciso de advogado ou não.

— Uma o quê?

— Uma pergunta. Das que vocês pretendem fazer lá.

— Seu cartão de ponto indica que entrou aqui às 8h28, no sábado, e saiu às 16h31. Ficou dentro do prédio o tempo inteiro?

— Sim. Preciso ficar. Posso almoçar no refeitório, mas não sair.

— E não saiu, no sábado?

— Não. — Chase viu que os agentes chegavam ao final daquela parte. — Se forem questões desse tipo, não vejo necessidade de advogado.

Toomey ainda tinha dúvidas, mas eram poucas. Felizmente, neste caso, tinham um computador, não precisavam tirar conclusões com base em palpites. O sujeito era duro na queda. Quando se levantaram para sair, tentou imaginar como Chase ficaria de peruca.

Vinte e quatro

SARAH JÁ ESTAVA ACORDADA QUANDO a clareira se iluminou. Foi até a janela e observou a beirada da mata que os cercava. Viu os fragmentos do saco do sanduíche de Linda sobre uma pedra, mas fora isso a clareira parecia calma. Precisava urinar com urgência. Franklin sussurrou para ela:

- Está vendo alguma coisa?
- Não.

Ele se levantou para ir ao outro quarto. Tirava a caderneta do Sr. Everett da mochila quando Sarah se aproximou, foi até a porta e a abriu.

- O que está fazendo? – perguntou Franklin.
- Preciso fazer xixi.

Na família de Franklin preferiam dizer *urinar*, mas ele não se importou com a versão infantil. Ele também queria fazer xixi.

- Vou com você, para ficar de guarda.

A grama da clareira brilhava, úmida de orvalho. Uma pomba arrulhou suavemente e mesmo assim Sarah pulou assustada. Não deixou de ir até o banheiro, porém, onde se aliviou em tempo recorde, sentada nas tábuas duras e frias. Franklin foi em seguida, e quando saiu Tommy e Linda esperavam, tremendo.

No fundo do isopor, encontraram um pacote de muffins, que serviram de café da manhã. Franklin examinava a caderneta, intrigado. Não se assemelhava em nada à escrita espelhada da história que havia lido. Revistou a mochila e a cabana, em busca de um espelho, mas não deu sorte. Os outros, esforçando-se para ingerir os bolinhos ressecados, o ouviram falando sozinho enquanto andava de um lado para outro.

- ...se for escrita espelhada, então precisaremos descobrir se a senha está em algum lugar ali. Quando conseguir a senha... – Seu pensamento pelo jeito terminava ali.
- O que foi? – perguntou Linda.
- Aí mandaremos um e-mail para nossos pais.

Todas as crianças pensaram a mesma coisa. Sarah foi a primeira a se manifestar.

- Não sei os endereços eletrônicos dos meus pais. Minha mãe os anotou, mas ficaram na minha mala, no carro.

- Os meus endereços também ficaram no livrinho do computador – disse Linda.

Franklin falou, emburrado:

- Só sei o endereço da minha mãe na igreja. E não tenho certeza se ela vê as mensagens com frequência.
- Acho que eu me lembro do e-mail da minha mãe – disse Tommy, embora não demonstrasse muita confiança.
- Bem, ainda nem conseguimos descobrir a senha – disse Franklin, olhando em volta da cabana. – O que poderíamos usar como espelho?

Todos procuraram superfícies brilhantes, mas no chalé rústico não havia nenhuma.

- No vidro da janela, pelo lado de fora – disse Sarah. Os outros hesitaram um pouco, sabendo que, se saíssem, estariam vulneráveis aos perigos externos. Sarah percebeu o medo. – Duvido que ursos andem por aí durante o dia. Ontem não vimos nenhum, certo?

A lembrança do animal enorme na janela, na noite anterior, pesou mais que o comentário de Sarah. Não queriam se arriscar por um palpite. Franklin resolveu o impasse.

- Serão apenas alguns minutos. Não tem mais comida lá fora. Foi por isso que o urso veio. Para comer.

Em meio a olhares nervosos, assustados, os quatro rodearam a cabana até encontrarem uma janela na sombra, capaz de refletir bem os símbolos da caderneta. Franklin a ergueu, mas o texto parecia ainda mais impenetrável daquele jeito, não pareciam letras do alfabeto.

- Vire de cabeça para baixo – sugeriu Tommy.

Funcionou. Um tipo de escrita espelhada surgiu quando viraram a caderneta de ponta cabeça. Na primeira página havia um título, “Contatos”, seguido dos nomes Chase, Marshall, Intermediário, Gursy e Farrow. Mas depois de cada nome, em vez de telefones, havia uma combinação de números e letras, novos códigos. Franklin virou a página. O título era “Sequência”.

- O que é sequência? – perguntou Linda. Os outros não sabiam. Havia datas e horários abaixo do título, portanto Sarah deu seu palpite.

- Acho que é quando as coisas acontecem.

Eles leram coisas como “pegar van”, “pintar van”, “pegar Trainor” e “troca das crianças”. Linda murmurou seu sobrenome quando o viu escrito, “Rosten”. Os outros localizaram seus sobrenomes na página. Após um momento de silêncio, as crianças entenderam que haviam sido escolhidas como alvo e seguidas.

- Ele planejou tudo – disse Sarah.
- O que é isso? – perguntou Tommy, apontando para uma palavra em letras grandes, sublinhada: “RESGATE”.
- É o dinheiro que pagam aos sequestradores – respondeu Franklin devagar, compreendendo que alguém precisaria pagar por sua libertação.
- E quem paga quem? – perguntou Tommy, genuinamente confuso.
- Nossos pais – respondeu Sarah. – Nossos pais precisam pagar para eles nos soltarem.

Todos os pensamentos se voltaram para o Sr. Everett. Liam a caderneta dele, mas seu nome não aparecia. Provavelmente continuava no pier, morto. Como poderia soltá-los, se tinha morrido?

- Você falou eles. Tem mais de um? – quis saber Tommy. – Outros virão para cá? – Ninguém sabia a resposta.

Franklin não quis pensar nisso e virou a página. Não havia título. A primeira linha dizia: “Nome da op.”, seguida de “Arno”. Na segunda, “Op. Capt.”, seguida de “Pensador”. Outras linhas continham palavras sem sentido para as crianças: “raptó”, “reconhecimento”, “duração da missão” e “compensação”.

A última página continha o título “Criptografia” acima de palavras e números que não faziam o menor sentido para aquelas crianças. Franklin fechou a caderneta, decepcionado. Eles voltaram para a porta da cabana. O sol, totalmente à vista agora, aquecia o local. Sarah não queria entrar na cabana.

- Vamos ficar aqui fora. Se aparecer um urso, corremos para dentro da casa.
- Não é uma casa – retrucou Linda.
- Chalé, ou seja lá o que for.

Sarah, Linda e Franklin resolveram continuar ali, ao sol. Tommy também queria, mas antes pensou em tentar a sorte com o notebook de novo. Ansiava por ligar o micro, ver a tela, sentir o teclado e arriscar algumas senhas. Herdara do pai o jeito para lidar com máquinas e equipamentos, sempre considerara computadores uma questão de tentativa e erro, uma espécie de abstração. Quando o computador de sua casa travava, ele não ficava parado pensando, pressionava as teclas, desligava e ligava de novo, chegava até a bater nele de leve, com o punho.

Sarah olhou para o saco plástico rasgado do sanduíche de Linda. Estava despedaçado, com restos de comida grudados. A menina, parada ali perto, soltou um gritinho, “eca!”, e Sarah olhou para o mesmo lugar. Havia um monte enorme de fezes de urso espalhadas num trecho de grama. Sarah e Linda se aproximaram de Franklin, que, sentado em outra pedra, continuava concentrado na caderneta, como se olhar para ela bastasse para decifrar seu conteúdo. Depois de algum tempo, ergueu os olhos.

- Acho melhor ver o que aconteceu com o senhor Everett – disse, hesitante. – Talvez tenha algo na carteira, um papel com a senha, sei lá.
- Pode ser – concordou Sarah, pensando nos perigos contidos na descida até o lagozinho. – Eu queria pegar o celular dele.
- Isso – disse Linda. – Por que ele o jogou longe?
- Ele deixou cair – retrucou Franklin.

– Nada disso. Vi quando ele jogou o celular no lago.

Franklin não discutiu mais, concentrando-se no que poderia haver nos bolsos do Sr. Everett. O grito de Tommy, dentro da cabana, os apanhou de surpresa.

– Ei, venham aqui!

Debruçado sobre o notebook, o menino esperou até que todos o rodeassem para mostrar que conseguira chegar à página inicial.

– Como fez isso? – perguntou Franklin.

– “Pensador”. Usei essa palavra e deu certo.

– Por que tentou essa senha? – indagou Linda.

– Estava na caderneta. Tentei outras palavras, mas não funcionaram.

– E agora, como fazemos para mandar o e-mail? – perguntou Sarah. Nenhum deles sabia. Não identificaram os ícones na página inicial. Tommy clicou em alguns. Um deles continha uma planilha com valores em dólares. Outra parecia ser um programa de e-mail, mas precisava de senha. Dessa vez, “pensador” não funcionou.

– Está muito estranho para mim – disse Franklin. – Meu computador é da Apple, um Mac.

– Acho que este é o botão para a internet – disse Tommy, clicando no ícone do Internet Explorer.

Depois de algum tempo, surgiu na tela a mensagem de página não encontrada e um aviso de que ela poderia ter sido removida ou que não havia conexão disponível. Em seguida uma bolha surgiu da barra inferior, informando: “Rede sem fio não encontrada.”

Isso tudo era um mistério para as crianças, mas Franklin argumentou que, como o celular, se saíssem talvez conseguissem acesso a uma rede. Franklin e Tommy seguraram o notebook aberto juntos, saíram da cabana e subiram numa pedra, mas também não conseguiram conexão ali.

– O lago – lembrou Sarah. Linda a encarou com olhos suplicantes, pois não queria voltar lá. Sarah também não, mas fazia sentido. – Era lá que o celular do senhor Everett funcionava.

Ainda carregando o notebook aberto, como se fosse uma oferenda aos deuses, os quatro desceram cautelosamente até o laguinho. De longe, a cena era insólita: a vastidão selvagem das montanhas Adirondack em todo o seu esplendor matinal, pontilhada por quatro crianças e um artefato tecnológico capaz de resgatá-las. Quando chegaram ao lago, o cenário era surreal. O Sr. Everett continuava onde o tinham deixado, mas dois corvos enormes bicavam as áreas expostas do corpo. Olharam para cima quando as crianças chegaram, mas não voaram.

O choque de ver o sangue espalhado paralisou os quatro, que ficaram espantados demais para dizer qualquer coisa. Linda finalmente gaguejou algumas palavras, rompendo o silêncio.

– Estão comendo ele!

Sarah deu as costas para a cena e olhou para o notebook que Tommy segurava. Lembrou-se de quando viu o Sr. Everett debruçado sobre o micro, sob sua luz fantasmagórica, tarde da noite.

– O que é aquilo ali do lado? – perguntou, examinando o notebook com atenção. Tommy procurou também, puxou o que parecia ser o acesso a uma abertura na lateral e localizou a pequena antena chata. A tela mudou na hora.

– Ei, aqui tem sinal.

– Satélite – disse Franklin sem muita certeza quando se reuniram em volta da máquina quase mágica. Era muito difícil enxergar coisas na tela, por causa da forte luz solar. Mas havia, sem dúvida, um portal com uma barra conhecida no alto. A questão era como proceder. Tommy sabia acessar sua conta no Yahoo, mas quando a página do provedor apareceu, ele não sabia sua própria senha.

– Meu irmão abriu a conta para mim e a senha fica na memória.

Franklin usava uma conta da Apple, mas não lembrava como acessá-la. Pelo jeito todos dependiam dos atalhos e das senhas salvos automaticamente em seus computadores. Sarah teve uma ideia.

– Facebook! – gritou. – Minha mãe tem perfil lá. A gente pode mandar uma mensagem pelo Facebook.

– A minha também tem – disse Linda.

Encontraram a página do Facebook com facilidade e começaram a escrever, mas não sabiam o que dizer.

– Avise que fomos capturados e precisamos de ajuda – sugeriu Franklin.

– Onde estamos? – perguntou Sarah quando Tommy colocou o notebook no chão e começou a teclar. A pergunta os pegou de surpresa.

– Longe do Acampamento Arno – respondeu Franklin. – Acho que passamos por Albânia.

– Albânia? Como se escreve isso?

Franklin ia responder quando o grito de um dos corvos cortou o ar e assustou os quatro. Os dois pássaros abriram as asas enormes e voaram para longe dali. Quando se recuperou do susto, Sarah voltou a teclar e mandou um e-mail. Linda fez o mesmo, escrevendo praticamente as mesmas coisas que a amiga.

Eles não sabiam o que mais poderiam fazer, mas não queriam fechar o notebook ou desligá-lo. Dependiam dele para sobreviver. Franklin forçou a vista e viu o indicador de bateria. Sabia o que era e percebeu que a carga baixara muito. Avisou os outros e desligou o micro.

A lagoa estava calma. Dali não viam direito o corpo ensanguentado do Sr. Everett, mas dava para ter uma ideia do que os corvos haviam feito. Tinham resolvido alguns problemas, enviado um pedido de socorro para quem podia salvá-los, sem saber, porém, se as mensagens seriam lidas e se os pais teriam como fazer algo a partir daquelas informações.

Quando voltavam para a cabana, Sarah percebeu que Franklin se enganara.

– Não é Albânia. É Albany, capital do estado de Nova York – disse, interrompendo a caminhada. Franklin concordou de imediato.

– Bem, acho que eles vão entender, né? Espero que sim.

Ninguém podia garantir, mas só lhes restava alimentar esperanças. Precisavam acreditar que os pais receberiam as informações enviadas, olhariam para o mapa e diriam: “Claro, eles estão ali.” E viriam buscá-los. O sol matinal os aquecia de maneira agradável, mas se os pais não agissem depressa a noite cairia de novo, tenebrosa.

Sarah avaliou com realismo as chances de resgate. Lembrou-se do mar de florestas que os cercava. Sentiu as lágrimas escorrerem pelo rosto. Sua mãe era muito inteligente e seu pai muito forte, capaz de longas caminhadas. Eles dariam um jeito de salvá-la. Sabia disso. Tinha certeza.

Vinte e cinco

DAVID DESLIGOU O COMPUTADOR, SAIU do quarto e encontrou Lena no quintal.

– Tem muita porcaria na internet. Se eu fosse você, ficaria longe da rede – disse ele, olhando em torno tentando identificar fotografos escondidos no mato. – O FBI vai ligar se aparecer alguma coisa.

– Que tipo de porcaria?

– Maldades a respeito de nós e das crianças. Paródias no YouTube. O que quiser. A rede deveria servir para ajudar a resolver situações como esta, não é? Minha nossa. Todos os usuários de computadores do mundo deveriam sair por aí com as fotos das crianças, em vez de engolir um monte de lixo.

– Não vou acessar – repetiu Lena automaticamente, como se mal o tivesse escutado.

Na verdade David explorara a repercussão do caso na internet, para ver se havia novidades. Seu ex-chefe não era o único na Dell que sabia do caso. Em blogs, artigos e comentários sobravam calúnias de todos os tipos, acusações de atividades criminosas diversas por parte dos pais, teorias conspiratórias segundo as quais eles haviam executado o sequestro em benefício próprio, absurdos de todos os tipos. Mas nada, David verificou, sobre suas escapadas com Tricia Sands. Só que isso não o tranquilizou, pois ainda não se livrara do problema. Resignara-se a enfrentar o dia em que teria de encarar sua adorável esposa e contar a ela o que acontecera. Não queria que esse dia chegasse enquanto Sarah continuasse desaparecida, mas, ao navegar pela internet, quase preferiu ser exposto publicamente. Não via a hora de deixar para trás aquele episódio de sua vida.

– O Acampamento Arno fechou pelo resto do verão, por causa da repercussão – disse ele, finalmente.

– Ótimo.

– Como?

– Sei lá. Odeio aquele acampamento. Não consigo nem pensar nele. Por que não deixamos Sarah fazer o que ela queria? Por que não a mandamos para o acampamento de futebol?

– Lena, preferimos deixar que ela escolhesse. E ela escolheu.

– Quer pôr a culpa nela, agora?

– Como assim?

Lena percebeu que se afastava dos argumentos razoáveis, mas sentiu-se bem assim.

– Nós a fizemos tomar essa decisão, lembra? Ela só pensava no acampamento de futebol, mas lá ela só passaria o dia, não dormiria, e queríamos as duas semanas só para nós dois. Já esqueceu?

– Não. Mas sei que senti orgulho por nossa filha, pequena e independente, ter analisado os prós e os contras e escolhido o Acampamento Arno.

– Nada disso, David. Por que ela pretendia usar chuteira lá no Arno? Hein?

Lena sentiu a torrada pesar no estômago e temeu outra crise de náuseas. Mas a sensação ruim passou. Ela cedeu.

– Sinto muito, acho que estou enlouquecendo. O que eles disseram? Que receberíamos notícias às três?

– Disseram que seria a partir das três, mandando o dinheiro ao meio-dia.

Lena calculou que fossem 11h30. Não queria mais pensar no tempo.

– Vou até a casa da família Williams esta tarde.

– Não pretendo aparecer lá. Confraternizar com as outras vítimas? Nem pensar.

– E o que mais podemos fazer?

David não sabia a resposta. Lena sentiu novamente que precisava se afastar dele. Entrou em casa e sentiu uma pontada no estômago ao ver os restos do café da manhã do marido. Saiu da cozinha e foi para o quarto. O computador num canto mais parecia uma gárgula ameaçadora. Aproximou-se dele e olhou para o monitor e para o teclado. Um Post-it colado na parte de baixo do monitor, com a letra de Sarah, continha instruções para Lena se tornar sua amiga no Facebook. Imaginou que os malucos da internet podiam ter invadido o perfil da filha e causado inúmeros danos, mas não teve coragem de entrar na página. Olhando para fora, viu dois homens de uma equipe de reportagem jogando frisbee. A liberdade daquela brincadeira a enojou. Deitou-se na cama e fixou os olhos no teto, tentando relaxar, manter a imensidão do mundo fora de suas paredes, para não enlouquecer.

Permaneceu em estado quase catatônico por 15 minutos ou mais, até o telefone tocar. Sentou-se na cama e atendeu depressa.

– Alô?

– Sra. Trainor? Aqui é Lynn Witherspoon. – Lena precisou de um segundo para lembrar quem era. Preparou-se para más notícias.

– Pois não?

– Estamos interrogando o dono do computador usado para enviar os e-mails que vocês receberam. Não quero dar falsas esperanças. Talvez ele tenha sido enganado pelos verdadeiros sequestradores. Mas vamos tentar fotografá-lo de peruca. Gostaríamos que vocês e os outros pais que falaram com o tal J.D. vissem a foto.

– Como assim, vão tentar?

– Bem, ele tem o direito de se recusar.

– Sei.

– Mas tem cooperado plenamente até agora, portanto acho que teremos a foto em breve. Planeja ir à casa dos Williams?

– Acabei de falar sobre isso com meu marido. Creio que sim.

– Bem, poderia esperar até enviarmos a foto? Queremos que a veja sozinha, sem os outros em volta.

– Certo. Quanto tempo vai demorar?

– Não sei bem. Posso pedir um favor, Sra. Trainor?

– Diga.

– Acha que poderia convencer os outros pais a retardar o pagamento do resgate por algum tempo?

– Por quê?

– É uma questão estratégica. Se realmente localizarmos J.D. e vocês realizarem o pagamento, mas ele for para outra pessoa, talvez não seja possível prender o outro envolvido. Mas, se ainda não tiverem feito o pagamento e J.D. confessar, podemos pegar a quadrilha toda.

Lena reagiu à voz rascante da promotora do mesmo modo que no dia anterior. O incômodo, somado à incerteza e ao raciocínio dependente de tantas hipóteses, deixou Lena furiosa.

– Creio que o grupo já tomou a decisão. Eu tomei, pelo menos.

– Entendo. Tudo bem. Avisaremos caso ele aceite tirar a foto, que seguirá por e-mail. Até logo.

A mulher desligou e Lena encontrou David na cozinha. Ele escutara a conversa.

– Acha que conseguirá identificá-lo? Lembra-se bem de sua aparência?

Lena não sabia responder àquelas perguntas. Ou melhor, não queria. Aguardaria a foto. Tinha certeza de que o reconheceria imediatamente. Não por um processo racional. Seria emocional. A visão de J.D. sem dúvida a arrepiaria inteira. Assim, teria certeza.



Phil Rostenkowski atendeu à chamada de Lynn Witherspoon. Sentia uma dor de cabeça lancinante, mal conseguiu se concentrar no que ela dizia. Aceitou examinar a foto com Janet, mas tinha certeza de que não seria capaz de identificar J.D.

– E por que não, Sr. Rostenkowski?
– Já falamos a respeito. Não lembramos de quase nada. Estávamos mais preocupados com nossa filha. Janet nem mesmo se lembra que ele tinha cabelo cacheado. As lembranças são um grande borrão.

Lynn pediu que adiassem o pagamento do resgate, mas Phil enfatizou que mandariam o dinheiro o mais rápido possível. Depois do telefonema, ele massageou as têmporas com força, esperando que isso atenuasse a dor. Janet tomara outro remédio para se acalmar e fora para a cama. Phil pensou em fazer o mesmo, mas temia não conseguir pensar direito se tomasse o calmante. Precisava manter a lucidez, a perspicácia.

Foi até o quarto. Janet acordava e abriu os olhos quando ele entrou.
– Quem era? – perguntou ela.
– Lynn.
– Como?
Ouviram Paul tossir no corredor antes de entrar no quarto.
– O que era, pai?
– Eu estava contando para sua mãe. A promotora federal assistente, Lynn Witherspoon, ligou. – Ele se virou para Janet: – Estão interrogando um suspeito.
– Quem? – quis saber Janet, sentando-se na cama, alerta.
– Não disseram o nome. Sei apenas que estão interrogando alguém. Foi o que ela disse. Vão tirar uma foto dele de peruca e mandar para nós.
– Não vamos conseguir identificá-lo.
– Já avisei. Mas ela quer mandar assim mesmo.
– Bom, é uma boa notícia, não acham? – perguntou Paul.
Phil e Janet balançaram a cabeça afirmativamente, mas nenhum dos dois parecia muito animado. Phil levou os dedos às têmporas de novo. A dor de cabeça era de matar.



Sheila Walker hesitava em relação à sua capacidade de relacionar a foto ao rapaz que raptara seu filho.
– Eu estava com a cabeça cheia naquela hora. Pensava em Franklin, numa reunião importante. J.D. me pareceu uma pessoa muito gentil. Só me importei com isso. Franklin precisa de adultos compreensivos por perto. O rapaz transmitiu uma boa impressão.

Lynn nem chegou a pedir a ela que adiasse o pagamento do resgate. Duas famílias já tinham decidido pagar e ela sabia que a decisão dos Williams também era definitiva.

Sheila desligou, encontrou John na cozinha e fez um resumo da conversa. Iam discutir o caso quando receberam outro chamado, de Marshall Rogovin, chefe de tecnologia da informação do Citibank. Ele estava ligando para passar a John um relatório sobre a investigação, antes de enviá-lo ao FBI.

– Lamento não ter notícias melhores para você, John. Nossa análise mostra que o endereço de IP de onde saíram os e-mails foi pirateado.
John sabia o que aquilo significava, mas precisava ter certeza.
– Alguém invadiu esse computador e o usou como base para enviar e-mails, certo? Portanto, ele nada tem a ver com a história, não é?
– Provavelmente, não. Devem ter escolhido alguém ao acaso, uma pessoa sem muita proteção. O FBI vai desvendar essa parte, se é que já não fizeram isso.
– Certo. Obrigado, Marshall. Tem o nome de alguém do FBI para enviar o material?
– Sim, pode deixar. Tem mais uma coisa.
– O que é?
– Localizamos tráfego regular de um terceiro computador para um endereço de IP do grupo dos pais.
– Para todos nós, quer dizer. Os e-mails?
– Não, antes deles. Para um micro. Dos Rostenkowski. Foram três ou quatro mensagens, datadas de maio.
– O que quer dizer? Eles estão envolvidos?
– Não. Acredito que os bandidos estavam testando o esquema, tentando ver se conseguiam fazer a coisa funcionar bem. Isso significa que não foi uma operação realizada às pressas. Tudo foi planejado com muito cuidado.
– Puxa, isso não é nada bom.
– E mais uma coisa, John.
– Diga.
– Vamos nos dedicar ao caso ainda mais agora. Passou a ser considerado um problema do banco, e não apenas uma questão pessoal sua.
– Como assim?
– Sabe, minha tarefa é ser paranoico. Com tanta sofisticação, temos de presumir que os sequestradores não são um bando de idiotas sentados num bar pensando numa maneira de ganhar 1 milhão de dólares sem esforço. Precisamos supor que o fato de uma das vítimas ser o diretor da área global de um dos maiores bancos do mundo não foi aleatório. Não sabemos aonde pretendem chegar, mas precisamos tomar cuidado.

John não gostou do tom de Rogovin.
– O que quer dizer, Marshall?
– Estou dizendo que é um sequestro. Mas é necessário examinar o caso por outro ângulo. Aceitar que talvez haja uma questão diferente por trás de tudo. Suspeitar de um ardl.

John não quis fazer mais perguntas. Começava a entender sua posição. Não duvidavam nem desconfiavam dele. Mas, para sua própria segurança, o banco precisava mantê-lo a distância, afastar-se de um de seus executivos. A perda do filho de um diretor era uma tragédia. Mas o banco tinha responsabilidades bem maiores do que com um executivo e seu filho. Havia depositantes, investidores, acionistas e uma diretoria. Se alguém queria atacá-los usando o sequestro como fachada, bem, precisavam primeiro vigiar esse executivo, depois livrar-se dele. Após uma despedida tensa, John desligou. O mesmo pensamento veio à sua mente: por que não pensei nisso antes?

Vinte e seis

A PERUCA SURPREENDEU CHASE. Passara 15 ou 20 minutos sentado com Toomey e Allen, tendo o que considerava um desempenho brilhante, equilibrando inocência e espontaneidade com falas genuínas e sinceras sobre seus filhos. Quando revirassem as entranhas de seu computador e descobrissem que fora “pirateado”, ele sabia que aquilo que mostrava aos agentes faria sentido. Não precisava ser nenhum especialista em tecnologia para perceber que atividades criminosas estavam sendo cometidas a partir de seu micro.

No entanto, quando Toomey se ausentou por alguns minutos e voltou com a peruca na mão, Chase saiu do personagem por um momento, como se estivesse no meio de uma apresentação e alguém na plateia espirrasse alto. Descartara a peruca no local exato ordenado pelo pai. Como a haviam encontrado? Deu um jeito de se recompor logo, mas não gostou nem um pouco da novidade.

– Do que estávamos falando? – perguntou a Allen.
– Computadores no serviço.
– Certo. Não preciso usar. Já disse. Os supervisores do meu departamento os utilizam para controlar o movimento da lavanderia, para ver se os prestadores de serviços são honestos, essas coisas. Mas eu não passo de um trabalhador braçal, não preciso usar computador. Conheço o da minha casa. Sei mexer nele. Fora isso, me sinto perdido.

Toomey sentou e pôs a peruca sobre a mesa. Chase sabia que precisava se manifestar.
– Isso tem algo a ver comigo?
– Talvez – retrucou o agente, sem tirar os olhos de Chase. – Você é quem sabe.
– Pensei que fosse uma pele quando vi. Fiquei tentando identificar o animal. Vocês são caçadores?
Toomey e Allen balançaram a cabeça negativamente.
– Gostaríamos de tirar uma foto sua com a peruca se não se importa – disse Toomey.

Chase riu, nervoso.
– Querem que eu use isso?
– Sim.
– O que tem a ver com o computador?
– Não sabemos direito. Talvez nada. Digamos que é uma espécie de experiência.
Chase percebeu que o tom da conversa mudara. Chegara a hora de bancar o sério.
– Bem, quanto a isso eu não sei. Não é o mesmo que responder às perguntas, como vocês falaram. Não quero me meter em problemas.
– Se meter em problemas? – perguntou Allen.
– Não me entendam mal. Não estou acusando vocês. Mas andei lendo a respeito de prisões indevidas, eles condenam um sujeito por assassinato ou algo assim, aí testam o DNA anos depois e descobrem que era inocente. E tudo começou por iniciativas estranhas dos policiais ou do promotor. Aí o quadro... sei lá.

– Acha estranho pedirmos isso a você? – perguntou Toomey.
– Não de propósito. O que pretendem fazer com a foto?
– Vamos mostrá-la a algumas pessoas, mais nada.
– Que pessoas?
– Não podemos citar.

Sem aparentar, Chase sentiu-se aliviado. Viu aí uma saída.
– Bem, lamento, mas não vou tirar a foto. Não quero. Não antes de um advogado me dizer que está tudo bem.
– Tem advogado? – Allen o interrompeu.
– Não. Nunca precisei, só quando compramos a casa. Mas nem lembro quem era.
– E que tal consultar as Páginas Amarelas para chamar um?
Chase riu de novo. Estava sendo mais fácil do que ele imaginara.
– Não esperam que eu escolha um advogado nas Páginas Amarelas, né?
– E o que pretende fazer?
– Vou telefonar para minha mulher. A família dela sabe lidar com essas situações.

Toomey e Allen o encararam, sabendo que estavam sendo testados. Chase percebeu a reação e se orgulhou. Decidiu levar a vitória um passo adiante.
– Sabem de uma coisa? Não tenho dinheiro para pagar um advogado. Eu posso me recusar a pôr a peruca e pronto, não posso?
Os dois agentes responderam afirmativamente, resignados. Chase segurou o sorriso.
– Então é isso que vou fazer.



O relógio grande da sala indicava 12h04.
Lena chamou David, que estava na cozinha.
– Recebemos a confirmação de que a transferência foi efetuada?
– Não sei. O banqueiro ficou de cuidar disso.
Inquieta, ela avaliou o que poderia fazer, pensando que a foto da peruca chegaria logo. Então lembrou que tinha prometido ligar para o hospital de vez em quando, nas férias. A recepcionista, Mayra Sanchez, uma jovem dominicana muito eficiente, levou um susto quando identificou a voz na linha.
– Dra. Trainor! Lamento tanto o que aconteceu com Sarah. Meu Deus.
– Obrigada, Mayra.
– Alguma... alguma...?
– Novidade? Nenhuma. Só o que já saiu na imprensa.
– Posso ajudar em algo? Chegamos aqui hoje de manhã e ficamos em estado de choque.
– Sei disso. Mas não há nada que possamos fazer.
– Estou rezando, sabe? E toda a minha família também.
– Obrigada.
– Quer falar com os outros médicos?
Lena não sabia o que queria fazer. Estabelecer um vínculo, talvez. Aquele momento com Mayra fora suficiente.
– Não. Peço apenas que agradeça a todos pelos e-mails e diga que podem me ligar se aparecer uma emergência. Agradeço se fizer isso.

– Pode deixar. – Não restava mais nada a dizer, mas Lena sentiu que Mayra não queria desligar. – Dra. Traímor?

– Diga.

– Vi o retrato falado que foi divulgado na televisão e no *Post*. O do sujeito que... pegou Sarah.

– Sei.

– Bem, conheço um rapaz que trabalha no setor cirúrgico da terapia intensiva. É a cara dele. Sabe de quem estou falando?

– Não. Mas deve saber que o homem do retrato falado usava peruca. Não sabemos qual é a aparência dele sem o disfarce.

– Ah. É mesmo? Eu não sabia. Que pena.

– Tudo bem. Diga a todos que telefonarei em breve. Obrigada. Até logo.

O retrato falado. Lena se esquecera dele. O detetive Martin passara os detalhes a um artista, no sábado, para elaboração do retrato. Depois os quatro casais receberam o desenho por e-mail, sugeriram correções e a versão final circulou entre eles. Lena pensou nela do modo como costumava pensar nos retratos falados que conhecia: genéricos demais, pareciam máscaras, não continham características suficientes para identificar um ser humano real. Ao ver pela primeira vez a versão final, não pôde deixar de pensar que Sarah, uma boa desenhista, teria feito um trabalho melhor.

Ela foi até o computador para examinar o retrato falado de novo e verificar se Lynn tinha mandado a foto. O desenho parecia vago como antes e ela o removeu rapidamente da tela, pois não queria confundir sua imagem mental de J.D. Nenhum e-mail da promotora. Olhando para o monitor, resistia ao impulso de revirar o lixo que, segundo David, circulava pela rede.

No entanto, sentiu necessidade de proteger Sarah. Sem saber o que ocorria, deixava que o mundo cibernético abusasse do sofrimento de sua filha. Fez uma busca no Google com o nome de Sarah e se assustou com a quantidade de ocorrências que surgiram instantaneamente. Olhou para elas por um longo tempo, com a mesma sensação de estar lendo os boletins da menina. Aquelas palavras, como as notas das provas da escola, não representavam sua filha, não davam conta do ser humano complexo e maravilhoso que Lena tanto amava. Percorreu algumas páginas da busca e o efeito se intensificou. Como aquela gente ousava presumir que tinha algo a dizer sobre Sarah?

A busca apontou também o perfil de Sarah no Facebook, com foto. A imagem minúscula dava à filha um ar vulnerável, apesar do sorriso radiante. Sem pensar, clicou no campo indicado e entrou no site. Navegou pela página de Sarah, aliviada ao verificar que não havia sido invadida. Chorou quando viu ela e David como os dois primeiros amigos de Sarah. A seção “comentários” dos amigos estava lotada de reações ao sequestro, tanto de pessoas conhecidas da menina quanto de milhares de outras cujo único vínculo era sua fama recém-adquirida. Lena não rolou a tela, só a encarou por um longo tempo, tentando criar uma conexão com Sarah, mas não funcionou. Sua filha não estava ali, naquele mundo virtual. Lena notou que o último acesso de Sarah fora no dia 12 de julho. Ela se lembrava de vê-la debruçada sobre o computador pouco antes de sair e presumiu que aquela fora a última vez que a menina acessara o site. A dor de ver a imagem de Sarah era demais. Lena desligou o computador.

♦ ♦ ♦

David recebeu a ligação de Lynn e se despediu antes que Lena pudesse pegar a extensão.

– O suspeito se recusa a permitir que o fotografem com a peruca e o computador dele foi invadido pelos sequestradores.

– Fim da linha, então? – perguntou Lena, de costas para a pia, onde pegava um copo d’água.

– É. Vão soltá-lo. Ainda bem que não esperamos mais alguns dias para pagar o resgate.

Lena concordou e bebeu um pouco de água. Falar sobre datas a levou a olhar distraidamente para a folhinha na parede, ao lado do telefone. Nem ela nem o marido se lembraram de remover as folhas referentes aos dias de crise e ainda constava a página de “Sábado, 10 de julho”. Lena fixou a vista no calendário e arrancou as folhas de sábado e de domingo, amassando-as com força antes de jogá-las no lixo.

David se aproximou quando a viu agir assim.

– Ela voltará logo, o resgate foi pago, meu amor.

– Quando? – rebateu Lena, como se ele soubesse a data. Ficou de costas para ele e viu o número 12 enorme e preto na folhinha, pulsando. David tentou abraçá-la, mas ela o empurrou.

– Espere, David. – Lena saiu da cozinha e correu para o quarto. Não queria ficar lá tampouco, mas não sabia para onde ir. Pensou em ligar o computador, mas não havia nada para ver nele, nenhum e-mail da promotora. Olhou para o relógio de cabeceira, que marcava 12h24. Em cerca de meia hora poderia ir para a casa dos Williams e se acalmar um pouco com a presença de Mike, pensou. Juntos esperariam as novidades. Três da tarde. Ansiava pelo momento. Temia não suportar mais um dia que fosse se os sequestradores não mandassem notícias.

O calendário voltou à sua mente quando se deu conta de que o dia seguinte seria dia 13. Não se considerava supersticiosa em relação a números, mas odiava pensar no dia seguinte, se fosse mais um sem Sarah. Olhou para o computador de novo. Lembrou-se de Sarah ali, pouco antes de partir. De repente, uma sensação esquisita tomou conta dela, a mesma que sentia no trabalho quando uma série de sintomas diferentes convergiam para a certeza de um diagnóstico. O que provocara essa sensação? O que estava acontecendo? Algo no computador desencadeara um processo. O quê? Virou-se ao ver que David vinha pelo corredor. Ele interromperia sua tentativa de desvendar aquela intuição. Precisava agir depressa. O que era?

A data! Hoje era dia 12, resmungou sozinha. Como...? Então a linha no perfil de Sarah no Facebook saltou na sua frente. Último acesso: 12 de julho. Sarah havia acessado sua página hoje!

– Meu bem – começou David, mas Lena se afastou dele e correu para o computador. Ele foi atrás, fazendo perguntas, ela ligou a máquina e entrou na página de Sarah.

– Ela acessou a internet hoje – disse, quase gritando, apontando para a informação na tela. O marido demorou a entender e depois duvidou.

– Espere um pouco, Lena. Talvez não seja ela. Aposto que conseguem invadir essa página sem a menor dificuldade.

– Bem, acho melhor avisar Martin. Temos que fazer alguma coisa, não é?

– O FBI está monitorando tudo. Eles devem saber.

– Ligue para eles.

David hesitou, olhando para a tela. Levantou-se e pegou o telefone. Lena encarava a página como se estivesse viva, como se Sarah fosse aparecer na tela, atrás da foto, e dizer: “Oi, mamãe.” A sensação se intensificou e Lena lembrou que Sarah e ela se comunicaram algumas vezes, deixando mensagens nas páginas para amigos. Lena tentou fazer o login no site, mas havia esquecido a senha. “Qual era mesmo, porra? Por que precisamos dessas senhas malditas...” Finalmente lembrou a combinação e entrou em seu perfil, ainda praticamente em branco. Havia uma mensagem. De Sarah!

– David!

Ele falava com Domingo, pelo telefone, quando a mulher o chamou. Virou-se. Lena clicou e o e-mail surgiu no monitor.

Mamãe

Um homem levou a gente para o mato, não para o acampamento. O homem morreu. Seu nome era Sr. Ivrit. Vimos um urso. Não sei onde estamos, é no meio do mato. Passamos por Albania. Quero que você venha buscar a gente. Quero voltar para casa.

Sarah

– Meu Deus, David – disse Lena. – É um e-mail de Sarah! Diga a ele que recebemos uma mensagem...

David ergueu uma das mãos, pedindo a ela que se calasse. Depois disse:

– Ele sabe, viram a mensagem faz uma hora.

– Como assim?

Lena olhou de novo para o e-mail. Tinha sido enviado às 9h46.

– Ele explicou que estão verificando a autenticidade. – David andava de um lado para outro, atrás de Lena. – Janet recebeu uma mensagem de Linda, também.

Lena mal escutou a última frase. Clicou no botão de resposta e começou a escrever. David, ainda ao telefone, acenou para chamar a atenção de Lena.

– Não querem que a gente responda por enquanto.

– Não responder?! Por que não? – Lena não parava de digitar.

– Não conseguiram localizar o computador de origem. Pode ser uma piada de mau gosto.

– E daí?

David ficou na posição de intermediário da conversa. Primeiro ouviu, depois passou as explicações.

– Ou pode ter sido enviada pelos sequestradores. O FBI pediu que esperássemos.

– Era Sarah. Tenho certeza de que era ela.

– Ela disse que tem certeza de que era Sarah – falou David ao telefone. Ouviu a resposta e disse a Lena: – Pediram mais algumas horas.

Ela fez que não com a cabeça. Terminou de escrever e leu:

Sarah

Ficamos contentes em receber sua mensagem. Você precisa falar mais do lugar onde está. Vamos buscá-la. Está tudo bem? As outras crianças estão aí também?

Eu te amo.

Beijos,

Mamãe

David desligou e pôs a mão sobre a mão dela, que segurava o mouse.

– Lena. Isso pode ser prejudicial.

– Era Sarah, David. Leia a mensagem. Não percebe?

– Como ela poderia ter acesso a um computador?

– O sujeito morreu. Talvez...

– Lena, por favor. Isso soa real para você? Está deixando que as emoções tomem conta de tudo. Pode ser uma farsa.

– E se for?

– Bem, quem fez isso pode espalhar sua mensagem, rir à nossa custa.

Lena olhou para David.

– Não estou nem aí pra isso.

Afastou a mão de David e enviou a mensagem.

Vinte e sete

O FBI levou Chase de volta para o hospital de carro e o deixou na entrada de emergência. Ele ligou para Helene e explicou que o interrogatório não passou de um terrível engano, que alguém invadira o computador deles. Mas ela não parecia nem um pouco preocupada e precisou desligar para cuidar das crianças.

Por um instante fugaz, Chase pensou em largar o serviço, entrar no carro, voltar para Westchester, parar de novo na frente da casa dos Trainor, misturar-se aos curiosos e acompanhar o show em parte criado por ele. Afinal de contas, passara no teste do FBI e nada o impedia de desfrutar as glórias do sucesso. No entanto, enquanto pensava, um Ford comum preto, com dois homens no banco da frente, avançou pelo acesso da entrada de emergência e saiu pelo outro lado, voltando à rua. Chase despertou de seu sonho triunfal, imaginando que o FBI talvez não tivesse caído completamente em sua encenação e pretendesse segui-lo. Por isso voltou ao trabalho.

A performance para o supervisor e os colegas de setor também foi ótima, em sua avaliação.

– Quando descobriram que invadiram meu computador, pediram mil desculpas e me pagaram o almoço – disse a eles. Poderia ter tirado o resto do dia de folga, mas preferiu ficar por ali, meditando um pouco. Helene não criaria caso, mesmo assim precisava de tempo para ensaiar.

Mais tarde, ao passar pelo quarto de um paciente, viu parte do noticiário. Ouviu algo a respeito de um e-mail das crianças, mas calculou que fosse mais um boato, visto que os repórteres precisavam inventar desdobramentos. Na pausa para o café, tentou ligar para o número do pai mais uma vez, ansioso para relatar as novidades. Não deixou recado. Não sabia onde ele estava. De acordo com o plano, o pai adotara táticas da CIA, tiradas de um livro, ao planejar a missão. Uma delas: Chase desconhecia o paradeiro dos “alvos”.

– Assim você não vacila e conta para alguém onde estou.

– Não vou vacilar, pai. Pode confiar em mim.

O pai lhe lançou um olhar condescendente e ergueu uma das sobrancelhas.

– Precisamos ir além da confiança, Chase. Funcionar como um mecanismo de precisão. Se uma parte sair do lugar, tudo vai por água abaixo. Não basta saber que você não vacilará. Preciso *ter certeza absoluta*, entendeu?

Chase terminou de fumar sentindo o humor mudar. O que era? Pensava na primeira menininha que pegara. Era do tipo confiante, atlético. Torcia para que Jennifer ficasse assim quando crescesse. No momento, experimentava sentimentos conflitantes. Talvez não fosse tão bacana assim estar metido naquilo até o pescoço. Também queria que as crianças voltassem logo para casa. Quando isso acontecesse, iria até Westchester para vê-las chegar. Só assim o projeto chegaria ao fim. Isso marcaria o desfecho definitivo.

Voltou para o hospital mergulhado em suas reflexões. A porta automática se abriu com um chiado que o assustou. Parou, identificou a origem do som e do movimento, percebeu que precisava prestar mais atenção ao que acontecia em torno e entrou.

◆ ◆ ◆

A história da mensagem pelo Facebook se espalhou pela internet e logo virou assunto nos meios de comunicação. Uma hora depois de Lena tê-la visto, aumentara muito a quantidade de carros de reportagem na frente de sua casa.

– Não é culpa deles – comentou David, sensato, ao acompanhar a agitação pela janela. Não entrou em detalhes, não revelou o que se passava em sua cabeça, que a imagem das crianças raptadas no meio do mato, com um sequestrador morto e ursos rondando a área, causava um tremendo impacto. Mas Lena compreendeu aonde ele queria chegar.

Ela permanecera grudada no computador desde que enviara a mensagem de resposta. Se conseguiram enviar um e-mail, deveriam poder responder logo, repetia a si mesma. Mas os minutos e as horas passavam sem nenhum sinal e a esperança deu lugar ao medo. Os detalhes eram bem específicos e projetavam imagens sombrias, apavorantes.

O detetive Martin bateu na porta e Lena logo concluiu que fora mandado pelo FBI para ficar de olho nela. Mas ele trazia informações e ela continuava a confiar em seus olhos azuis. Era melhor do que ficar encarando uma página do Facebook.

Enquanto Lena servia o café, ele começou:

– Sabemos o seguinte: a filha dos Rostenkowski mandou por e-mail as mesmas informações que Sarah enviou para você. Só isso. Não ajuda muito. – Ele pegou o bloco de notas no bolso do paletó e o consultou enquanto estavam sentados à mesa da cozinha. – Conseguiram algo a respeito do computador usado por elas, um endereço de IP. Trata-se de um micro furtado há cerca de três meses.

– Não diga – comentou David.

– Pois é. Essas coisas de computação... Bem, o FBI acha que os e-mails podem ajudar a desmascarar o suspeito que eles encontraram. Há semelhança de nomes. Só posso revelar isso e peço, claro, que não comentem com ninguém, pois vão interrogar o suspeito outra vez.

– E onde está Sarah? – perguntou Lena, sabendo que era estupidez.

Martin a encarou com uma compaixão incomum a um homem de sua profissão, como se responder fosse um sofrimento.

– Delimitaram uma área – começou, consultando seu bloco. – Presumem que “Albania” seja Albany. Portanto, estão ao norte de lá. Pela hora e data do vídeo enviado pelos sequestradores, conseguirão determinar até onde chegaram, na direção norte. E houve menção a... ursos. Devem estar nas montanhas Adirondack. Para prever a localização, traçaram um raio de 160 a 200 quilômetros.

– Nas Adirondack – disse David em tom neutro, imaginando a extensão do território.

– Sim, nas Adirondack – repetiu Martin.

– Já começaram a busca por lá? – Os olhos de Lena brilhavam intensamente. David e Martin perceberam sua impaciência contida, a ânsia de correr para procurar Sarah.

– É uma área enorme, Lena – disse o marido.

– Eu sei. A busca já começou?

Martin fez que não com a cabeça.

– Estão organizando tudo para começar amanhã. Não estou por dentro dos detalhes.

Lena lutou para controlar a raiva.

– Os agentes do FBI não nos contaram nada a respeito do e-mail e agora retardam o início das operações de busca?

– Eles têm esperança de obter resultados favoráveis no novo interrogatório do suspeito – respondeu Martin, sabendo que isso não seria suficiente para Lena.

– Querida, você precisa compreender – acrescentou David, o que só botou mais lenha na fogueira.

Lena levantou agitada e seguiu para a sala. Os dois homens trocaram olhares espantados. Ouviram a porta da frente se abrir e bater em seguida.

Ela pegou os repórteres e os câmeras de surpresa. Quando a viram sair de casa, passar pelo carro e caminhar em sua direção, apressaram-se em aprontar o equipamento, ligando as câmeras, os microfones e os gravadores. Parou no final do acesso, furiosa. David e Martin saíram de casa apressados, quase correndo, para alcançá-la. Os repórteres se recobram do susto e gritaram perguntas que ecoaram pela vizinhança silenciosa. Lena os afastou com um gesto e esperou, até que um dos repórteres mandou os outros calarem a boca. Quando ela começou a falar, sua voz mais parecia um rugido.

– Não estou pedindo nada. Queremos nossos filhos de volta. Se você tiver alguma coisa a ver com este ato terrível, desista e traga nossas crianças para casa. Se tiver informações, procure o FBI. E vocês, com suas câmeras e seus microfones, sejam úteis. Não adianta ficar aqui na frente da minha casa. Vão procurar minha filha!

Só uns poucos repórteres descarados gritaram perguntas em seguida, quando David e Lena deram as costas e voltaram para casa. Martin continuou lá fora, tentando, sem êxito, convencer os jornalistas a não usar o material gravado. Porém, um pouco mais tarde, nos dois lados da rua, era possível ouvir alguns repórteres começarem seus relatos com variações de “A mãe de uma das vítimas criticou a imprensa hoje quando...”

De volta à casa, Lena foi para o computador, mas só achou um e-mail curto da secretária de Lynn Witherspoon para as famílias, pedindo paciência. Para Lena era como pedir que voltasse no tempo. Não teria sequer um pinga de paciência, nem que sua vida dependesse disso. O e-mail de Sarah fez a ansiedade dos últimos dias dar lugar a uma busca focada, concentrada, e Lena sentiu que a partir dali a única coisa que interessava era começar a procurar.

◆ ◆ ◆

Os agentes Toomey e Allen esperavam Chase em sua casa quando ele chegou. Chase conseguiu representar o papel de pai de família exemplar na frente dos agentes, dizendo a Helene que estava tudo bem e pegando os filhos no colo. Mas não conseguiu chegar até a televisão para acompanhar o noticiário. Os agentes não explicaram por que precisavam interrogá-lo novamente.

Ficaram em silêncio durante o trajeto e levaram Chase até uma sala pequena nos fundos da sede regional em polvorosa. Deixaram-no sozinho e Lynn Witherspoon entrou depois de alguns minutos, apresentou-se e sentou. Disse que investigava a possível participação dele num crime, mas que não estava sendo preso. Perguntou se Chase queria chamar um advogado.

O primeiro impulso de Chase foi dizer sim, com o objetivo de adiar o desfecho. Mas gostou do fato de a mulher peituda estar sentada na sua frente e quis impressioná-la, exibir seu talento teatral. Ela o encarou como se fosse uma professora cobrando o dever de casa. Ele sempre se dera bem em situações similares. Declarou que não precisava de advogado.

Manteve a decisão mesmo depois de ela convocar um assistente e uma funcionária do fórum, que entrou com uma espécie de máquina de escrever para registrar o depoimento. “Pura pressão”, pensou Chase. Preparou-se para atuar enquanto Lynn dava informações para identificação da gravação. Mostraria mais uma vez surpresa, ingenuidade, talvez um certo choque. Mas, após a primeira pergunta da promotora, depois das preliminares, nem precisou fingir surpresa ou choque.

– Posso chamá-lo de Chase? Então, Chase, o nome de seu pai é James Everett Collins?

“Meu pai? Por que perguntam a respeito dele? Quem está no palco sou eu, e não ele.”

– Sim.

– E você sabe onde seu pai se encontra neste momento?

Para Lynn, o interrogatório podia terminar ali mesmo. A expressão do homem não revelava apenas que ele sabia onde o pai estava, como também esclarecia seu envolvimento no sequestro. Ela concluiu que estava falando com J.D.

Chase manteve a expressão de surpresa, invocou uma imagem mental do pai e recuperou o controle.

– Aconteceu alguma coisa com ele?

– Talvez. Sabe onde ele está agora?

– Hoje é segunda-feira? Em casa, provavelmente. Ele está praticamente aposentado. Só trabalha alguns dias por semana.

– Fomos à casa dele. Não está lá. Quando falou com ele pela última vez?

– Não me lembro. Mas, se aconteceu alguma coisa com ele, acho que deveria me dizer. Sabe, é que...

– Falou com ele desde sábado?

– Sábado? Não, acho que não.

– Não falou com ele hoje?

– Não.

Lynn discutira com sua equipe se deveria saltar na jugular do suspeito logo no início da entrevista, mas quando viu a reação de Chase soube que não precisava tomar a decisão.

– Temos motivos para acreditar que seu pai está morto – disse ela.

Chase não falou nada por um tempo. Ou essa era uma tática inacreditavelmente cruel, ou era verdade. Ele não quis levar a segunda hipótese em consideração. Não era possível. Mas, claro, ele realmente não falava com o pai desde domingo, e...

– Por que acham isso?

– Recebemos uma mensagem de alguém que, em nossa opinião, estava junto dele quando ele morreu.

– Quem?

– Uma criança sequestrada há dois dias.

Isso se encaixava perfeitamente com o fato de o pai não estar atendendo o celular. Chase abandonou o teatro.

– Não entendi.

– Acho que entendeu, sim. Já foi apelidado de J.D., por causa de sua predileção por Jack Daniels?

– Quase não bebo mais. – Chase não conseguia raciocinar. Seu pai, morto?

– Mas era o seu apelido.

– Não sei. As pessoas me chamavam de um monte de nomes. O que isso tem a ver com meu pai?

– Talvez você possa me dizer.

– Não sei de nada. Não falo com meu pai desde, sei lá, desde sábado, eu não disse?

– Você não sabe o que disse?

– Não consigo pensar em nada! Você está dizendo que meu pai morreu! O que mais esperava?! – As veias do pescoço de Chase saltaram e seu rosto ficou vermelho.

– Espero que nos diga como seu pai e você sequestraram quatro crianças que iam para o Acampamento Arno e onde elas estão agora – rebateu Lynn, embora sua voz aguda não chegasse à altura da voz de Chase.

– Está brincando?

– Claro que não.

Chase ofegava, seus pensamentos se anuviaram, não conseguia suportar a imagem do pai morto sabe-se lá onde. Olhou para a promotora, para o assistente impassível, para a funcionária do fórum, muito bonita, com os dedos na máquina, à espera de suas declarações. Voltou a fitar Lynn.

– Podem parar. Quero um advogado.

Vinte e oito

LENA SENTIA TANTA TENSÃO ENQUANTO esperava outro e-mail de Sarah que temeu perder o bebê. Falou sozinha e tagarelou com David para controlar o nervosismo. A voz de Mike Williams ao telefone também serviu de antídoto para seu descontrole.

- Oi, Lena. Aqui é Mike Williams, liguei para dar um alô.
- Oi, obrigada. Isso tudo é terrível.
- Dá para imaginar. Po ficou na dúvida se seria melhor ou pior receber um e-mail de Tommy.
- Também não sei. Quando abri o e-mail, tive a sensação de ela estar tão próxima. Agora parece que está sumindo.
- Mike esperou um pouco para responder.
- Espero que não se ofenda, mas estávamos conversando e dizíamos que Tommy às vezes deixa a imaginação ir longe demais. Quando as crianças estão na mata... – Lena não se incomodou. Não havia pensado naquilo.
- Quer dizer que elas... Sarah e Linda talvez tenham apenas imaginado que viram um urso?
- Ou então o tal sujeito, seja lá qual for seu nome, não tenha morrido de verdade. Talvez tenha passado muito tempo adormecido, as crianças pegaram o notebook e ele acordou.

Lena não sabia o que era pior, as crianças no meio do nada com um cadáver, ou um sujeito vivo impedindo que enviassem outras mensagens.

- Duvido que Sarah confunda sono com morte. Ela não é uma menina muito sonhadora. Ela é muito racional, puxou a mãe.
- Muito bom para ela – disse Mike. Lena pensou que, em outro contexto, a frase seria considerada um flerte.
- Mas não posso deixar de pensar que não raciocinei cientificamente. Não o bastante.
- Como assim?
- Havia pistas. Fui treinada para examinar as menores evidências. Não deveria ter percebido que ele usava peruca?
- Ele não estava ali para receber um diagnóstico, Lena. Também tive pensamentos como esse. Não recebi treinamento específico, mas conto com muitos anos de experiência em distinguir o falso do verdadeiro, saber quem vai fazer o serviço e quem só vai dar dor de cabeça e prejuízo, ser um pé no saco. Mal olhei para o cara, de tão orgulhoso que estava por meu moleque subir correndo na van, viajar sozinho. Não vi mais nada nem ninguém.

Lágrimas escorreram pelo rosto de Lena. Sempre teve uma fraqueza por homens que amavam tanto os filhos que os chamavam por nomes carinhosos. Seu pai sempre chamara Sylvie de “Sylvie a mil”, por conta de sua hiperatividade precoce. E chamava a neta de “Sarahbell”. David se referia a Sarah como “arteira” quando ela era pequena, mas não se recordava de ter ouvido o termo recentemente.

- Lena – disse Mike, quebrando o silêncio. – Está tudo bem?
- Tudo bem. Não se preocupe.
- Ligue quando quiser ou passe aqui. A situação que estamos enfrentando não é fácil.
- Nem me diga. Mas não posso largar o computador.
- Pode acessar a internet por aqui. E Jack, meu outro filho, é fera em informática.
- Eles se despediram depois dos agradecimentos mútuos e Lena, de pé na cozinha, olhou para o quintal.
- Quem era? – indagou David ao entrar na cozinha.
- Mike Williams.
- Novidades?
- Ele levantou a hipótese de excesso de imaginação por parte das crianças – disse Lena enquanto punha uma xícara de café morno para esquentar no micro-ondas.
- Quem?
- Mike.
- Quer dizer, inventar coisas?
- Algo por aí. Talvez tenham apenas imaginado o urso, talvez o Sr. Ivrit estivesse só dormindo.
- Duvido muito que Sarah confundisse sono com morte. Talvez as outras crianças, mas ela...
- Foi o que eu disse. Acho que ele só queria demonstrar solidariedade.

Fosse a menção ao apoio de Mike ou outra coisa, David sentiu o impulso de abraçar Lena, mas ela estava sentada de costas para a pia, com os braços cruzados na frente do corpo, soprando a xícara de café. Imaginou que ela recusaria o abraço e preferiu evitar a rejeição. A não ser por um único gesto carinhoso, ela se fechara em seu mundo desde o início do caso e por enquanto David não via um modo de retomar a antiga proximidade.

- Ele falou algo a respeito de um blog?
- Um blog? Não, o que é?
- Há um blogueiro que se intitula NutsandBolts. É um blog sobre reformas domésticas, mas o autor diz que conhece Williams e que ele fez um seguro de vida enorme para os filhos.

Lena fechou a cara, irritada com David. A voz calma de Mike ainda ecoava em seus ouvidos.

- A teoria é que ele planejou o sequestro e vai mandar matar o filho para receber o seguro? Meu Deus, David. Isso é loucura.
- Não sei, não. O sujeito diz que a situação econômica prejudicou imensamente os negócios de Mike e, pensando bem, como o pessoal dele achou a van tão depressa?
- Já descartaram essa hipótese. Martin não o preveniu para ficar longe dessas bobagens?
- Você soa como um daqueles médicos que ignora um paciente só porque ele obteve informações na internet.
- Lena não queria pensar nessa possibilidade. Queria entender por que David estava puxando seu tapete, caluniando o homem que mais a amparara nos últimos dias.
- Aposto que em algum blog dizem que promovemos reuniões de bruxas em nossa casa e que as crianças estão presas no porão.
- Não é tão maluco quanto parece.
- O quê? O calabouço da bruxa?

- Não, Williams precisar de dinheiro. Ele e a mulher mantêm uma calma suspeita desde o começo. E aquela proximidade toda. Nem parecem se importar.
- Lena não ouviu aquilo como crítica, mas como demonstração de ciúmes. Levou a mão ao braço de David e o olhou com intensidade. Não precisou dizer nada. A capacidade de comunicação silenciosa se restabeleceu. “Ouça bem o que você está falando”, os olhos dela disseram. Mas David não desistiu.
- Sei lá. Vive convidando todo mundo para ir à casa dele. Quer ficar de olho na gente? E por que liga para você?

Lena olhou para o telefone, mas a voz de Mike sumira de sua mente. O Mike que quase flertava com ela não estava mais lá. Apenas um empreiteiro com seguro de vida para os filhos.

Então o telefone tocou. Não era Mike, e sim alguém da equipe de Lynn Witherspoon pedindo a David que ficasse na linha para uma teleconferência. David alertou Lena e ela foi para o quarto, onde havia extensão. Sentiu o sangue latejar nas têmporas. Ouvia as vozes e a respiração dos outros pais na linha. John Walker falou primeiro.

– Lena, está ouvindo?

– Sim.

– Agradeço pelas coisas que você disse à imprensa. Minha posição no banco impede que eu me manifeste, mas penso exatamente a mesma coisa.

Outras vozes repetiram o incentivo, depois Lynn entrou na conversa e perguntou se estavam prontos. Todos responderam que sim e ela começou a falar.

– Conversarei com a imprensa em poucos minutos, mas queria antes passar algumas informações a vocês. Temos desdobramentos. – Lena escutava o ofegar ansioso dos outros pais na linha. – Detivemos o suspeito que acreditamos ser J.D. – Ela parou de falar por um momento para que todos absorvessem a notícia. – O mesmo sujeito que se recusou a tirar foto de peruca, Chase Collins. O nome do meio do pai é Everett, muito próximo do que consta nos e-mails das meninas. A reação dele a certas perguntas nos leva a acreditar que o pai seja o sujeito citado pelas meninas.

Outras questões foram levantadas simultaneamente durante a teleconferência e Lena perdeu o fio da meada, assim como a promotora.

– Podemos deixar as perguntas de lado? Não sabemos de mais nada. Talvez seja aconselhável uma reunião esta noite. Não poderemos interrogar o suspeito novamente até ele contratar um advogado. Isso pode levar várias horas.

– Eu o interrogo – disse Mike.

– Entendo o que você está sentindo. Vou acrescentar uma informação que não será divulgada à imprensa. Há a possibilidade de Collins se recusar a dar qualquer declaração. É um direito dele. Também existe a chance, embora pequena, de que ele não saiba para onde as crianças foram levadas e acho que vocês precisam levar isso em conta.

Lena ouviu uma sequência de suspiros.

– Como pode ser? – quase gritou Janet, obviamente estressada.

– Trata-se de uma operação bem sofisticada, pelo que investigamos. A única tarefa de Collins pode ter sido pegar as crianças e entregá-las ao pai, que as conduziu para local desconhecido. Eu agiria assim se planejasse algo do gênero. Ele pode responder honestamente à nossa pergunta sobre o paradeiro das crianças, dizendo que não sabe de nada. Lamento encerrar assim, mas preciso desligar. – E Lynn Witherspoon saiu da conferência.

Após um breve silêncio, David surpreendeu Lena com uma declaração a todos que continuavam na linha.

– Se não houver novidades até o amanhecer, vou participar do grupo de busca que está sendo organizado.

Ele recebeu manifestações de apoio, em seguida Po falou, com uma voz suave:

– Lena, Janet, vocês têm certeza de que suas respostas aos e-mails chegaram à caixa de entrada das meninas?

Lena ficou confusa. Deixara de pedir confirmação de recebimento da mensagem, um procedimento muito simples. Não pedira um aviso de “mensagem recebida”. E se estivesse esperando este tempo inteiro e o e-mail para Sarah tivesse caído em alguma conta desativada? John falou e ajudou a reduzir os temores de Lena.

– O FBI vem monitorando tudo. Tenho certeza de que eles garantiram a chegada dos e-mails aos endereços certos.

Ninguém queria desligar, mas chegaram a um ponto em que não tinham mais nada a dizer. Po convidou os outros pais a irem até sua casa, caso quisessem, pois poderiam monitorar os e-mails de lá. De repente, Lena sentiu-se exausta demais para pensar em driblar a imprensa e ir a qualquer lugar. Desligaram depois de se despedirem.

Lena e David se encontraram na sala, onde ele começou a andar de um lado para outro, agitado.

– Você falou sério? – perguntou Lena.

– Sobre ir até lá? Claro que sim. Mais um dia sentado aqui esperando que eles façam o filho da mãe confessar me deixaria maluco.

Ele elaborou uma lista de tarefas e a leu em voz alta. Entre as providências incluiu chamar um amigo do serviço, caçador de cervos, que sempre mencionava as Adirondack, telefonar para o irmão e ver se ele tinha algum conselho para dar, separar os mantimentos e decidir qual carro levar.

Lena observava o marido enquanto ele circulava pela sala. David crescera numa região inóspita de Oklahoma e passara boa parte da juventude no meio do mato. Ele levava Sarah para acampar certa vez, numa viagem infeliz, prejudicada pelo equipamento inadequado e pela chuva torrencial. No entanto, a aparência cosmopolita adquirida na faculdade, em Cornell, prevalecera nos últimos anos. Lena não conseguia imaginá-lo seguindo pistas na mata fechada das montanhas Adirondack. Mas ele precisava fazer alguma coisa. Ela entendia isso. Chegava até a invejar sua liberdade de sair de casa e procurar a filha nas montanhas. Mas Lena não se via nessa situação. Por mais irracional que fosse, achava que devia ficar em casa para o caso de Sarah chegar. Ela a abraçaria com força e deixaria que chorasse até esgotar as lágrimas. Depois seria forte, preparada para as consequências, para os meses e anos em que os vestígios daqueles dias sairiam aos poucos de sua pele e de sua alma para sempre.

Vinte e nove

No meio da tarde, o sol forte na clareira deu lugar ao cinza-chumbo das nuvens. Franklin disse que deveriam levar o notebook até o laguinho de novo, antes que chovesse, para verificarem se os pais tinham respondido. Ninguém queria deixar a segurança da cabana e da clareira, mas ali não havia sinal, portanto precisavam retornar àquele lugar medonho.

Desta vez os corvos voaram batendo as asas com força assim que as crianças se aproximaram. Tommy olhou em volta rapidamente, supondo que um urso talvez rondasse o lago, pois os corvos não se assustaram quando as crianças chegaram, da primeira vez. No entanto, não viu nada de anormal.

Era mais fácil enxergar a tela do notebook com tempo nublado, mas o que viram os desanimou. O indicador do nível da bateria estava piscando, prova de que a carga chegara ao fim. Sarah teclou o mais depressa possível e soltou um gritinho quando entrou na página dela e viu a mensagem da mãe. As lágrimas rolaram por seu rosto quando começou a ler, mas Franklin insistiu para que se concentrasse em sua missão. O tempo passava e eles pensavam no que deviam escrever, nas coisas de que se lembravam. Finalmente conseguiram redigir a seguinte mensagem:

Mãe

Estamos numa cabana. Perto de um laguinho. Tem courvos. Viajamos num carro cinza e subimos até aqui a pé. Socorro.

Todos concordaram que era só o que sabiam. Franklin disse que *corvos* não tinha “u”, mas não dava tempo de corrigir. Sarah ia enviar o e-mail quando Tommy teve uma ideia:

– Deixei cair a meia. Não devia avisar?

Ninguém sabia, mas a luzinha da bateria começou a piscar mais rápido. Franklin tomou a decisão:

– Precisamos mandar a mensagem já.

Sarah precisou de alguns segundos para levar a seta até o botão de enviar, pois não estava acostumada a usar notebooks. Todos fixaram a vista na amпуlhetа que ficou girando depois que ela clicou no botão. Antes que parasse, no entanto, a tela piscou e apagou.

– Acha que a mensagem foi enviada? – perguntou Linda.

Ninguém soube responder. Olhavam para a tela escura como se esperassem que um gênio saltasse dela para esclarecer as dúvidas. Afinal, passaram praticamente a vida inteira dependendo de um gênio qualquer que aparecia numa tela. Agora, nada.

O ronco grave de um trovão a oeste fez com que virassem as cabeças. O céu escurecera consideravelmente, as nuvens cinzentas ficaram quase pretas e aumentaram. Sarah tentou ligar o computador outra vez, mas não funcionou. Franklin comentou:

– Talvez ele tenha uma bateria reserva.

Todos entenderam a quem o menino se referia. Havia vasculhado cada canto da cabana e a mochila do Sr. Everett, chegaram a procurar uma bateria no isopor quase vazio, porém não encontraram nada. Então olharam para o cadáver ainda estendido no pier.

– Duvido muito – disse Linda, mais levada pela repulsa do que pela razão.

– Deveríamos procurar, pelo menos – disse Franklin. Outro trovão a oeste o fez exclamar: – Antes que chova!

– E onde vamos olhar? – quis saber Tommy. – Nos bolsos da frente ou nos de trás?

Sarah examinou o notebook e avaliou o tamanho da bateria.

– Só pode estar no bolso de trás.

– Espero que sim – disse Tommy. – Pois não íamos conseguir virá-lo.

Sem hesitar, ele desceu na direção do cais enquanto os outros esperavam. No caminho, murmurou o que sabia do terço. Ao dar os primeiros passos nas tábuas do pier, esforçou-se para concentrar a vista nos bolsos traseiros da calça do Sr. Everett. Quanto mais se aproximava, mais restringia a visão. Virou-se, vendo que os outros ainda não tinham chegado à plataforma. Não importava. Ele avançou, meio atordoado, como se fosse cair na água. Esperou a tontura passar e seguiu em frente. Havia volumes proeminentes nos dois bolsos traseiros. Tommy se recordou da aparência do bolso da calça jeans do pai, a carteira deixava marcas por ser usada sempre do mesmo lado. O bolso direito do Sr. Everett exibia as mesmas marcas, portanto Tommy deduziu que só precisava examinar o conteúdo do bolso esquerdo.

Quando chegou bem perto do corpo, olhando apenas para os bolsos, as moscas revoaram em volta do Sr. Everett. Isso, junto com o mau cheiro, deteve Tommy por um segundo, mas ele estendeu a mão para o bolso esquerdo, usando toda a sua força de vontade. Quando seus dedos tocaram o tecido, sentiu que havia algo duro, retangular, de plástico. Uma bateria! Ele segurou o objeto com firmeza e puxou. O que saiu parecia uma bateria, mas o puxão fez com que o menino perdesse o equilíbrio. Para se recompor, ele deu um passo à frente e baixou a cabeça. O rosto ensanguentado e carcomido do Sr. Everett entrou em seu campo de visão e Tommy recuou com um salto, horrorizado.

Um pouco para trás, ofegante, ele viu a bateria meio exposta. Com um gesto certo e firme, apanhou-a e a puxou com força. O corpo rígido do Sr. Everett se ergueu e bateu nas tábuas ao cair. Com a bateria na mão, Tommy saiu correndo pelo pier ao encontro dos três amigos, que recuaram quando ele se aproximou, como se o contato com o Sr. Everett o tivesse contaminado. No entanto, ao mostrar o objeto recuperado, todos se aproximaram dele.

– Não é do mesmo tamanho – disse Sarah.

– É uma bateria de telefone celular – acrescentou Franklin.

Tommy examinou o objeto. Eles tinham razão. Em vez de tábua de salvação, o retângulo de plástico não passava de uma lembrança inútil do sujeito que os sequestrara. Ele se virou e atirou a bateria no laguinho.

Neste instante, as crianças notaram que caíam os primeiros pingos de chuva. Resolveram voltar para a cabana. O estrondo de um trovão próximo fez Linda gritar.

– Odeio trovão!

Aquilo era novidade para Sarah. Ela tentou se lembrar de algum episódio anterior em que Linda e ela tivessem enfrentado juntas uma tempestade, enquanto subiam pela trilha e a chuva molhava a grama do caminho. Não se recordou de nenhum incidente.

Ao chegarem a cerca de 100 metros da cabana, a chuva aumentou muito. Correram até a porta e entraram no chalé quase escuro. Ofegavam, ensopados. A água batia com tanta força no telhado que as crianças pensaram que as tábuas fossem ceder. As goteiras formavam fios de água que corriam pelo chão. Sarah tirou a mochila do Sr. Everett, que estava embaixo de uma goteira, e os outros seguiram seu exemplo e salvaram outros itens ameaçados pela água. Tommy encontrou um baldinho vermelho num canto e o posicionou debaixo da goteira maior. Em seguida, eles passaram para o outro quarto. Lá não estava tão ruim, mas precisaram mudar um colchão de lugar por causa das gotas que caíam. Puseram todos os colchões de pé contra a parede, longe das goteiras, e acharam que tinham a situação sob controle.

De repente, uma luz azulada tomou conta do quarto, e por um instante o mundo lá de fora – a clareira, vista através da janela – ganhou uma claridade estroboscópica. Antes que as crianças pudessem reagir ao relâmpago, o estrondo do trovão sacudiu a cabana, balançando as janelas e seus vidros frouxos. Todos gritaram ou pularam, depois se amontoaram ao lado dos colchões para se protegerem da chuva que batia no teto, ouvindo o barulho das goteiras maiores no outro quarto, que acrescentava uma nota grave ao barulho da tempestade. O medo do próximo relâmpago seguido de trovão era evidente.

Quando chegou, o relâmpago distante foi mais fraco e difuso e o trovão demorou mais até explodir em seus ouvidos. Assim que os gritinhos cessaram, Tommy pronunciou seu veredicto, usando uma frase ouvida do pai.

– O pior já passou.



O tempo passou, o relógio marcou 15 horas e nada de contato dos sequestradores, nenhuma indicação de que a transferência havia sido bem-sucedida nem e-mail de Sarah. Em seu computador, Lena checou a previsão do tempo e viu que uma tempestade violenta, com raios e trovões, varria a área em que as crianças se encontravam, de acordo com o FBI. David, revigorado pela decisão, estava preparando sua bagagem havia mais ou menos uma hora, trocando impressões com o pessoal das Adirondack responsável pela organização dos grupos de busca, pedindo conselhos a seu amigo caçador.

Quando o detetive Martin chegou, às 17h30, já era quase um membro da família, pensou Lena. Entrou anunciando novidades, fora outra vez enviado pelo FBI para “garantir que você mantenha a calma quando receber as informações”. Ela não levou a brincadeira a mal, graças aos modos afáveis do policial.

– O Facebook vem monitorando a conta de Sarah e há uma hora, aproximadamente, os servidores registraram o trânsito de uma mensagem destinada à conta de Lena cuja origem era o mesmo endereço de IP do qual Sarah enviara o e-mail anterior.

– Não recebemos nada – disse Lena, respirando fundo.

– Não entrou no servidor, seja lá o que isso for.

– É o computador que transfere as mensagens recebidas para as contas do Facebook – explicou David, ainda segurando a lanterna que trouxera do porão. – Se não chegou ao servidor, como eles souberam que a mensagem foi enviada?

– Sei lá. Não entendo nada da parte técnica. Só sei que identificaram a origem, foi mandada pelo mesmo computador que as meninas usaram antes para enviar o outro e-mail. No entanto, a mensagem não chegou.

– O que isso significa? – perguntou Lena.

– Quer dizer que alguém, Sarah talvez, estava tentando enviar o e-mail, mas alguma coisa a impediu. – Martin traiu certo nervosismo ao dar essa informação.

– Alguma coisa? Como assim?

– Pode ser qualquer motivo. Falta de energia, se a bateria tiver acabado. Eles estavam usando uma conexão Wi-Fi, pode ter ocorrido interrupção de sinal por causa das condições atmosféricas. Ou erro humano, alguém apertou a tecla errada, sei lá. De todo modo, sabemos que ela tentou entrar em contato com você novamente e que ainda pode fazer isso. Quando as condições forem favoráveis enviará outra mensagem.

– Está chovendo forte por lá – disse Lena.

– É verdade, está mesmo – concordou Martin. – Vendo pelo lado positivo, ela tentou entrar em contato com você. Isso quer dizer que recebeu o seu e-mail.

Os três continuavam em pé no meio da sala. David falou, olhando para Lena:

– Talvez Mike tivesse razão.

– Como assim?

– Talvez o tal Everett não tenha morrido. Vai ver as crianças conseguiram pegar o notebook e ele os surpreendeu quando Sarah estava enviando o e-mail e a deteve.

Martin viu o medo nos olhos de Lena.

– Para mim, isso não soa muito real. O pessoal do FBI disse que a conexão do notebook é bem precária. Deve ser por falta de sinal.

A chuva lançava gotas de água no vidro da janela. Lena viu os repórteres e suas equipes correrem para cobrir o equipamento. David e Martin debatiam possibilidades, mas Lena só conseguia ver o lado negativo das informações. A linha de comunicação que fora aberta se romperia. Sarah continuava perdida no meio do mato, não se sabia onde. Mais uma vez, a situação parecia muito grave e incerta. Aos poucos, Lena perdia a esperança. Ela se perguntou se Sarah, que tinha uma confiança inquebrantável, enfrentava as dificuldades sem sofrer tanto quanto ela. Tentou parar, mas não conseguiu. Talvez pela primeira vez desde o início da tragédia, ela tenha contemplado a possibilidade de nunca mais falar com a filha. Então largou o corpo numa poltrona quando ouviu um trovão ao longe.



De que seu pai poderia ter morrido? Chase não pensava em outra coisa enquanto esperava o advogado. Não se lembrava da última vez que o pai adoeceu. Ele sempre comeu carne magra. Mantinha-se em boa forma. Mesmo barrigudo, conseguia fazer 20 elevações na barra, coisa de que Chase jamais fora capaz.

Concluiu que mentiam a respeito do velho. A mulher peituda de batom provavelmente nem era promotora de verdade, vai ver era alguém encenando um papel, como ele. Meu Deus, não devia ter perdido a calma, pedindo um advogado. Helene prometeu arranjar um bom, mas ele podia ter deixado a coisa correr, pagando para ver o blefe daquela mulher.

Trouxeram um sanduíche para ele, mas Chase só conseguiu engolir um pedaço. A sensação estranha em relação às crianças não o abandonava. Vía o menino negro esquisito sozinho e duvidava de que fosse capaz de sobreviver. Desconfiava de que o pai levava as crianças para o meio do mato, então se realmente estivesse morto ou machucado, como o menino ia voltar? E a segunda menina que ele pegou? Era do tipo chorona. Provavelmente deixaria seu pai enlouquecido. Ela...

Por que pensava nas crianças? Precisava pensar em Jennifer, isso sim. E em Hector. Precisava se dar bem neste caso, por causa deles. O pai não dissera isso, logo no começo?

– Trata-se de um projeto familiar, Chase – explicara o pai. – Um dia você vai poder contar a seus filhos que conseguimos realizar uma proeza. Distribuição de renda. Sem confusão, sem agitação. Ficaremos com alguns dos dólares que os ricos têm sobrando. A ideia central é essa e acho uma beleza que seja realizada por pai e filho, juntos.

Chase andava pela saleta onde o tinham deixado trancado. A falta de fatos concretos o atormentava. Onde estava o pai? E as crianças? Tudo ia bem enquanto mantiveram contato. Agora, as coisas se tornaram muito vagas, uma tremenda agonia. Torcia para que o advogado soubesse o que estava acontecendo.

Mas ele não sabia. Chase percebeu assim que ele entrou e fechou a porta. Foram buscá-lo no meio do campo de golfe. Chamava-se Andy Bingham. Tinha a mesma idade que Chase, ou quase, e era uma celebridade graças à defesa bem-sucedida de um político que batia na amante.

– Chase, nunca pergunto a meus clientes se eles são culpados ou inocentes das acusações que pesam contra eles – disse o homem depois de se apresentar. – Deixo a promotória decidir se vão me dizer ou não. Mas temos aqui um caso bem diferente.

– Como assim?

– Bem, o crime está em andamento. Não aconteceu ontem e acabou. Ele continua. As quatro crianças permanecem desaparecidas. – Ele esperou um pouco.

– Não sei onde as crianças estão – disse Chase.

– Certo. Vamos deixar assim, então. Podemos esperar o indiciamento sem declarar nada. Por mim, tudo bem.

– Mas eu queria que as crianças voltassem. – Chase disse isso sem pensar, mas era seu maior desejo no momento.

– Todos nós queremos. Você tem alguma informação que poderia ajudar a trazê-las de volta?

– Não. Só quis dizer...

– Acha que as crianças estão com seu pai?

– Disseram que ele morreu.

– Certo. Foi o que me contaram, também.

– Acreditou neles? – Chase mal conseguia disfarçar sua vulnerabilidade.

Bingham já avaliara o que tinha pela frente. Em determinadas circunstâncias, orientaria o cliente a fechar o bico, não dizer mais uma palavra a ninguém, ganhar tempo

para dar início ao controle de danos, usar o sistema a favor do cliente. Mas vira fotos das crianças, soube pela promotoria que as autoridades desconfiavam de que algo acontecera com o sequestrador e que elas estavam por conta própria no meio do mato, portanto o caso nada tinha de normal.

– Sim. Creio que está morto. Lamento. Sabe para onde ele levou as crianças?
– Não! Porra, não sei! Ele não me disse, para evitar que eu contasse a alguém. Merda! Por que fez isso? – Lágrimas surgiram nos olhos de Chase enquanto ele falava. Começou a tremer, entregando-se à dor que reprimira nas últimas horas.

Bingham sabia que conseguiria convencer Chase a confessar, mas também tinha consciência de que isso não ajudaria a localizar as crianças. Lamentou, em parte, ter largado tudo para atender o rapaz. Abandonara o jogo no 12º buraco, com três abaixo do par.



O detetive Martin ainda estava na casa quando recebeu uma ligação pelo celular. Tirou o bloco e começou a tomar notas, fazendo perguntas curtas, depois desligou. David e Lena perceberam que era algo relacionado ao caso. Ele balançou a cabeça.

– As boas notícias. O sujeito está confessando.
– E as más? – quis saber David.
– Ele não sabe onde estão as crianças.
– Como é possível? – perguntou Lena
– Suponho que esse era o esquema da operação. O tal de Chase entregou as crianças ao pai. Ele as levou para algum lugar secreto, que não o revelou ao filho, para evitar que contasse a alguém.
– Merda. – David parou na frente da mesa da cozinha. – Ele não tinha uma pista, nem um palpite?
– Nada melhor do que as suposições do FBI. – Martin procurava elementos positivos. – Mas disseram que é uma área relativamente pequena, para uma busca deste tipo.

Lena não engoliu a história. As notícias a abalaram profundamente. Perdeu a esperança depositada no pagamento do resgate, no contato com os sequestradores. Sarah continuava tão distante quanto no sábado à tarde. Lena sentiu náuseas e esgotamento, e Martin percebeu.

– Lamento – disse. E procurou um jeito de ir embora depressa. – Preciso investigar pistas no local onde encontraram a van. Vai ficar bem aqui, Lena?
– Vou.
– E você pretende ir para as montanhas pela manhã? – perguntou a David.
– Com certeza. Mas que droga! Disseram quem está por trás de tudo isso?
Martin consultou suas anotações.
– Não. Eles não sabem. Foi tudo organizado como nas operações terroristas, com células e outros ardis.
– Soa organizado demais. Duvido que fôssemos o alvo. Acho que visavam a John Walker. Tenho a impressão de que alguém pretende atingir o Citibank. Fomos apanhados no meio de uma história bem maior.

– Talvez tenha razão, ao menos em parte – concordou Martin. – Bem, preciso ir embora.
Após a partida do detetive, David pegou o controle remoto e ligou a TV. Assistiu a uma reportagem ao vivo das Adirondack. Segundo o repórter, uma caçada humana gigantesca começaria no dia seguinte, depois corrigiu-se e disse que era uma operação de resgate, e não uma caçada humana.
– Será uma caçada infantil, melhor dizendo – acrescentou, meio constrangido. David desligou a TV e desceu sem dizer nada.
Minutos depois o telefone tocou e Lena ouviu a voz da mãe. Olhando para o relógio, percebeu que eram quatro da manhã na Suécia.
– Seu pai acaba de sair para o aeroporto. Vai pegar um voo para Montreal bem cedo – disse Sally.
– Ah, não!
– Tentamos detê-lo, Lena. Sylvie ficou aqui até tarde da noite. Um velho amigo do Exército disse que o ajudará a atravessar a fronteira em segurança. Acho que nunca o vi tão agitado.

Lena relatou a Sally as novidades e a decisão tomada por David de participar da busca.
– Tenho o telefone do amigo de seu pai em Montreal – disse Sally ao saber disso. – Pode falar com ele lá. Deve chegar por volta das cinco, amanhã, horário de vocês. Quem sabe ele aceite conselhos sensatos de sua parte. Talvez ele aceite apenas voar até aí.

– Talvez até lá já tenham encontrado Sarah.
– Deus te ouça, meu bem. Imagino o sufoco que você está passando.
Lena parou e não pensou em nada no intervalo da conversa. E disse algo que a surpreendeu.

– Mãe?
– Sim?
– Estou grávida.
Lena esperou até que a revelação fosse digerida. Sally quis ter certeza de que ouvira corretamente.
– Bem... como, quando?
– Quando? Não sei. Descobri ontem. Ainda não contei a David.
– O filho é dele?
– Mãe!
– Sei lá, não contou a ele. Moro na Suécia, lembra?
– Sim, o filho é dele.
– Então por que não conta logo de uma vez? Por que não falou ainda?
– Quer saber a verdade?
– Claro.
– Estamos meio distantes. As coisas não andam bem. Tentamos nos entender, sabe como é, mas acho que desistimos. Não sei nem o que sinto a respeito. E, com o desaparecimento de Sarah...

As lágrimas escorreram, Sally ouviu a filha chorar.
– Ah, Lena, se eu estivesse aí. Você quer que eu vá?
– Não precisa, mãe, tudo bem.

David subiu e perguntou quem era. Lena disse baixinho: “Minha mãe.” E continuou a conversa.
– Passe o número, mamãe. Vou ver se consigo falar com meu pai.
Ela anotou o telefone. Sally disse que estava contente pela gravidez da filha. Lena resmungou uma resposta, pois David continuava na sala, e desligou.
– Papai está a caminho de Montreal. Arranjou um cara para ajudá-lo a cruzar a fronteira clandestinamente.
David sentiu uma espécie de ciúme infantil, como se Richard quisesse roubar a cena, mas afastou a impressão e demonstrou preocupação pelo sogro.
– Ele pode pegar muito tempo de cadeia. E pra quê? Mais um par de olhos nas montanhas? – Ao dizer isso, porém, se deu conta de que ele também não passaria de

mais um par de olhos nas montanhas e, mesmo sem correr risco de ser preso, sua viagem era tão quixotesca quanto a atitude do sogro. Resolveu descer novamente.

Lena ouviu os passos de David, que descia para o porão. Pensou no diálogo com a mãe, quando disse a ela que estava grávida. Um pensamento sombrio, assustador, quase a derrubou. Aquele embrião, o novo bebê, seria uma compensação pela perda de Sarah. Perca um. Ganhe outro. Percebeu na hora a insensatez da ideia, mas a força da terrível equação era tremenda, quase física. Lena lutou para manter a cabeça fora d'água, chegar à terra firme da racionalidade, onde acaso e coincidência não passavam do que realmente eram, e não uma compensação irônica dos deuses. Mesmo assim o pensamento cresceu e tomou conta de sua mente. As quatro horas seguintes foram as mais medonhas que enfrentou. Perderia Sarah. Já tinha perdido. E a chegada de outro bebê era tanto a prova disso quanto a compensação. A sensação se aprofundou a ponto de ela considerar o pensamento insano de que precisava abortar para ter Sarah de volta. Perambulou pela casa, sem saber direito onde estava.

Tudo o que podia fazer era checar a conta de e-mail no computador, mas não havia nenhuma mensagem, o que só piorou sua histeria. Então, tirou a roupa e foi para debaixo das cobertas. David entrou no quarto e começou a se despir minutos depois.

– Está tudo pronto. Vou sair bem cedo – disse, indo para o banheiro. Lena, agitada, esperou que ele voltasse e entrasse debaixo das cobertas também para despejar as palavras.

– David, vamos ter outro filho.

Ele pensou que Lena queria trazer outra criança ao mundo, pela intensidade com que ela falou.

– Quando isso tudo acabar podemos tentar, fazer qualquer coisa...

– Você não entendeu. Já estou grávida.

David fitou os olhos arregalados da mulher, tentando encaixar a notícia no modo dramático com que fora apresentada. Gaguejou:

– É mesmo? – Lena fez que sim, chorosa. – Quando você descobriu?

– Ontem. Lembra que fiquei enjoada?

– Puta merda. – Então, como Lena, ele tentou se lembrar de quando haviam feito amor pela última vez. Lena percebeu.

– Naquela manhã em que Sarah nos interrompeu.

David lembrou. A data representara uma virada em sua vida. Acordara antes de Lena, o sono cortado pela culpa, a dúvida a respeito de seu caso com Trícia. Viu Lena, maravilhosa, a seu lado e sentiu uma profunda renovação de seu amor por ela.

– Foi sensacional – disse ele. Lena rejeitou a afirmação com um gesto e seus olhos endureceram novamente.

– É por causa da perda de Sarah – gaguejou ela, sufocada pelo pranto. – Sei disso. Sarah se foi para sempre e vamos ganhar um novo filho.

– Lena. – David se aproximou, mas ela o empurrou.

– Não. Preste atenção. Pense bem.

David passou rapidamente para o lado de Lena da cama, segurou-a pelos ombros e a obrigou a encará-lo.

– Pare. Lena, chega. Não diga besteira.

– Não estou dizendo besteira. Por que outra razão um bebê viria agora?

– Porque fizemos amor e você engravidou. – Ele a segurou com mais força, queria arrancar da cabeça dela essa ideia absurda. – Olhe para mim, Lena. Trata-se de uma nova vida. Não é Sarah. Não tem nada a ver com Sarah. Nossa filha vai voltar. Prometo. Este bebê tem vida própria. É nosso filho...

– Mas...

– Nosso bebê, Lena. Seu, meu e de Sarah.

Ele a olhou com tanta certeza e paixão que Lena não pôde evitar, abandonou o buraco escuro dos pensamentos sombrios e se entregou a ele, a seus olhos, a seus braços. Aliviada, o puxou para perto de si e o beijou, sem parar de chorar. Disseram tudo o que havia para ser dito com seus corpos. Foram além da razão e do amor, da perda e da dor. Abraçaram-se com toda a força. Refizeram seus vínculos e, um pouco mais tarde, dormiram abraçados, exaustos das incertezas profundas e dominados por uma alegria indescritível, como se no meio da noite a aurora irrompesse no quarto deles.

UM VENTO FORTE SOPROU NA clareira durante metade da noite e o barulho que fazia nas árvores e nos vidros das janelas manteve as crianças acordadas e alertas muito tempo depois de seus corpos famintos desistirem. Deitados nos colchões frios, tremendo, ouvidos atentos, elas se revezaram à janela, procurando ursos.

Quando a ventania amainou e as nuvens se dispersaram, revelando uma lua quase cheia, Sarah, espiando pela janela, se deu conta de que seriam obrigados a tentar voltar até a estrada quando amanhecesse. A comida acabara. O computador não funcionava. Sim, a floresta escondia ameaças, mas eles não haviam andado até a cabana sem avistar nenhum urso? O que os impedia de caminhar de volta sem encontrá-los?

A direção seria o pior problema. Que rumo tomar? Não havia maneira de determinar qual trilha que dava na clareira eles haviam seguido para chegar ali. O Sr. Everett garantiu isso quando os obrigou a girar com os olhos vendados. Ele havia tornado a última parte da caminhada uma espécie de jogo de prender o rabo no burro.

Sarah sentou de repente. A lembrança da brincadeira do rabo no burro trazia algum significado para ela, algo importante, mas não sabia o que era. Só brincara disso duas vezes, três no máximo, mas saiu-se muito bem. As outras crianças trapaceavam, ou alguém precisava gritar “mais quente, mais quente” várias vezes. Sarah, porém, *sabia* onde estava o burro, embora não enxergasse nada. Agora, olhando pela janela e vendo a clareira iluminada, a temível escolha da trilha a percorrer deixou de incomodá-la. Cheia de si, confiante, engatinhou até onde Linda dormia, ainda choramingando.

– Linda, Linda, já sei. É que nem a brincadeira de botar o rabo no burro. Eu consigo encontrar o caminho de volta.
A menina não fazia a menor ideia do que ela estava dizendo. Sarah voltou à janela. Saberia liderá-los, pensou. Se hesitassem, seguiria em frente sozinha. Seu estômago roncou, ela arrotou puro ar. Quinze minutos antes, a fome era um problema. Agora, não: Sarah tinha fê.

♦ ♦ ♦

Quando acordou, Lena sentiu que não queria que David a deixasse sozinha. Enquanto se beijavam, com braços e pernas entrelaçados, quase pediu a ele que ficasse, que a protegesse de qualquer outro ataque de loucura, como na noite anterior. Imaginou as piores notícias que receberia na ausência do marido e não sabia se conseguiria lidar com elas sozinha. Chegou a pensar nos perigos que ele correria, como alguém que nada para socorrer um naufrago e acaba se afogando.

Mas o sorriso confiante de David a levou a controlar seus impulsos. Ele passou a mão na barriga de Lena, descendo até os pelos pubianos.
– Você está bem? – perguntou, como se intuisse algo.
Lena pegou a mão dele e a guiou para baixo, de modo que os dedos dele a tocassem. David beijou um de seus seios. Ficaram assim por vários minutos, sem levar adiante o ato sexual, sem querer abandonar o sossego de sua intimidade.

Depois do café, ele deixou o número do telefone de seu contato nas Adirondack. Les Malone, fundador do clube de caça, chamara seu pessoal para ajudar na busca. Lena foi ao banheiro quando enjoou, mas não chegou a vomitar. Eles se despediram na sala, com um abraço forte e um beijo apaixonado. Nada tinham a dizer. David afastou o robe de Lena e acariciou sua barriga mais uma vez.

– Pelo menos não deixarei você sozinha – disse ele. Lena lutou para afastar as lágrimas.
– Tome cuidado – pediu ela, então ele se foi.
Lena observou quando ele dava ré no carro e passava pelas vans de reportagem, ao sair. Sentiu um peso inesperado em suas costas, um aperto no estômago que não era enjoo matinal. David e Sarah haviam partido. Por que ela não foi também? O que poderia fazer em casa? Ligou a televisão, não para procurar informações, mas para ter companhia, para manter o vínculo com o restante do mundo.

♦ ♦ ♦

Uma hora e meia depois, Lena estava na cozinha, tentando ingerir uma tigela de cereal, e ouviu o nome “Rostenkowski” na televisão. Voltou correndo para a sala. Na tela, viu a casa deles filmada por uma teleobjetiva e paramédicos empurrando uma maca da casa para a ambulância, sob a luz fraca da manhã. Uma repórter dizia: “... seguiu para o hospital Pelham Memorial em condição crítica. No momento, são as únicas informações disponíveis.” A imagem foi cortada para o estúdio, onde dois âncoras procuravam explicar o caso com sobriedade.

– A pressão nas famílias é enorme – disse uma loura de batom brilhante demais. Seu colega, um homem que poderia ser seu pai, concordou com um aceno e folheou anotações para anunciar as reportagens que iriam ao ar depois do intervalo.

Lena se esqueceu de que com o novo equipamento de vídeo digital ela poderia voltar até o início da matéria e assistir à reportagem na íntegra. Pegou o telefone e ligou para os Rostenkowski. Ninguém atendeu e ela não quis deixar recado. Resolveu ir direto ao Pelham Memorial. Com certeza Janet sofrera um colapso nervoso, talvez até um ataque cardíaco.

Assumir o volante, abrir a porta da garagem e dar marcha à ré pelo acesso pareciam operações estranhas, embora poucos dias antes, na sexta-feira à noite, ela tivesse dirigido até a mercearia. Ao chegar no fim do acesso, um policial da delegacia local a ajudou a passar pelos repórteres, mas não pôde evitar que eles cercassem o carro. Lena, que ainda ignorava os detalhes do ocorrido, abaixou o vidro e deixou que despejassem as perguntas. Depois escolheu um dos repórteres, o senhor de meia-idade que estendia o gravador em sua direção, e perguntou:

– O que aconteceu aos Rostenkowski? Não vi o noticiário.
– O marido tentou cometer suicídio – gritou ele de volta. – Parece que foi isso.
Lena ergueu o vidro olhando para ele, procurando evitar o massacre televisivo. O policial a orientou a seguir adiante e ela tentou imaginar Phil com a arma na mão, ou uma lâmina de barbear nos pulsos, mas as imagens não a convenciam. Ela pensou em Linda, perdida no meio do mato, desamparada pelo ato do pai. Ela não aceitava o suicídio, Lena teria admitido a qualquer um. Talvez fosse por causa da quantidade anormal de colegas que tiraram a própria vida quando cursava o colegial na Suécia. Ou a revolta contra um paciente em potencial que, ao se matar, na prática recusava o tratamento. De qualquer maneira, encontrava dificuldade para tolerar pessoas que preferiam a rota da autodestruição em vez de fazer uma tentativa, qualquer que fosse, de resolver seus problemas.

♦ ♦ ♦

Entrar no hospital foi mais reconfortante do que Lena imaginara. Aquele mundo ela conhecia, era um lugar onde as pessoas resolviam problemas. O cheiro adstringente a envolveu. Ao contrário do nebuloso emaranhado de medos e suposições dos últimos dias, ali havia um terreno firme, referências, um lugar para superar dificuldades e seguir em frente.

Foi primeiro para o pronto atendimento, onde descobriu que Phil já fora medicado e internado num quarto particular. A plantonista da emergência, uma médica indiana cujo nome desconhecia e não conseguiu ler no crachá, reconheceu Lena mas não disse nada além de responder a suas perguntas sobre o caso. Phil tomara uma dose de remédios para dormir e talvez alguns barbitúricos também. A esposa o encontrara no início da manhã, desacordado. A lavagem estomacal realizada no pronto atendimento fora “minimamente bem-sucedida”, ou seja, grande parte dos medicamentos já havia sido digerida. Os antídotos evitaram que ele morresse, mas não que entrasse num coma relativamente profundo. Nas 24 a 36 horas seguintes, seria possível saber se ele sairia do coma e se haveria danos cerebrais permanentes significativos.

– Barbitúricos? – perguntou Lena. – Quem receita isso hoje em dia? – A jovem médica balançou a cabeça, desconsolada.
Lena pegou o elevador para subir até o andar onde Phil estava internado e se lembrou de um médico de plantão que contou o caso de uma tentativa de suicídio de um paciente, com comprimidos para dormir, dizendo que era raro homens recorrerem a esse método, pois a tendência deles é usar armas de fogo ou saltarem do alto de um

prédio. Talvez nem seja tentativa de suicídio, apenas um acidente.

Ao entrar no quarto de Phil, Lena só notou a presença de Paul, filho dele. Mal conhecia o rapaz. Vira-o apenas algumas vezes ao passar para pegar Linda. No entanto, ao vê-la, Paul a cumprimentou com um abraço forte. Lena o abraçou, embora se sentisse meio constrangida. Ao fazer isso, notou a presença de outras pessoas no quarto, sentadas em poltronas, perto da parede. Virou-se e viu Sheila Walker e outra mulher, que não conhecia. Sheila a cumprimentou com um movimento da cabeça.

- Lamento muito, Paul – disse Lena, quando o rapaz finalmente se afastou.
- Minha mãe começou a gritar, desci e o encontrei. Tive de ligar para a emergência. Ele vai ficar bom? Aqui não informam nada.

Lena não queria responder e retribuiu efusivamente a saudação de Sheila e da outra mulher, que se apresentou como Ellen, irmã de Phil, residente no Bronx. Sheila disse a Lena que a chamaram por ser capelã do hospital em regime de meio período. Comentou que chamara o padre da paróquia de Phil e isso trazia à tona uma questão similar à formulada por Paul: o padre era necessário? Deveria ministrar a unção dos enfermos?

- Não vi o relatório do caso e não sei quais foram os medicamentos ingeridos. Mas ele parece...
- Lena aproximou-se da cama. Viu Phil, sereno no coma, com o cabelo grosso desgrenhado e uma máscara de oxigênio que lhe cobria a maior parte do rosto. Ela procurou os sinais clássicos de derrame, como deformação facial e dedos encurvados, mas não achou nada. Talvez tivesse escapado a alguns dos piores efeitos colaterais de uma overdose de calmantes, ou estivesse se deteriorando aos poucos, imperceptivelmente. Uma das primeiras surpresas que Lena aprendeu a respeito da medicina foi quando se chega a um ponto em que o médico já fez o possível pelo paciente e não lhe resta mais nada a não ser sentar e esperar que a natureza colabore ou estrague tudo.

- Os sinais vitais estão normais, ele parece estável. Creio que temos um prognóstico positivo – disse, após uma pausa.
- Ouvi dizer que a gente deve conversar com uma pessoa em coma, pois elas ouvem tudo – disse Ellen, aproximando-se da cama para acariciar a cabeça do irmão.
- Acho que é uma boa ideia. – Só então Lena estranhou a ausência de Janet. Virou-se para Paul: – Onde está sua mãe?
- Em casa, disse que não suportaria a pressão.
- Está sozinha?
- Acho que sim.

Lena sentiu uma súbita e profunda solidariedade em relação a Janet. Normalmente a criticaria, considerando-a culpada por omissão e por deixar tudo nas costas do filho de 16 anos. No entanto, sabia quanto o sequestro e a espera conduziam ao pensamento irracional, levando a pessoa a fazer coisas que não faria em condições menos estressantes. Imaginou quanto seria mais difícil ainda se acrescentasse tentativa de suicídio às desgraças por que passavam. Dada a frágil natureza de Janet, pensou Lena, ela simplesmente não conseguia lidar com a enormidade daquela crise.

- Acho melhor alguém fazer companhia a ela – comentou Sheila e Lena torceu para que ela se oferecesse para visitar Janet. Mas a mulher não disse nada e os olhares dos presentes se voltaram para Lena, que disse a Paul:
- Posso levar você para casa e juntos veremos o que se pode fazer para ajudar sua mãe.
- O garoto respondeu depressa:
- Prefiro ficar aqui com meu pai. – A frase saiu tão fácil e clara que mostrou, sem sombra de dúvida, que ele pensara na possibilidade de ficar com a mãe e se recusara.

- No corredor, ao sair do quarto de Phil, Lena deu de cara com Martin.
- Como ele está? – perguntou o detetive, apontando para a porta de Phil. Lena ia responder quando um padre jovem passou por ela, bateu na porta e entrou. Martin prosseguiu: – Unção dos enfermos?
- Suponho que sim. O estado é crítico.
- Sou um apostador. Quais as chances dele?
- Sou médica. Nunca aposto contra a natureza.
- Faz sentido. Percebeu que ele pretendia se matar?
- Não. Mas a gente raramente percebe, no caso de suicidas, não é?
- Acho que tem razão.

Lena sabia que precisava ir, mas não queria se afastar de Martin. Ele fora o primeiro. Chegara em sua casa com novidades, informações e... o quê? Fé. Martin simbolizava a fé. Era firme. Os agentes do FBI e Lynn Witherspoon não passavam de técnicos. Martin era sua tábua de salvação.

- Novidades? – perguntou ela.
- Não. Seu marido já partiu?
- Já.

- Martin não escondia seu pessimismo quanto à busca, mas não disse a ela o que realmente pensava.
- Eles enfrentarão um grande desafio. Mas aposto que encontrarão as crianças.
- Sheila Walker saiu do quarto e Lena viu o padre preparando o sacramento.
- Esperava que a esposa fizesse isso, mas não ele – comentou Sheila. – Ele parecia mais... não sei, agitado.
- Talvez seja pior quando a pessoa não demonstra – disse Lena.
- Preciso ir – avisou Sheila. – Não sei como, mas preciso preparar o aniversário de 80 anos da minha mãe. Ela sofre de Alzheimer. Nem sabe que Franklin desapareceu. – Ela arriscou um sorriso débil. Lena se comoveu.

- Vou com você até a porta. – Lena se virou para Martin e apertou sua mão de novo, buscando energia naqueles olhos azuis. – Visitarei Janet, para ver se posso ajudar em algo.
- Ela não está aqui?
- Lena fez que não. Martin franziu o cenho.
- No elevador, Sheila surpreendeu Lena com uma confissão:
- Admito que não sei quase nada dessas coisas, mas fiz uma pesquisa hoje de manhã. Entrei no Google Earth, li relatos e casos similares. É mais difícil do que achar agulha num palheiro. Duvido que encontrem nossos filhos.

- Lena reagiu ao ataque de pessimismo:
- Eu preciso... quero dizer, David foi para as montanhas... lamento, não posso perder a esperança.
- Nem eu pediria que fizesse isso. Sei que o desespero e o desalento revelam tanta falta de fé quanto a esperança e o medo. No entanto, uma mãe sabe essas coisas, não concorda? Lá no fundo. – Ela apertou o estômago. – Não dá para discutir com esta sensação. Não dá para disfarçar.
- Lena combatia sentimentos parecidos em sua mente. A porta do elevador se abriu. A agitação do térreo lhe transmitiu uma súbita impressão de perigo.
- Espero... – tentou, mas Sheila a interrompeu, virou-se e abriu os braços. Lena viu lágrimas em seus olhos.
- Sinto muito. Você mal me conhece. Peço que me desculpe, às vezes me descontrolo e sou rude.
- Elas se abraçaram e Lena sentiu um carinho surpreendente no abraço.

Lena passou por um policial fardado que tomava conta do acesso à casa dos Rostenkowski sentado numa cadeira de jardim. Ela o cumprimentou e bateu na porta várias vezes, mas desistiu, girou a maçaneta e entrou chamando Janet. Já estava no meio da sala quando a mulher a escutou e saiu do quarto dos fundos. Parecia muito confusa, agitada, mas não tão arrasada e chorosa quanto da última vez em que Lena a encontrara.

– Ah, olá – disse ela.
– Janet, sinto muito.
A mulher precisou de alguns segundos para compreender que Lena se referia à tentativa de suicídio do marido e não a ter entrado na casa sem ter sido convidada.
– Obrigada... – Mas algo se rompeu e um grito que soava como tosse saiu de seus lábios. Lena se aproximou, mas não a abraçou. Janet não parecia querer ser abraçada. Só queria sufocar o estranho ruído e superar aquele momento constrangedor.
Sem dizer nada, Janet foi até o banheiro e voltou com lencinhos de papel. Voltou recomposta, embora transtornada. Olhou para Lena por um longo tempo, como se a examinasse.

– Quer tomar um café? – perguntou, sem deixar de encará-la.
– Só se já estiver pronto. Não quero incomodar...
Janet nem esperou Lena terminar. Seguiu para a cozinha e Lena a acompanhou. Janet jogou o filtro cheio de pó velho fora e começou a preparar um café novo. Lena percebeu que protestar não ajudaria em nada. A Janet indecisa do passado recente não existia mais. A Janet atarefada na cozinha revelava-se uma pessoa inesperadamente decidida, meio zumbi, mas nada ausente.

– Quais são as chances dele, na sua opinião? – perguntou, pouco depois.
– Não sei, Janet. Não sou especialista na área. Depende de vários fatores.
– Por exemplo?
– Sei lá. Quanto tempo depois ele foi encontrado. Como...
– Calculamos que foram cerca de três horas. Fui dormir às duas, acordei pouco antes das cinco. Não o vi na cama a meu lado, então levantei para procurá-lo. Encontrei-o dormindo no sofá.

– Bem, é bastante tempo, mas... talvez não tenha sido demais. Se estava com o estômago cheio... – Lena percebeu que se arriscava mais do que gostaria no prognóstico. Mas Janet não era a quase viúva desesperada que ela imaginava encontrar e a conversa seguia num tom praticamente clínico.

O café acabou de coar e Janet surpreendeu Lena com o mesmo olhar fixo de antes. Lena sentia-se examinada, julgada, avaliada. Finalmente, Janet saiu da cozinha, gesticulando para que Lena a acompanhasse. Ela obedeceu e, quando a alcançou, Janet estava parada na porta do escritório, perto dos quartos.

– Veja isso – disse Janet, fechando os braços em torno do corpo enquanto dava um passo lateral para Lena passar pela porta.
O escritório estava uma bagunça. Havia papel espalhado por todos os lados, gavetas da escrivaninha arrancadas do lugar e viradas no chão. Os quadros estavam fora do gancho na parede, alguns com o vidro quebrado. Lena só pôde pensar que a casa tinha sido invadida por ladrões. Janet não explicou nada.

– Ele fez isso? – perguntou Lena, finalmente.
– Não, fui eu.
Janet não falou mais nada. Lena não sabia se deveria insistir nas perguntas. Mas o longo silêncio a incomodou.
– Você estava brava com ele? – indagou Lena.
– De certo modo. – Havia resignação na voz de Janet. Na cozinha, a cafeteira emitia ruídos ao coar o restinho do café. Janet virou e seguiu para lá. – Esqueci. Você toma com creme e açúcar?

– Só um pingo de leite. – Lena deu uma última olhada na cena desoladora e saiu.
Como se não tivesse acabado de mostrar um escritório destruído, Janet começou a pôr a mesa do café. Lena percebeu subitamente que estava diante de uma pessoa em choque. Surpreendeu-se por não ter pensado nisso antes. Claro, testemunhara casos similares muitas vezes em sua vida profissional, maridos e mulheres perambulando pelos corredores do hospital, nos momentos posteriores a uma morte, parecendo calmos e sensatos, só para desabar ao menor furo na bolha de seu sofrimento. Lena compreendia a fragilidade à sua frente e se preparou para um possível colapso de Janet. Elas sentaram-se.

– Eu estava procurando algo específico – disse Janet, como se estivesse continuando a frase anterior e Lena precisou se esforçar para acompanhá-la, lembrar o que dissera antes. Janet a ajudou. – Não é que eu estivesse brava com ele. Fiquei furiosa por ele ter feito o que fez sem me informar.
– Não entendo.
– Vai entender. Espere e verá.

Janet começou a ofegar, Lena não sabia dizer se a mulher estava a ponto de gritar ou chorar, talvez os dois. Durante uma longa pausa, porém, ela permaneceu imóvel, olhando para a mesa.

– Tudo começou quando sofri o acidente e o plano de saúde não cobriu todas as despesas. Você sabe disso. Já contei.
– Sei – respondeu Lena, embora não soubesse a que Janet se referia quando disse “tudo começou”. Presumiu que a tentativa de suicídio fosse o final.
– Depois daquilo, nunca mais parou. Dia sim, dia não, depois que a dor na perna e na mão finalmente passaram, as contas continuavam a chegar. Depois vieram os cobradores. Depois as negociações e as prestações mensais. Eu estava no meio de uma aula, tentando ensinar a matéria, e só ouvia dentro da minha cabeça quanto devíamos e pensava na impossibilidade de pagar. Ninguém nos dava atenção. Ninguém se importava. Éramos as vítimas, mas ninguém ligava. Sabe como é isso?

Não era possível responder a essa pergunta. Lena apenas balançou a cabeça. Havia anos que Janet contava versões atenuadas dessa mesma história.
– Então foi chegando cada vez mais perto a época de Paul ir para a faculdade, e a pressão aumentou ainda mais. Não tínhamos nada além do emprego. Não tínhamos como aumentar nossa renda e as dívidas sugavam todos os nossos rendimentos. Como poderíamos pagar uma faculdade para ele?

– Sei como é – disse Lena, demonstrando solidariedade.
– Sabe coisa nenhuma. Pelo amor de Deus, não me venha com essa. Você é médica. Pode até dizer que entende, mas não diga que sabe como é.
Lena apenas balançou a cabeça, constatando a agressividade da frase. Janet prosseguiu:
– Quando Phil viu o anúncio prometendo um milhão, o que acha que fizemos?
– Um milhão? – perguntou Lena, sem compreender o que a conversa tinha a ver com a destruição do escritório no fim do corredor.
– Dos estrangeiros. Eles disseram que podiam ajudar pessoas como nós, com sérios problemas financeiros. Eram muito profissionais. Phil só tratou com eles on-line. O esquema era complicado, mas não violento.

Lena sentiu os cabelos da nuca se arrepiarem. Deixou de lado as noções de choque e incoerência por conta do sofrimento.
– Phil nem me contou o que estavam tratando até terminar o planejamento da coisa toda.
– Que coisa toda?
– O que acha?
– Aonde você está querendo chegar, Janet? Diga logo de uma vez!
Janet prosseguiu no mesmo tom duro, apesar das lágrimas.
– Disseram que já tinham feito isso dúzias de vezes. Nenhum investimento, nenhum adiantamento. O que você teria dito?
– Não sei! Eu não faço a menor ideia do que você está falando!
– Claro que faz! Por favor, Lena, acorde! Nós fizemos tudo acontecer. Foi ideia nossa! Para ganhar dinheiro. Não percebeu ainda?

Lena sentia apenas que uma raiva mortífera se formava dentro de si e precisou se controlar ao máximo para não pular na garganta de Janet e arrancar aquele coração malvado do peito da mulher. Não precisava mais dos detalhes. Podia preencher as lacunas sozinha. Os Rostenkowski eram os responsáveis pelo esquema todo, eles é que tinham arquitetado tudo. Jamais os perdoaria pelo que fizeram, jamais. No entanto, no mesmo instante concluiu que o modo frio, quase insano com que Janet revelara o segredo a obrigava a controlar o ódio e o profundo desejo de vingança, para usar aquela mulher e localizar Sarah.

- Vocês inventaram isso?
- Não, foi ele.
- Quer dizer, vocês agitaram isso? Foi ideia dos dois?
- Mais ou menos. No começo, seria apenas uma criança. Mas ele insistiu para que fossem quatro e...
- Qual criança? Quem seria?
- Sarah.

Lena sentiu vontade de atacar e destruir aquele monstro horroroso que estava na sua frente. Nunca sentira na vida tamanho desejo de matar. Mais uma vez, porém, lutou contra o impulso violento, sabendo que arrebentar aquela miserável não traria Sarah de volta.

- Onde as crianças estão?
 - Não sei.
 - Ah, sabe sim, sua desgraçada. É sua filha. Você tem de saber. Onde estão as crianças?
- Janet apontou para o escritório.
- Estão ali. Ainda não entendeu?

Por um breve segundo, Lena pensou que as crianças estavam escondidas na casa dos Rostenkowski desde o início. Mas logo deduziu que Janet havia destruído o escritório por não saber onde era o cativeiro. Phil tentara se matar, levando com ele as informações sobre as crianças, ou deixando-as no escritório, escondidas.

- Phil sabia, mas você não?
- Isso mesmo.
- Não tem medo de que eu chame o FBI e Lynn Witherspoon?

O olhar perdido de Janet foi a resposta que Lena queria. Ela relembrou os últimos dias, as reações de Janet aos eventos, e se deu conta de que eram exageradas, irracionais mesmo para a irracionalidade da crise, estranhamente fora de sincronia com seu normal, pois Janet via o episódio inteiro por outro ângulo. Quando os e-mails das crianças chegaram e Chase foi preso, quando perceberam que o esquema dos sequestradores acabaria sendo desvendado, Janet e Phil praticamente sumiram do mapa. De repente, tudo se encaixava direitinho.

- Não me importa que as pessoas saibam – disse Janet, após uma pausa.
- Phil sabe onde eles estão?
- Não, mas conhece as pessoas com quem tratamos. Disse que tentou contatá-las novamente, mas os canais de comunicação foram cortados assim que recebemos o dinheiro.

Lena teve a súbita impressão de estar tendo um sonho. Até onde ele ia? Depois que Sarah partiu para o acampamento, ela teria deitado no sofá para um cochilo, e tudo o que aconteceu em seguida não passaria de um longo pesadelo? Antes fosse assim. Ninguém no mundo real deixaria que a própria filha fosse sequestrada sem pleno conhecimento das providências dos sequestradores a respeito dela. Só num sonho alguém agiria sem levar em conta os erros humanos.

- Duvido que seja verdade – disse Lena, tentando despertar.
- Janet não reagiu. Levantou-se da mesa da cozinha e voltou ao escritório. Lena a encontrou lá minutos depois, debruçada sobre pilhas de papéis que folheava apática, distante e ensimesmada como um paciente no salão de convivência de uma instituição para doentes mentais. A imagem arrancou Lena do espinhoso reino da vingança e a levou a pensar no que seria possível naquelas circunstâncias. Encontrava-se no centro do esquema, no lugar que ela contava ser, desde o começo, a fonte de informação a respeito de Sarah. O que precisava fazer, porém, para desencavar os fatos secretos? Não sabia. Com dificuldade, tentava manter o raciocínio para pesar os prós e os contras. Seu subconsciente alertava que levar a confissão de Janet às autoridades no momento não seria nada útil e poderia até ser um passo para trás. Porém não sabia se conseguiria guardar só para si a pavorosa revelação. Mas, pensou, deve ser o heroísmo exigido na batalha para Sarah voltar a seus braços.

- Janet levantou e ia sair do escritório.
- Não tem nada, aqui.
 - Quando Phil tentou entrar em contato com os sequestradores?
 - Ele nunca manteve contato com os sequestradores, só com...
 - Eu me refiro aos intermediários. Quando tentou entrar em contato com eles?
 - Ontem.
 - E o que aconteceu?
 - Nada deu certo. Telefone. E-mail. Nem sabemos de que país eles são. Phil contou que mal conseguiam redigir uma frase inteira em inglês.
 - Como receberam o dinheiro?
 - Está numa conta. Mas nem fale disso. – Seu tom ameaçador insinuava que Lena era insensível por tocar no assunto.
 - Falo do que eu bem entender! – exclamou Lena. – A merda do dinheiro!
 - É isso aí, a merda do dinheiro! Onde você se escondeu quando precisávamos de ajuda?

Lena viu que a conversa voltaria sempre à mesma questão. Temia que Janet perdesse contato completo com a realidade.

- Se a informação não está aqui, precisamos ver Phil – disse Lena, parando Janet à porta, tentando encará-la.
- Não posso.
- Você não tem escolha, Janet. Se for até lá e falar com ele, talvez saia do coma.
- Não posso falar com ele – disse Janet. – Phil não quer que eu fale com ele. Não quis conversar na noite passada. Ele...
- Podemos trazê-lo de volta – insistiu Lena, enfrentando a teimosia agressiva de Janet.
- Como?

- Podemos usar medicamentos. Não seria uma volta permanente, mas ele teria momentos de lucidez, poderia se comunicar. – Lena não tinha muita certeza disso, mas estava ficando desesperada.
- Se quiser, vá. Eu não vou.
- Vai me obrigar a chamar a polícia e levá-la à força?
- Tanto faz. Pode chamar. Eu não vou sair daqui.

Lena reprimiu o impulso de agarrar Janet pelo cabelo e arrastá-la para fora de casa.

- É sua filha, Janet.
- Sei disso e quero que ela retorne, tanto quanto você quer a sua de volta.
- Quer nada! – gritou Lena, prensando Janet contra a porta com força. Os olhos dela se arregalaram de surpresa. – Nunca mais diga isso! Você só pensa em si mesma! Não teria sido capaz de fazer isso a Linda se a amasse! Você não passa de um monstro, incapaz até de ir ao hospital tentar salvar sua filha!

Os olhos vidrados de Janet não indicavam reação alguma. Sinal de encrenca, pensou Lena. Argumentar estava fora de questão. Ela segurou o braço de Janet com força e a puxou na direção da porta da frente, que dava para a rua.

– Quer pegar a bolsa?

Janet não respondeu. Lena a empurrou, abriu a porta da casa e se deu conta de que precisaria passar pelos repórteres de plantão. O policial saltou da cadeira e atravessou o gramado para ajudá-las. Seu olhar inquisidor convergiu para Lena.

– Por favor, preciso de ajuda para colocá-la no carro – disse Lena, depois mudou de ideia. – Não, pode deixar. Eu dou um jeito. Mantenha a imprensa afastada.

O policial deu meia-volta e desceu pelo acesso de braços estendidos, gritando com os câmeras, já a postos.

– Não posso falar com ele – resmungou Janet enquanto iam para o carro de Lena.

Sem dizer nada, Lena rezava para conseguir enfiar a mulher no veículo antes que ela surtasse por algum motivo. Ao se aproximarem da porta do passageiro, Lena olhou para as equipes de reportagem. Uma foto de seu olhar se tornaria instantaneamente o símbolo do sequestro: a mãe de uma vítima ajudando outra, uma médica capaz de amparar uma amiga desesperada, o clima da tragédia concentrado numa única imagem. Pelo menos foi a interpretação geral até a verdade vir à tona. Então um bom observador veria que as duas saíam numa espécie de diligência e que Lena sentia uma vontade assustadora de gritar para as câmeras e para o mundo inteiro ouvir que Janet e Phil estavam metidos até o pescoço naquele esquema sórdido.

Lena empurrou Janet para dentro do carro, deu a volta e rezou para estar fazendo a coisa certa.

Trinta e um

O DETETIVE MARTIN, AVISADO DA PRESENÇA de Lena e Janet no hospital, as aguardava na saída do elevador. Cumprimentou as duas com uma carranca que Lena nunca vira, levando-a a imaginar que ele sabia da participação dos Rostenkowski. Ele disse a Janet:

- Sra. Rostenkowski, lamento o ocorrido.
- Janet, que não abrisse a boca no caminho até o hospital, só balançou a cabeça. Lena percebeu que Martin não sabia de nada.
- Alguma novidade? – perguntou Janet.
- Não. Seu filho e a irmã do Sr. Rostenkowski continuam falando com ele, sem obter resposta.
- Lena se esquecera de que Paul estava ali. Quando olhou para Janet, notou sua tensão por mencionarem o nome do filho.
- Janet? Por que não fica um pouco com o detetive Martin enquanto verifico qual é a situação?

Não precisou persuadi-la. Ela largou o corpo numa poltrona plástica no corredor. O detetive Martin lançou um olhar inquisidor para Lena, mas ela o ignorou e seguiu para o quarto de Phil.

♦ ♦ ♦

- Ellen e Paul continuavam no mesmo lugar onde os deixara. Olharam para ela com alívio.
- Não adiantou nada até agora – disse Ellen, e Paul concordou com um movimento de cabeça, atrás dela. – Falou com Janet?
- Sim. Ela veio para cá comigo.
- Ah.

Paul ficou visivelmente tenso ao saber disso, piscando nervoso. Lena percebeu que ele não queria ver a mãe. Pensou que o rapaz talvez soubesse da verdade, que talvez nos minutos entre o momento que encontraram Phil e a chegada do socorro, Janet tenha revelado tudo, traumatizada. Ao se aproximar do leito, porém, um pensamento sombrio incomodou Lena. E se Paul soubesse de tudo desde o começo? E se fizesse parte do esquema? Mas o garoto a fitou com olhos inocentes, quase assustados. Ele não sabe de nada, concluiu Lena, consciente de que seu nível de confiança na humanidade vinha despencando desde que J.D. batera à sua porta.

- Acho que é melhor vocês dois irem para a sala de espera, no fim do corredor. Talvez haja algum progresso se ele perceber que Janet está aqui – disse finalmente.
- Os dois concordaram e obedeceram. Lena aproveitou o instante a sós com Phil. Examinou seu rosto, coberto pela máscara de oxigênio, a pele morena, a face ossuda, o cabelo preto grosso. Ao falar com ele, extravasou toda a sua raiva:

- Torço para que possa me ouvir, seu filho da puta. Espero que saia logo deste coma idiota para passar o resto da vida pagando pelo que fez. Você é um merda, um covarde. Se tiver alguma informação sobre o sequestro, acho bom falar logo. Vou mandar a desgraçada da sua mulher entrar. Quero ouvir tudo o que você sabe.

Quando se deu conta, estava sacudindo o braço de Phil com violência. Recuperando o controle, ela saiu para buscar Janet.

Martin percebeu o desequilíbrio de Lena. Perguntou se estava tudo bem. Ela disse que sim. Pedindo licença a Janet, ele puxou Lena pelo braço, avançou um pouco pelo corredor e disse que precisava conversar com ela. Lena apostava que ele sabia de algo.

- Não sou médico – começou, em voz bem baixa. – Mas aquela senhora não me parece nada bem. Nem olhou para o filho quando ele saiu. Não sei se foi uma boa ideia trazê-la aqui.
- Ela precisava vir. É nossa única esperança – Lena deixou escapar e enrubescceu.
- Nossa única esperança?
- De salvar a vida dele.
- Acha mesmo?

Lena não ia cair em contradição. Precisava levar Janet ao quarto de Phil imediatamente, por isso recorreu a seu status profissional.

- Confie em mim. Pode dar certo. Já vi isso funcionar antes.

Janet passou quase um minuto no quarto até fitar o marido. Difícil decifrar o jeito como ela o olhava. Havia certa melancolia em seu rosto, uma expressão tristonha que misturava perda e remorso.

- Fale com ele – ordenou Lena. – Aproxime-se e fale com ele.
- Janet se assustou com o tom imperativo.
- Como?
- Como sempre faz. Pergunte a ele como entrar em contato com o sujeito... seja quem for, seja lá qual for seu nome.

- Janet enrubescceu e hesitou.
- Não adianta. Não interessa o que dizem. Ele não pode me escutar.
 - Você não tem como afirmar isso. Precisa tentar.
 - Ele nunca me ouviu! Por que me ouviria agora?
 - Como assim, ele nunca a ouviu? Vocês dois...
 - Eu não queria me meter nisso! Foi ideia dele! Tentei convencê-lo a desistir, mas ele não quis saber!
 - Não acredito.
 - É a pura verdade. Acha que eu queria que minha própria filha fosse sequestrada?
 - Mas ficou lá, parada, enquanto J.D. a levava embora. Nem tentou detê-lo.
 - Não podia. Tudo iria por água abaixo... não ganharíamos nenhum dinheiro assim.

Lena viu que Janet perdia contato com a realidade e entendeu que mencionar o dinheiro deflagrava o processo de distanciamento. Então obrigou Janet a se virar e encarar Phil.

- Fale com ele. Diga que não teve acesso ao dinheiro.
- Não posso.
- Fale!

Lena segurou os ombros de Janet com firmeza, para mostrar que não aceitava um não como resposta. Janet respirou fundo e seus olhos se encheram de lágrimas. Após reunir forças, ela disse:

- Phil. Precisamos encontrar Linda, Phil! – Virou-se para Lena, que soltara seus ombros: – Isso é...
- Continue tentando. – Lena ergueu as mãos, intimidando a mulher. Janet obedeceu.
- Phil, por favor. Não me deixe sozinha aqui. Me diga como encontrar os facilitadores.

Lena quase engasgou ao ouvir a palavra. A frieza com que os Rostenkowski agiram multiplicou-se por 10 ao ouvi-la usar um termo tão clínico, estéril, insincero. Lena sufocou a ânsia.

Para não vomitar, abriu a porta para sair e tomar um pouco de ar.

– Não pare de falar. Já volto.

No corredor, Lena achou que fosse enjoar de novo, como durante o desconforto matinal da véspera. Mas a náusea passou e, ao erguer a vista, deparou com o detetive Martin, que a encarava.

– Não se preocupe, estou bem – disse ela, respirando fundo. Martin não reagiu, parecia muito distante. Depois piscou e balançou a cabeça.

– Como estão as coisas lá dentro? – perguntou, apontando para o quarto.

– Janet está tentando fazê-lo acordar.

– Ela não terá muito tempo.

– Como assim? – Lena captou um toque de repugnância na voz de Martin.

– Lynn está a caminho para interrogá-la.

– Interrogá-la?

– Ela me telefonou avisando que conseguiram informações novas. Conversou com os Williams, com os Walker. E... – Martin parou de falar, parecia distante, avaliando quanto deveria revelar a ela.

– E o quê? – ela quis saber.

– Pelo jeito os técnicos em segurança da informação do Citibank detectaram um vínculo entre o computador usado para enviar o pedido de resgate e o micro dos Rostenkowski.

– Como assim? – Lena até que foi convincente ao fingir ignorância. – Quero dizer, eles entraram em contato com todos quando...

– Antes. Meses antes.

– Aonde quer chegar?

– Só estou dizendo que surgiram dúvidas. E, com a tentativa de suicídio... – Martin deixou a frase no ar. Lena quase confessou que já sabia de tudo, mas, se fizesse isso, Lynn ia querer falar com ela também. E não podia ser atrapalhada no momento. Precisava das informações que só Phil sabia.

Ela balançou a cabeça e Martin percebeu que não pretendia fazer mais perguntas.

– Deve haver algum engano. – Sem esperar a resposta, olhou para o quarto.

– Não vai dizer nada a ela, não é?

– Não.

Lena não conseguiu fitar os olhos azuis do detetive. Quebrara uma promessa que havia feito a si mesma. Mentia de novo.



David pegou a Taconic Parkway até Albany, depois a Northway, para as Adirondack. Não havia muito trânsito e resolveu ultrapassar o limite de velocidade, às vezes alcançando 140 quilômetros por hora. Se fosse surpreendido por um guarda, já imaginava que o convenceria a poupá-lo da multa se explicasse qual era sua missão. Preenchia as horas vagas com cenários variados para seu êxito. Seu esforço seria recompensado quando Sarah se jogasse em seus braços. Seguindo as instruções de Malone e o mapa do Google no assento do carona, saiu da Northway e foi para as montanhas. Seu otimismo diminuiu.

Esperava encontrar várias fileiras de automóveis, supunha que muitas pessoas participariam da busca, como ele. Mas havia pouco movimento. A mata dos dois lados da pista era densa, impenetrável mesmo sob a luz clara do sol matinal. Quando chegou no alto de uma subida e deparou com uma paisagem interminável formada por colinas e montanhas cobertas de florestas até os picos distantes escarpados, quase deu meia-volta e desistiu. O que estava pensando?

Encontrar Malone, 40 minutos depois, não ajudou muito. Em vez de topar com um morador local tarimbado, como imaginara, o cinquentão exibía traços delicados, um aperto de mão frouxo e se vestia com roupas novas da Land’s End dos pés à cabeça.

– Que bom, você achou a gente – disse Malone quando David estacionou na frente da casa. Estava no acesso, com cerca de 10 outros homens e uma mulher, nenhum dos quais inspirava muito confiança. Apresentou-o a todos e David tentou afastar o cansaço da viagem e a decepção da chegada. A última pessoa a quem o apresentaram era um homem de aparência jovem, com 20 e poucos anos, vestindo camisa abotoada até o pescoço e calça cáqui, que mal conseguia retribuir o olhar de David.

– Este é Steve Popper, do jornal local. Pediu para ir conosco. Algum problema? – Malone fez uma pergunta retórica, pois já estava decidido a levá-lo. David não queria um repórter na busca, mas não teve escolha, perdido em território desconhecido. Para o bem ou para o mal, Malone era seu guia.

O zumbido insistente de um monomotor foi ouvido e todos ergueram os olhos para ver, contra o céu matinal, a silhueta de um avião que percorria uma trajetória oblíqua sobre a cidade. Antes que o ruído cessasse, Malone gritou para David:

– É um avião de busca!

David manteve os olhos fixos nele até que desapareceu. Quando baixou a vista, Malone estendeu um mapa topográfico sobre o capô do carro e as pessoas o rodearam.

– Chamamos isso de estratégia “dedos da mão” – disse, depois que todos estavam organizados em semicírculo. – Cinco veículos diferentes partirão por cinco estradas distintas, conforme a grade montada, procurando trilhas que levem às estradas e...

– Se houver trilhas – disse um dos homens, obviamente continuando um debate sobre o plano que começara antes de David chegar. Outros também interferiram. David viu a confusão se instaurar e percebeu muita incerteza entre os integrantes da equipe. Sentiu um súbito desejo de falar com Lena. Tirou o telefone celular do bolso, viu que ainda havia algum sinal e se afastou do grupo para ligar para a mulher. Esperou, examinando o repórter que o encarava havia muito tempo e fazia anotações num bloco.



Sarah cochilava quando a primeira luz da manhã surgiu a leste. Ao acordar, percebeu que as três crianças haviam saído do quarto e ouviu a conversa que travavam. Já era praticamente dia claro. Ela sabia que algo importante ocorreria durante a noite, mas não conseguiu lembrar o que era. De repente, se recordou: era a brincadeira de pregar o rabo no burro. Levantou-se e foi para o outro quarto.

As crianças estavam meio desorientadas. Franklin continuava tentando fazer com que o notebook funcionasse, mas os outros apenas conversavam, sentados. Depois da reação de Linda à sua revelação sobre o burro na noite anterior, Sarah resolveu contar ao grupo o que pretendia fazer e como agiria.

– Não podemos continuar aqui – começou, interrompendo as conversas. – Precisamos voltar para a estrada.

Os outros sentiram nela uma firmeza inédita.

– Mas não sabemos o caminho – disse Linda, talvez se esquecendo do que Sarah lhe dissera horas antes.

– E se pegarmos o caminho errado? – perguntou Tommy. – Vamos nos perder ainda mais.

– Não vamos nos perder – retrucou Sarah. – Garanto que não.

Franklin ergueu a vista ao ouvir a frase. Ele sabia muito bem que Sarah não tinha como prometer aquilo, mas era exatamente o tipo de afirmação que desejava ouvir. Ela falava como os adultos. Eles prometiam coisas assim para ajudar as crianças a superar seus medos. “Garanto que você não vai se afogar. Venha. Nade até aqui.” Franklin não faria uma promessa assim aos outros. Conhecia as probabilidades e seria incapaz de mentir. No entanto, se Sarah se dispunha a assumir um compromisso daqueles, estava disposto a acompanhá-la. Vai ver ela sabe mesmo o caminho de volta, pensou.

– Vou com você – disse.

– E quanto aos ursos? – perguntou Tommy. Passara boa parte da noite imaginando que seu pai viria salvá-lo, junto com o irmão, e que os dois o abraçariam com força, sorridentes. Por algum motivo, quando imaginava isso, via o pai e Jack portando rifles, embora soubesse que não eram caçadores. Imaginou que os rifles eram para abater

os ursos.

Sarah não respondeu. Não tinha nada a declarar a respeito disso. Sabia que conseguiria guiá-los até em casa. Tinha certeza. Mas, se os ursos aparecessem no meio do caminho... bem, ela nem queria pensar nessa possibilidade. Os ursos não vieram até a clareira? Sim. Portanto, permanecer ali não garantia a segurança deles. Pensava assim, mas não sabia como expressar essa ideia, por isso ficou quieta.

- Eu vou – disse finalmente, seguindo para a porta.
- Agora? – perguntou Linda.
- Agora.
- Você não pode me deixar para trás, Sarah. Precisamos ficar juntas, lembra?
- Isso foi no acampamento.
- O acampamento é aqui! – gritou Linda, aflita, com pavor de voltar à mata e aterrorizada por ser abandonada por Sarah.

Nenhum deles acreditava mais que o Sr. Everett fazia parte da equipe do Arno. Mas o grito de Linda os levou a sentir falta dos momentos em que se agarravam à esperança de que tudo fazia parte da programação do acampamento. Era muito melhor do que pensar que estavam completamente sozinhos. Mas Sarah não quis nem saber.

- Não é o acampamento, não. Vamos embora. – E saiu porta afora, para o sol da manhã. Os outros a seguiram.

Assim que chegaram à clareira, Sarah virou o centro das atenções. Mesmo mordendo os lábios, ela impunha uma nova atitude, mais decisiva, e em pouco tempo os outros a cercaram esperando que ela dissesse alguma coisa. Seus olhos examinaram o perímetro da clareira. Uma trilha conduzia ao lagozinho. Sabia que não devia ir por ali. Havia o caminho que percorreram no passeio com o Sr. Everett. Podia ser aquele, mas ela duvidava. Sentia que os outros a observavam. “Ponha o rabo no burro”, pensou, mas não queria fechar os olhos. Diriam que ela estava tentando adivinhar.

Sarah deu meia-volta em sentido horário e viu na sua frente uma espécie de pórtico. Um par de bétulas jovens, cujos troncos esbranquiçados reluziam ao sol, distantes uma da outra cerca de um metro e meio, arqueadas no topo, quase se tocando. Por entre os troncos esguios, viu um caminho que seguia mata adentro. Sarah imaginou uma fada acenando com a vara de condão que soltava faíscas coloridas para mostrar o caminho.

- É por ali. – Sua voz soou firme.

Os outros olharam na direção apontada. Franklin, já plenamente convencido da capacidade de liderança de Sarah, deu a primeira indicação de que a seguiria, avançando um pouco. Tommy e Linda o acompanharam, não por acreditarem na liderança de Sarah, como Franklin, e sim por não quererem ficar para trás. Tommy teve uma ideia:

- Não deveríamos levar algumas coisas?
- Por exemplo? – quis saber Sarah, sem parar de andar.
- Não sei. Coisas que trouxemos, como roupas.
- Não vamos precisar.
- Logo chegaremos à estrada – acrescentou Franklin. Ele também via as bétulas como o único caminho possível para a segurança.

Tommy, que formulara a pergunta ao parar por um momento, correu para alcançar o grupo que passava por entre as árvores e descia uma trilha que alargava aos poucos, como se as árvores se afastassem para mostrar a eles o caminho.

A confiança de Sarah aumentava conforme ela caminhava. Chegou a fechar os olhos em alguns trechos, para garantir que seguia na direção certa. Mas o grito de Linda assustou todo mundo.

- O que é aquilo? – perguntou a menina, apavorada.

Dez metros adiante eles viram o que de cara pareceu ser um monte de roupas, mas a pilha tinha forma de um corpo humano. Os quatro se aproximaram e viram que era um cadáver horroroso. O corpo e a mochila da moça haviam sido esstraçalhados por um urso, provavelmente o mesmo que rondara a cabana. A cena era medonha. Tommy enjouou e virou de costas. Os outros recuaram, engasgados.

- Quem é? – indagou Linda.
- Ninguém respondeu, mas Franklin verbalizou o medo geral.
- Foram os ursos. – De repente eles consideraram o ataque inevitável, indiscutível.
- Acho melhor a gente voltar – disse Tommy.

Linda e Franklin concordaram, mas Sarah observava, imóvel, a mistura de roupas e equipamentos ensanguentados. Quando Tommy virou e começou a subir na direção da clareira, Franklin hesitou por um segundo, mas resolveu segui-lo.

- Sarah! Vamos logo! – gritou Linda antes de sair correndo também.

Sarah sabia que precisava voltar com os outros, mas não se mexeu, hipnotizada pelo corpo. Agachou-se sem tirar os olhos dele. O cadáver do Sr. Everett a fascinara também, mas não tivera tempo de olhar direito. Certa vez entreouvira uma conversa entre os pais que não deveria escutar. Lena mencionou um paciente que morreria naquele dia e contou que passara um tempão olhando para o corpo. “Eu me dei conta de que agora ele sabia mais do que eu poderia aprender durante a vida inteira”, comentara a mãe, e desde então Sarah sentia vontade de ver um cadáver.

Ela se levantou minutos depois, quando Linda a chamou de dentro da cabana. Olhou para a trilha que pretendia seguir. Era o caminho de casa, Sarah sabia disso. Olhou de novo para o corpo, uma massa ensanguentada que parecia falar com ela. “Você tem razão, o caminho é este”, disse.



Uma enfermeira conferia os acessos intravenosos e ajeitava os travesseiros de Phil, falando sem parar, enquanto Lena e Janet recuavam e aguardavam sua saída. Lena viu a mão dele se mexer um pouco e bater na guarda lateral da cama. Pensou que fosse por causa dos movimentos da enfermeira. Mas a mão se levantou de novo, involuntariamente, e Lena concluiu que era consequência de atividade cerebral.

- Continue falando com ele – ordenou Lena.
- Janet olhou para a mão, que se levantou e desceu de novo.
- Phil. Phil, está me ouvindo?

Lena se virou de costas e consultou o relógio. Temia que Lynn Witherspoon chegasse a qualquer momento. Uma voz masculina fez com que se virasse. Ninguém entrara no quarto. Ela olhou para Phil

- Foi ele? – perguntou.
- Foi.
- O que disse?
- Não entendi.

Lena se aproximou. A aparência de Phil não mudara no geral, mas agora ele mexia a boca, como se quisesse se livrar da máscara de oxigênio. Lena se debruçou e falou alto.

- Phil, pode me ouvir?
- A mão direita dele subiu e desceu, como se estivesse respondendo. Lena disse a Janet:

- Fale com ele.
- Phil, está ouvindo?

Não houve resposta.

- O que perguntou a ele?
- Nada. Não sei.

A voz de Phil, que soava cavernosa por causa da máscara, foi ouvida de novo.

- Paul. – A palavra soou claramente.

Lena levou um susto. Queria arrancar a máscara de oxigênio, mas temia que Phil precisasse dela para continuar respirando. Falou com a enfermeira:

- Quem está de plantão?
- O Dr. Halperin. Acabei de vê-lo neste andar.
- Vá chamá-lo.

A enfermeira ia sair quando a porta se abriu e Lynn entrou no quarto. Lena sentiu raiva por ela chegar num momento tão impróprio, mas recorreu a seu treinamento médico.

- Lamento, ninguém pode ficar aqui neste momento.
- Não preciso ficar. Só quero conversar com a Sra. Rostenkowski.
- Agora, não. Ela...
- Lamento, preciso falar com ela agora.

Lena queria puxar a promotora para fora do quarto, contar o que sabia e explicar que Janet era vital para a solução do caso. Mas intuiu que isso a afastaria ainda mais de Phil e de seu fugaz momento de consciência. O Dr. Halperin, um sessentão sorridente de jaleco branco, entrou no quarto. Lena dirigiu-se a ele.

- Dr. Halperin? – Ele fez que sim. Lena prosseguiu: – Conseguimos uma reação, ele movimentou a mão e disse algumas palavras. Creio que responde à esposa. –

Lena apontou para Janet. – Ela precisa ficar aqui, certo? – Lena olhou para Lynn, que não parecia disposta a obedecer o médico.

Ele percebeu a tensão que reinava no quarto. Aproximou-se do leito de Phil e observou os movimentos da mão por um minuto. Afastou as pálpebras do paciente e iluminou a pupila com uma lanterna pequena.

- O que acha? – indagou Lena, lembrando que odiava quando perguntavam isso durante um exame. Halperin demorou um pouco a se voltar para ela, com uma carranca que fez Lena se lembrar da maneira como fitara os pacientes tantas vezes, em situações similares.

- Não vejo muita evolução. Ficaria surpreso se a fala fosse consequência de estímulo externo.

- A esposa disse algo e ele respondeu falando o nome do filho.

– Dra. Trainor, sinto dizer, mas creio que está deixando as emoções assumirem o lugar do raciocínio frio, neste caso. Não posso afirmar que a recuperação do paciente seja impossível, talvez ele se cure completamente. Mas o sistema nervoso sofreu sérios danos e, se ele superar as 36 horas iniciais, as mais críticas, precisará de muita terapia só para pronunciar palavras simples, sentar e andar.

- Mas o estímulo às vias neurais é benéfico no período de risco, certo?

– Não me leve a mal. A presença da Sra. Rostenkowski e a sua não atrapalham. E milagres acontecem. Mas milagres são imprevisíveis. E, como bem sabe, tentamos ao máximo nos manter dentro do previsível.

Ele consultou o prontuário de Phil e fez algumas anotações. Lynn esperava, confiante. Lena se deu conta de que se tornaria suspeita caso impedisse que a promotora interrogasse a suspeita. Janet a olhou como quem dizia que a visita se encerrara. Halperin concluiu sua parte:

- Lamento o que disse a respeito de suas emoções, Dra. Trainor. Sei que está passando por um momento terrível. Meus sentimentos.

Lena retrucou:

- Meus sentimentos, por quê? Minha filha não morreu. Não preciso de seus pêsames.

Halperin resmungou desculpas antes de sair. Lynn aguardou alguns segundos antes de falar:

- Sra. Rostenkowski, quer me acompanhar, por favor?
- Ela pode voltar logo? – implorou Lena, sabendo que Janet não voltaria mais.
- Talvez.

Janet enrubescceu, tomada de súbita emoção, e soltou um guincho parecido com o emitido em sua casa. O grito ecoou no quarto. Ela se virou para o marido. Lena pensou que fosse atacá-lo. Mas Janet se conteve e, apesar da agitação, deu meia-volta e abriu a porta para sair. Lynn olhou demoradamente para Lena, intrigada, antes de seguir Janet.

Lena retornou a Phil. A mão não se mexia mais. Sem reação, ele mais parecia um cadáver. O fracasso da tentativa de localizar Sarah com aquele pedaço inútil de carne caiu sobre Lena como uma pedra. Viu que não conseguiria prosseguir e sentiu uma enorme frustração. Estava sozinha. E num hospital. O que poderia fazer? Mas os hospitais são o local para se resolver problemas. Seria forçada a regressar ao mundo lá fora sabendo que estava num beco sem saída, que não tinha nada a fazer, exceto esperar? A ideia era intolerável. Phil, sereno debaixo das cobertas, zombava de sua dor como se estivesse gargalhando acordado. Ela não se conteve. Aproximou-se da cabeceira da cama e lhe deu uma bofetada tão forte que a máscara de oxigênio entortou. Em seguida saiu, deixando-a assim, e passou correndo pela enfermeira atônita.

Trinta e dois

QUANDO SARAH ENTROU NA CABANA, viu as outras crianças em estado de choque. Franklin tentava fazer o notebook funcionar de novo. Tommy batia um pedaço de madeira no chão. E Linda, pelo que Sarah ouvia, chorava no outro quarto, deitada em posição fetal no colchão. Foi falar com a amiga, mas quando se sentou ao lado dela sentiu um peso imenso nas pernas, o cansaço que a derrubava. A força da gravidade parecia ter dobrado, obrigando-a a deitar de costas e ficar olhando para a madeira podre do telhado. Sarah fechou os olhos.

Linda parou de chorar por um instante e resmungou algo para a amiga. Como não obteve resposta, fechou os olhos também. O calor do dia fez as duas meninas caírem num sono profundo, enquanto os meninos perambulavam inquietos pelo outro quarto.

Quando acordou, Linda não soube por quanto tempo dormira. Não viu mais ninguém na cabana. O notebook estava no chão. O conteúdo da mochila do Sr. Everett encontrava-se espalhado pelo chalé, o isopor virado de lado, a água e o gelo a escorrer. Nuvens densas cobriam o céu, escurecendo os quartos e dificultando a visão.

Ela gritou pelos outros, mas não recebeu resposta. Temia sair, por isso espiou pela porta e chamou de novo. Um vento frio vergava a grama na clareira. Espiou por uma janela, depois por outra, à procura de seus companheiros. A ansiedade aumentou e atingiu o auge quando ela sentiu vontade de urinar. Chamou os outros mais uma vez. Nada. Incapaz de segurar a vontade, ela correu para o banheiro do lado de fora. Quase chegando lá percebeu um movimento na borda da clareira, perto da trilha escolhida por Sarah, entre as bétulas.

– Sarah! – gritou Linda, deixando o banheiro de lado para correr na direção do movimento.

De repente o movimento distante ficou mais próximo e Linda parou. Precisou de um segundo para identificar a forma que avançava em sua direção: era a caminhante morta, um bolo horrível de carne e pano ensanguentados, curvados para a frente, com a mochila presa às costas, corcunda, a poucos metros de distância. O rosto machucado da mulher se mexia, ela tentava dizer alguma coisa.

Aterrorizada, Linda gritou a plenos pulmões, mas não conseguiu se mover. Tentou recuar um passo, mas seus pés se fixaram no chão fofo da clareira. Gritou de novo.

O barulho fez Sarah acordar de um sono pesado. No colchão do lado, ainda adormecida, Linda berrava desesperada. Franklin e Tommy olhavam para ela da porta, assustados. Sarah a sacudiu e Linda pulou ao toque da amiga, já desperta. Não sabia onde estava, ainda confusa pelo pesadelo terrível. Ela se levantou e olhou pela janela.

– Está viva!

– Viva? Quem está viva? – perguntou Sarah. Tommy e Franklin correram para espiar pelas janelas do outro quarto.

– A coisa que vimos. Está lá fora.

– Você estava tendo um pesadelo – disse Franklin, virando-se, mas ainda ressabiado, temendo o que poderia aguardá-los do lado de fora da cabana.

Linda ia protestar, mas viu que Franklin tinha razão e, em vez de sentir alívio, voltou a chorar.

– Nunca mais vou sair deste chalé.

Sarah balançou a cabeça, se levantou e seguiu para a porta, passando por Franklin e Tommy.

– Você que pensa. Precisamos ir agora, enquanto ainda está claro. Conheço o caminho. Tenho certeza.

– Não vá, Sarah! – gritou Linda.

A menina não respondeu. Seguiu em frente e os três a viram entrar na clareira.

– Devemos continuar aqui – Linda disse aos outros, num tom de súplica. Franklin balançou a cabeça. Tommy não disse nada e saiu depressa para alcançar Sarah.

– Ela sabe o que está fazendo – Franklin tentou convencer Linda.

– Sabe coisa nenhuma. Está... talvez esteja viva.

Franklin não respondeu e saiu porta afora. Como se apenas a decisão dos outros a fizesse agir, Linda saltou do colchão e foi atrás deles.

Sarah observou com cuidado e confirmou que o corpo não se movia, quando desceu a trilha até onde ele estava. Esperou que os outros a alcançassem, para garantir que não desistiriam novamente. O cadáver parecia consolá-la, mais uma vez. Tommy ficou olhando para ele quando parou atrás de Sarah, e Linda, correndo, tropeçando ao tentar alcançá-los, chorava muito ao se juntar ao grupo.

Sarah avançou até o corpo, parando a poucos metros dele. Linda soluçou. Franklin resmungou algo inaudível. Sarah mal olhava para a cena terrível. Tentava apenas mostrar aos outros, e talvez a si mesma, que não temia o corpo à sua frente. Virou-se. A trilha em que estava sumia logo adiante, a uns 100 metros. A floresta não era tão densa onde estavam, mas ao longe parecia um mar de pinheiros, arbustos, árvores enormes e mato ralo. Deu passos decididos rumo ao desconhecido. Os outros a acompanharam. Tommy foi o último a sair dali. Só com muito esforço parou de olhar para o cadáver mutilado.



A partir dos 300 metros de altitude, as Adirondack, mesmo sob o sol forte do meio-dia, eram uma vista maravilhosa. Seth Cooper, que pilotava helicópteros na região desde seu retorno do Vietnã, na primavera de 1970, ainda se comovia com as ondulações da paisagem, o reflexo da luz nos lagos altos, a rica textura da vegetação. Naquele dia, porém, deixou de lado as imagens poéticas e se concentrou na importante missão que recebera.

Jennifer Simmons, guarda florestal e sua jovem parceira, o acompanhava. Vinte e tantos anos, bonita, era nova no emprego, e Seth ainda não havia trabalhado com ela. A moça era muito profissional.

– Assistiu ao vídeo? – perguntou, sem tirar os olhos da paisagem.

– Assisti.

– Examinei a cena. Os arbustos atrás das crianças, arqueados pelo vento, indicam uma posição acima dos 400 metros de altura. Por isso escolhi esta área.

Seth não comentou a observação. Procurar quatro crianças desaparecidas não fazia parte de sua rotina, mas no fundo não passava de mais uma busca. Avós perdidas, famílias que saíram das trilhas, até caçadores ficavam desorientados – todos precisavam ser procurados com os mesmos olhos de águia. Jennifer, na opinião de Seth, o ajudaria a manter o foco na missão.

No ar por 35 minutos, eles já haviam sobrevoado sete vezes a área demarcada, cobrindo cerca de um terço de seu trecho da grade. A mata abaixo, densa, poderia facilmente esconder quatro crianças de 9 ou 10 anos. Seth se perguntou se elas seriam espertas o bastante para procurar áreas abertas e clareiras, em vez de seguir pelas trilhas ocultas pela vegetação alta. Pensava nisso quando uma pequena elevação coberta de abetos e pinheiros brancos surgiu na frente deles e foi preciso aumentar um pouco a altitude do helicóptero para passar por cima dela. No alto do morro, o sol forte refletia num laguinho escondido e Seth desviou a vista instintivamente, para evitar que o reflexo o cegasse.

Ao fazer isso, notou três corvos sobrevoando a superfície da água, assustados com os rotores. Seth odiava corvos desde que um deles quase o abatera ao ser apanhado pelo leme na decolagem, 15 anos antes. Observou atento o voo das aves. Jennifer o surpreendeu com um grito.

– Tem um corpo ali!

Ela apontou para o lago. Seth olhou, mas só viu água e lama na margem.

– Vi um cadáver no atracadouro do lago! – gritou Jennifer acima do ronco dos rotores, esticando o pescoço para ver melhor.

Ele manobrou para a esquerda e vislumbrou uma estrutura decadente no fim de uma pequena clareira. Deu a volta para sobrevoar o laguinho e pairou sobre ele. Dava para ver o píer claramente, e eles se aproximaram mais, identificando o corpo estirado do Sr. Everett sobre as tábuas.

– Que merda – resmungou Seth, checando as coordenadas para informá-las ao centro de controle.

– Deve ser o sequestrador – disse Jennifer, apontando o binóculo para o corpo.

– Ou um pescador que sofreu um infarto – retrucou o piloto, recordando-se do episódio em que localizara um advogado de Nova York desaparecido havia muito tempo durante a busca por dois adolescentes que se perderam na floresta.

Enquanto transmitia a informação pelo rádio, Seth examinou a área. Não era muito escarpada, não havia picos muito altos. A Rodovia 49 era visível a pouca distância. Imaginou que o comando conseguiria enviar uma equipe até lá no fim da tarde, caso não houvesse um grupo de busca nas imediações do local.

Ele também sabia que procurar as crianças pelo ar não seria fácil. Estavam perdidas no meio de uma mata densa e enorme, coberta por árvores antigas, como bordos e faias altos, difíceis de vasculhar. Pensou em mais uma coisa que o perturbou. Na região viviam muitos ursos.

– Meu Deus! – exclamou Jennifer, sem afastar o binóculo.

– O que foi?

– Parece que os corvos já comeram metade da cabeça dele.

– E vão comer o resto – disse Seth, baixando o helicóptero mais um pouco.

◆ ◆ ◆

Ao sair do quarto de Phil, Lena viu que David ligara para ela e retornou a ligação pelo celular. Enquanto o telefone tocava, ela se lembrou de tudo o que acontecera com Phil e Janet após a partida de David. Não sabia se aquele era o momento adequado para dar as notícias ao marido.

– Oi, Lena – disse ele, tendo ao fundo o ronco do motor de um carro.

– Oi. Onde você está?

– No carro de Les Malone. E aí? Alguma novidade?

– Não. E quanto a você?

– Recebemos um alerta dos guardas do parque alguns minutos atrás, mas não sabemos do que se trata. Era fora de nossa grade.

– Fora do quê?

– Da grade. A área que estamos cobrindo nas buscas.

Lena gostou de ouvir a voz de David. Mesmo com o sinal fraco do celular ela sentia sua força, a antiga energia que a levou a se apaixonar por ele.

– Pode falar?

– Como?

– Quero saber se você pode falar agora... – Mas Lena não queria falar sobre Phil numa ligação ruim em que o marido mal a escutava. – Ligue para mim quando puder conversar, está bem?

– Podemos conversar agora.

– Não. É muito importante.

– Tudo bem. Vou... – sua voz sumiu. Quando a ouviu novamente, Lena o cortou.

– Não estou ouvindo. David, ligue mais tarde. Amo você.

A linha caiu e ela não soube dizer se ele ouvira sua declaração.

◆ ◆ ◆

David não havia prestado muita atenção à última parte da conversa por causa da transmissão para o rádio de Malone. Entreouvira a palavra “cadáver”. Quando finalmente desligou, Malone reduziu a velocidade da pica e parou no acostamento.

– O que foi? – perguntou David.

– Um helicóptero da polícia estadual localizou um corpo, pelo jeito é o cadáver mencionado por sua filha.

– Onde?

– Não dava para saber pela descrição. Mas peguei as coordenadas. Passe o mapa topográfico.

David entregou o mapa que trazia aberto no colo. Malone passou vários minutos examinando-o. Enquanto isso, Popper, que anotava informações num bloco, no banco traseiro, debruçou-se um pouco e perguntou a David:

– Era sua esposa no telefone?

Ele se virou, encarou o rapaz e não disse nada. Esperou que Malone terminasse.

– Achei. Bem ali. Sim, tem um lagunho. Disseram que era um lago e que o corpo se encontrava sobre o píer. Puxa vida.

– O que foi?

– Duvido que haja grupos de busca a pé ali perto. Vai demorar um pouco até que cheguem ao local para verificar.

– Quer dizer que o helicóptero não...

– Não havia onde descer.

– E as crianças?

– Nenhum sinal, por enquanto.

– É possível ir até lá?

– Sim, mas não temos certeza de que tem a ver com as crianças.

– Quantos cadáveres pode haver na região?

– Mais do que você calcula.

– De todo modo, quero ir para lá.

Malone olhou para David.

– Já percebi. Mas outros grupos chegarão ao local antes que a gente se aproxime da área. Vamos manter o plano original e, se surgir alguma novidade, corremos para ajudar.

David não gostou. Sentiu-se novamente mal por ter tomado a decisão de ir com Malone. Não queria que outras pessoas encontrassem Sarah, percebeu subitamente. Admitia que era um desejo irracional mas intenso. Queria ser o primeiro a abraçar a filha, e não que um desconhecido a encontrasse. Ela fora levada por estranhos e mesmo que o responsável por seu resgate nada tivesse a ver com os monstros que a raptaram, não seria o mesmo se fosse David a encontrá-la. Outros talvez a localizassem, mas ele sabia que era o único naquela floresta capaz de realmente levar Sarah de volta para casa.

◆ ◆ ◆

Lena desligou, frustrada com o fato de não conseguir falar direito com o marido. Sentiu-se mais sozinha do que antes do telefonema. Não queria voltar para casa. A sensação de que precisava ficar lá para receber Sarah sumira. Sua casa não passava de uma construção cercada pela imprensa.

Lembrou-se do pai, que provavelmente já chegara a Montreal, àquela altura. Parada no corredor, na frente do quarto de Phil, pegou o número do amigo de Richard no

Canadá que guardara no bolso da calça jeans e ligou. Ninguém atendeu, nada de secretária eletrônica ou caixa postal. Desligou e olhou para o assistente do delegado, que flertava com a enfermeira, no posto de enfermagem. Dirigiu-se a ele:

– Onde está o detetive Martin?

O policial apontou para o fim do corredor. Lena o encontrou lá, dormindo sentado numa cadeira, com a cabeça encostada na parede. Não quis acordá-lo. Ficou por ali um pouco, andando para lá e para cá, depois sentou-se ao lado dele. Eram muitas as dúvidas em sua cabeça. Como não percebera os indícios do plano macabro dos Rostenkowski? Por que não percebera que J.D. era um impostor? Como fora inocente a ponto de cair no golpe? A culpa a rondava. Disse a si mesma que a expectativa nos cega, mas isso não diminuiu seu remorso.

Olhou para Martin. Dormindo de boca aberta, ele mais parecia um morto, a imagem do fracasso. O hospital, com seus leitos e doentes, vida e morte, zumbia em torno dela como se zombasse de sua condição. “Você não presta para nada. Sua filha está desaparecida e você não faz nada para encontrá-la. Estamos ajudando os pacientes, sabemos como temos que proceder. E você, o que sabe?” Martin roncou, mas não acordou. Lena não conseguiu mais suportar o ar de fracasso estampado em seu rosto derrotado. Sacudiu o policial para que despertasse, mas se arrependeu imediatamente. Ele parecia grogue, desorientado.

– O que foi?!

Lena não sabia o que dizer. Ouviu um telefone tocar, pensou que era o seu celular, mas constatou aliviada que era o dele.

– Telefone.

Martin pegou o aparelho e seus olhos ganharam vida, como se ressuscitasse. Levantou-se, identificou o autor da chamada e se afastou de Lena. Quando ouviu um celular tocando de novo, ela pensou que era o eco do toque do telefone do detetive em sua mente. Mas logo percebeu que era o seu. Viu o nome Williams e teve a impressão de que Mike ou Po sabiam que precisava deles.

– Lena, você está no hospital? – perguntou Mike, sem cumprimentá-la. Sua voz revelava uma tensão que Lena nunca ouvira.

– Sim, eu...

– Recebemos uma ligação de John Walker. Eles estão investigando os Rostenkowski?

– Creio que sim. Lynn está interrogando Janet neste instante.

– Você acha... minha nossa, acha que eles poderiam estar envolvidos?

– Acho que sim. – Lena torceu para que a conversa tomasse outro rumo.

– O que sabe? Conversou com ela?

Lena não tinha como evitar a pergunta direta. Contou o que sabia, desde a revelação na casa de Janet até a tentativa de fazer Phil falar. Quando terminou, podia ouvir a respiração entrecortada de Mike.

– Você não desconfiou nem um pouco do envolvimento deles? Não notou mudanças de comportamento? – As perguntas eram quase uma acusação. Vinda de um sujeito amigável como Mike, magoava muito. Lena pensou antes de responder.

– Não – disse finalmente. – Não os conheço tão bem assim.

Mike bufou de raiva.

– Porra, suas filhas brincavam juntas! Janet tem merda na cabeça. Não sabe onde está a própria filha?

Ela ia pedir desculpas, dizer que sentia muito, mas ficou calada. Martin se aproximou acenando para atrair sua atenção.

– Quem é? – perguntou ele, baixinho.

– Mike Williams – respondeu ela em voz alta.

– Diga a ele que avistaram um corpo. Deve ser de Everett, o pai.

Lena repassou a informação.

– Eu já sabia – retrucou Mike. – Um amigo meu que está nas montanhas Adirondack acabou de ligar. Vão mandar alguém de helicóptero. – Ele fez uma pausa. – Preciso desligar. Isso está me deixando louco. Porra, não dá para acreditar!

– Sinto muito – disse Lena, embora não fosse a culpada.

Mike suspirou longamente, após uma pausa.

– Não é culpa sua, Lena. Lamento ter insinuado... É que não aguento mais a pressão. Não viram as crianças nas proximidades do local onde acharam o corpo. Isso significa que elas provavelmente tentaram voltar por conta própria. Acho que Tommy não aguenta ficar perdido no meio do mato desse jeito. Estou apavorado.

Conversaram mais um pouco e desligaram. A admissão do medo não saiu mais da cabeça de Lena. Mike servira de porto seguro para ela, mas agora ele parecia à deriva. Martin voltara a falar ao telefone e Lena começou a caminhar pelo corredor, desorientada. Sarah, com seu temperamento forte, era uma menina independente quando estava em ambiente conhecido. Agora, ela não passava de um pontinho na imensa floresta. Como acharia o caminho de volta? O que David e os outros poderiam fazer para encontrá-la?

O piso reluzente do hospital e suas paredes iluminadas pelas lâmpadas fluorescentes se tornaram uma barreira súbita, um labirinto desinfetado que isolava Lena de Sarah e da selva em que a filha perambulava. Precisava sair. Caminhava em passo acelerado para o elevador quando a voz de Martin a deteve:

– Lena, espere. – Ele se aproximou com ar preocupado. – Você está bem?

– Preciso voltar para casa.

– Não posso levá-la. Preciso ficar aqui.

– Estou de carro.

– Entendeu o que eu disse antes? Avistaram um corpo no lago, enviaram uma equipe a pé para a área e pretendem descer alguém de helicóptero.

– Mas as crianças não estão mais lá – disse Lena, esperando que as lágrimas que se formavam em seus olhos não escorressem pelo rosto. Precisava sair do prédio.

– Bem – insistiu Martin, até entender que Lena tinha outros planos –, você sabe que estão interrogando a Sra. Rostenkowski...

– Sei. Também sei o que ela vai contar a eles. E que nada disso trará as crianças de volta. Preciso ir embora. Não aguento mais isso!

– Espere um pouco. Você sabe! Como descobriu? Ela contou a você?

– Contou.

– Quando?

– Quando fui à casa dela hoje.

– O que ela disse?

– Que ela e Phil estavam por trás do esquema. Que foram eles que tramaram tudo. Com um intermediário ou algo assim. Preciso ir!

– Por que não me contou?

– Porque pensei que ela pudesse ajudar a localizar Sarah. Achei que, se falasse com Phil, ele despertaria do coma. Não me peça mais explicações. Isso só me tirou do rumo certo. Talvez eu nunca mais veja Sarah. Não me obrigue a ficar aqui!

Martin obedeceu, não perguntou mais nada, e Lena seguiu direto para o estacionamento do hospital, procurando a chave para entrar no carro. Na pressa o celular caiu do bolso da calça jeans e foi parar na calçada. Ela o pegou rapidamente e examinou para ver se ainda funcionava. Resolveu ligar para David, que atendeu no primeiro toque.

– David – disse ela, sem saber direito por que havia ligado. Ouvia o motor do carro no fundo. – Onde você está?

- Subindo a serra... encontraram um corpo...
- Já fiquei sabendo. Pretende ir até lá?
- Não. Outra equipe é que vai.
- David. Não consigo mais ver Sarah. Estou apavorada. Completamente apavorada.
- Vamos encontrá-la. Já acharam o corpo.
- Sei disso, mas não faz a mínima diferença.

David permaneceu em silêncio por um bom tempo. Quando falou de novo, soou distante:

- Lena, logo vou estar fora da área de cobertura. Era isso o que ia me contar antes?
- Não. Eu queria avisar que os Rostenkowski estavam por trás do plano.
- Que plano?
- Do sequestro.

David não reagiu, mas Lena percebeu que ele falava com outra pessoa. A ligação caiu. Ela ficou parada do lado do carro, esperando o marido ligar, mas o celular não tocou. Embora fosse um final de tarde bem quente, ela começou a tremer. “Isso é consequência do trauma”, disse a si mesma, reconhecendo pela primeira vez que enfrentara uma experiência traumática nos últimos dias, que surtira efeito em todo o seu corpo. Além disso, sentia que Sarah fugia de suas lembranças e que o vínculo tênue que ainda existia entre elas desaparecia. Quando se deu conta disso, ficou ainda mais horrorizada.

Quase paralisada pela ansiedade, Lena se esforçou para entrar no carro e dirigir de volta para casa. O mundo que ameaçava ruir desde que o monitor do Acampamento Arno saiu da van na entrada de sua casa agora literalmente caía aos pedaços. Sentiu que veria a rua desmoronar se olhasse pelo retrovisor. Manteve a atenção no caminho e nas esquinas, mas não deixava de pensar no pesadelo de Sarah longe de casa, inatingível. Durante o percurso, pensou que estava sofrendo um colapso nervoso, que talvez devesse se internar. Mas logo chegou em sua rua. Ao passar pelos repórteres amontoados e pelo assistente do delegado, abrir a porta de casa e entrar sozinha e trêmula, sentiu que perdera a filha para sempre. Ficou imóvel, atordoada demais para ir a algum lugar, aterrorizada demais para chorar.



David falava ao celular com a mulher quando a ligação caiu. Ele, Malone e Popper trafegavam por uma estrada asfaltada que conduzia à área onde o corpo fora encontrado e dois adolescentes de bicicleta interromperam a via, sinalizando para que parassem.

Os rapazes eram de uma vila próxima e resolveram participar da busca quando ouviram falar da descoberta feita pelo helicóptero. Havia encontrado um grupo de busca dos guardas do parque no início da trilha que levava ao laguinho, mas conheciam outra rota, mais ao sul, que não aparecia nos mapas. Resolveram ver se achavam alguma coisa na trilha alternativa.

- Foi lá que encontramos o veículo – informou o mais alto dos adolescentes enquanto ele e o amigo guiavam David, Malone e Popper por um caminho coberto de mato. Minutos depois, chegaram à picape do Sr. Everett, escondido no mesmo lugar em que ele o deixara.

- A placa é de Jersey – comentou David ao espiar pela janela traseira.

O restante da bagagem das crianças ainda estava lá, com a sacola de Sarah por cima. Ele se virou e disse a Malone, que vinha logo atrás:

– É esse carro. – Olhando para os lados, tentou identificar o caminho seguido por eles. Mas a mata densa os cercava. O mais baixo dos rapazes leu o pensamento de David.

- É por ali – apontou.

David não viu trilha nenhuma. Continuaram todos parados, sem saber o que fazer exatamente. Ele lembrou que Lena acusara os Rostenkowski de serem os responsáveis pelo sequestro. Balançou a cabeça, devia ter entendido errado. Era impossível haver qualquer ligação entre aquele pacato casal de professores, a van e a bagagem, que incluía as coisas de Linda.

Malone usou o celular para passar a informação adiante. Depois de ouvir a resposta, disse:

- Entendi. – E desligou.

– O enviado do comando de operações especiais da Marinha desceu do helicóptero e chegou ao corpo. Identificação positiva. – Falava em tom neutro, como quem repassa dados militares.

- E as crianças? – perguntou David.

- Nenhum sinal delas.



A informação de Malone sobre o agente especial da Marinha enviado para a área não era verdadeira. Ele havia encontrado inúmeros sinais das crianças, depois de examinar o corpo de Everett e entrar na cabana. Avisou que havia roupas, um isopor grande, mochila, notebook e colchões usados recentemente. Enquanto o helicóptero continuava sobrevoando o trecho, ele percorreu o perímetro em busca de sinais que indicassem para onde as crianças tinham ido. Interrompeu a busca quando ouviu barulhos na mata, bem na sua frente. De cara, pensou ter encontrado as crianças. Mas o ruído aumentou e ele deparou com o grupo de guardas florestais que subira a pé e chegava na clareira. Eles tampouco acharam pistas no caminho, não havia sinal das crianças nem da moça que subira para acampar na área e desaparecera.

Trinta e três

UM QUILÔMETRO E MEIO ADIANTE da clareira, a trilha seguida pelas crianças chegou ao fim. Estavam diante de um longo declive pedregoso entre rochas grandes arredondadas.

- O caminho é por aqui? – perguntou Tommy e Sarah disse que só podia ser.
- Não me lembro de pedras assim no caminho – comentou Franklin.
- Não precisamos voltar pelo caminho que viemos – insistiu Sarah. Linda lhe lançou um olhar inquisidor, mas o cansaço, a fome e os mosquitos que os atormentavam fizeram com que ela desistisse de reclamar.

Franklin escorregou quando chegaram à metade da descida pedregosa. Torceu o tornozelo e ficou com a perna presa até o joelho entre duas grandes pedras de granito. As outras crianças o puxaram para cima, mas o tornozelo inchou e doía muito, latejando quando andava. Sentaram para descansar um pouco na faixa ensolarada que penetrava a densa copa das árvores.

- Quanto tempo ainda vai demorar? – perguntou Tommy.
- Não sei bem – respondeu Sarah. – Mas vamos chegar logo. – Ela tentava ao máximo agir e soar como uma pessoa adulta. Em seu subconsciente, porém, uma pergunta insistente martelava: “O que minha mãe faria e diria?” Buscou forças na tentativa de imitar Lena. As outras crianças dependiam de sua energia. A organização deles não passava de um castelo de cartas, mas era só o que lhes restava. Sarah tinha certeza de que, se ficassem na clareira, nunca seriam encontrados.

Linda ouviu o barulho primeiro e deu um pulo. Os outros o escutaram logo em seguida e ela apontou na direção de onde vinha o som. Quebrando o silêncio da mata, os rotores de um helicóptero foram ouvidos bem em cima deles, antes que esboçassem qualquer reação. Através da copa das árvores, viram uma sombra escura passar acima de suas cabeças, o ronco ensurdecedor latejando no peito e fazendo os ouvidos doerem.

Mas ele foi embora logo. Tentaram chamar a máquina voadora com gritos fracos, sem êxito.

- Talvez estejam procurando a gente – disse Franklin. – Acho que vêm nos buscar.
- É muito grande – comentou Tommy. – Onde pousaria?
- Não precisa aterrissar. – Franklin estava excitado. – Eles baixam uma corda e puxam a gente para cima.

As crianças ficaram quietas, atentas a novos sons do helicóptero, mas a mata voltou à calma anterior. Ouviram o som agudo e longínquo dos rotores e Sarah começou a procurar uma área mais aberta. Viu uma que servia, a uns 100 metros dali, mais para o alto.

- Vamos logo! – gritou e todos a seguiram, menos Franklin, cujo tornozelo ainda doía. Pararam durante a subida para escutar. O som aumentou um pouquinho. Estavam quase chegando na área aberta quando a aeronave voou acima deles e foi embora. Resolveram continuar esperando, mas após uns 15 ou 20 minutos sem sinal do helicóptero, desistiram.

Voltaram lentamente para onde haviam deixado Franklin. Só ao chegar no trecho aberto Sarah se deu conta de que o sol já estava baixo no céu, seus raios penetravam oblíquos à folhagem e não vinham mais do alto.

- Consegue andar? – perguntou ela a Franklin. Ele tentara firmar o pé no chão enquanto os outros corriam para o trecho a céu aberto e fez que sim.
- Por onde vamos? – quis saber Linda. – Vai escurecer daqui a pouco.

Sarah não sabia o caminho. Subir a montanha significava voltar. Não via uma trilha definida à frente. Um vão entre arbustos espalhados parecia promissor, então tomou a decisão imediatamente.

- Por ali.
- Não tem trilha nenhuma ali – disse Tommy.
- Não, mas é o rumo certo. – Ela não esperou a discussão. Deu um passo na direção escolhida e os outros a seguiram, um atrás do outro.



Para desespero de David, após a notícia de que a equipe de resgate, seguindo o caminho que o sequestrador devia ter tomado depois de abandonar o veículo, chegara à cabana, Malone insistiu em que voltassem para a casa dele e passassem a noite lá. Ele garantiu a David que a busca seria retomada antes do amanhecer e que dormir um pouco restauraria as forças de todos. David não queria sair dali, não dava a mínima para o sono e queria percorrer a mata, na esperança de que Sarah e as outras crianças viessem para onde se encontrava.

Mas não estava no comando e antes do pôr do sol voltaram para Northville. Pararam para abastecer o veículo e Popper desceu para ir ao banheiro. David, no banco da frente, virou para trás e viu folhas impressas em computador dobradas e guardadas no bloco de Popper. Examinou uma delas, viu que tinha a ver com buscas nas Adirondack e pegou as outras para dar uma olhada.

As informações eram fruto da pesquisa feita pelo repórter. Constavam esforços de resgate na região desde os anos 1800. Algumas histórias bem-sucedidas, muitas recheadas de relatos heroicos, e uma delas, destacada por Popper, envolvia um menino de 10 anos que se perdera da família em 1973 durante uma caminhada. As autoridades logo foram avisadas do sumiço da criança e a área pela qual a família passara foi vasculhada durante semanas. No entanto, o menino nunca mais foi encontrado. Quatro anos depois, os restos mortais dele foram avistados, a menos de 500 metros de onde desaparecera, por um grupo de caminhada. Ninguém jamais conseguiu explicar como uma busca tão intensa e minuciosa não achara o garoto.

Popper regressou quando David terminava de ler o artigo. Cada vez mais agitado, conforme lia a matéria, David confrontou Popper:

- Por que destacou esta reportagem, afinal?

Apanhado de surpresa, o repórter não soube responder.

- Acha que as equipes não localizarão as crianças, é isso?

Malone voltou a tempo de ouvir David. Popper permanecia mudo de surpresa. David jogou os papéis de volta para ele, virou para a frente e decretou:

- Vamos encontrar nossos filhos.



Quando ouviu o ronco distante pela primeira vez, Sarah pensou que fosse uma estrada. Uma amiga sua morava perto da Hutch e quando brincavam no quintal dela ouviam um tipo de zumbido grave e distante, vindo da rodovia. Deduziu que se aproximavam de uma estrada e sua única preocupação era conseguir que os carros que passavam em alta velocidade parassem para pegá-los.

Conforme o ruído se tornava mais audível, porém, concluiu que não era o barulho da rodovia que escutava.

- Tem um rio ali – disse Tommy.

Avançaram mais uns 50 metros e viram, através da mata fechada, a espuma branca de um regato de águas rápidas. Os quatro pararam, olhando para o obstáculo. Sarah, desapontada, esperando alívio, sabia ser responsável por estarem ali. No pequeno vale cavado pelo rio, o sol não batia mais. Os mosquitos que atormentavam as crianças havia meia hora escolheram Linda como alvo principal e as picadas deixaram sua pele toda marcada. Se o ruído do rio não fosse tão alto, eles teriam escutado o ronco de seus estômagos. Com o tornozelo muito inchado, Franklin mancava e os atrasava.

Mesmo assim, nenhum deles chorava. Não atingiram um nível paralisante de desespero. Os três ainda confiavam em Sarah, apesar do beco sem saída em que ela os

metera. A menina percebeu isso e olhou em volta, explorando possibilidades. O último trecho percorrido poderia ser considerado uma espécie de trilha. Não estava sinalizada, mas era melhor do que nada. Na margem do rio ela se dividia: um caminho seguia rio acima, o outro, rio abaixo, e um terceiro acompanhava um declive que se afastava da beira do rio. Ela sabia que precisava escolher uma das rotas. Mas no momento tinha a impressão de que seria incapaz de fazer isso.

– Vamos descansar – sugeriu e os outros sentaram nas pedras e raízes expostas.

Um baque seco atrás deles fez com que se virassem, poucos minutos depois de se acomodarem. Não viram nada, mas ouviram a batida de novo, desta vez vinda de outra direção, rio acima. Em seguida escutaram barulho de folhagem e galhos sendo empurrados. De repente a imponente cabeça de um cervo de rabo branco, mastigando vigorosamente, surgiu no meio dos arbustos. Era um macho jovem de olhos negros profundos que parou de mascar e olhou para as crianças, paralisadas em seus lugares.

Então, com uma fúria súbita que fez Linda pular para trás, o cervo saltou na direção do rio e seus cascos ecoaram na terra macia. Por um segundo, deu a impressão de que avançaria sobre as crianças, mas desviou e seguiu para as moitas que ladeavam as margens. Tommy engasgou. Franklin, que corraera ao pensar que seria atacado, mancava por causa do tornozelo torcido, que doía muito.

Quando o coração disparado de Sarah voltou ao normal, ela retomou o controle da situação.

– Vamos para lá – disse, apontando para um abrigo natural formado por troncos de árvores tombadas.

Escurecia depressa. Sarah não sabia mais para onde seguir. No entanto, qualquer que fosse o caminho escolhido, exigiria muito mais tempo do que esperava. Não queria estar totalmente perdida quando caísse a noite. Os outros a seguiram e se amontoaram debaixo dos troncos. Apuraram os ouvidos para detectar a presença de outros cervos, mas não escutaram nada. O ruído de fundo do riacho continuava e, conforme as crianças exaustas adormeciam, uma a uma, o outro som audível era a voz sumida de Tommy, murmurando o que se lembrava do terço.

Trinta e quatro

LENA NÃO SABIA QUANTO TEMPO havia passado ali, parada na frente da porta de casa. Entrar aumentara sua sensação de pânico, pois não sentia a proximidade de Sarah, como não sentira no hospital. Tentou absorver o otimismo de Martin e David a respeito do corpo encontrado, mas não conseguiu. Que lei da física, da óptica ou da geometria afirma que um objeto parece cada vez mais distante conforme nos aproximamos dele?

Entrou no quarto da filha, torcendo para que a Sarah real voltasse para ela ali, entre suas coisas, seus pôsteres e perfumes. Mas o cômodo não ajudava em nada. Tudo era superficial, uma extensão de seu perfil no Facebook sem a verdadeira essência da menina que Lena dera à luz.

Não pôde evitar um pensamento pavoroso: estava sendo preparada para algo que iria acontecer, que a ausência de lembranças de Sarah prenunciava sua perda. E esse era o modo que seu corpo encontrou para se armar contra a terrível constatação da total ausência da filha. Deve ser o oposto completo da fé, pensou Lena, ou o sinal de uma sincronia muito profunda.

Então se lembrou das janelas da falsa van do Acampamento Arno, quando J.D. dava ré no veículo. Reflexos bloqueavam sua visão de Sarah. Mesmo assim, dera adeus à filha. Agora tinha certeza. Nas lembranças borradas, quase se via acenar. Por um longo instante, tentou se manter racional, afastando-se das águas revoltas da superstição. Finalmente, porém, a força da irracionalidade predominou. Lena sentiu que um grito lancinante se formava em sua barriga e deixou que ele saísse. Gritou o nome de Sarah várias vezes, chorou descontroladamente, não por causa de palavras e pensamentos: era seu corpo que reagia aos ataques sofridos. Chorou até sentir ânsia. Chorou até as lágrimas secarem. Quando ia pegar os lenços de papel no banheiro, David ligou.

– Está me ouvindo bem? – perguntou.

– Estou. – Mal dava para ouvir a resposta de Lena.

– O que houve? Você está bem?

– Estava chorando.

– Vi a sacola de Sarah.

– Como?

– Encontraram o carro, a picape, com a bagagem das crianças lá dentro. Não pude tocar em nada por causa das impressões digitais, mas...

Lena ansiava desesperada por um fiapo de esperança como aquele, porém afundou ainda mais no desespero.

– Ela não levou nenhuma roupa?

– Não sei. Só deixaram duas sacolas. Talvez...

– Estou apavorada, David. Ela não conseguirá sair sozinha da floresta.

– Vamos encontrá-la. Tem muita gente procurando e outras pessoas estão a caminho.

– E se as crianças foram para o lado errado? Se estiverem perdidas...

– Lena...

– Eu não consigo mais sentir a presença dela. Ela não está comigo. Entende o que quero dizer?

– Querida, vamos encontrá-la. Aqui... foi montada uma operação de alta tecnologia.

David não acreditava nisso, mas tentava evitar o descontrole de Lena.

– Alta tecnologia? Não deveríamos encontrá-la primeiro em nossos corações?

David não respondeu de imediato.

– Não parece a Dra. Trainor falando.

– Sei disso, mas é por aí, não concorda? Ela se perdeu na mata e não conseguimos vê-la.

– Vá até o quarto dela, querida. Console-se com uma foto.

– Já fiz isso, não adiantou nada.

David pensou no menino do artigo impresso por Popper, como os responsáveis pela busca o tiveram debaixo de seu nariz e não o encontraram. Tentou afastar esse pensamento.

– Nós a amamos, Lena. Não é esse o melhor jeito de vê-la?

– Eu... não sei – disse ela, hesitante.

A palavra *amor* era sempre problemática, mal definida, amorfa, mencionada sem a mínima compreensão de seu significado. Enfim, talvez fosse a profundidade ansiada por Lena. Ao contrário da imagem de Sarah, ou das palavras que descreviam sua essência, o amor que sentia não era uma coisa nem uma ideia. Era um tecido vital que unia a todos sem o menor esforço. Atemporal, existia desde antes do nascimento de Sarah e permaneceria muito tempo depois da morte de todos eles.

– Sim – disse a mulher. – É o suficiente.

David disse que acordaria antes de amanhecer. A área estava cheia de repórteres e voluntários para as buscas. Sem mencionar o artigo a respeito do menino, ele enfatizou seu inquebrantável otimismo em relação às crianças perdidas.

Lena se esforçou para endossar o otimismo:

– Precisaremos pensar nas consequências, em todas as coisas de que Sarah precisará ao voltar para casa.

– Sei disso – disse David. – Mas ela é durona.

– Não sei se isso é uma boa coisa.

Ele queria que Lena deixasse de lado tanta negatividade, mas não pretendia discutir com ela, não queria aumentar a ansiedade e a insegurança da mulher.

– Lena, uma coisa pelo menos vai mudar quando ela voltar para casa.

– O quê?

– Nós.

– Sim.

– Sei que ela captava a tensão entre nós. Mas isso já ficou para trás, não é?

– Ficou. E tem mais uma coisa.

– O quê?

– O bebê – disse Lena em tom suave.

– Sabe que acordei esta manhã sem saber se você estava mesmo grávida ou se eu tinha sonhado isso?

– Estou mesmo grávida.

– Eu sei.

Eles comemoraram a vinda de outro filho por um instante, em silêncio. David enxugou as lágrimas e depois falou que precisava desligar, dormir um pouco.

Lena suspirou e disse:

– Duvido muito que eu consiga dormir. Eu queria mesmo era estar aí com você.

– Fique com Sarah, Lena. Em seus pensamentos, oriente nossa filha a me procurar.

As poucas lágrimas que restavam escorreram pelo rosto de Lena. Trocaram juras de amor e desligaram. O pedido de David para que Lena servisse de guia pesou em seu peito temeroso. Ela foi para o quarto, deitou na cama e olhou para o teto, pensando de onde viria tamanho poder.

◆ ◆ ◆

O telefone de casa tocou uma hora depois e a acordou, pois cochilara um pouco. Desorientada, não reconheceu a voz do pai.

– Oi, meu bem, sou eu.

– Quem está falando?

– Seu pai.

– Ah, oi, papai. Onde você está?

– Não posso dizer, mas participarei das buscas, amanhã. David está lá?

– Sim.

– Me passe o número do celular dele, por favor. Vou tentar encontrá-lo. Não sei se vai ser possível, preciso permanecer anônimo.

Lena procurou o número na agenda de seu celular e o passou ao pai. Richard então se concentrou nos detalhes práticos.

– Ainda pareço americano, não é?

– Claro, pai.

– Assim que localizarmos as crianças, terei que voltar. É uma pena, meu bem, mas não poderei participar das comemorações nem visitar você.

– Obrigada, papai.

– Não precisa agradecer. Dê um abraço em Sarahbell por mim, tá? Amo você. Tchau.

Aquela altura, Lena estava totalmente desperta. Apagou a luz do quarto ao se dirigir à cozinha, mas parou quando viu um retângulo esticado de luar no chão do quarto. Em sua mente, pegou o retângulo e acertou os cantos, como fazia desde a infância. Quando fez isso, parte de sua fé retornou. Ela ia dar um jeito. Tudo ia ficar bem.

◆ ◆ ◆

As crianças mal dormiram, amontoadas umas sobre as outras, protegidas pelos troncos caídos em volta delas. Um som de baque pesado as acordou no meio da noite, mas Tommy os tranquilizou, dizendo que, com certeza, era outro cervo.

Os mosquitos zumbiam em volta deles, vindos da escuridão. Quando Sarah acordou, com os primeiros raios da manhã, porém, eles haviam sumido. A garoa fina provavelmente os espantou. Sob os troncos, as crianças nem sentiam a chuva, mas quando Sarah esticou as pernas, afastando a cabeça de Linda de seu ombro para colocar a cabeça para fora, parecia que estava sob o irrigador do seu gramado.

Sarah olhou novamente para as três trilhas que saíam dali. Uma pontada de pânico apertou seu estômago. Não sabia ao certo qual deveria seguir. Como poderia guiá-los?

◆ ◆ ◆

David dormiu numa cama de armar no sótão de Malone e foi o primeiro a acordar. Ouviu o tamborilar suave da chuva nas árvores lá fora, pela janela, e temeu que o tempo ruim prejudicasse as buscas. Desceu as escadas no escuro e ligou a cafeteira que a mulher de Malone deixara preparada na noite anterior. Saiu para a varanda e viu a rua principal de Northville lotada de vans de reportagem e carros que circulavam com os faróis ligados. Ao contrário da imprensa que cercava sua casa, aquele ajuntamento criava uma onda de solidariedade que o comoveu.

De volta à casa, acionou o GPS que um amigo de Malone lhe emprestara. A missão o assustava. O pessoal o tranquilizou, dizendo que os outros membros do grupo de busca não o perderiam de vista. No entanto, também explicaram o que ele deveria fazer caso se perdesse. Esse medo somava-se aos receios referentes a Sarah e às outras crianças. Os quatro, de 9 e 10 anos, não contavam com adultos na equipe, nem GPS, mapas, guias ou experiência. Só muita sorte os tiraria do meio da floresta sem ajuda. Sem dúvida precisava encontrá-los.

◆ ◆ ◆

Lena se surpreendeu ao ver que chegavam notícias de outras partes do mundo. Ligara a televisão na CNN para assistir à cobertura direta do local onde estavam sendo feitas as buscas, embora fossem apenas seis horas da manhã e ela soubesse que a equipe de resgate só iniciaria suas atividades a partir das sete. O noticiário abriu com uma longa reportagem acerca dos esforços para realizar uma nova conferência de paz sobre o Oriente Médio, seguida por uma matéria sobre os problemas de uma represa na China e depois foi ao ar uma confusão qualquer envolvendo uma celebridade na porta de uma casa noturna de Hollywood, na noite anterior. Irritada, Lena quase atirou um livro na tevê. Mas a chamada para o bloco seguinte mostrava imagens de David e prometia uma entrevista com o “pai de uma das crianças sequestradas”.

Olhou para a tela durante os comerciais de um sabão em pó e de um automóvel. O David que vira na chamada parecia outra pessoa, e não seu marido. As lentes distorceram seu rosto. O fato de ele estar na tevê a distanciava do homem com quem conversara poucas horas antes. Talvez fosse melhor desligar. Precisava sentir-se próxima dele e de Sarah. Por que se concentrar num carro prateado que percorria uma paisagem apocalíptica?

O âncora reapareceu e a tela se encheu de palavras e informações. De repente surgiu uma repórter na rua principal de Northville, quando já era quase noite. Ela relatava o sofrimento dos “bravos menininhos e menininhas” que haviam sido forçados a enfrentar um pesadelo e agora perambulavam pelas “matas quase impenetráveis das montanhas Adirondack”. A visão sombria incomodou Lena e ela perdeu a maior parte da entrevista com um guarda do parque. Então o rosto de David surgiu, dentro de uma casa. Olhava para o repórter, fora do enquadramento da câmera. Ele não chorava e soava simpático.

– Vamos encontrá-los. Não tenho dúvida nenhuma quanto a isso.

O repórter perguntou algo e ele respondeu, mas o âncora começou a falar a respeito do que David dissera e a imagem voltou a ser de estúdio. A rápida matéria fez Lena se distrair e não ouvir mais nada do que a mulher estava dizendo. O âncora voltou para anunciar outra reportagem. Então Lena apertou um botão no controle remoto e desligou a tevê.

◆ ◆ ◆

Todos acordaram, mas continuaram debaixo da proteção dos troncos, por causa da chuva. As picadas dos insetos deformaram o rosto de Linda. Com o olhar perdido no vazio, Franklin massageava o tornozelo e parecia distante. Tommy demonstrava disposição e compartilhou seu otimismo, sem muito sucesso.

– O Sr. Everett deve ter amigos. Talvez venham aqui procurar por ele, certo?

Ninguém respondeu. Mas Sarah, em particular, refletiu a respeito e suspirou. Outro obstáculo. Já sentia muita ansiedade por conta do que fazer e quando, não precisava pensar nos amigos do Sr. Everett. Saiu do abrigo.

– Vamos, gente. Precisamos continuar.

– Agora? – perguntou Franklin.

– Não dá para ficar aqui.
Linda também se levantou.

– Para qual lado?

– Por ali – disse Sarah, apontando para o caminho que subia, afastando-se do rio. Tomara a decisão sem pensar. Pensar era ruim. Não ajudava em nada.

– Tem certeza? – perguntou Tommy.

Sarah não respondeu. Olhou para a direção escolhida. Mal se avistava a trilha lamacenta, por causa da chuva. Sentia vontade de chorar. Mas não podia. Ergueu os braços, como se quisesse afugentar qualquer obstáculo à sua frente. Suas passadas decididas convenceram os outros de que ela sabia o que estava fazendo, por isso a seguiram e Linda ergueu e agitou os braços também, acreditando que a amiga fizera aquilo por algum motivo.

◆ ◆ ◆

Câmeras de vídeo e fotógrafos aguardavam David quando ele chegou na van de Malone para realizar a busca na área definida. Alguns repórteres pediram uma declaração, mas ele continuou caminhando atrás de Malone, na direção da trilha. Policiais fardados mantinham a imprensa longe de David. Ele se reuniu a uns 500 metros dali com mais 15 pessoas, algumas portando rifles. A copa das árvores se fechava no alto, por isso caía pouca chuva no chão enlameado. David, usando tênis de corrida, não estava adequadamente calçado para a tarefa.

Preocupava-se mais com os rifles, porém. Puxou Malone de lado e perguntou qual era a necessidade deles.

– Por que eles precisam portar armas?

– Porque sim.

– Qual a razão? Everett está morto.

– Mas os ursos não. – Malone falou como quem prefere cortar a conversa.

David de repente imaginou como seria encontrar as crianças bem na hora em que um urso se preparava para atacá-las. Sentia-se completamente deslocado ali. Tentou se lembrar do que tinham dito na noite anterior sobre contato com ursos. Não corra. Dessa orientação ele se lembrava. Encarar os olhos? Agitar os braços?

O guarda florestal responsável pelo grupo passou instruções.

– Quero que todos ocupem as posições designadas por seus respectivos números. Um atrás do outro, seguiremos na direção norte-noroeste, a aproximadamente 58 graus, e manteremos uma distância de 500 metros. Quando chegarmos ao final da etapa, tocarei esta buzina de nevoeiro. Ao ouvirem o chamado, caminhem na direção dos pontos designados. Se virem algo, gritem a plenos pulmões. Alguma dúvida?

– O que é o segundo número que nos forneceram? – perguntou um homem.

– Trata-se do ponto de parada. É a interseção com a próxima grade. Quando chegarem lá, virem e refaçam o caminho percorrido, voltando para cá. Assim completarão a missão de hoje.

David vestiu a capa de chuva barata que comprara em Northville na noite anterior. Puxou o GPS e a folha com as instruções para operá-lo. Viu que os outros faziam o mesmo. Em seguida, todos assumiram suas posições e caminharam no rumo indicado pelo guarda do parque. Durante a caminhada, trocaram impressões sobre a precisão dos equipamentos utilizados. David programou o seu a 58 graus, conforme a orientação, mas, se seguisse a marca, sairia da linha estabelecida em 45 graus. Logo se deu conta de que a busca por Sarah não se baseava na precisão. Todos os bem-intencionados participantes percorreriam em ziguezague a grade determinada. Falhas na movimentação poderiam levá-los a passar direto pelas crianças. Pensou na conversa com Lena. Precisava dela para guiá-lo. O equipamento, concluiu, não daria conta da tarefa.

O celular tocou. Não reconheceu o número, mas atendeu.

– David. É Richard – Ele precisou de algum tempo para se dar conta de que falava com seu sogro.

– Richard! Oi! Onde está?

– Nas Adirondack, com um grupo de busca, no norte do estado de Nova York.

– Você veio?

– Sim, mas não posso dar mais detalhes. Sabe em qual grade você está?

Por um instante, David pensou que fosse trote, mas a voz inconfundível de Richard não dava margem a dúvidas. Então consultou suas instruções.

– Quarenta e nove ao sul.

– Bem, estou do outro lado da crista da cordilheira, 20 ao norte. Acho que isso é bom.

– Acha? Por quê?

– Um de nós a encontrará. Preciso desligar. Dê um abraço bem forte nela se a achar, combinado?

– Pode deixar.

– David, você está bem?

– Sim, estou. Muito surpreso, acho.

– Eu não podia alertá-lo. Você tem meu número de celular. Entre em contato se souber de alguma coisa. Farei o mesmo – disse Richard e desligou.

David ficou sozinho quando o grupo de busca se dispersou. Não via mais ninguém à direita ou à esquerda. O vento soprava com força e a chuva fria descia na diagonal, rodopiando. Viu que a umidade borrava as instruções impressas, por isso as memorizou e guardou a folha de papel debaixo da capa de chuva. Quando ouviu a sirene de neblina, distante a julgar pela intensidade do som, começou a caminhar na direção indicada pelo GPS. Não havia trilha, mas a falta de vegetação rasteira facilitava seu avanço. Estava no meio de um bosque de pinheiros e o chão coberto de galhos secos era relativamente seco. Ergueu a cabeça, olhou para a direita e para a esquerda. Impossível não ver quatro crianças na mata, pensou. Fixou a vista na direita. Pensou ter visto um movimento ali, mas não tinha certeza. De qualquer maneira, poderia ser um dos colegas do grupo de busca. Ou não? Por que os participantes não usavam casacos amarelos, afinal? Certeza e dúvida se alternavam conforme ele seguia por um declive que mais à frente dava lugar a uma pequena subida. Segundo a indicação do GPS, ele precisava corrigir o rumo, seguindo para o lado esquerdo. Não podia estar certo, assim não seguiria em linha reta. Mas resolveu seguir a instrução. Pelo menos por enquanto era melhor confiar no equipamento.

◆ ◆ ◆

Depois de andarem por mais de uma hora, Franklin pediu que parassem um pouco. Subiam outro aclave pedregoso e seu tornozelo inchado latejava e doía. Enquanto estavam sentados descansando, ouviram um som que pareceu o de um elefante, muito longe. Tommy chegou a perguntar em voz alta se poderia haver um animal desse naquelas matas, mas nem esperou pela resposta. Ninguém ali sabia o que era, porém. E o som não se repetiu.

Enquanto tentavam decifrar o enigma, um corvo sobrevoou o local. Sua presença fez com que vários passarinhos voassem, alertando os outros. O corvo fez as crianças se lembrarem do Sr. Everett e sua inquietação era evidente. Apesar do tornozelo machucado, Franklin se levantou e disse que precisavam seguir em frente.

Sarah começou a subir a encosta pedregosa, mas a cada pedra que deixava para trás sua ansiedade aumentava. Não tinha certeza do rumo. Quando chegaram ao topo, torceu para obter uma pista do caminho certo, mas não viu nada que pudesse ajudar e não confiava mais em seu instinto. Nunca fora o tipo de menina que corria para chamar os pais ao primeiro sinal de dificuldades. Só os procurava quando era absolutamente necessário, se chegasse a um ponto em que não sabia mais como agir. Agora, pensou, estava quase chegando a um beco sem saída. Onde estavam papai e mamãe?

Trinta e cinco

APENAS EQUIPES REDUZIDAS PERMANECIAM NA

frente das casas das famílias Williams, Walker e Trainor. Na entrada dos Rostenkowski não havia carros de reportagem. A notícia da prisão de Janet vazara e a ação passara para a sede da polícia federal americana, em White Plains, depois que Paul Rostenkowski, acompanhado por dois tios, partira de manhã bem cedo.

Mike Williams ia sair para trabalhar, mas nem chegou a tirar o carro da garagem, pois se deu conta de que não conseguiria fazer nada enquanto seus pensamentos estivessem totalmente focados na busca. Pensou por um instante em seguir para o norte, mas decidiu ficar em casa e manter contato com seu amigo nas Adirondack que tinha rádio da polícia.

John Walker foi trabalhar, pois era absolutamente necessário. Precisava assinar pessoalmente os contratos de uma transação internacional que não podia ser adiada. Um carro do banco foi buscá-lo às oito horas e ficaria à disposição para trazê-lo de volta assim que o negócio fosse fechado. Sheila passou a manhã em casa, acompanhada de cinco membros de sua congregação. Ela sugeriu que fizessem um estudo da Bíblia, mas logo o encontro se transformou num grupo de apoio, com orações, quando uma das mulheres disse que só estava ali para ajudar a trazer Franklin de volta para casa.

Para Lena, não existia inferno pior do que esperar notícias sentada no sofá. Atendeu uma ligação urgente do hospital, uma consultoria de emergência antes da realização de uma complicada cirurgia pulmonar. Ao desligar, sentiu que o vazio voltava e pensou por um momento em ligar para o trabalho, cuidar de outros casos, só para afastar aquela sensação. Mas sabia que outros médicos cuidavam dos casos durante suas supostas férias e que não seria correto com os pacientes tentar voltar só para aliviar as mágoas.

Com muito esforço se convenceu a tomar uma ducha, mas primeiro checkou as notícias na internet. Levou o celular para o banheiro. A água descia gostosa, mas não queria demorar no banho: não se permitiria ter sensações reconfortantes até abraçar a filha. Mesmo assim o ritmo da água a capturou por um instante, e naqueles poucos segundos a mudança aconteceu. Não sabia explicar o que era. Quando saiu do banho e começou a se enxugar, a imagem do irrigador do jardim, movendo-se para lá e para cá, voltou à sua mente e lá se instalou. Aquilo, de certa forma, tinha a ver com o que sentira no chuveiro.

Seguiu-se uma enxurrada de imagens relacionadas: Sarah e os amigos correndo, rindo, passando pelo irrigador; o quintal da casa de um amiga, enfeitado para sua festa de aniversário; e, finalmente, a filha com um maiô ainda molhado, com uma venda tapando os olhos, sendo girada por alguém.

Lena se assustou com a última imagem. Assemelhava-se demais a um sequestro. Ela abriu o armário do banheiro e em seguida viu seu rosto desaparecer, voltando a vê-lo depois de pegar o hidratante e fechar a porta. Ver seu cabelo molhado no espelho a fez deixar de lado as barreiras e mergulhar na cena da festa de aniversário.

Sarah, com uma venda nos olhos, havia sido girada várias vezes e pedia aos pais e às crianças que ficassem quietos. Não queria ajuda. Os parentes olharam para Lena com aquela expressão de “só podia ser coisa de Sarah”. E todos viram a menina andar um pouco, seguir para a esquerda, afastando-se da garagem. As crianças, tentadas a falar, tiveram que se esforçar para permanecer caladas.

Então, recordou Lena, olhando seu reflexo no espelho, ocorreu um pequeno milagre. Lena disse a Sarah, sem emitir uma só palavra, que rumo tomar. Foi uma orientação mais forte do que meros pensamentos. Talvez tenha sido mais forte do que uma telecinesia qualquer. Provinha da mais íntima relação entre mãe e filha, cuja força Lena sentira quando pegou Sarah no colo pela primeira vez, aos 15 segundos de vida. Não havia diferença entre as duas, eram uma só pessoa, e Sarah reagiu como se Lena tivesse gritado no ouvido dela. Seguiu na direção do burro, mudou de rumo e obedeceu quando Lena usou o poder recém-descoberto para orientá-la. Após pequenas correções, ela pregou o rabo a poucos centímetros do ponto exato no traseiro do burro.

Lena afastou aquela lembrança. Fechou os olhos e soltou a toalha enrolada em seu corpo, que caiu no chão. Ficou ali em pé, nua, quase sem respirar, e parou de pensar em sua existência como um corpo distinto, separado do mundo e de Sarah. Desta vez não tinha consciência de que dizia algo a Sarah, ordenando que seguisse em determinada direção. Mas sabia, no fundo do coração, que estava guiando a filha, mostrando a ela o caminho.

O telefone tocou e o som tirou Lena do estado em que mergulhara, forçando-a a usar o raciocínio. Tentou manter o vínculo com a filha, mas pensou que o telefonema pudesse ter alguma ligação com seus sentimentos. Ela atendeu. Era David.

– Novidades? – perguntou, ansiosa. A voz do marido falhava.

– Não. Estou na metade da minha rota. A coisa aqui está muito difícil, Lena. Eles podem estar num local entre as áreas vasculhadas por duas pessoas e não serem vistos.

Ela desligou sem dizer nada. Relaxou de novo e a água fria provocou arrepios na pele. Não sabia se era possível invocar a sensação de união que sentira antes. Ela recuou até as imagens da festa de aniversário, mas essa não era uma maneira natural de resgatar as lembranças. Em pânico, lutava para recuperar aquela essência. Sabia que precisava receber esta graça, a bênção de sentir a presença da filha. Fé, pensou, precisava de fé. Deixou que os pensamentos se dissipassem. “Volte, Sarah. Fique comigo. Fique comigo.”

◆ ◆ ◆

Franklin foi o último a chegar ao alto do aclave pedregoso e, quando conseguiu, sentou e pôs a cabeça entre as mãos. Não havia nada lá. Nenhum caminho ou trilha, só mata fechada. Sarah, de pé, olhou a cena e percebeu que os outros a observavam. Não conseguiu esconder sua angústia.

– Qual é o caminho? – perguntou Linda, com a voz trêmula. Os outros, famintos, doloridos, exaustos, procuravam um sinal que os tranquilizasse.

Sarah sentiu que estava prestes a chorar. Era hora de seus pais chegarem, para sentir a força dos braços do pai quando a levantava e enfiar o rosto na saia sedosa da mãe. Mas ela e as outras crianças estavam ainda mais longe da estrada, do Acampamento Arno, onde quer que ele se situasse, e de sua cama. Estavam no meio do nada.

Sentiu-se tonta, como se fosse cair e rolar pela ribanceira pedregosa. Mas não podia cair nem sentar no momento. Os outros sim, mas não ela. Superou a tontura e respirou fundo. Recuperou o equilíbrio e, de repente, lembrou-se do que lhe dera coragem para avançar, quando estava na clareira: a brincadeira de pregar o rabo no burro. Ela ganhara. Sozinha. Não sabia para que lado devia ir, mas fora para o lado certo e vencera.

Sarah fechou as pálpebras. As trevas lhe proporcionaram uma sensação reconfortante, como se a paz e a segurança a envolvessem. Deixou que seu corpo girasse um pouco e abriu os olhos. Ainda observava a mesma floresta, mas agora ela parecia radicalmente diferente. Era como se uma faixa asfaltada se estendesse à frente, serpenteando por entre as árvores, driblando a vegetação rasteira. Agora, tinha certeza absoluta. Ela praticamente gritou, para responder à pergunta de Linda:

– É por ali!

◆ ◆ ◆

David checkava o GPS quando um som inconfundível de movimento à direita o assustou.

– Olá! Tem alguém aí?

O movimento parou e uma voz respondeu:

– Olá! – Mais farfalhar das folhas e surgiu por entre as moitas um sujeito magro e barbudo, usando traje impermeável, que estava na frente de David na fila e se apresentou como Carl. Os dois ficaram desapontados por se encontrarem.

Depois de conversarem por alguns minutos, concluíram que um dos dois se desviou da linha reta que deveria percorrer. Isso significava que um deles deixara de cobrir a área designada e poderia ter passado pelas crianças sem vê-las.

A água se acumulou na aba levantada do chapéu de Carl e quando ele baixou a cabeça ela escorreu.

– Acho melhor nos separarmos, seguir até o topo e descer para cobrir a parte que ficou faltando.

Carl deu-lhe as costas sem a menor cerimônia e saiu andando na direção da qual viera, deixando David por conta própria. Ele precisava descobrir por onde prosseguir. A ligação de Lena e seu final abrupto o preocuparam. E agora, isso. Olhou para a tela do GPS e sentiu vontade de jogar o aparelho no meio do mato, o mais longe que pudesse. Olhou para trás, examinou a rota por onde viera para chegar até o ponto em que se encontrava.

Como se fosse um vento a soprar por entre as árvores, a confiança o rodeava. Os números que fossem para o inferno. Crescera no meio do mato. Sabia que Sarah estava naquela floresta. Seguiria em frente, confiando nos seus instintos. Não se perderia. Caso se desviasse da rota, encontraria Carl de novo, ou um dos outros. Richard estava por ali, mas onde? Não dissera que um dos dois encontraria Sarah? David corrigiu a rota para desviar de um pequeno lamaçal perto do que parecia ser uma fonte natural e começou a dar passadas maiores. Ao fazer isso, ouviu a voz de Lena, mas não de um modo místico. Ela não disse nada específico, mas a música e os sons que emitia quando conversavam eram inconfundíveis. Estavam juntos. Sentia isso intensamente.

♦ ♦ ♦

Depois da ducha, Lena se vestiu sem pressa. Pôs a roupa e sentou-se sem fazer absolutamente nada por um longo tempo. Ficou no quarto, olhando para a tela imóvel do computador. Embora não houvesse atividade perceptível no micro, Lena percebeu uma presença, uma proximidade que não queria perder. O telefone tocou mais duas vezes, mas ela não atendeu, pensando que logo saberia o que era, em caso de boas notícias. Se fosse notícia ruim não tinha pressa em saber. No momento, sabia bem, “o melhor era não fazer nada”. Quando a frase lhe veio à mente, achou que era bobagem, como se fosse uma variação do juramento de Hipócrates, “nunca causar dano ou mal”. No entanto, o nada a que se referia na verdade era tudo, o vazio mais parecia um vácuo que a natureza abominava, cheio até a borda de Sarah. Quem a filha era não importava mais. As questões todas haviam sido respondidas e continuariam a sê-lo enquanto Lena conseguisse esvaziar a mente e sentir a presença de Sarah.

As horas passavam, a intensidade aumentava. Lena saiu do quarto e levou pelo menos 45 minutos para preparar uma torrada. Ficou surpresa quando, sentada à mesa da cozinha, uma hora inteira passou no que pareciam ter sido apenas cinco minutos. Se não estivesse tão certa da ligação com Sarah, teria pensado que estava perdendo o prumo, desligando-se da realidade. Talvez, pensou por um instante, seja assim a experiência interior da loucura ou da esquizofrenia, a fronteira entre o bem-estar que sentia interiormente e o mundo exterior, com sua irracionalidade. Mas, se fosse esse o caso, se a perda da filha a fizesse mergulhar no reino da doença mental, Lena não se importava. Ela e Sarah estavam juntas. Fosse qual fosse a gravidade de sua doença mental, isso não tinha importância. A base de sua realidade era o sentimento que protegia, cada vez mais capaz de permanecer, um sentimento que crescia com força e parecia mais potente a cada hora. Quando a sensação passou, estava cada vez menos relacionada a resultados, a guiar a filha como se fosse um avião de brinquedo com controle remoto. Na visão de Lena, Sarah já tinha voltado para casa.

♦ ♦ ♦

Tommy o avistou primeiro. Seguia na frente do grupo, pois Sarah havia parado a fim de ajudar Franklin. O tornozelo o incomodava, além disso ele perdera a fê na capacidade de Sarah de tirá-los da floresta. Sarah, cuja certeza sobre o caminho aumentara bastante na última hora, não queria discutir com Franklin. Só queria que continuassem andando. Sabia muito bem que estava certa. O grito de Tommy, vindo da frente, a alertou.

Ele se agachou rapidamente e os outros, inclusive Sarah, fizeram o mesmo. Ela tinha certeza de que havia um urso adiante. A menina se moveu lentamente, passou por Linda, que se agachara, e chegou a Tommy. Ele apontou. Ao longe, Sarah viu um homem que avançava por entre os arbustos, afastando-os enquanto descia por uma encosta suave e que, a julgar pela voz, praguejava. Mesmo distante, Tommy e Sarah notaram seu mau humor, que lembrava o do Sr. Everett. A comparação não ajudou.

– Ele está procurando a gente? – quis saber Tommy.

Sarah, confiando que o caminho escolhido estava certo, não sabia como interpretar a presença daquele homem. Sua mente não imaginara salvadores, apenas seus pais. A mãe vinha sendo uma presença tão intensa nas últimas horas que tinha certeza absoluta de que iria encontrá-la. Qualquer outro com quem cruzassem na floresta era uma ameaça potencial. A questão anterior de Tommy a respeito dos amigos do Sr. Everett virem para pegá-los martelava em sua cabeça e ressurgiu naquele momento.

– O que ele está carregando? – perguntou Sarah. Tommy se levantou um pouquinho para ver melhor.

– Uma arma.

Para Sarah, bastava. Os outros dois se aproximaram deles e Franklin sussurrou:

– O que foi? – E Sarah o puxou para mais perto de si.

– Quietos – murmurou ela. – É um dos amigos do Sr. Everett.

Linda gemeu. Os quatro se deitaram no chão. Ouviram ramos estalando ao longe e tentaram identificar se o ruído aumentava ou não. Não demorou muito e os sons cessaram completamente. Tommy se ergueu para inspecionar a área e disse aos outros que o amigo do Sr. Everett sumira.

Sarah decidiu que era melhor esperar mais, pois precisavam ir na direção que o homem seguira. Enquanto esperavam, ela notou que a garoa diminuía. Mal a percebia, agora. Embora não tenha posto em palavras, considerou a presença do estranho uma espécie de sinal, de confirmação. Seguiam pelo caminho certo, fizeram bem em evitar o amigo do Sr. Everett. Ela sentia a presença da mãe. A chuva estava parando. Ia dar tudo certo.

♦ ♦ ♦

David chegou ao topo de uma elevação e deduziu que devia ser o ponto de retorno. Relutante, pegou o GPS e viu que a leitura indicava que ele chegara mesmo ao ponto citado. Mas não pretendia voltar por onde tinha vindo. Queria seguir em frente. Sarah estava ali, em algum lugar, e não atrás dele. Não teria passado direto por ela. Avançou mais uns 500 metros até ver que o terreno adiante era um declive acentuado. Recuou até o topo do morro, viu movimento à direita e se deu conta de que era Malone, que estava atrás dele na fila, retornando.

Se estava tão perto dele, concluiu, ou Malone desviara na sua direção ou Carl, antes, saíra do trajeto. De qualquer maneira, seu trecho de busca se estreitara. Decidiu descer e seguir pela esquerda, na direção de Carl, para cobrir o terreno que o homem poderia ter deixado escapar.

David almoçou um sanduiche, sem interromper a busca. A chuva diminuía, então resolveu comer enquanto andava. Quando as nuvens se dispersaram, percebeu que o céu já baixo no horizonte indicava que ele havia caminhado por muito mais tempo do que calculava. Consultou o relógio: eram 15h20. Cobrira sua área em cinco horas. Precisava se apressar para conseguir voltar antes de escurecer.

Cerca de 15 minutos depois, David chegou a um regato, não se preocupou em procurar pela parte rasa, tentou atravessar pisando nas pedras lisas espalhadas pela água, escorregou e caiu. Conseguiu se levantar e chegar à outra margem. O lado esquerdo do corpo e os sapatos ficaram ensopados. Como não podia fazer nada a respeito, seguiu em frente. Alguns metros adiante, porém, se deu conta de que não havia atravessado o riacho na subida e que a mata à frente não parecia familiar.

Ele pegou o GPS, mas a leitura obtida não fez sentido para ele. Digitou as coordenadas iniciais, mas elas indicavam que o caminho era aquele de onde vinha, do outro lado do riacho. Parou, passou um tempo olhando para a tela, para o rio, para a mata desconhecida à frente.

Então riu. Estava perdido. No meio das montanhas Adirondack, procurando a filha desaparecida, acabara se perdendo. Riu, pois aquilo tudo era um tremendo absurdo. A reação incoerente aliviou a pressão por algum tempo. Em que direção deveria ir para sair da mata? Que caminho o levaria até Sarah? Entrou em pânico só de pensar em localizar a filha e se perder junto com ela. Pegou o celular, mas viu que estava fora da área de cobertura.

Um ditado muito antigo sobre seguir o rio quando se está perdido veio à sua cabeça. Decidiu avançar ao longo da margem por um tempo. Não voltaria por onde tinha vindo, não entraria na floresta desconhecida. Caminhar com a perna esquerda da calça ensopada era desconfortável, mas tomara uma decisão e, conforme andava, já se sentia mais disposto. Seu movimento rompia o silêncio que o cercava, fazia farfalhar os arbustos e estalar os galhos secos caídos a seus pés.

Ele se perguntou, de repente, por que mantivera silêncio durante a subida inteira. Os guardas florestais se esqueceram de dizer algo? Não deveriam gritar o nome das

crianças enquanto caminhavam? Se não fossem vistos, poderiam ouvi-los.

– Sarah! – Gritou, meio constrangido pelo som de sua voz que parecia invadir o silêncio da mata em volta. Mas logo superou a vergonha. – Sarah!

Agora a plenos pulmões, gritava o nome de todas as crianças e só parou quando uma subida o forçou a fazer uma pausa para recuperar o fôlego. Por que não instruíram os membros do grupo de busca a gritar pelas crianças? Haveria uma razão? Ele não se importava. Gritar era bom, ajudava a afastar sua insegurança em relação ao local onde se encontrava e para onde ia e poderia muito bem trazer sua filha de volta.

– Sarah!

◆ ◆ ◆

Quando Lena ouviu a campainha, estava mergulhada em seus pensamentos, distante do mundo. Indo ver quem era, ela recuperou um pouco do senso de realidade, mas não todo. O detetive Martin percebeu isso quando ela abriu a porta.

– Estou incomodando? – perguntou, recuando um passo.

– Não. Eu só estava ... – Lena despertou subitamente ao pensar que ele poderia ter alguma novidade. – Entre. O que foi?

Martin não saiu do lugar

– Temos novidades sobre os Rostenkowski.

– O quê?

– Phil morreu há 15 minutos. A imprensa só será informada daqui a uma hora.

Lena viu o rosto do homem que esbofeteara no leito do hospital. Lutou para afastar a imagem da mente, para não sentir nada. Precisava retomar o contato com Sarah.

– Lamento... Não sei...

– E não sei se vão acusar a mulher dele.

– Como assim?

– Lynn diz que não acredita nela. Acha que é maluca e inventou tudo por causa do sofrimento.

– Não. Ela me contou. Não inventou nada.

Martin suspirou.

– Sei disso. Você vai precisar se envolver.

– Tudo bem, mas não agora. Preciso ficar sozinha.

– Lamento, você precisa me acompanhar.

– Não dá. Preciso me conectar com Sarah. Preciso estar com ela. Martin permaneceu impassível. Lena sabia que soava meio alterada.

– Por favor – disse. – Mais tarde. Que diferença pode fazer? Ela não sabe onde as crianças estão.

– Eu sei. Mas recebi ordens. – Os olhos suaves do detetive mostravam firmeza.

– Que se danem suas ordens! É da vida da minha filha que estamos falando!

Lena bateu a porta e ficou imóvel um tempo. Esperava que Martin forçasse a entrada, mas ele não fez isso e ela passou minutos de agonia, tentando retornar ao lugar onde estivera, para o nada que a levaria ao tudo. Então fechou os olhos.

A imagem de Sarah brincando de colocar o rabo no burro ressurgiu e, com ela, a sensação de paz. A menina ainda estava lá, ouvindo a mãe, seguindo suas instruções. Lena não ousou se mexer.

◆ ◆ ◆

Estavam numa pequena depressão e a luz do início da tarde batia indiretamente. Franklin tinha chorado muito durante a última hora, a dor no tornozelo e o desespero afastaram a vergonha. Linda vinha criticando Sarah por causa da direção escolhida. Mas a menina tinha certeza do caminho e, como não desistia nem aceitava discutir o caso, os outros a seguiam.

Tommy mandou Franklin calar a boca de repente, à toa. Franklin obedeceu assustado e Tommy pediu a todos que prestassem atenção aos sons. Apenas o silêncio da floresta e um sibilar suave do vento nos galhos mais altos os cercava.

– O que foi? – perguntou Sarah, finalmente.

Tommy nem teve tempo de responder, eles escutaram outra vez uma voz distante, quase inaudível, que parecia gritar “Linda!”. A menina engasgou de susto.

Franklin ergueu a voz e gritou de volta:

– Ei! – exclamou Sarah, pulando em cima dele imediatamente.

– Quietos! E se for um amigo do Sr. Everett?

Ouviram de novo o grito distante.

– Sarah!

O coração dela começou a bater mais forte, o desejo de que fosse o pai entrou em conflito com o instinto de proteção.

– Vamos conferir – disse Tommy, obviamente esperançoso. Outro grito chamando por Sarah fez as crianças virarem o rosto ligeiramente na direção do som. A voz soava mais fraca.

– Não é a direção certa – disse Sarah. – Ele foi para lá. E nós precisamos seguir por ali.

– Nada disso – interferiu Franklin. – Precisamos verificar. Ele seguiu na direção do som, sem que ninguém o seguisse. O menino parou. Sarah mordeu o lábio, fechou os olhos outra vez e de repente foi como se tomassem a decisão por ela. Abriu os olhos e seguiu na direção que estava indo antes. Linda e Tommy ficaram entre Sarah, que ia para um lado, e Franklin, ameaçando seguir ao encontro da voz. Primeiro Tommy, depois Linda, seguiram Sarah. Quando os três se afastaram tanto que Franklin mal os avistava na luz fraca do fim da tarde, ele desistiu e voltou mancando, com os olhos cheios de lágrimas.

– Esperem! Esperem por mim!

◆ ◆ ◆

O riacho terminava num brejo e David precisou contornar o lodaçal, caminhando uns 500 metros para a direita. Sua voz perdia a força, mas ele continuava a gritar o nome das crianças. Quando chegou a uma parte mais alta e seca do terreno, reconheceu alguns marcos que memorizara durante a subida. Então, como se lesse placas de rua, o caminho de volta ao ponto de partida ficou claro, e ficou evidente quando ele tinha que contornar determinada pedra ou passar por cima de uma árvore caída. Parou de gritar o nome das crianças, percebendo que tinha vasculhado toda a área pela qual ficara responsável. Depois de 15 ou 20 minutos de caminhada tranquila, ouviu vozes e identificou um grupo de busca, reunido perto do local de onde haviam partido no início do dia. A visão não o agradou. Se houvesse quatro crianças entre eles, teria corrido para encontrá-los. Assim, perdera a disposição. Malone se virou e o viu:

– Estávamos preocupados com você.

Cinco ou seis outros membros do grupo e o guarda florestal se dirigiram a David:

– Você se perdeu?

Por algum motivo, ele sentiu um impulso de cutucar Malone.

– Um pouco. – Dirigindo-se ao guarda florestal, descarregou a raiva: – Por que não gritamos o nome das crianças?

– Boa pergunta – disse o guarda, sorridente. Muito jovem, ruivo e sardento, ele usava um chapéu pontudo e um pouco grande. – Lamento não ter pensado nisso. Os grupos de busca costumavam agir assim, a gente vê as pessoas agindo assim nos filmes, mas não achamos que seja uma boa tática, no caso de crianças. Para adultos perdidos, tudo bem. As crianças se desorientam mais ainda ao ouvirem seus nomes, ou pensam que vão levar uma bronca, ou simplesmente não entendem o que está acontecendo. Melhor tentar a visualização, apenas.

“Papo furado”, pensou David, mas mordeu a língua. O guarda retornou a suas tarefas com o grupo. Tentavam marcar num mapa topográfico as rotas seguidas por cada um dos membros da equipe de resgate. David abriu o celular e viu que havia sinal. Afastou-se dos outros e ligou para casa.

◆ ◆ ◆

Lena sentia-se exausta. Abriu os olhos e se deu conta de que passara um longo tempo sentada na mesma posição. A luz na sala estava bem fraca. A exaustão provinha da intensidade de sua concentração. Não sentia o corpo cansado, como se tivesse corrido uma maratona. Nem o peso dos pensamentos. O que sentia era um vazio, a sala parecendo flutuar em volta dela. Sarah ocupava cada molécula de seu ser naquele instante. Sua presença mais forte fez Lena saber, sem sombra de dúvida, que a filha estava perto, cada vez mais perto.

Ela pulou quando ouviu o telefone tocar. Mas não queria ser incomodada ainda e o ignorou. Quando a secretária eletrônica foi acionada e ela ouviu a voz de David, na cozinha, não conseguiu ignorar o que ele dizia.

– Lena, sou eu. Vamos encerrar as buscas por hoje...

Ela correu para atender.

◆ ◆ ◆

Sarah parou e seus três amigos fizeram o mesmo. A floresta à frente adquiria um tom azulado, por conta da pouca claridade. Fechou os olhos, torcendo para que sua bússola interior, que a guiara até ali, voltasse, sem êxito. Assustada, abriu os olhos.

– Não dá para continuar hoje – disse, tanto para si quanto para os outros.

Linda gemeu. Tommy olhou para a frente, como se estivesse vendo algo. Franklin cerrou os punhos.

– Não podemos passar mais uma noite no mato – reclamou. – Não podemos!

Mas os outros perceberam que não teriam escolha. Logo estaria escuro demais para caminhar. Sarah olhou em volta, procurando um lugar para se abrigarem. Mas desta vez não havia esconderijos naturais.

Um baque seco e o farfalhar dos galhos atrás deles levou Linda a gritar e os demais a se virarem num pulo. O som ficou mais alto, mas eles não conseguiam ver nada. Com a mesma rapidez com que surgira, o som sumiu, deixando as crianças sozinhas com sua imaginação e uma longa noite pela frente. Sarah achou que ia chorar. Era demais para ela. Chegara ao fim da linha. Queria a mãe e o pai.

Agora.

◆ ◆ ◆

Lena pegou o telefone na cozinha e atendeu.

– David? Sou eu.

– Oi.

– O que foi que você disse?

– Que vamos encerrar as buscas por hoje. Vamos voltar.

– Não, não podem fazer isso. Ainda não escureceu.

– Aqui está bem escuro. Já é quase noite. Já percorremos nossas rotas. Ninguém...

– David, por favor. Sei que ela está muito perto de você.

– E como sabe disso?

– Consigo sentir. Não desista ainda.

– Não tenho para onde ir, Lena. Já vasculhamos a área toda.

– Ela não pode passar outra noite ao relento.

– Vamos recomeçar amanhã bem cedo.

– Não, David, por favor. Não desista.

David percebeu que Lena chegara ao limite, a tensão extenuante dos últimos dias finalmente a abatera e ela surtara. Ele pensou que uma mentirinha seria melhor do que qualquer tentativa racional de convencê-la do contrário.

– Tudo bem – disse ele. – Vou continuar procurando.

– Obrigada. Sarah está muito perto, eu sei. Posso sentir. Ela está aí agora, comigo, com nós dois. Procure por ela.

Nem mesmo o som precário do celular atenuava o desespero, a insensatez do pedido.

– Fique tranquila. Depois eu ligo.

– Obrigada! Obrigada!

David desligou e ia guardar o celular no bolso quando ele tocou. Não reconheceu o número.

– Alô?

– Oi, David, é Richard. Não demos sorte aqui, pelo que vejo.

– Pois é.

– Estou seguindo na sua direção. Se pudermos nos encontrar em algum lugar discreto, eu gostaria de ver você – disse o sogro, com certeza menos animado do que pela manhã.

– Acabei de falar com Lena. Ela... ela está...

– Como?

– Não sei. Acho que seria melhor você conversar com ela. Estava quase histérica.

– Lena?

– Estava fora de si.

– Preciso pegar uma carona agora. Espero que possa encontrá-lo depois.

Richard desligou e David guardou o celular. O grupo de resgate iniciou a caminhada de volta para a estrada e ele os seguiu. O desânimo à frente era evidente, mas alguns sujeitos riam baixinho, sabe-se lá do quê. A mata parecia se debruçar sobre David, como se também zombasse de sua incapacidade de localizar a filha entre

árvores e arbustos. A insistência de Lena era uma reação à zombaria, como se David estivesse no meio de uma batalha maluca entre a mãe desesperada e as forças implacáveis da natureza. A cada passo no sentido da estrada, a pressão da derrota e da agressão pesavam mais em suas costas.

Teria sido tudo culpa dele? Do relacionamento estúpido com Tricia, que o fez perder o emprego e o afastou da filha na hora da partida? Sentiu uma profunda raiva de si mesmo. Claro, havia os sequestradores, os Rostenkowski e todo o resto, mas não teriam sido as suas falhas responsáveis por meter Sarah naquela encrenca? Não suportaria fracassar de novo e não encontrar a filha. As pessoas à sua frente podiam ir embora dando risada, mas cada passo que dava para sair da floresta o afastava de Sarah, aumentando a culpa pelo fracasso.

De repente, ele soube.
Deu meia-volta sem pensar em nada e começou a correr na direção de onde viera.
– Sarah! – gritou enquanto corria. Os outros viraram rapidamente, viram um pai descontrolado avançar feito um louco pelo meio do mato e foram atrás dele para ajudar, trazê-lo de volta à realidade.

David tropeçou numa raiz, caiu, mas depois se levantou e continuou a correr, gritando sem parar:
– Sarah! Sou eu! Papai!
Sem interromper a corrida, ele apurou os ouvidos. Avançava cegamente pelo mato, sem se importar com os obstáculos, sempre correndo, o rosto e os braços cobertos de arranhões, a capa de chuva barata em frangalhos.

Uma subida acabou com seu fôlego e ele mal conseguiu gritar. Chegando no topo, viu que tinha perdido a voz. No entanto, pensou ter ouvido um som baixinho, à frente. Estaria imaginando coisas? Parou, tentou ouvir melhor, mas o som de sua respiração ofegante o impedia de escutar direito. Ele recuperou o fôlego para gritar de novo.

– Sarah!
A resposta veio fraquinha, muito distante, mas era uma voz de criança, a voz de Sarah.
– Papai!

David ouviu os gritos dos companheiros de busca atrás dele, abafando outros sons. Avançou na escuridão quase total. Ao parar de novo, a voz da filha soou mais alta, um pouco à esquerda. Ele gritou, ouviu uma resposta clara e seguiu na direção da voz.

Agora ouvia Sarah, mesmo durante a corrida. Aproximava-se dela cada vez mais. Escutou outros gritos infantis. Estavam todos juntos.
A menina o avistou antes que ele a visse. Sua capa amarela contrastava com a mata. Ela correu em sua direção, gritando a plenos pulmões, com as outras crianças logo atrás.

– Papai!
Eles se encontraram num forte abraço. Sarah agarrou os trapos da capa até David a erguer e abraçar com toda a força. Linda chegou, agarrando sua perna. Tommy e Franklin ficaram um pouco recuados, mas se juntaram a eles quando as lágrimas de Sarah e David se tornaram lágrimas de júbilo. Os membros da equipe de resgate pararam quando viram David e Sarah rodopiarem de felicidade.

– Não acreditei no que estava vendo – declararia um deles a um repórter, mais tarde. – Aquele pai é um herói! Ele encontrou a filha. Não sei como, mas ele conseguiu.



Depois de conversar com David, Lena desabou no sofá. Ele não soara sincero quando disse que insistiria na busca, mas ela tinha que acreditar nele. Não sentia mais a presença de Sarah, como tinha sentido o dia inteiro até aquele momento. Percebeu que a conexão se rompera e enterrou o rosto no travesseiro. Mas não chorou. Imaginou Sheila diante de sua congregação professando sua verdadeira fé. E assim Lena mergulhou em sua própria alma, em sua fé, confiando no marido e na filha.

Pouco antes de baterem na porta, antes de ouvir os repórteres avançarem até sua casa, ela entendeu. Sabia que David falara a verdade, que não desistiria da busca até que Sarah e ele se encontrassem. Ao abrir a porta, deparando com os microfones e os refletores, ela já sabia. Mesmo assim, perguntou:

– O que aconteceu?
– Encontraram as crianças! – gritou uma repórter.

Uma enxurrada de perguntas a sufocou, mas ela não conseguia dizer nada. Escondeu o rosto entre as mãos. Tempo e espaço deixaram de existir. Percebeu que agora estava parada no mesmo lugar em que se encontrava quando o falso monitor desceu da van para buscar a filha. Ele havia desaparecido. O pesadelo terminara. O mundo voltara ao normal. Os dias que mais pareciam séculos haviam passado e agora ela, David e Sarah estavam unidos de um modo completamente novo, como nunca ocorrera antes. Sentiu a nova vida que crescia dentro de si se mexer, participando do encontro. Não precisava mais da esperança.

Eles estavam todos juntos.

Epílogo

SARAH DEVERIA ENCONTRAR OS OUTROS na frente do clube, às 22h30, mas não viu ninguém. Estava cansada de enviar mensagens de texto para descobrir quanto faltava para chegarem ao lugar marcado, por isso resolveu apenas esperar. Estava de bom humor, tinha acabado de tomar uma cervejinha, depois da aula. Fazia calor. Não se incomodava de observar a vida na rua.

Aquela moça devia ter a mesma idade de Sarah, embora a maquiagem exagerada tornasse mais difícil determinar sua idade. Acompanhava um grupo de góticos retrôs, todos de preto, com piercings e outros enfeites. “Que coisa horrível”, pensou Sarah. Mas a moça lhe pareceu familiar. Quando passou, olhou para ela, que deve ter percebido, pois virou por um momento e a encarou antes de prosseguir. Parou adiante, porém, deu meia-volta, se afastou do grupo e se dirigiu a Sarah.

– Sarah? É você?

– Sim, sou eu – respondeu, examinando a garota de perto. – Linda?

As duas ficaram ali paradas, olhando uma para a outra por um bom tempo, um tanto constrangidas. Dez anos tinham se passado desde que se despediram com os olhos cheios de lágrimas, quando o pai de Sarah deixou Linda na casa da tia, no Bronx. Na época, nenhuma delas sabia exatamente o motivo para Linda não voltar para sua casa em Pelham. Horas depois, quando Sarah ouviu da mãe qual fora o papel do Sr. e da Sra. Rostenkowski no sequestro, a mente jovem da menina não conseguia separar os pais da filha. Aos gritos, exclamou que nunca mais na vida queria ver a cara de Linda.

– Está morando no centro? – perguntou Linda, nervosa, olhando para os amigos, sem conseguir encarar Sarah.

– Estudo na Universidade de Colúmbia. E você?

Linda sentiu um aperto na garganta quando tentou falar. As lágrimas escorreram pelo rosto, como dois riachos enegrecidos pelo rimel. Ela piscou e balançou a cabeça.

– Vou voltar para a escola um dia, eu acho. Preciso... primeiro preciso resolver umas coisas.

Os amigos de Linda a chamaram. Ela olhou para eles e se virou. As lágrimas continuavam a escorrer.

– Sinto muito – disse Linda apressada, com sinceridade na voz e no olhar. – Faz muito tempo que eu estou esperando para lhe dizer isso. Eu sinto muito.

– Não foi culpa sua.

Sarah mal havia falado quando Linda balançou a cabeça vigorosamente, virou-se e seguiu na direção dos amigos, batendo o pé no chão com força, para pegar um dos rapazes pelo braço e seguir com eles rua abaixo. O garoto virou, olhou confuso para Sarah e foi embora.

Quando Linda sumiu e a rua voltou ao normal, Sarah se perguntou se realmente vira a antiga amiga ou se fora apenas um espectro. Com o passar dos anos, boa parte do que acontecera naquela época voltava à sua mente como sonho, mais do que como realidade. Os dias perdida na floresta se tornaram um emaranhado de calor, árvores, um urso, cheiro de brejo, visão de cadáveres em decomposição. Seu pai a levava para acampar algumas vezes – em parte como terapia, percebeu depois –, mas os dias no meio do mato foram muito diferentes dos momentos com o Sr. Everett e as outras crianças.

Do resgate, ela se lembrava como se tivesse sido um sonho. Depois da alegria de encontrar o pai, houvera assédio da imprensa, os repórteres enfiando microfones na sua cara. E então, saído da multidão, um senhor disfarçado se aproximou dela e, em vez de afastá-lo, o pai deixou que o homem a abraçasse. Ele a chamou de Sarahbell e disse que a amava. Sua voz parecia com a de seu avô que morava na Suécia. Mesmo depois, quando soube que aquele era de fato seu avô, o encontro continuou a manter a aura de sonho.

Quando voltou para casa, reencontrou a mãe, e a vida começou a parecer real novamente. Por vários dias não conseguiu se afastar de Lena, que a deixou abraçá-la quanto quis. Certa noite, o avô foi visitá-los em casa, sem disfarce, e seu forte abraço provou a Sarah que o mundo real, afinal de contas, estava bem ali na sua frente.

A raiva que Sarah sentiu em relação a Linda diminuiu quando a mãe contou que a Sra. Rostenkowski fora declarada incapaz de ser julgada por sua participação no sequestro e internada numa instituição para doentes mentais. Sarah soube que a amiga tinha ido morar com a tia, no Bronx. Quando voltou para a escola onde as duas estudavam, sentiu pena da amiga e a defendeu diante dos outros, embora não tivesse mais vontade de reatar a amizade.

Tampouco quis reencontrar Tommy ou Franklin. Os pais mantiveram contato com os garotos, por isso sabia que Franklin estava um ano na frente dela e estudava na Cal Tech, e que Tommy se tornara um ídolo do futebol americano estadual, mas recusara bolsas em boas faculdades para viajar pela América Latina. Sarah tentou imaginar os quatro juntos novamente, o que diriam uns aos outros, mas não conseguiu ver isso acontecendo.

Só quando chegou ao último ano do ensino médio Sarah, graças ao incentivo de uma professora de redação muito sensível, pesquisou o que ficou conhecido como “o sequestro do acampamento”. Ler sobre o que acontecera consigo mesma aos 9 anos foi como ler a respeito de uma estranha. O sujeito que se apresentara como J.D. cumprira a pena e apareceu numa foto bem mais velho, com barba e de cabeça baixa, irreconhecível para Sarah. O dinheiro do resgate fora devolvido aos pais depois que o Departamento de Estado interferiu em prol das famílias. Cinco anos depois, uma quadrilha de tráfico de mulheres búlgara foi identificada e nos computadores havia indícios de seu papel como intermediários no “sequestro do acampamento”. Sarah pretendia fazer um trabalho de faculdade sobre os fatos, mas viu que aquilo não tinha nada a ver com ela. Em vez disso, escreveu sobre o nascimento do irmão.

Ela ouvira a história de Lena tantas vezes que foi fácil escrever sobre o episódio. Michael nascera durante uma tempestade de neve. Lena e David tiveram dificuldade para chegar ao hospital, pois as estradas estavam cobertas. Sarah ia com eles, no banco traseiro. Quando finalmente chegaram ao acesso de emergência, Lena se virou para a filha com os olhos cheios d’água, sorrindo corajosamente entre as contrações, e disse:

– Até daqui a pouco.

Sarah balançou a cabeça afirmativamente, sem dar adeus à mãe.

Longe de Sarah, Lena teve um ataque histérico quando se aproximavam da sala de parto. Gritava que não queria trazer o bebê ao mundo, que ele estava mais seguro dentro dela. David conversou com ela e só então o parto transcorreu sem incidentes. Sarah pôde entrar no quarto minutos após o nascimento do irmão. Aquele embrulho gordinho abriu os olhos quando a menina chegou mais perto. Ela o saudou:

– Oi, irmãozinho. Vamos tomar conta de você, está bem? – disse, sem pensar nas palavras. Ao erguer os olhos, viu que os pais se derramavam em lágrimas.

Quando terminou de escrever, Sarah tirou da cabeça o “sequestro do acampamento” e suas consequências.

A aparição de Linda na calçada, na frente do clube, trouxera de volta os sentimentos ligados ao evento traumático e distante. O desamparo, o medo, o isolamento do mundo e dos pais, tudo voltou. Sarah ia ligar para a mãe, para ouvir a voz reconfortante de Lena, quando se lembrou de que ela participava de um congresso na Costa Oeste. Reviver aquelas sensações levou Sarah a pensar mais uma vez em como a mãe encontrara forças para encarar os desdobramentos do episódio. Nos meses seguintes ao sequestro, Lena largou a carreira de médica para se dedicar integralmente a Sarah. É claro que essa decisão trouxera vários benefícios à filha. Durante esse tempo, ela aprendeu a aceitar o que acontecera e a não deixar que isso a marcasse para sempre, impedindo-a de levar uma vida normal. David concluiu que precisava trabalhar para pôr a cabeça em ordem e conseguiu um bom emprego numa empresa promissora de White Plains. Lena e David voltaram a se apaixonar. O horror do que acontecera com a filha transformara o relacionamento dos dois e o lar em que viviam, que agora era sinônimo de amor e segurança.

Mas Sarah sabia que havia vestígios da tragédia em sua vida. Talvez não tão intensos quanto os da vida de Linda, mas reais e persistentes. Confiança ainda era um obstáculo, pensou Sarah, vendo as amigas descendo a rua em sua direção, rindo de alguma coisa. Sobrevivera, absorvera a força da mãe, mas o mundo, seu mundo pelo menos, vivia cheio de pilantras que a impediam de se entregar inteiramente aos outros. Aquelas pessoas que se aproximavam, bons amigos, poderiam um dia ser admitidos na sua intimidade, a ponto de poder contar a elas o que acontecera? Poderia se apaixonar por alguém do modo como seus pais tinham se apaixonado um pelo outro? Não sabia. O futuro era como uma densa floresta. Ela fechou os olhos. Saberla encontrar o caminho.

Agradecimentos

A IDEIA PARA ESTE LIVRO SURTIU há alguns anos, mas foi arquivada. Certa noite, porém, Mary Hedahl falou, na varanda dos fundos: “Que tal uma história de acampamento?” Sou muito grato a ela por isso.

Gostaria de agradecer a Graham Greene pelo pioneirismo (ao menos pelo que sei) no método usado para escrever este romance. Minha irmã Linda Esposito, primeira leitora quando ainda éramos crianças, foi também a primeira pessoa a ler este livro, e deu imenso apoio e ajuda. Agradeço muito a Lynn Schnurnberger, por ajudar um colega escritor a decolar. Dedico uma palavra (e ela sabe bem qual é) a Penn Whaling pelo esforço a meu favor. E obrigado a Amy Schiffman pelas sugestões úteis.

Trish Grader adotou o livro e lhe deu um bom lar. Sulay Hernandez o colocou sob sua asa editorial para tratá-lo com carinho e dedicação.

Muito obrigado a Ann Rittenberg pelo tempo e conhecimento usados para apoiar uma boa causa, desde as sugestões editoriais iniciais até a paciência com um novato, por não fazer promessas e por cumpri-las, simultaneamente, e por ser uma amiga do peito durante todo o processo.

Dias de chuva e tempestade

Nancy Pickard

A professora Jody Linder acaba de receber uma terrível notícia: o homem condenado pelo assassinato de seu pai está sendo solto e voltará para a cidade.

Há 23 anos um crime abalou a pacata Rose, uma cidadezinha no interior do Kansas. Hugh-Jay Linder, filho de um rico fazendeiro, foi encontrado morto em casa, e sua esposa, Laurie, desapareceu, levantando a suspeita de que ela também teria sido assassinada.

Ex-empregado da família, o vaqueiro Billy Crosby foi imediatamente detido e logo condenado: um vestido sujo com o sangue de Laurie estava dentro da sua picafe e o chapéu dele foi encontrado na cena do crime.

Agora o jovem advogado Collin Crosby quer provar que o pai é inocente e que as evidências foram manipuladas por influência da família Linder.

Enquanto Collin espera um novo julgamento para fazer justiça ao pai, Jody precisa confrontar seus tios e avós para descobrir o que realmente aconteceu naquela terrível noite. Para isso, ela será obrigada a remexer em velhos segredos de família e a lidar com consequências imprevisíveis.

Um suspense com pinceladas de poesia e lirismo, *Dias de chuva e tempestade* captura a essência das pequenas cidades americanas e demonstra a habilidade de Nancy Pickard em criar personagens incrivelmente reais e profundos.

Jogada mortal

Harlan Coben

Aos 16 anos, Valerie Simpson já era finalista do Aberto de Tênis da França. Depois de brilhar nos circuitos internacionais do esporte, de repente tudo mudou. A jovem ficou reclusa e deixou de lado as competições de alto nível.

Seis anos depois, ela está disposta a retomar a carreira e procura Myron Bolitar para ser seu agente. Para ele – que já agencia Duane Richwood, cotado para vencer seu primeiro Grand Slam –, essa é uma ótima oportunidade. Mas seus planos têm fim quando Valerie é morta e Duane se torna o principal suspeito do assassinato.

Apesar de o rapaz estar em quadra na hora do crime, algo parece não se encaixar na história que conta à polícia. Ele garante não conhecer Valerie, mas seu número de telefone estava na agenda da jovem.

Insatisfeito com o rumo das investigações policiais, Myron sai em busca da verdade. E descobre que, além de prováveis ligações que a moça fez para Duane de um telefone público, há um passado de dor e mentiras que talvez leve ao verdadeiro motivo do crime.

Eu, Alex Cross

(Série Alex Cross)

James Patterson

Alex Cross está comemorando seu aniversário com a família e os amigos quando toca o telefone. Seria apenas mais uma ligação inconveniente de trabalho não fosse a notícia bombástica: Caroline Cross, sua sobrinha, tinha sido brutalmente assassinada.

Com o apoio de sua namorada, a detetive Brianna Stone, Cross se lança às investigações, determinado a encontrar e a punir os responsáveis pela morte da sobrinha. A primeira coisa que descobre é desconcertante. Caroline trabalhava como garota de programa.

Logo Cross fica sabendo que outras moças e rapazes envolvidos com prostituição também estão desaparecidos. Em meio aos pertences de alguns deles, o detetive encontra sequências de letras anotadas, todas muito parecidas. Ele decifra o código e percebe que as sequências revelam números de telefone de pessoas famosas e poderosas.

É assim que chega ao Blacksmith Farms, um clube privativo de altíssimo luxo na Virgínia. Um dos clientes mais assíduos é um misterioso homem conhecido apenas como Zeus. Ele mantém exclusivamente para si a suíte VIP do clube, que custa a partir de 20 mil dólares a diária. Quem poderia bancar um luxo daqueles?

Quando é convocado a contar tudo o que sabe a um dos principais agentes do Serviço Secreto, o detetive começa a desconfiar que está envolvido em algo muito maior do que havia imaginado.

Cross terá que trabalhar sozinho e às escondidas para encontrar os assassinos de sua sobrinha e evitar que um grande caso de acobertamento impeça que seja feita justiça.

5^a cavaleiro

(Série Clube das Mulheres contra o Crime)

James Patterson

No meio da madrugada, Jessica Falk acorda em desespero, sentindo uma forte dor no peito. Lembra que está internada e tenta pedir ajuda, mas a campainha de emergência escorrega de seus dedos. Ao olhar para o lado, percebe um vulto que se move nas sombras. Estica o braço num pedido de socorro, porém sua visão fica turva e o ar se recusa a chegar a seus pulmões.

Contando com uma das melhores equipes de profissionais do país, o Hospital Municipal de São Francisco não sabe responder à incômoda pergunta feita na manhã seguinte à morte de Jessica: como aquela jovem paciente pôde ter falecido, se seu quadro era estável e ela em breve receberia alta?

A situação é ainda mais grave porque, nos últimos tempos, 20 pessoas internadas ali perderam a vida de maneira suspeita.

O caso vai parar na Justiça, tendo a famosa advogada Maureen O’Mara como representante das famílias das vítimas. O processo contra o hospital acaba mobilizando São Francisco e despertando o interesse do Clube das Mulheres contra o Crime, grupo de quatro amigas que se dedicam a desvendar os mais instigantes casos da cidade.

Yuki Castellano – a mais nova integrante do Clube, que reúne a tenente Lindsay Boxer, Claire Washburn e Cindy Thomas – vive um drama pessoal: sua mãe está internada na UTI do centro médico e, ao que tudo indica, corre um sério risco, pois há suspeitas de que um maníaco à solta pelos corredores se acha no direito de decidir quem deve viver ou morrer.

A sombra da lua

John Sandford

Acostumado a assumir casos difíceis, o investigador do Departamento de Detenção Criminal de Minnesota Virgil Flowers é mandado a Bluestem, uma pequena cidade do interior, para ajudar a polícia local a solucionar um crime que chocou a população: um casal de idosos foi morto em sua residência com requintes de crueldade.

Ao chegar à cidade durante a madrugada, Virgil é surpreendido por um incêndio no alto de uma montanha. A casa do fazendeiro Bill Judd é consumida pelas chamas e seu proprietário morre sob os escombros.

Bill era um homem recluso e odiado. Há muitos anos, esteve à frente de um esquema fraudulento que levou centenas de fazendeiros à falência. Embora o dinheiro nunca tenha aparecido, ele foi julgado e absolvido. Além disso, seu envolvimento com várias mulheres casadas era de conhecimento de todos na região.

Virgil não acredita em coincidências e fica intrigado com a morte do fazendeiro. Afinal, a pacata Bluestem passou duas décadas sem um único crime e nas últimas semanas foi cenário de três homicídios.

Determinado a encontrar uma ligação entre os assassinatos, o investigador começa a conversar com os moradores e a descobrir seus segredos. Contudo, revirar o passado de uma pequena cidade pode trazer sérias consequências para um forasteiro.

CONHEÇA OS CLÁSSICOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, de Ken Follett

Não conte a ninguém, *Desaparecido para sempre*, *Confie em mim* e *Cilada*, de Harlan Coben

A cabana, de William P. Young

A farsa, *A vingança* e *A traição*, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

O símbolo perdido, *O Código Da Vinci*, *Anjos e demônios*,

Ponto de Impacto e *Fortaleza Digital*, de Dan Brown

Julieta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; *O restaurante no fim do universo*;

A vida, o universo e tudo mais; *Até mais, e obrigado pelos peixes!*

e *Praticamente inofensiva*, de Douglas Adams

O nome do vento, de Patrick Rothfuss

A passagem, de Justin Cronin

A revolta de Atlas, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
ou siga @editoraarqueiro no Twitter.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site.

Para enviar seus comentários sobre este livro,
escreva para atendimento@editoraarqueiro.com.br
ou mande uma mensagem para @editoraarqueiro no Twitter.

EDITORA ARQUEIRO
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Table of Contents

Créditos	
Um	
Dois	
Três	
Quatro	
Cinco	
Seis	
Sete	
Oito	
Nove	
Dez	
Onze	
Doze	
Treze	
Quatorze	
Quinze	
Dezesseis	
Dezessete	
Dezoito	
Dezenove	
Vinte	
Vinte e um	
Vinte e dois	
Vinte e três	
Vinte e quatro	
Vinte e cinco	
Vinte e seis	
Vinte e sete	
Vinte e oito	
Vinte e nove	
Trinta	
Trinta e um	
Trinta e dois	
Trinta e três	
Trinta e quatro	
Trinta e cinco	
Epílogo	
Agradecimentos	
Conheça outros títulos da Editora Arqueiro	
Conheça os clássicos da Editora Arqueiro	
Informações sobre os próximos lançamentos	